

Elizabeth

Maura Seger

Clássicos da Literatura Romântica

Título em português: Elizabeth
Copyright c 1987 by Maura Seger
Publicado originalmente em 1987 pela Harlequin Books, Toronto, Canadá.
Esta edição é publicada por acordo com a Harlequin Enterprises B.V.
Título original: **Elizabeth**
Tradução: Dulce de Andrade
Copyright para a língua portuguesa: 1992
EDITORA NOVA CULTURAL LTDA.
Esta obra foi composta na Editora Nova Cultural Ltda.
Impressão e acabamento: Gráfica Círculo

PROJETO REVISORAS

***Este livro faz parte de um projeto sem fins lucrativos.
Sua distribuição é livre e sua comercialização estritamente proibida.
Cultura: um bem universal.***

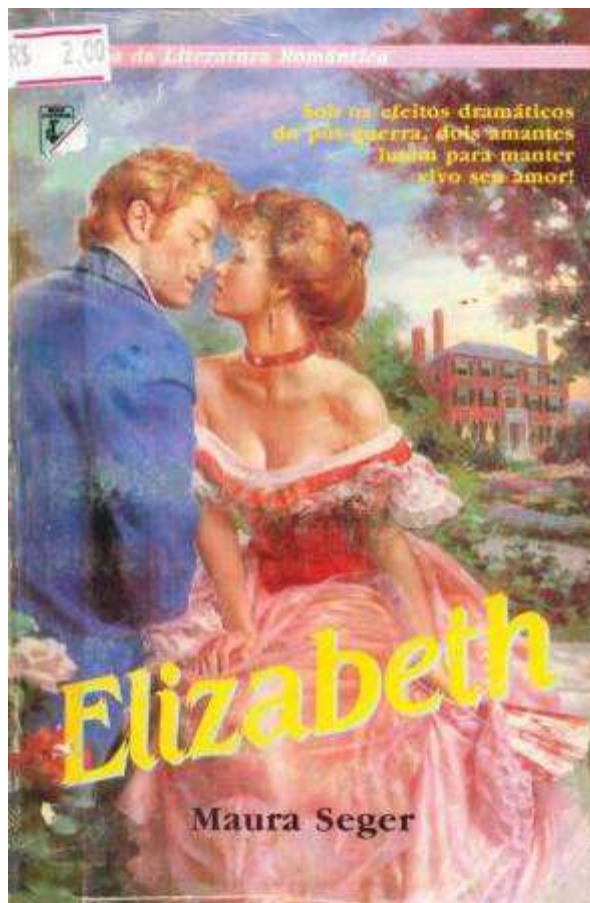
Disponibilização: Nutri.Rosangela

Digitalização: Palas Atenéia

Revisão: Valdiléa



Sob os efeitos dramáticos do pós-guerra, dois amantes lutam para manter vivo seu amor!



ORGULHO E PAIXÃO TRAVAM GUERRA EM SEUS CORAÇÕES

A elegância e a agitação social de Boston contrasta fortemente com o lugar em que Elizabeth Calvert foi criada, na Virgínia, onde a serenidade superficial esconde a luta ferrenha pela sobrevivência.

Elizabeth deixa-se encantar pelo luxo e pela riqueza desta sofisticada cidade do Norte. E sente-se personagem de um conto de fadas quando se casa com o mais fascinante magnata da região, Drake Bennington.

A certeza de ter encontrado um amor especial sofre seus primeiros abalos quando ela e o marido se descobrem verdadeiros estranhos num casamento tão cheio de conflitos quanto o Norte e o Sul do país, recém saído da guerra. Desiludida, Elizabeth será tentada a voltar para a tranqüilidade da terra natal, para os braços de seu antigo amor.

*Para Mappy Tavara.
Em agradecimento por sua infinita
bondade e paciência.*

CRIANÇA

Capítulo I

A LEMBRANÇA MAIS ANTIGA de Elizabeth Calvert era de um homem alto e magro, num uniforme gasto, cinza, chegando à porta da cozinha e pedindo a sua mãe um prato de comida. Ele falou pouco, enquanto comia o ensopado de carne. Depois, ofereceu-se para ficar durante algum tempo e ajudar nos trabalhos da fazenda.

Elizabeth nunca foi capaz de dizer se ele havia ficado ou não. Só sabia que, no verão de seu terceiro ano de vida, uma fila interminável de homens exaustos e famintos subiu o caminho de cascalho que levava a Calvert Oaks, para bater à porta da cozinha. Por mais que viessem, sua mãe sempre tinha um sorriso e um prato de comida para eles, embora muitas vezes os observasse voltar à estrada com os olhos cheios de lágrimas.

— Não chore, mamãe — Elizabeth pedia então, erguendo as mãozinhas para acariciá-la. — Por favor, não chore!

— Não estou chorando — Sarah dizia. — É que entrou um cisco no meu olho. Este verão está tão seco e poeirento...

Mais tarde, quando o trabalho na cozinha estava feito, as roupas lavadas e a enorme casa limpa, elas iam para a varanda esperar o pai de Elizabeth voltar dos campos. Era a hora favorita da menina, que se sentava no colo da mãe, na cadeira de balanço de palhinha, ouvindo-a cantarolar cantigas de ninar e vigiando a estrada. Quando o pai surgia, ela corria para ele, que sempre a erguia no ar com o único braço que lhe restara, fazendo-a gritar de prazer, por mais cansado que estivesse.

Seu pai era o homem mais atraente do mundo, assim como sua mãe era a mulher mais bonita. Em outros tempos, eles haviam participado de festas maravilhosas, usado roupas lindas, e rido muito com as outras pessoas que moravam em casas enormes, ao longo do rio James. Então, uma coisa chamada guerra começara e as festas tinham acabado. Agora, a maioria daquelas casas não passava de ruínas consumidas pelo fogo, e muitas daquelas pessoas tinham seus nomes inscritos em pedras tumulares.

— Os ianques mataram todos — seu meio irmão William lhe disse, um dia. Ele era oito anos mais velho que Elizabeth e a menina o adorava.

— Os ianques são ruins? — ela quis saber. Devia ter uns cinco anos nessa época, porque a tia avó Luísa morrera havia pouco tempo e ainda sentia saudades dela. Estava sentada com William na cerca de tábuas do pasto dos cavalos. A cena ficou gravada em sua mente, porque a resposta do irmão foi importante. Sua mãe viera do Norte e ainda tinha família lá, inclusive um irmão, o tio Nathan; que os visitara uma vez e lhe dera uma boneca loira de olhos azuis, de porcelana, da qual muito gostava.

— Não — William respondeu, depois de pensar um pouco. — Pelo menos, nem todos são ruins. Estávamos em guerra, e muita gente morre, numa guerra.

— Papai e mamãe não morreram.

isso era evidente, mas a menina queria ouvir do irmão que sempre

estariam a salvo. Para sua tristeza, no entanto, o rosto do garoto, tão parecido com o do pai, tornou-se sombrio.

— Papai quase morreu, num lugar chamado Antietam. Foi lá que ele perdeu o braço.

Então os ianques tinham tentado matar seu pai! Mas só haviam conseguido tirar-lhe um braço. O que já era muito ruim. Talvez devesse odiar os ianques, como tanta gente fazia. Mas sempre que falava nisso lembrava-se do tio Nathan e de uma mulher chamada Mari, de quem sua mãe muito gostava, e acabava confusa.

Quando Elizabeth estava com oito anos, seu avô do Norte ficou doente. Foram avisados por um telegrama da tal de Mari, que era a segunda esposa do avô Mackenzie. Sua mãe chorou e seu pai abraçou-a, subindo com ela para o quarto. Só desceram muito depois.

Aquela noite, durante o jantar, Philip Calvert disse à esposa:

— Acho que você deve ir, querida. Sarah hesitou.

— É muito caro... Além disso, há o trabalho, aqui.

— Você pode levar Beth. Já está na hora de ela conhecer o Norte.

Nesse ponto, marido e mulher trocaram um olhar. Elizabeth já sabia que os pais podiam se comunicar com um toque, um olhar, um sorriso. Durante muito tempo, pensara que todos os pais podiam fazer isso. Fora um choque descobrir que não era bem assim.

Sarah meneou a cabeça.

— O dinheiro...

— Nós damos um jeito. As coisas já estão mais fáceis, com o moinho funcionando de novo.

— Por falar no moinho, não sei qual é a intenção de papai.

— Vai descobrir, se for a Boston.

Assim foi decidido. Elas deixariam Calvert Oaks e iriam para o Norte, onde os ianques viviam. Elizabeth estava excitada e com medo. A única vez que saíra de casa fora para ir a Richmond. Do resto do mundo, só conhecia o que os livros mostravam.

— Eu queria que você fosse conosco — disse a William, na manhã seguinte.

Os preparativos para a viagem já haviam começado. Mamãe Augusta estava no andar de cima, ajudando sua mãe a fazer as malas, e o velho tio Rameses fora para os estábulos, arrumar a carruagem que as levaria até a estação de trem.

— Eu bem que gostaria de ir — William admitiu. — Mas papai precisa de mim aqui.

O que era verdade. Aos dezesseis anos, William parecia um homem feito, de tão alto e forte. Acostumado a ter responsabilidades desde pequeno, amadurecera de um modo que o fazia parecer bem mais velho do que na realidade era. Uma vez, Elizabeth ouvira o pai dizer a sua mãe que se preocupava com William, pois a guerra o obrigara a crescer depressa demais, roubando-lhe a infância.

A guerra aparecia em todas as conversas. Seus pais falavam nela menos que a maioria, mas até eles marcavam o tempo pelo início e o fim da guerra, como se nada tivesse existido antes. Elizabeth tinha muita vontade de saber se com a gente do Norte também era assim.

Bem cedo, na manhã seguinte, quando os primeiros raios de sol anunciavam a chegada de um novo dia, eles partiram para a estação. Sarah estava com um vestido de seda cinza, de gola de renda e saia rodada, que a filha nunca vira antes. Prendera os cabelos castanhos num coque, cobrindo-os com um chapéu de palha decorado com fitas e flores secas. Havia renda também nos punhos de seu vestido, combinando com as luvas de algodão branco. Um camafeu de marfim aninhava-se junto a seu pescoço, e brincos de pérolas pendiam de suas orelhas.

Elizabeth achou a mãe tão elegante quanto as mulheres que vira nas velhas revistas de moda, guardadas no sótão. Gostaria muito de estar com um vestido igual àquele, em vez da saia azul marinho e blusa branca, que eram a roupa apropriada para meninas de sua idade. Gostaria, também, de ter cabelos da cor dos de Sarah, em vez de loiros. Mas, principalmente, queria não se sentir sempre tão desajeitada e estranha, com pernas tão longas que a faziam ser mais alta que todos os garotos de sua idade.

Sua mãe era tudo que Elizabeth achava que uma mulher devia ser, mas seu pai não lhe ficava atrás. Ela estava acostumada a vê-lo em camisas de algodão e calças de sarja, manchadas de pó e suor ao fim do dia, mas naquela manhã ele quase fez seu coração explodir de orgulho. Usava um casaco bege, calças combinando e uma camisa de seda, creme. Suas botas pretas brilhavam tanto quanto seus cabelos loiros, que pareciam ouro batido ao sol.

Elizabeth e a mãe acomodaram-se na carruagem, enquanto Rameses sentava-se na frente, tomando as rédeas nas mãos enrugadas. Philip e William iam a cavalo, o garoto num baio que chamaria a atenção de todos, se seu pai não estivesse montando o legendário Resgate de Rei, um garanhão que fora o orgulho do antigamente famoso haras de Calvert Oaks.

Eles chegaram à cidade em tempo de deixar as malas na estação e tomar o café da manhã no Hotel Richmond. O serviçal de libre, que os acompanhou até a mesa, reconheceu Philip. Tratando-o de “capitão”, fez questão de providenciar tudo que queriam.

Elizabeth mal conseguia comer, fascinada com o salão, de enorme pé direito, e os homens e mulheres que lá se encontravam. Nunca vira tanto luxo e riqueza. Adorou as toalhas de linho branco, os objetos de cristal e porcelana, e os garçons negros, de paletó branco, que ofereciam pão quente em cestinhas de prata.

Era tudo tão diferente de casa, onde a serenidade superficial escondia uma luta ferrenha pela sobrevivência! Não que culpasse os pais por isso. Era muito difícil para eles, que sem dúvida pertenciam àquela classe de pessoas privilegiadas, que pareciam não ter preocupações na vida. Perder tudo devia ter sido horrível! E como eles eram corajosos, lutando para recuperar o que haviam perdido!

— Augusta sabe o que deve ser feito, enquanto eu estiver fora — Sarah comentou. — Ela vai dar o máximo de si, só que...

— ... ela já não é tão jovem quanto pensa — Philip terminou.

— Eu sei. Mas não precisa se preocupar. Nós cuidamos de tudo, querida.

— Claro que cuidamos — disse William. — E uma coisa é certa: quando vocês voltarem, vamos dar muito mais valor ao que fazem.

Sarah sorriu para o enteado, mas a expressão preocupada não abandonou seu olhar. Ao contrário, aumentou ainda mais, quando um estranho

aproximou-se deles, cumprimentando-os com um gesto de cabeça e dirigindo-se a Philip.

— Que surpresa, Calvert. Pensei que nunca saísse de sua fazenda.

Só o tom de pouco caso do estranho bastaria para despertar a antipatia de Elizabeth. “Mas a aparência do homem também era ruim. Alto e magro, mais novo do que Philip, porém mais velho que William, vestia-se de um modo aparatoso, de tremendo mau gosto. Além de um casaco e calças tão justas que pareciam a ponto de arrebentar, usava colete de brocado, um alfinete de gravata com uma pedra enorme, azul, e um anel no dedinho da mão esquerda. Um cheiro forte, de loção de barba, desprendia-se de seu rosto, e os cabelos negros, alisados para trás, só se mantinham no lugar devido à grande quantidade de vaselina que empregava.

— Durand — Philip retribuiu o cumprimento, sem esconder o desagrado que lhe causava a presença do outro.

Durand não percebeu a censura, ou preferiu fingir que não havia percebido, pois sorriu novamente, desta vez para Sarah.

— É um prazer vê-la, sra. Calvert.

Sarah inclinou a cabeça, sem dizer nada. William franziu a testa, mas também não disse nada. Foi quando Durand percebeu que estava sendo esnobado. Seu rosto se fechou, e um brilho perigoso surgiu em seus olhos miúdos.

— Você faria bem em ouvir o que tenho para lhe dizer, Calvert. A atenção de Philip parecia estar toda numa broa de milho, que ele partira ao meio e besuntava com manteiga.

— Acho que não.

— Eu lhe ofereci um preço justo. Mas que droga, melhor que isso, eu lhe ofereci um ótimo preço!

Com todo cuidado, Philip colocou o guardanapo sobre a mesa e levantou-se. Seu rosto não tinha a menor expressão, quando encarou o estranho. Era como se nem o considerasse digno de sua zanga.

— Isso não é linguagem para se usar na frente de senhoras, Durand. Você não é bem vindo aqui.

— Ora, seu...!

Durand fechou os punhos, mas teve o bom senso de não erguê-los. Philip parecia não ter consciência dos olhares nervosos dos garçons e dos outros freqüentadores do local. Manteve-se firme, com a segurança de quem aceita a própria superioridade, não como objeto de orgulho, mas como um fato natural da vida. Em contraste, a arrogância de Durand logo começou a desmoronar. Sua respiração alterou-se e gotículas de suor surgiram acima de seus lábios finos.

William não se moveu, mas Elizabeth percebeu que ele estava pronto a interferir em favor do pai, embora fosse improvável que Philip Calvert pudesse precisar de ajuda. Mesmo com apenas um braço, havia nele uma sugestão de violência contida, que impedia os outros homens de o considerarem um aleijado.

Sara continuava de olhos baixos. Não fosse o leve rubor que lhe tingia as faces, qualquer um diria que não tinha noção da cena que se desenrolava à sua frente. Elizabeth, porém, não conseguiu manter a mesma atitude distante. Fascinada pelos acontecimentos, não queria perder nada. Quando Durand,

xingando baixinho, virou-se e saiu do restaurante, foi tomada por uma certa decepção.

Alguns momentos se passaram, antes que o funcionamento do salão voltasse ao normal. Como que abruptamente descongelados, os garçons se moveram para encher xícaras de café, um casal que estivera esperando junto à porta foi conduzido a uma mesa, e o quarteto de cordas, a um canto, começou a tocar. Ao mesmo tempo, as pessoas voltaram a conversar, se bem que num tom um pouco mais alto do que antes, como se estivessem ansiosas para esquecer o que haviam presenciado.

Elizabeth, no entanto, gostaria de saber mais.

Quem era Durand? Por que ele se aproximara de seu pai e o que queria dizer, com aquela história de preço justo? Não podia estar se oferecendo para comprar a fazenda, porque todos sabiam que os Calvert não vendiam suas terras. Para não se desfazer de um único hectare de Calvert Oaks, seu pai trabalhava dezesseis horas por dia, sua mãe passava o dia inteiro pensando em meios de economizar mais, e seu irmão entrara na idade adulta, sem conhecer as alegrias da juventude. E faziam tudo isso sem sentir pena de si mesmos ou esquecer quem eram e por que sua herança tinha tanto valor.

Elizabeth endireitou-se na cadeira, afastando os olhos do ambiente e tentando imitar a atitude distante da mãe. Conscientemente, procurou adquirir o mesmo ar de serenidade e segurança.

A refeição terminou sem outras interrupções. Paga a conta, eles percorreram a pequena distância que os separava da estação. Nos minutos que antecederam a chegada do trem, a conversa tornou-se difícil. Elizabeth tomou consciência da realidade da partida e calou-se, lutando contra a vontade de chorar.

— Vai ser bom, maninha — William animou-a. — Você vai gostar daquilo lá. E a hora de voltar vai chegar mais depressa do que espera.

— Eu não quero mais ir — Elizabeth murmurou. E escondeu o rosto no peito largo do rapazinho, que lhe deu um rápido abraço.

Uma nuvem de fumaça apareceu na curva da estrada. Um apito longo e lamuriento encheu o ar, enquanto o trem se aproximava. Na plataforma, as pessoas agitaram-se, juntando malas e pacotes, preparando-se para o embarque.

Philip levou a mão da esposa aos lábios e beijou-a, gentilmente.

— Escreva — disse.

Ela assentiu, mas não tentou falar. Ambos se olharam por um instante. Depois, indiferentes à multidão em volta, abraçaram-se com ardor.

As rodas de ferro do trem rangeram até parar. Rolos de fumaça subiam para o ar, enquanto o vapor chiava com mais força. Um clamor de vozes ergueu-se: adeuses, recomendações de última hora, gracejos e promessas. Os carregadores adiantaram-se para colocar a bagagem a bordo.

Philip ajudou Sarah a embarcar e virou-se para Elizabeth.

— Seja boazinha, doçura — recomendou, inclinando-se para beijá-la. — Faça tudo que sua mãe mandar.

— Está bem — a menina prometeu. E no momento seguinte também estava a bordo.

Apitos soaram, as rodas rangeram e o trem avançou, adquirindo velocidade aos poucos. De mãos dadas, Sarah e Elizabeth procuraram seus

lugares. Mas não se sentaram, preferindo ficar à janela até as duas figuras altas, na plataforma da estação, perderem a nitidez.

A viagem para Boston levou três dias. Teria sido ótimo ficar algum tempo em Nova York ou outro lugar qualquer, mas o estado de saúde do avô Mackenzie não permitia demoras. Já sabendo disso, Philip insistira em reservar dois leitos no compartimento feminino.

Desde a guerra, mais mulheres haviam começado a viajar sozinhas, algo completamente impossível antes. Diante disso, as ferrovias mais progressistas tinham resolvido separar um compartimento, ou mesmo um vagão inteiro, para o uso de mulheres e crianças desacompanhadas. Lá, elas ficavam a salvo das atitudes grosseiras de certos homens, apesar de não terem outros confortos adicionais.

Elizabeth não se abalou com a falta de conforto, pois fora criada sem luxos. O colchão duro, a cortina empoeirada que isolava seu leito do corredor, a falta de água quente e os arranjos sanitários primitivos não fizeram a menor diferença, para ela. Estava encantada com a visão dos campos adormecidos ao sol, interrompidos aqui e ali por um cruzamento de estradas. De uma carroça, um garoto acenou para ela. Uma barcaça, num rio que atravessaram através de um pontilhão, apitou quando os viu. Homens idosos, cochilando nas plataformas de embarque, abriam os olhos quando o trem parava por alguns minutos, trazendo um pouco do grande mundo que ficava além deles.

O ritmo dos poderosos motores a vapor entranhou-se em Elizabeth. Eles a embalavam para dormir, à noite, e a acordavam, de manhã. Fixavam a cadência das conversas e até da própria vida. No interior do trem, outro mundo emergiu. Amizades tímidas nasceram entre aquelas mulheres que viajavam sozinhas. Mães partilhavam sorrisos, observando as artes dos filhos. Nomes e razões de suas viagens eram revelados. Notícias de outros lugares eram dadas e recebidas.

Elizbeth ouviu falar de perdas e tristezas, de maridos e pais mortos, de lares queimados, terras confiscadas e sonhos destruídos. Conheceu mulheres que haviam crescido num mundo de privilégios e agora eram forçadas a sair à procura de uma nova vida, para si e para os filhos. Percebeu o medo nas vozes que contavam essas histórias, mas também notou a coragem.

Muitas dessas mulheres iam para o Norte, na esperança de encontrar trabalho. Tinham agüentado o máximo que podiam no Sul devastado, só resolvendo partir por estarem desesperadas. Poucas tinham sido treinadas para trabalhar e a maioria nem sabia como arrumar um emprego. Mas todas odiavam o fato de estarem sem lar, sem dinheiro e sem esperança.

Algumas falavam do Oeste. *Essa região era um mistério para Elizabeth*, que gostaria muito de saber mais a respeito. Mas essas mulheres só sabiam que lá existiam índios, seca, distâncias enormes e vastos espaços vazios. Quem haveria de querer viver num lugar desses? Parecia-lhe incrível que muitos estivessem tentando.

Mas, em vez de pensar na pouca escolha dessas mulheres, Eliza-beth preferia mesmo pensar em Boston. Bombardeava a mãe com perguntas, querendo saber tudo sobre a cidade, antes de lá chegarem. Sarah foi obrigada a lembrá-la que não via Boston desde seu casamento, dez anos atrás. Achava que o Norte mudara menos que o Sul, mas não esperava encontrar tudo como era antes.

No entanto, este parecia ser o caso, na maioria dos lugares por onde passavam. Acostumadas à visão de ruínas queimadas e campos desolados, as duas se espantaram com a vitalidade do Norte. O trem ainda nem tinha chegado aos arredores de Boston, e já era intenso o movimento de pessoas e veículos em direção ao centro da cidade. Até os enormes navios que cruzavam o rio Charles, praticamente encostados um ao outro, pareciam ter a mesma meta.

Ao contrário de Richmond, onde quase tudo fora destruído pelo fogo, Boston ostentava edifícios majestosos, marcados pela patina do tempo. Ao lado deles, construções mais recentes, de até cinco andares de altura, tiravam o fôlego dos sulistas que as viam. Por toda parte, erguiam-se torres de igrejas, competindo, com seus carrilhões, ao dar o toque do meio dia.

A mesma impressão de urgência e atividade intensa dominava a estação de trem. Sarah e Elizabeth só conseguiram um carregador porque Sarah colocou-se diante de um deles, quase exigindo que as servisse. De má vontade, ele agarrou suas malas e foi abrindo caminho por entre a multidão, levando-as a reboque.

Quando chegaram ao portão que separava as plataformas de embarque do resto da estação, Sarah olhou em volta, ansiosa. Logo viu o irmão e não conteve um sorriso.

Aos vinte e nove anos, com cinco anos a mais que ela, Nathan parecia bem mais jovem. Seu rosto fino e os olhos cinza tinham uma expressão doce, que não fora afetada nem pelos horrores que presenciara nos campos de batalha, lutando pela União. O colarinho clerical, que lhe envolvia o pescoço, enfatizava sua aura de não pertencer ao mundo comum.

— Minhas queridas! — ele exclamou, abraçando as duas. — Que bom ver vocês. Eu já estava começando a achar que não tinham vindo neste trem.

Ao ver o homem que viera recebê-las, um ministro de Deus e obviamente de família rica, o carregador mudou de atitude. De imediato, concordou em levar as malas até a esquina, onde uma carruagem os esperava.

Elizabeth adorou quando o tio ofereceu um braço a sua mãe, e o outro a ela. Tentando parecer mais adulta, procurou não olhar com cara de boba para o imenso domo de mármore, que cobria a sala de espera, ou a fileira de brilhantes carruagens, estacionadas junto à porta de saída.

— Como está, papai? — Sarah perguntou, quando o irmão a ajudava a entrar na carruagem, puxada por um belo par de baios. O cocheiro já prendia as malas no lugar apropriado.

— Vai indo. Acho que só durou até agora, porque sabia que você vinha.

— Eu quase não vim. Foi Philip que insistiu.

— Ele está bem?

Sarah assentiu. E respondendo às perguntas do irmão, contou o que estava acontecendo em Calvert Oaks, enumerando os campos que haviam sido replantados e quantos potros tinham nascido.

— O novo estábulo ficou pronto o mês passado. Philip acha que logo vai dar para comprar mais cavalos, se tudo continuar como até agora.

— E o moinho? Como vai?

— Operando de novo, graças ao dinheiro que papai mandou para comprar as peças que estavam quebradas.

Ouvindo a mãe, Elizabeth lembrou-se do dia em que as grandes rodas do

moinho tinham começado a girar de novo. Os ianques haviam destruído as antigas, ao passarem por Calvert Oaks, no fim da guerra, simplesmente para obter material para a confecção de uniformes de um exército já vencido. Haviam usado explosivos para isso, e só uma tempestade inesperada impedira que o fogo resultante se alastrasse, consumindo tudo em volta.

— Se bem me lembro — Nathan comentou — , papai insistiu para que a porcentagem dele fosse aumentada de cinqüenta para setenta e cinco por cento.

— Isso mesmo. Papai sempre foi duro, numa negociação.

Sarah não acrescentou que, mesmo com apenas um quarto do moinho, o negócio compensava para eles, pois dependiam desse dinheiro para outras reformas na fazenda. Uma coisa que seu pai, com toda certeza, devia saber.

— Ele deve ter tomado providências quanto a isso, no testamento que fez. Sarah fitou o irmão.

— Sinceramente, espero que sim. Gentil è compreensivo, Nathan sorriu..

— Papai mudou muito. Amoleceu, depois que se casou com Mari.

— Eu bem que gostaria de acreditar nisso, mas...

— ... velhas mágoas costumam a desaparecer?

— Do jeito que você fala, Nathan, fica tudo tão infantil...

— E por que não? As coisas mais importantes de nossas vidas acontecem quando somos crianças. E são as experiências que duram mais.

Por um instante, ambos permaneceram em silêncio. Depois, Sarah comentou, com um certo humor:

— É desconcertante descobrir que meu irmão caçula está mais sábio do que eu.

— De jeito nenhum. Eu só consigo ver a situação de um ângulo diferente.

— Nathan fez uma ligeira pausa, antes de acrescentar: — Não pense que eu não sei o quanto você me protegeu, e não só de papai.

Uma expressão sombria surgiu nos olhos de Sarah.

— Gideon está lá?

— É difícil ele deixar .papai.

— Quanta dedicação!

Ela virou-se para olhar pela janela. Fitando-a, Elizabeth foi tomada pela sensação de que a mãe estava muito zangada.

Capítulo II

A CASA NA AVENIDA Commonwealth tinha uma aparência sombria e sinistra. Sua fachada de pedra era pesadamente ornamentada, com medalhões elaboradíssimos. Apesar do calor, as janelas do primeiro andar estavam todas fechadas. O criado que abriu a porta, pálido, magro e vestido de preto, parecia estar abrindo a porta de uma funerária.

Perdendo a vergonha de parecer criança, Elizabeth agarrou-se à mãe. A mão de Sarah estava gelada, e a cor que surgira em seu rosto, durante a vinda de carruagem, desaparecera por completo.

— Você prefere se instalar no seu quarto, antes? — Nathan perguntou, fitando a irmã com ar preocupado.

Sarah meneou a cabeça.

— Se uma das criadas puder tomar conta de Elizabeth, prefiro vê-lo agora.

— Está bem.

Elizabeth não queria ir com a criada de uniforme branco e preto que atendeu ao chamado de Nathan, mas bastou olhar a fisionomia tensa da mãe para que desistisse de reclamar. Documente, permitiu que a moça a guiasse por uma escada de mármore e ao longo de um corredor acarpetado, até um quarto surpreendentemente claro e alegre. ,

— A sra. Calvert não vai demorar — disse a criada com um leve sotaque irlandês. E indicando uma porta: — Este é o banheiro que vocês vão usar.

Elizabeth deu uma olhada, hesitante. A última coisa que queria era mostrar sua ignorância, mas nunca vira uma coisa daquelas. Em Calvert Oaks, tomavam banho numa enorme banheira de lata, que enchiam à mão. Antes, um verdadeiro exército de escravos levava a água para cima, mas agora a banheira ficava na cozinha, perto do fogão onde a água era aquecida. Quando o tempo esquentava, tomavam banho no rio ou na lagoa, atrás dos estábulos.

Quanto a certas funções do corpo, para a menina era tão normal usar a casinha lá fora, quanto bombear água do poço, embora tivesse de reconhecer, que esvaziar o urinol não era sua ocupação favorita.

Em Boston, no entanto, tudo era muito diferente. Bridie, a criada, percebendo sua insegurança, mostrou-lhe como abrir as torneiras da pia e da banheira, e puxar a corrente que dava a descarga no vaso sanitário.

O quarto também estava cheio de maravilhas. Havia lençóis sem remendo, cheirando à lavanda, travesseiros que afundavam e um tapete espesso e macio. Havia até uma jarra com água e gelo, ao lado da cama.

— Se está com fome, posso lhe trazer alguma coisa — propôs Bridie. — O jantar só é às sete.

— Ah, não!

Elizabeth não estava acostumada a ser servida. Além disso, em seu entusiasmo, perdera a fome.

— Então, se não precisa de mais nada...

Vendo que a moça hesitava em deixá-la sozinha, Elizabeth murmurou:

— Vou me deitar um pouco.

Aliviada, Bridie mostrou-lhe como puxar o cordão ao lado da cama para chamar os criados, se precisasse de alguma coisa, e saiu.

Elizabeth descansou por alguns minutos, depois de tirar os sapatos e afastar a colcha acetinada. Mas estava muito excitada e logo se cansou de admirar as sombras no teto e ouvir o barulho do tráfego, lá fora. Queria saber mais a respeito do lugar onde se achava, porém não tinha certeza se era educado andar por uma casa estranha. No fim, a curiosidade venceu e saiu devagarinho do quarto, examinando o corredor de uma ponta a outra, para ver se estava sozinha.

O corredor tinha um aspecto sombrio. Partículas de poeira dançavam nos fachos de luz, que penetravam pelas frestas deixadas pelas cortinas fechadas, em cada extremidade.

Tudo cheirava à lã e madeira antiga e bem cuidada, como na fazenda. No entanto, havia também um cheiro leve de mofo, muito diferente do aroma de sua casa, ressecada por anos e anos sob o escaldante sol sulista.

De repente, Elizabeth ouviu o murmúrio de vozes e parou, prendendo a respiração. Mas ninguém apareceu, e ela prosseguiu.

No fim do corredor, havia uma porta entreaberta. Espiando pela fresta, a menina distinguiu os vultos de várias pessoas, agrupadas em torno de uma cama larga, de cabeceira alta. As pessoas sussurravam e pareciam agitadas, até mesmo zangadas.

— Você não tem o direito de estar aqui — sibilou um homem alto e magro, de cabelos negros e olhos brilhantes. — Principalmente depois de todo o tempo que ficou longe! E você — ele girou o corpo, ficando de perfil para a porta — não tinha o direito de chamá-la!

A mulher miúda e loira, a quem ele se dirigia, não se impressionou com essas palavras.

— Esta casa é minha, Gideon. Nela entra quem eu quiser. Além disso, Sarah é sua irmã, filha de Josiah. Ela tem tanto direito de estar aqui quanto você.

Elizabeth voltou os olhos para a mãe, que neste momento estendeu a mão direita para a mulher loira.

— Por favor, Mari, não se preocupe comigo. O que Gideon quer ou deixa de querer não me afeta.

— Maldita! — o homem moreno xingou, numa voz tão cheia de veneno, que Elizabeth se encolheu. — Você sempre foi teimosa demais.

— Chega! — interferiu Nathan. Ele estava ao lado da cama, segurando o pulso do homem lá deitado. A mão que pendia desse pulso era magra e pálida, com a pele emaciada e manchada pela idade. — Já está quase no fim. Nessa altura, o mínimo que você pode fazer é se comportar decentemente.

— Não me venha com sermões, meu irmão. Se há uma coisa que nunca fui capaz de engolir, é o seu jeito de bonzinho.

Nathan ia replicar, quando viu a loira menear a cabeça. Com um andar gracioso, ela se aproximou da cama. Elizabeth não podia ver-lhe o rosto, mas a dor era evidente na postura da mulher.

Sarah também notou o sofrimento de Mari, pois colocou-se ao lado dela, procurando dar-lhe apoio.

— O médico disse que ele não sente mais nada, não é?

— Disse. É isso que me consola. Ele sofreu tanto, durante tanto tempo!

— Você nunca me disse.

— Ele não queria que soubessem. Sempre foi tão orgulhoso...

Elizabeth olhou para o homem que era o objeto de tantas atenções. Ele lhe pareceu muito velho, um verdadeiro ancião, com cabelos e barba brancos e pele acinzentada. Tinha o rosto marcado por rugas, mas de um modo diferente do velho Rameses.

Seu avô fora marcado não só pela passagem dos anos, como também por uma doença que não era apenas física. Ele exibia o resultado de um sofrimento que havia lhe tirado, aos poucos, toda esperança e vigor. Estava muito abatido, mas ainda era possível ver que tinha sido um homem alto e robusto, capaz de dominar qualquer reunião.

Uma impressão que era confirmada pela atitude das pessoas ali presentes. Só Mari sentia mesmo sua morte. Os outros, uns mais, outros menos, mostravam-se receosos, como se temessem vê-lo levantar-se de repente, exigindo que lhe dissessem o que faziam ali.

Os minutos se arrastavam, marcados pelo relógio sobre a lareira do quarto. Uma carroça passou lá fora, os cascos do cavalo batendo nas pedras do calçamento. Nathan abaixou a cabeça e começou a rezar, enquanto lágrimas escorriam pelo rosto de Mari. Trêmula, Sarah mordeu o lábio e respirou fundo. Só Gideon continuou como estava, observando os outros de cara fechada. Ainda assim, Elizabeth teve a impressão de ver um traço de medo, no olhar furtivo que ele lançou ao moribundo.

— Acabou — Nathan disse, afinal. Gentilmente, colocou a mão do pai sobre as cobertas e juntou as suas, numa prece. — Pai Todo Poderoso, recebei em vosso reino vosso servo, Josiah Mackenzie. Perdoai-lhe os pecados e permiti que ele fique em vossa companhia até o final dos tempos. Amém.

No silêncio que se seguiu, Gideon cruzou o quarto e saiu, abrindo a porta tão bruscamente que Elizabeth foi bater na parede oposta, caindo ao chão.

— Mas que diabo...!?

Recuperando-se da queda, a menina levantou-se e alisou a saia, cheia de nervosismo.

— Desculpe.

— Quem é você?

— Elizabeth Calvert.

Ele a fitou com um ar estranho, que lhe causou arrepios.

— A filha de Sarah. Eu já devia saber.

Um sorriso leve apareceu nos lábios masculinos. Elizabeth sentiu vontade de fugir, mas não conseguiu dar um passo. Quando a mão de Gideon caiu pesadamente em seu ombro, começou a tremer, atingida pela força de algo que ainda não era capaz de entender.

— Você é bem parecida com a sua mãe.

Elizabeth arregalou os olhos. A mãe era linda, coisa que ela estava longe de ser.

— Não sou, não.

— Ela era assim, quando tinha a sua idade. — Dedos longos e finos seguraram o queixo da menina, obrigando-a a levantar a cabeça. — Eu sou o seu tio Gideon.

Ele parecia estar à espera de uma resposta, mas Elizabeth não tinha a menor idéia do que dizer. Nunca ouvira a mãe falar nele. Nem sabia que tinha

outro tio, além de Nathan. E os dois eram tão diferentes! Lembravam a luz e a escuridão, o bem e o mal, o amor e o ódio.

Amedrontada, a menina lançou um olhar para a porta, não contendo um suspiro de alívio ao ver a mãe em pé, lá.

— Elizabeth, venha cá — Sarah chamou, numa voz que a filha nunca ouvira antes.

Zangada, insistente, com um traço de... medo?!

Para obedecer, Elizabeth teve que se livrar da mão de Gideon. Ele relutou em soltá-la, mas no fim, com outro sorriso, deixou que se afastasse. Ela correu para junto da mãe, resistindo à vontade de esconder-se atrás dela. Sarah abraçou-a.

— Você saiu pensando em ir embora, não é, Gideon? Uma boa idéia.

Ele riu, uma risada maldosa e irritante. E disse, por cima do ombro:

— Eu vou, mas volto.

Josiah Mackenzie foi enterrado dois dias depois, junto de sua primeira esposa, Catherine, falecida há vinte e dois anos. Ela morrera com trinta e cinco anos; Josiah, com sessenta e dois. Ao saber disso, Elizabeth não pôde deixar de imaginar se os dois se lembrariam um do outro, caso seus caminhos se cruzassem no paraíso.

Catherine Mackenzie seria capaz de reconhecer o marido, quando ele aparecesse diante dela como um velho? Ou ele recuperaria milagrosamente a juventude, depois da morte? E se eles se encontrassem mesmo, o que aconteceria quando a segunda esposa de Josiah, Mari, morresse?

Era um assunto desconcertante, principalmente porque a menina sabia que seu pai já era viúvo, quando conhecera sua mãe. No cemitério da família Calvert, que ficava numa colina com vista para o rio, na fazenda, havia um túmulo com o nome da mãe de William, Daphne. Ela havia acabado de fazer vinte anos quando morreu de parto, como Catherine Mackenzie.

Estes pensamentos mantiveram Elizabeth ocupada durante o velório e todo o serviço funerário do avô, que foi muito concorrido, com gente de Boston e de Lowell, uma cidade vizinha, onde ficavam as fábricas têxteis de Josiah.

Nos dias que se seguiram à morte de seu avô, Elizabeth descobriu que estavam todos preocupados com o que aconteceria com a fortuna dele. Ninguém falava disso abertamente, mas os comentários que Mari, Nathan e sua mãe faziam a respeito de Gideon, mostravam que eles tinham motivos para estar preocupados.

— Nos últimos anos, Gideon esteve sempre perto do pai — Mari comentou uma noite, depois do jantar. — E quanto mais Josiah piorava, mais ele assumia a direção dos negócios.

Sentada ao lado da mãe, Elizabeth estava muito quieta e comportada. Não queria que a mandassem para a cama, apesar de estar cansada. A viagem e os últimos acontecimentos a tinham deixado exausta, e era só com muito esforço que mantinha os olhos abertos. Mas não desejava perder nada do que se passava naquela casa.

— Josiah não gostava da ajuda dele, mas nem sempre podia fazer alguma coisa. Já estava muito doente.

Nesse ponto, Elizabeth chegou a pensar que Mari censurava os outros filhos dá marido, por não terem tomado uma atitude mais ativa. No entanto, não havia nada no jeito dela que confirmasse essa idéia.

A menina estranhara muito que uma mulher quase tão nova quanto sua mãe pudesse ter sido esposa de seu avô. Mari e Sarah poderiam passar por irmãs, se não fossem tão diferentes. Sarah era alta e magra, com uma postura altiva e feições que exprimiam coragem e inteligência. Mari, por sua vez, parecia uma princesa loira, saída das páginas de um conto de fadas. Havia nela uma fragilidade que fazia com que até Elizabeth tivesse vontade de protegê-la.

— Mas papai sempre ficava atento a tudo, não ficava? — Nathan quis saber.

— Ficava. Ele nunca confiou muito em Gideon.

— Então, não há motivo para tanta preocupação.

— Pode ser...

Um dia depois do funeral, dois homens gordos e baixos, vestidos de negro, bateram à porta. O mais velho apresentou-se como sr. Peckinpah, e o mais novo, como sr. Rummler. Elizabeth achou-os tão parecidos que imediatamente apelidou-os de Tintim e Tontom.

O sr. Peckinpah trazia uma pasta grande e negra, que colocou com a devida solenidade sobre a escrivaninha de Josiah, na biblioteca. Dela, tirou um documento composto por várias folhas de papel, com margens vermelhas.

Do seu canto, no alto da escada que servia para tirar os livros das estantes, Elizabeth observava a cena. Sua mãe e tia Mari — como ela lhe pedira para chamá-la — estavam vestidas de negro e sentadas num sofá, de frente para a escrivaninha. Nathan estava ao lado delas, em sua vestimenta religiosa completa, perfeitamente apropriada para a ocasião.

Depois de algum tempo, o sr. Rummler tirou o relógio do bolso e examinou-o, de testa franzida. Estavam esperando por Gideon — Elizabeth não conseguia pensar nele como tio. O relógio do saguão soou uma vez. Mais alguns minutos transcorreram, cinco, depois dez. O mais velho dos dois advogados limpou a garganta.

— Ahn... Será que o sr. Gideon não entendeu que viríamos hoje?

— Ele entendeu, sim — Mari afirmou. — E se não estiver aqui dentro de cinco minutos, vamos começar sem ele.

Os advogados se entreolharam com tanta surpresa, que Elizabeth quase riu alto. Evidentemente, não estavam acostumados a receber instruções tão firmes de uma senhora. Mas tia Mari era o que mamãe Augusta costumava chamar de mão de ferro, numa luva de veludo.

Os segundos continuaram a se arrastar. Ao mesmo tempo, como se fossem imagens num espelho, os advogados tiraram os lenços dos bolsos e enxugaram as testas. Nathan enfiou o dedo no colarinho e puxou-o, disfarçadamente. Sarah virou a cabeça para o lado, como se estivesse com o pescoço doendo e quisesse aliviar a dor. Só Mari continuou como estava, aparentando absoluta calma.

De repente, a campainha tocou. Um criado, que já esperava junto à porta, atendeu. O som de passos rápidos e firmes ressoou pelo ambiente e Gideon entrou.

Só ele, entre todos que ali se encontravam, não estava vestido de preto. Usava apenas uma fita de luto, na manga esquerda do terno. Luto que era desmentido pelas cores alegres do colete, como se ele fizesse questão de mostrar a todos que não estava triste.

Sarah apertou os lábios. Nathan chegou a abrir a boca para protestar, mas depois pensou melhor e calou-se. Mari ignorou-o por completo.

O mais velho dos advogados, recuperando-se do choque causado pela vestimenta do retardatário, tossiu discretamente.

— Se acham que podemos começar...

— Claro — retrucou Gideon, com um sorriso largo. — Estamos todos ansiosos para saber o que conseguimos.

Ele se sentou na poltrona ao lado do sofá, dando a todos a impressão de estar se divertindo imensamente.

— Sim, sim... Como acharem melhor. — O advogado fitou o documento que tinha diante de si, ajeitou o pincenê e começou, pausadamente: — Estamos aqui reunidos para tomar conhecimento das últimas vontades do falecido Josiah Mackenzie.

— Isso, nós já sabemos — interrompeu-o Gideon. — Vá ao que interessa.

De imediato, Mari interferiu:

- Faça tudo de acordo com o seu costume, sr. Peckinpah. Não queremos que se apresse por nossa causa.

— Fale por você mesma, minha querida madrastra. No que me diz respeito, quanto mais depressa esta tolice acabar, melhor.

Mari lançou um olhar firme para o enteado, mas não retrucou. Preferiu virar-se para o advogado e encorajá-lo a continuar, com um gesto de cabeça.

"Eti, Josiah Mackenzie, estando em pleno gozo de minhas faculdades físicas e mentais, declaro ser esta a minha última vontade."

— O sr. Mackenzie fez, em primeiro lugar, uma série de pequenas doações a criados antigos e instituições de caridade. Se os senhores preferirem, podemos deixá-las para mais tarde.

Gideon ergueu a mão, impaciente, mas o advogado manteve os olhos fixos em Mari, esperando que ela aprovasse. Só então, prosseguiu.

"Para meu amado filho Nathan, deixo a soma de cinqüenta mil dólares, para que faça deles o que quiser. Espero, no entanto, que ele os use para obter o conforto material a que tantas vezes renuncia, devido a suas convicções religiosas."

Nathan não conteve uma exclamação de surpresa.

— Eu não tinha idéia! Papai foi muito generoso. Mari virou-se para ele, sorrindo gentilmente.

— Seu pai amava muito você.

Depois de dar a eles um momento para se recomporem, o sr. Peckinpah voltou à leitura.

"Para minha amada filha, Sarah Calvert, e seu marido, Philip, deixo minhas ações do moinho de Calvert Oaks, bem como a soma de cinqüenta mil dólares. Espero que a maior parte desse dinheiro seja empregado na recuperação de sua fazenda."

Elizabeth respirou fundo, excitadíssima. Aquele dinheiro era uma fortuna! Tinha ficado contente pelo tio Nathan, mas agora sua alegria era mais pessoal. A generosidade de seu avô faria uma enorme diferença em suas vidas. Seu pai poderia contratar mais trabalhadores, e sua mãe poderia ter mais empregados, para ajudar no serviço da casa. Mais terras poderiam ser cultivadas, e talvez mais alguns hectares pudessem ser comprados dos vizinhos. Pensando nisso, ela quase perdeu a leitura do item seguinte, no testamento.

“Para meu amado filho Gideon, deixo a soma de cem mil dólares, em reconhecimento pelos serviços que prestou às empresas Mackenzie, durante todos estes anos.”

Cem mil dólares! Isto sim, era uma fortuna. Até Gideon deveria ficar contente.

Só que ele não estava contente. Na verdade, tinha o rosto sombrio e um brilho feroz no olhar.

— De que diabo você está falando, Peckinpah? Este não é o testamento do meu pai — Gideon quase berrou.

— É sim, senhor.

Gideon apertou os braços da poltrona, inclinando-se para a frente. Toda sua calma se fora.

— Eu vi o testamento. Sei o que está escrito nele.

— Não sei o que o senhor viu, mas posso lhe garantir que este é o último testamento de Josiah Mackenzie.

Gideon levantou-se, os dentes à mostra, as narinas trêmulas. Para Elizabeth, tinha a mesma aparência da raposa que, uma vez, atacara o galinheiro da fazenda.

— Continue — ele exigiu, os olhos fixos na madrasta, que mantinha a mesma atitude serena. — Agora, quero ouvir tudo.

Num tom de voz veemente, que expressava sua desaprovação, o advogado obedeceu.

“Para minha querida esposa, Mari, que tem sido minha alegria e conforto nesses anos de felicidade, deixo a casa na avenida Commoiwealth, com tudo que contém. Ela deve, também, herdar o controle total de todas as empresas Mackenzie, inclusive das fábricas de tecidos de Lowell, do estaleiro de Nantucket, das minas de carvão da Pensilvânia e dos negócios imobiliários de Boston e Nova York. Da mesma maneira, ficam para ela todas as minhas ações, certificados bancários e fundos de qualquer natureza. Espero que ela decida assumir um papel ativo na gerência de tudo, pois tem inteligência e sensibilidade suficientes para atingir uma prosperidade ainda maior.”

Nathan e Sarah ficaram surpresos, mas contentes. Gideon, ao contrário, não escondeu a raiva.

— Vocês não vão conseguir se safar com isso — sibilou. — O velho devia estar louco! Imaginem, deixar tanto dinheiro para esta vagabunda, só porque ela aqueceu a cama dele durante alguns anos.

— Senhor! — exclamou o advogado, erguendo-se, indignado. Nathan imitou-o, colocando-se na frente de Mari para protegê-la do irmão.

— Chega, Gideon! Você não tem o direito de falar assim com Mari. Ela foi uma esposa dedicada e amorosa. Papai teve sorte e soube reconhecer isso.

— Não tem importância. — Mari pousou a mão no braço de Nathan. — Eu gostaria que Gideon aceitasse a vontade de Josiah e ficasse contente com o que recebeu. Mas se ele não pode, para mim não faz a menor diferença.

— Isso é o que vamos ver — Gideon falou entre os dentes. — Eu vou contestar este testamento. Você ainda vai acabar na rua, que é o seu lugar.

Sem esperar para ouvir mais nada, ele saiu intempestivamente da biblioteca. Pouco depois, a porta da frente bateu, com estrondo.

No silêncio que se seguiu, o sr. Peckinpah juntou os papéis, enxugou a testa e arrumou uma mecha dos cabelos brancos, que tinha saído do lugar.

— Acho que eu devo explicar aos senhores por que o sr. Gideon ficou tão surpreso.

— É óbvio que ele achou que era o principal herdeiro de papai — Nathan murmurou.

— E houve uma época em que ele foi, mesmo. Mas depois de se casar novamente, o sr. Mackenzie começou a achar que o sr. Gideon não seria capaz de administrar as empresas, como ele queria. Há cinco anos, ele nos procurou, pensando em refazer o testamento. O resultado foi o que os senhores acabam de ouvir.

Sarah virou-se para a madrasta.

— Você sabia?

— Eu desconfiava. Quando percebeu o quanto estava doente, Josiah começou a insistir para que eu conhecesse seus negócios. Pensei que fosse porque ele queria que eu tivesse condições de vigiar Gideon, depois de sua morte, mas agora vejo que não.

— E o que vai fazer, agora que sabe?

— O que Josiah desejava. — Ela sorriu, cheia de tristeza. — Apesar de não ser o que quero. Só de pensar em dirigir as empresas, fico apavorada. Seu pai sempre foi muito consciente da responsabilidade que tinha, com tanta gente trabalhando para ele. Ao contrário de Gideon, ele sempre se preocupou com o bem estar dos trabalhadores. Em respeito a ele, procurarei fazer o melhor possível. Agora, se me dão licença, vou descansar um pouco. Estou muito cansada.

Devagarinho, Elizabeth soltou a respiração. Seus pulmões doíam, mas nem percebeu. Tinha a atenção fixa nos adultos. Não entendera a implicação de tudo, mas estava admirada com a coragem e determinação de tia Mari. Conhecendo a mãe, sempre soubera que as mulheres eram capazes de muita coisa, mas aquilo escapara da esfera doméstica.

Tia Mari estava prestes a se aventurar num mundo diferente. Teria de provar seu valor entre os homens, naquele mundo misterioso onde os negócios eram feitos, dinheiro era ganho e perdido, e clemência era uma palavra que não existia. Um mundo assustador, mas tremendamente excitante.

Sem fazer barulho, Elizabeth desceu da escada e voltou para o seu quarto. Sabia que a mãe logo viria ao seu encontro. Gostaria de lhe perguntar algumas coisas, mas não queria revelar que estivera escutando a leitura do testamento, escondida. Uma coisa muito feia, que não faria de novo.

Mas mesmo enquanto tomava esta decisão, a menina começou a questionar, em seu íntimo, a validade das regras que tinham lhe ensinado. Havia nela um traço de rebeldia que se tornava cada vez maior, com a passagem dos anos. Pensando no que testemunhara, ela não conseguia se sentir triste pela viuvez de Mari. Estava fascinada pelas possibilidades gloriosas que tinham se aberto diante da tia. Em comparação, as limitações de sua vidinha eram quase insuportáveis.

ADOLESCENTE

Capítulo III

COMO ELIZABETH TINHA previsto, os cinqüenta mil dólares que Josiah Mackenzie deixou para a filha e o genro fizeram uma enorme diferença em Calvert Oaks. Seu pai continuava trabalhando tanto quanto antes, porém não precisava mais tomar o lugar de um trabalhador braçal. Isso lhe dava tempo para planejar e supervisionar melhor o que devia ser feito.

Um ano antes da morte de Josiah, apenas um quarto das terras da fazenda estavam sendo cultivadas, e mesmo assim com um tremendo esforço. No ano seguinte, essa área chegou à metade, e, em 1875, Calvert Oaks estava operando acima da capacidade que tinha, antes da guerra. Para conseguir isso, Philip passava muito tempo em Richmond e outros lugares, negociando diretamente a venda de suas colheitas, em vez de usar intermediários. Ele se tornou tão bom nisso, que outros agricultores da região começaram a lhe pedir para fazer o mesmo por eles. Philip aceitou, com a condição de só plantarem o que ele achasse que podia vender.

Durante as ausências cada vez mais freqüentes do pai, a responsabilidade de tudo recaía sobre William. Ele estava à altura do desafio e até se alegrava com isso. Aos vinte e poucos anos, era um homem em toda o sentido da palavra, fato que não deixou de ser notado pelas garotas da vizinhança.

Com uma certa inveja, Elizabeth viu a vida social de sua comunidade renascer. As festas não eram tão sofisticadas quanto antes da guerra, mas mesmo assim eram excitantes para quem nunca conhecera outra coisa. Aos treze anos, ela ainda era muito jovem para participar da maioria dos eventos, o que a deixava muito frustrada.

— Não sei por que não posso dançar — disse uma noite à prima, Melinda Hudson.

As duas estavam em pé num canto do salão de bailes, observando os casais que dançavam. Sarah e Philip comemoravam seu décimo sexto aniversário de casamento. Philip havia chegado em cima da hora para a festa, depois de uma ausência de mais de um mês. Tinha uma aparência cansada, mas inegavelmente feliz, enquanto guiava a esposa pela pista de dança. Os dois pareciam estar presos num mundo particular, onde só importava o amor que sentiam um pelo outro.

— Que lindo ser como os seus pais! — Melinda exclamou, suspirando. — Os meus não são tão românticos.

Elizabeth sempre tivera como certo que seus pais se amavam. Só recentemente, quando as mudanças em seu corpo a tinham alertado para coisas que nunca notara antes, percebera que os dois partilhavam algo muito especial.

— Não há nada de errado com os seus pais, Melinda.

— “Nada de errado” não é muito excitante.

Era verdade que o relacionamento de tia Kitty e tio Jeremy não era dos mais excitantes. Elizabeth vira um retrato da tia, feito quando ela estava com dezesseis anos, que mostrava uma garota loira, encantadora, muito parecida com Melinda. Jeremy nunca fora bonito, mas a miniatura dele, que Kitty usava,

retratava um rapaz forte e sadio, que parecia ansioso para viver a vida.

A vida, muitas vezes dura e triste, deixara sua marca. Kitty tivera oito filhos, dos quais cinco tinham sobrevivido. Não havia espartilho que conseguisse disfarçar sua cintura grossa e seios caídos. Seus cabelos estavam grisalhos, e a pele, antes sedosa e macia como pétalas de magnólia, exibia muitas rugas causadas pela preocupação.

A preocupação também marcara Jeremy. Elizabeth e Melinda não falavam nisso, mas ambas sabiam que a fazenda dos Hudson andava mal. Jeremy era trabalhador, mas não tinha a tenacidade nem a sorte de Philip. Muitas das decisões que tomara, contra os conselhos do cunhado, haviam resultado em prejuízo. Para compensar os maus negócios e pagar os impostos do governo, ele tivera que vender vários hectares de terra. E teria que vender mais, diziam as más línguas.

— Charles Durand foi ver papai, ontem — Melinda comentou, de repente, Ainda tinha os olhos fixos nos dançarinos, mas sua expressão deixara de ser alegre. — Conversaram mais de uma hora, na biblioteca. Quando ele foi embora, papai estava muito aborrecido.

— Seria tão bom se esse Durand não vivesse por aqui. Ninguém gosta dele, mas todo mundo o convida para tudo, por pura educação.-

— Ele não está aqui hoje.

— Não. — Elizabeth daria tudo para não ter dito o que dissera; Seu pai era um dos poucos homens que se atrevia a menosprezar o novo rico. Na certa porque também era um dos poucos que não dependia dele financeiramente.

— Todos ficaram chocados quando Durand comprou a fazenda dos Devereaux. E o pior é o que ele anda fazendo por lá.

— Não é ele, é a mulher dele. Ela é horrível.

As duas passaram dez minutos muito agradáveis, repetindo o que tinham ouvido os mais velhos falarem de Isabelle Durand. Ou madame Durand, como ela insistia em ser chamada. As suposições sobre sua origem eram sempre as piores possíveis. Uma amiga da mãe de Sarah chegara ao extremo de dizer que ela “só podia ter saído de um bordel”. As meninas não sabiam direito o que era um bordel, mas tinham certeza que uma dama preferiria morrer, antes de entrar num.

— E a menina dela, você viu? — Melinda continuou. — Tem a nossa idade, mas anda por aí vestida como um garoto. Um garoto de rua, por sinal.

— O nome dela é Sunbird. Pássaro do sol. Um nome estranho, mas bonito.

Melinda inclinou-se para a frente, com ares de quem estava prestes a revelar um escândalo delicioso.

— E você sabe por que ela tem esse nome? Porque é meio índia. Elizabeth arregalou os olhos.

— Mas madame Durand não é...?

— Madame Durand não é a mãe dela. Ela é filha de uma índia que viveu com o sr. Durand. Sunbird é bastarda, além de mestiça.

Elizabeth ainda estava às voltas com esta informação, quando o irmão mais velho de Melinda, Davey, apareceu.

— O que foi? Do que é que vocês estão falando?

Ele era um rapaz esbelto, de quinze anos, que andara crescendo muito, nos últimos tempos, e estava meio desajeitado. Tinha os cabelos castanhos

claros sempre caídos nos olhos e corava com uma facilidade enorme.

— De nada — Melinda respondeu, depressa. — Por que não está dançando? Sally Watson não tira os olhos de você. Deve estar apaixonada.

— Pare com isso! Se não eu vou tirar você para dançar. Aí você vai ver o que é bom.

— Ele tem dois pés esquerdos — Melinda contou a Elizabeth. — Se não quiser ficar aleijada para o resto da vida, não dance nunca com este meu irmão.

Davey ficou vermelho como um pimentão. Resmungando qualquer coisa sobre irmãs serem uma verdadeira praga, girou nos calcanhares e desapareceu.

— Acho que eu não deveria ter dito isso — falou Melinda, arrependida.

— Ele ficou sem jeito. Todos os garotos são desajeitados, nessa idade.

— Aposto que o William nunca foi. — Melinda sorriu, com ar sonhador. — Todas as garotas estão loucas por ele, especialmente Nancy Haddrick. Ela resolveu que ele vai ser dela.

Elizabeth franziu a testa, pensando na bonita ruiva que já dançara duas vezes com William, aquela noite.

— Ela pode resolver o quanto quiser. Duvido que William se case com ela.

— Por que não?

Elizabeth hesitou. Estava aprendendo a ser discreta, mas a tentação de passar adiante o que sabia era demais.

— Ouvi papai e William falando dela. William disse que aquela cabeleira ruiva é capaz de aquecer qualquer lençol, mas ele quer mais do que isso numa mulher.

Melinda ficou mais vermelha que o irmão.

— É mesmo? E ele teve coragem de dizer isso ao seu pai?!

— Não entendi bem o que ele quis dizer com isso, mas tem algo a ver com essa história de homens e mulheres.

— E camas — Melinda acrescentou, solenemente. — Também tem algo a ver com casamento. Alguma coisa que você só pode fazer, depois de casada. Seja lá o que for...

— Tem certeza?

— Claro. Você não sabia?!

— Pensei... Sempre achei que os homens faziam isso, mesmo sem serem casados. E como têm de fazer com alguém, algumas mulheres estão fazendo sem serem casadas, também.

— Francamente, Elizabeth Calvert!

— É lógico, Melinda.

— Pode ser, mas acho que não é assunto para damas.

Era difícil ser uma dama, aos treze anos., Na verdade, pelo que Elizabeth tinha visto, era difícil em qualquer idade. Refletindo sobre isso, ela se afastou da prima, indo vagar pelo jardim. Notou que vários casais estavam por lá, escondidos junto às árvores. Ouviu muitos risos, acompanhados por vozes masculinas, baixas e persuasivas. Ouviu até um sonoro tapa, seguido por um "Brad, seu sem vergonha!", e, logo depois, mais risos.

O casal devia estar se beijando, como vira o pai e a mãe fazerem.

Não um dos beijos formais, que trocavam na varanda, quando ele voltava de viagem, mas um daqueles beijos apaixonados, capazes de fazer qualquer

um corar.

No ano anterior, quando certas mudanças tinham começado a ocorrer em seu corpo, a mãe lhe explicara gentilmente o que significavam, preparando-a para os fluxos mensais que começariam logo depois. Ela não dera muita importância a esses fluxos, porque não se sentia mal, mas de tempos em tempos se perguntava por que isso acontecia com as mulheres e não, com os homens. Aparentemente, tinha algo a ver com bebês, embora não soubesse ao certo o que era.

A noite estava quente e estrelada, com a lua se levantando acima do rio. Pensativa, Elizabeth encaminhou-se para seu lugar favorito, junto a um velho muro de pedra. Uma brisa leve soprava, cheirando às rosas que sua avó plantara logo ao chegar a Calvert Oaks, recém-casada.

Longe do baile, ela podia relaxar. Como sempre vivera na fazenda, onde não havia crianças da sua idade, estava acostumada à própria companhia. Em outra época, teria tido os filhos dos escravos para brincar, mas eles tinham ido embora, depois da guerra. Só recentemente seu pai voltara a empregar famílias para trabalhar no campo. Ironicamente, muitos haviam sido escravos ali mesmo. A liberdade, ao que parecia, não era bem que eles imaginavam.

Distraída, ela se pôs a balançar as pernas, enquanto olhava na direção do rio. Aquela manhã, vira uma barca deslizar vagorosamente rio abaixo, levando mercadorias para o litoral. Sentira vontade de saber que mercadorias eram e o que as pessoas a bordo encontrariam, quando chegassem a seu destino.

A ida a Boston, na época do falecimento de seu avô, despertara nela a vontade de viajar. Havia noites em que não dormia, pensando no mundo que ficava além de Calvert Oaks. Costumava, então, ir até à janela e ficar olhando as terras no horizonte, que pareciam chamá-la.

Algum dia, teria que partir. Não tanto por ser essa sua vontade, mas por ser assim que as coisas caminhavam. William, como homem e filho mais velho, herdaria Calvert Oaks. Ela, como mulher e mais nova, escolheria alguém para se casar e iria morar na propriedade dele. Desde pequena sabia disso, apesar de nunca terem lhe dito nada.

Havia épocas, no entanto, em que a paz e a segurança de seu lar envolviam-na de tal maneira, que achava que não seria capaz de ir embora. Só um homem muito especial poderia fazer com que o acompanhasse. Um homem que a amasse como seu pai amava sua mãe.

Um homem que fosse forte, bonito e romântico, como dizia Melinda.

Elizabeth fechou os olhos, tentando imaginar como seria esse homem. Quando os reabriu, encontrou Davey diante de si.

— Desculpe — ele murmurou, ao ver que a tinha assustado.

— Não foi nada. É que eu não esperava ver alguém aqui.

Ele hesitou antes de se aproximar mais, como se tivesse medo de ser mandado embora. Depois, desajeitadamente, sentou-se ao lado dela, no muro.

— Eu vi você sair do salão e vim ver se está bem.

— Eu estou bem, sim. Só queria sair um pouco de lá.

Educadamente, Elizabeth não acrescentou que queria ficar sozinha. Na verdade, não se aborrecia com a companhia de Davey. Ele não era arrogante como os outros garotos, nem passava o tempo todo caçoando dela.

— Eu não gosto muito de festas — Davey confessou. — Não sei para que elas servem.

Elizabeth riu baixinho. Ela mesma não via sentido nas festas.

— Mamãe diz que as festas servem para as damas se arrumarem e darem aos cavalheiros a oportunidade de dizer a elas o quanto são lindas.

— Acho que é muito trabalho por pouca coisa.

— Ah, Davey! Já vi que você é um desmancha-prazeres.

— Não sou, não. Sei que muita gente pensa assim de mim, mas eu gosto tanto de me divertir quanto os outros. É das festas que eu não gosto.

— Do que você gosta, então?

Ele lhe lançou um olhar rápido, cauteloso.

— Eu gosto de ler.

— Eu também. Você leu A Dama do Lago!

— De Walter Scott? É o meu autor favorito. Ivanhoé é o melhor livro que já li.

— Esse, eu ainda não li.

— Quer... quer que eu lhe empreste? Seus olhares se encontraram. Timidamente, a princípio, depois com alegria. Até se lembrarem da passagem do tempo.

— Acho melhor voltarmos. Davey pulou do muro e ofereceu a mão para Elizabeth. Embora estivesse acostumada a subir e descer dali vezes sem conta, ela aceitou a ajuda. Os dedos dele eram quentes e secos, surpreendentemente fortes. É, ao contrário dos outros garotos, ele era um pouco mais alto que ela.

Lado a lado, ouvindo a música que vinha do salão, os dois se puseram a caminhar pelo jardim. Pelas janelas francesas abertas, viam os casais dançando, rindo e conversando. Um incrível sentimento apoderou-se de Elizabeth. Gostaria de ser mais velha, uma daquelas mulheres adoráveis que passavam nos braços dos rapazes simpáticos, em vez de uma desajeitada menina-moça, que nem sabia que reação teria, no momento seguinte.

— Davey... Você não sabe mesmo dançar?

— Eu danço mal. Sou muito... desajeitado.

— Eu também.

— Você?! Você é tão... graciosa!

O elogio foi tão inesperado, que ela o fitou para ver se não estava caçoando dela. A admiração nos olhos dele foi uma surpresa maior ainda. Era a primeira vez que isso lhe acontecia, e achou a sensação deliciosa. Com uma malícia que desconhecia possuir, murmurou:

— Eu tenho vergonha de dançar na frente dos outros.

— Eu, também. Mas às vezes eu acho que deve ser gostoso.

— No lugar certo, deve ser mesmo.

Elizabeth olhou em torno de si. Tomado por uma súbita inspiração, Davey balbuciou:

— Nós podíamos... ahn... dançar aqui. Ela arregalou os olhos, deliciada.

— Você acha? De verdade?

— Claro. Não tem nada de mais.

Na verdade, ele achava um atrevimento e tanto, mas isso só aumentava seu prazer. Endireitando o corpo, segurou a mão dela e enlaçou-a pela cintura. Com os apropriados trinta centímetros de distância entre seus corpos, começou a dançar.

Davey pisou duas vezes nos pés de Elizabeth, e pediu desculpas as duas vezes. Elizabeth tropeçou uma vez. Ambos tiveram que se concentrar muito,

contando passos baixinho. No meio da música, no entanto, tudo ficou mais fácil, e eles começaram a relaxar. Davey chegou até a sorrir, e ela riu uma ou duas vezes.

Quando a música acabou, os dois se olharam, muito sérios.

— Foi uma delícia — a menina murmurou. Ele inclinou a cabeça.

— O prazer foi todo meu.

Por vários segundos, os dois continuaram como estavam. Depois, Davey foi se aproximando, com todo o cuidado de quem se aproxima de um precipício, e encostou os lábios nos de Elizabeth.

A sensação era estranha, mas não desagradável. Elizabeth sentiu um frio na espinha e enrijeceu um pouquinho.

No momento seguinte, Davey se afastou dela, dizendo:

— Desculpe-me.

— Por quê?

— Eu me comportei mal... Não me comportei?

Elizabeth corou. Se ele achava que se comportara mal, o que poderia estar pensando dela? Incapaz de enfrentar a situação, agarrou a saia e saiu correndo pelo caminho de cascalho. Não adiantou Davey chamá-la, erguendo a voz em meio ao silêncio do jardim.

Para Elizabeth, a vida melhorou, depois disso. Tornou-se muito mais interessante. Davey estava sempre arranjando desculpas para aparecer em Calvert Oaks e invariavelmente lhe trazia alguma coisa: uma flor ainda úmida de orvalho, uma maçã suculenta, um lenço com beiradas de renda. No seu décimo quarto aniversário, ele lhe deu um cachorrinho gorducho, que foi imediatamente batizado de Happenstance.

Elizabeth e Davey trocavam livros e conversavam a respeito do que liam. Nos dias de verão, iam pescar juntos. Davey orgulhava-se do fato de Elizabeth ser capaz de colocar a isca no anzol e tirar dele os peixes que pescava, se bem que se recusasse a limpá-los. Os dois brincavam como crianças entre os velhos carvalhos e as colinas ondulantes, mas ambos estavam cientes de que partilhavam um sentimento que nada tinha de infantil, embora nada fizessem para desenvolvê-lo.

O tempo foi passando. Para seu imenso alívio, Elizabeth parou de crescer em altura e começou a crescer de outras maneiras. Seus vestidos foram alargados e, no fim, abandonados e substituídos por outros. Aos quinze anos, as saias curtas da infância cederam lugar às saias mais longas de uma moça. Seus seios eram pequenos, mas bem feitos; a cintura, fina, e os quadris, embora não pudessem ser notados debaixo de suas saias largas, eram graciosamente arredondados.

Para tristeza da menina, no entanto, seus cabelos não tinham perdido aquela cor indefinida, entre o castanho e o loiro. Mas Davey costumava dizer que eles eram da cor do mel, e isso fazia com que ela se sentisse melhor. Ele também estava se tornando um rapaz simpático, se bem que um pouco magro e ainda meio desajeitado.

Para Elizabeth, o que Davey tinha de mais bonito era o sorriso. Mas ela sabia que ele se orgulhava muito dos ombros, que começavam a se alargar, e não perdia oportunidade de deixá-lo mostrar o quanto era forte.

Nunca passou pela cabeça de Elizabeth que as atenções de Davey impediam outros rapazes de se aproximarem dela. Como não se sentia

tão bem com eles quanto com Davey, não se importava. E, aos poucos, como é natural com as meninas, começou a pensar no futuro de um modo mais específico. Casar-se com Davey e mudar para a fazenda dos Hudson não seria mal.

Foi William que acabou com esse sonho, no ano em que ela completou dezesseis anos. Ele foi gentil, mas não a poupou. Aconteceu quando ambos caminhavam para casa, depois de observarem o treino de uma adorável égua castanha, que seria usada por ela.

— É um ótimo animal — William comentou. — Dentro de uma ou duas semanas, estará pronta para ser montada.

— Pois eu não vejo a hora. Ela é linda!

Elizabeth montava desde a infância, mas nunca tivera uma montaria tão boa quanto aquela égua. O animal era mais uma indicação do quanto Calvert Oaks ia bem. Outra indicação era o vestido que ela usava, de seda lilás, combinando com o chapéu de palha, tingido na mesma cor.

Para William, um irmão amoroso, Elizabeth estava linda com aquele vestido e os cabelos soltos caindo-lhe até a cintura. Ela crescer inesperadamente. O que lhe trouxe à mente Davey.

William franziu a testa, pensando no rapaz. Não que não gostasse do primo. Na verdade, achava até que ele prometia muito. O que era ótimo, considerando as dificuldades que teria de enfrentar.

— Papai foi a Quail Run — comentou de repente, diminuindo o passo para que a irmã pudesse acompanhá-lo melhor.

— Pena que eu não fiquei sabendo. Senão, teria ido com ele.

Elizabeth não perdia oportunidade de visitar a fazenda dos Hudson. Adorava a velha casa, com seu ar meio deteriorado e os jardins cheios de ervas daninhas. Por todos os lados, via grandes possibilidades de melhora e morria de vontade de realizá-las. Mas seu pai, ultimamente, sempre se esquecia de levá-la junto.

— Ele quer que tio Jeremy plante menos algodão e mais tabaco — disse William. — É nesse sentido que o mercado está se movendo.

— Na certa tio Jeremy vai gostar do conselho. William parou, obrigando-a a fazer o mesmo.

— É mais que um conselho, Bethie. Papai também é dono de Quail Run.

— É mesmo? Eu não sabia. — Ela recomeçou a andar. — Papai faz tantos investimentos! Não é de admirar que tenha investido um pouco em Quail Run.

— Foi mais do que um pouco. Ele comprou mais da metade da fazenda, o que lhe dá o direito de decisão em tudo que acontece por lá.

Elizabeth enrijeceu o corpo, voltando-se para o irmão.

— Mas... Como foi que o tio Jeremy concordou em vender uma parte tão grande de Quail Run?

— Ele precisava desesperadamente de dinheiro.

A franqueza de William assustou-a. Fitando-o, viu nos olhos dele uma expressão preocupada, mas decidida.

— O que está querendo me dizer, William? Que a família de Davey não teve a sorte da nossa e foi obrigada a nos procurar, pedindo ajuda? Mas não há nada de errado nisso, há?

Não havia nada de errado, a não ser o fato de que Davey não tinha mais direito a sua herança. Ele receberia apenas uma pequena parte da fazenda e

continuaría devendo ao tio, provavelmente até o fim da vida. A menos que...

— O que você está tentando me dizer, William?

— Nada de mais. Eu só achei que você deveria saber como estão as coisas, por lá. Mas Davey é um rapaz de fibra. Se ele conseguir aprender com os erros do pai, pode ser que se dê bem.

— Que erros?

— Jeremy não conseguiu enxergar as mudanças trazidas pela guerra. Achou que a vida continuaria como antes. Você se lembra de como papai trabalhava nas plantações? Tanto quanto qualquer negro?

— Claro. Nós ainda estávamos em dificuldades, quando vovô Mackenzie morreu e nos deixou o dinheiro para reconstruir Calvert Oaks.

— Isso mesmo. Nós tivemos muita sorte, principalmente porque papai soube usar esse dinheiro. Ele investiu tudo nas plantações. Ao contrário do tio Jeremy, que gastou todo dinheiro que conseguiu pegar em luxos pessoais.

— Tem certeza? Não está sendo injusto, nesse seu julgamento?

— Eu não estou julgando tio Jeremy, Bethie, só citando um fato. Papai é um excelente administrador; tio Jeremy não é. Há alguns anos, Quail Run ficou numa situação muito difícil. Os impostos não tinham sido pagos e Durand estava prestes a se apossar de tudo, por uma soma ridícula.

— Eu me lembro...

— Esses arrivistas são como abutres, alimentando-se da carcaça do Sul. Só vão ficar contentes, quando todos os ossos estiverem completamente limpos.

Elizabeth surpreendeu-se com a amargura do irmão, principalmente porque ele nunca exibia sentimentos negativos. Pela primeira vez, percebeu que ele não se preocupava apenas com Calvert Oaks, mas com todo o Sul, ainda tão consumido por sentimentos distorcidos e pela violência.

— William... Eu acho bom papai ter impedido que Quail Run fosse à venda, mas o que isso tem a ver com Davey e eu?

— Tudo. Você precisa entender que eles ainda vão levar muitos anos para ter segurança e conforto. Depois de Jeremy, Davey vai ter que lutar constantemente para não afundar. E pode até não conseguir.

— Com a minha ajuda, ele vai conseguir.

— Com a sua ajuda ou com o seu dote?

William estava odiando ser tão duro, mas não tinha escolha. Elizabeth precisava saber da verdade.

Piscando para afastar as lágrimas que haviam inundado seus olhos, ela rebateu:

— É isso que você pensa? Que Davey só me quer por causa do meu dinheiro?

— Para ser franco, acho que isso ainda não passou pela cabeça dele. Mas vai passar. E vai afetar o relacionamento de vocês. Se ele a pedir em casamento, você nunca vai saber o que influenciou mais esse pedido: se a sua pessoa ou o que o seu dote pode significar para Quail Run. Além disso, casada com ele você nunca terá os confortos que papai tem se esforçado tanto para nos dar. — William fez uma pequena pausa, depois prosseguiu, sem piedade: — Outra coisa: você e Davey são primos em primeiro grau. Muita gente acha que é um parentesco muito próximo para um casamento.

— Sua mãe e papai também eram primos em primeiro grau — Elizabeth

lembrou, implacável. Nunca se sentira tão zangada. — Por acaso existe algo de errado com você?

— Não. Eu tive sorte, ao contrário de muitos. Mas você acha que vale a pena correr o risco?

— Vaie, sim! Eu amo Davey. E não me importo com confortos materiais. Quanto ao dinheiro, ele pode ficar com tudo que é meu. Vai ser bem empregado, e os principais beneficiados serão nossos filhos. Nossos filhos perfeitamente normais, eu lhe garanto!

Antes mesmo de terminar, Elizabeth já estava chorando. A realidade que William a forcara a encarar contradizia o futuro que havia imaginado. Mas a vida era sua, afinal, e tinha o direito de tomar a decisão que julgasse melhor.

— Você não pode se casar com Davey — WilKam disse gentilmente, cheio de tristeza. — Papai jamais permitirá.

— Daqui a alguns anos, não vou mais precisar da permissão dele. Davey e eu podemos fugir...

— E perder tudo, inclusive Quail Run? Acha mesmo que Davey vai querer uma coisa dessas?

Elizabeth sentiu sua angústia aumentar. Forçado a escolher entre ela e até mesmo uma pequena parte de Quail Run, Davey sem dúvida acabaria escolhendo a propriedade da família.

— Isso é tão injusto! — murmurou, a garganta apertada. Puxando-a para junto de si, William abraçou-a.

— A vida é assim, Bethie. Todos nós sofremos decepções.

— Mas esta é dura demais! Não sei se vou ser capaz de agüentar... Ele a abraçou com mais força, oferecendo o pouco conforto que podia dar. Sabia, no entanto, que aquilo não era o suficiente. Outras decisões precisavam ser tomadas.

Capítulo IV

ELIZABETH FOI TOMADA pela nítida sensação de que odiava Boston. Nunca imaginara que pudesse existir um lugar tão frio e cinzento, tão úmido e sombrio. Não negava que Boston pudesse ser agradável na primavera e no verão, até mesmo no outono. Mas o inverno era horrível, prolongando-se indefinidamente, enchendo-a de tristeza e fazendo com que ansiasse pelo calor de sua terra natal. Tia Mari fazia o possível para que se sentisse bem, por ali. Desde que chegara, há um ano, fora tratada com carinho e consideração, apresentada a uma multidão de gente e incluída em todos os programas apropriados para a sua idade.

Só que aquele não era o seu lugar e começava a se sentir desesperada.

Estranhamente, não era Davey que lhe fazia mais falta. Pensava nele de vez em quando, mas sem muita emoção. William e seu pai estavam certos, e era isso que mais a aborrecia. Ambos haviam garantido que a distância lhe daria uma perspectiva melhor da situação, fazendo-a enxergar que o futuro de sua imaginação não era o que desejava, na realidade. Na hora, ela os julgara insensíveis, mas agora sabia que não. Eles a amavam e estavam preocupados com seu futuro.

Sua mãe fora a única a entender o quanto lhe custara partir. Ela havia soluçado como uma criança nos braços da mãe, exibindo todo seu medo e raiva.

— Eu sei o quanto é duro — Sarah havia admitido, embalando-a com carinho. — Mas confie em nós, Bethie. Nós a amamos e só queremos o que é melhor para você.

Agora, um ano depois, ela conseguia acreditar nisso. Só não sabia se Boston era o melhor. Provavelmente, não.

Levantando-se da poltrona em que passara alarde sonhando, Elizabeth foi até a janela. Vendo que a chuva continuava a cair, resolveu procurar alguma coisa mais animada para fazer.

Tia Mari logo chegaria do escritório. Tomariam uma xícara de chá juntas e falariam dos acontecimentos do dia. Elizabeth adorava a tia, que considerava uma mistura de mãe e irmã. Mari, por sua vez, considerava a sobrinha um presente de Deus. Estava sempre pronta a ouvi-la, encorajando-a em tudo na nova vida.

Vida nada fácil, na opinião de Elizabeth. Não se sentia bem na Escola para Jovens Damas, da srta. Carter, apesar das boas notas que tirava. Suas colegas eram todas da Nova Inglaterra ou de Nova York. Falavam, vestiam-se e até pensavam de um modo diferente do seu. Podiam não saber nada sobre plantações, colheitas, cuidados com a terra e o que fazer com vacas e cavalos, mas haviam lido muito mais, falavam francês, pintavam ou pelo menos desenhavam, e entendiam tudo sobre o novo papel da mulher no mundo moderno.

Das muitas coisas que ouvira, Elizabeth concordava com algumas. Por exemplo, que as mulheres não eram simples enfeites, mas a espinha dorsal da família, transmitindo cultura e sustentando a civilização. Ser mãe e esposa era

a mais nobre das tarefas, e só por isso as mulheres mereciam tanto respeito quanto qualquer homem.

O que a aborrecia e a mantinha em silêncio, quando discussões a esse respeito estavam em andamento, era a falta de sentido naquilo tudo. Suas colegas falavam em dirigir uma casa, mas não tinham a menor noção do que fosse matar porcos, fiar lã ou realizar qualquer outra das muitas tarefas que sempre mantinham sua mãe ocupada. Também falavam em ter filhos, mas nenhuma delas parecia saber o que isso envolvia.

Ela, pelo menos, estava mais preparada para a vida real. Aprendera as tarefas domésticas com a mãe e ouvira uma explicação sensata sobre como ocorria um parto. Sabia que era doloroso, que havia perda de sangue e podia ser perigoso, tanto para a mãe, quanto para a criança. Mas o sofrimento e o risco eram compensados pelo amor partilhado com o marido e o milagre de terem criado uma nova vida.

Elizabeth até entendia que o amor entre um casal não era só platônico, mas tinha um forte componente de paixão. Ela mesma havia sentido um certo prazer nas poucas vezes em que Davey a beijara, e o mistério do relacionamento entre um homem e uma mulher lhe causava mais excitação do que medo.

As garotas frias do Norte, com suas vozes anasaladas e opinião firme sobre tudo que existia no mundo, eram muito aborrecidas. Nunca poderia ser como elas. Nem queria. E isso a condenava a ser, para sempre, uma estranha naquele meio.

Na sala de estar, Elizabeth sentou-se debaixo do retrato do avô e pegou seu trabalho de agulha. Aquela era outra de suas falhas.

Aprendera a costurar vestidos, e camisas com a mãe, mas bordar com fio de seda estava além de sua capacidade. Mesmo assim, treinava diariamente durante quase uma hora, na esperança de apresentar um trabalho razoável à srta. Jacobs, sua sofredora professora de costura e bordado.

Depois de algum tempo, Happenstance, que tinha vindo com ela e costumava ficar numa cestinha, na sala de estar, aproximou-se, ganindo baixinho. Elizabeth largou o bordado e começou a acariciá-lo.

— Você também não gosta disso aqui, não é? O que acha de irmos passear no parque, amanhã, se o tempo melhorar?

O cãozinho emitiu um suspiro resignado, apertando o nariz gelado na palma da mão dela.

— Mesmo que o tempo não melhore, podemos ir visitar Princesa. Coitadinha! De nós três, ela é a que mais detesta este tempo úmido. .

A égua castanha também viera para o Norte e ficava nos estábulos localizados na parte de trás da casa. Aparentemente ia bem, mas Elizabeth sabia que Princesa sentia tanta falta das verdes pastagens da Virgínia quanto ela.

A porta da frente abriu-se, e o murmúrio de vozes chegou à sala de estar. Elizabeth levantou-se e foi ao encontro da tia, mas não era Mari que havia chegado. O homem alto e magro não lhe era estranho, mas levou algum tempo para reconhecê-lo. Quando conseguiu, recuou instintivamente.

Seu movimento chamou a atenção do recém-chegado. Interrompendo a discussão com o mordomo, que não queria deixá-lo entrar, ele a encarou.

— Ora, ora! A filha de Sarah. Você está sempre aparecendo, não?

— Pode deixar, Wilson, eu cuido disso — Elizabeth falou, procurando manter a dignidade. Não era mais uma criança, e sim uma moça, capaz de enfrentar qualquer situação. Virou-se para o tio: — Presumo que tenha vindo atrás de tia Mari.

Gideon sorriu, um sorriso que não alcançou seus olhos escuros e brilhantes.

— Não trate aquela mulher assim. Ela não é nada sua. Jogando o chapéu sobre a mesa do saguão, sem se preocupar com o fato de estar molhado, ele começou a desabotoar a capa.

Com medo de que a água manchasse a madeira, Elizabeth pegou o chapéu e guardou-o não porta casacos. Em seguida, fez o mesmo com a capa. Mari nada lhe dissera de suas brigas freqüentes com o filho mais velho de Josiah, mas todos sabiam que Gideon contestara o testamento do pai e nem o fato de ter perdido no tribunal o impedira de continuar tentando readquirir as propriedades que considerava suas, por direito de nascença. Por isso, não sabia se estava fazendo bem ou mal, em deixá-lo entrar.

Fechando a porta do guarda-casacos, Elizabeth virou-se e deu com Gideon a poucos passos, observando-a de testa franzida. Quase recuou novamente, mas conseguiu se controlar a tempo.

— Há quanto tempo você está morando aqui?

— Um ano. Tia Mari não está, mas deve chegar logo. Ela sabia que o senhor vinha?

Em vez de responder, Gideon declarou:

— Vou esperar na sala de estar. Você pode me fazer companhia.

Não havia nada que Elizabeth quisesse menos, mas a boa educação mandava que não deixasse um hóspede sozinho. Relutante, seguiu-o até a sala de estar, onde ele imediatamente se dirigiu ao armário de bebidas e se serviu de uma boa dose de uísque, que tomou de um gole só. Depois, tornou a encher o copo e foi se sentar no sofá, batendo na almofada a seu lado.

— Venha se sentar aqui, minha querida sobrinha.

Fingindo que não ouvira, Elizabeth sentou-se na poltrona em frente ao sofá. Sentia-se cada vez pior. Torcia para que Mari não demorasse muito.

— Então, você está aqui há um ano e eu não sabia.

Como não via motivos para tê-lo avisado de sua vinda, Elizabeth limitou-se a fitar o tio e continuar em silêncio. Depois de alguns momentos, Gideon comentou:

— Você cresceu.

Isso também não exigia resposta, mas ela já havia chegado aos limites da boa educação e precisava dizer alguma coisa.

— Tia Mari tem sido muito boa para mim.

Com isso, queria dizer que a influência de Mari a ajudara a amadurecer. Gideon, no entanto, preferiu interpretar suas palavras de outra maneira.

— Aposto que tem. Mari faria qualquer coisa para me contrariar.

Elizabeth não escondeu a surpresa. Não via relação entre a bondade de Mari para com ela e os problemas com Gideon. O tio logo explicou:

— Mari não tem herdeiros. Ela não tem família.

— Claro que tem!

— Quem? Você e sua mãe?

— E meu pai e meu irmão, além do senhor. O senhor faz parte da família,

não faz?

Gideon riu baixinho, olhando-a por cima da beirada do copo.

— Sem dúvida. O que é uma ótima razão para nos conhecermos melhor.

Elizabeth deve ter manifestado o pouco entusiasmo que lhe causava essa idéia, pois Gideon levantou-se abruptamente e cruzou a pequena distância que os separava. Em pé, diante dela, estendeu a mão que não segurava o copo de uísque e agarrou-lhe o queixo. Instintivamente, ela tentou se libertar, mas ele apertou mais os dedos, obrigando-a a escolher entre ficar quieta ou fazer uma cena.

— Você é bem bonita. Como sua mãe, quando tinha a sua idade. Elizabeth continuou em silêncio, lutando contra o impulso de se afastar dele. Afinal, Gideon era seu tio e não estava fazendo nada de mais.

— Você sabe que vi sua mãe muito pouco, quando era solteira? Não nos deixavam ficar juntos.

— Como assim?

— Me mandaram para um colégio interno, e mesmo quando eu vinha, nas férias, não nos deixavam sozinhos. — Baixinho, quase que para si mesmo, Gideon acrescentou: — Isso foi coisa de Mari. Papai nunca pensaria nisso.

O veneno com que ele citou o nome da madrastra assustou Elizabeth. Não devia tê-lo deixado entrar.

— O fogo está morrendo — ela conseguiu murmurar, afinal. — Vou chamar o mordomo.

— Não precisa.

Abruptamente, Gideon soltou-a, voltando para junto do armário de bebidas. Estava se servindo de outra dose de uísque, quando Elizabeth se levantou e quase correu em direção à saída. Ele ainda se virou em tempo de vê-la abrir a porta.

— Vou ver se tia Mari está chegando.

— Não é preciso...

— Não me custa nada.

Elizabeth saiu para o corredor e fechou a porta atrás de si, suspirando de alívio. Era como se tivesse escapado de alguma coisa que não podia entender, mas contra a qual não tinha condições de lutar.

Refugiada em seu quarto, foi até a janela e viu Mari chegar, logo depois. Pensou em descer para avisá-la da presença de Gideon, mas lembrou-se de que o mordomo faria isso. O melhor era pegar um livro e ficar onde estava.

Mas o livro não conseguiu prender sua atenção. Ouvindo a porta da frente se abrir, correu para a janela e viu o tio sair com passos duros e apressados. Ao chegar à carruagem que o esperava, ele olhou por cima do ombro. Com medo de que ele a visse, recuou depressa, escondendo-se atrás das cortinas de renda branca. Só quando escutou a carruagem partir, soltou a respiração e tranqüilizou-se um pouco.

Depois de esperar o tempo suficiente para não parecer curiosa, Elizabeth voltou à sala de estar. Tia Mari estava lá, aparentemente tranqüila. Mas a sobrinha notou que tinha as faces coradas, indicação certa de zanga.

Sem nada dizer, Elizabeth caminhou até a lareira e atçou o fogo. Em seguida, foi se servir de uma generosa dose de sherry.

Havia vantagens em morar numa casa de população feminina.

Suas colegas, morando com os pais e os irmãos, não podiam nem

experimental bebidas alcoólicas. Já ela havia provado até uísque, ainda que às escondidas.

— Está tudo bem? — perguntou, entregando um copo de sherry à tia e indo se sentar diante dela.

Mari tomou um gole da bebida, antes de responder.

— Gideon esteve aqui.

— Eu sei. Mande o mordomo deixá-lo entrar. Fiz mal?

— Não teria feito a menor diferença, se quisesse impedi-lo de entrar. Ele é... decidido.

— Ele veio por algum motivo especial?

— Quer comprar os moinhos.

— E você vai vender?

— Claro que não. Mas ele não aceita a minha negativa. Alega que os outros proprietários de moinho também me querem fora do negócio.

Elizabeth não duvidava disso. Pagando mais e permitindo que seus operários trabalhassem menos, Mari conquistara a inimizade de todos os donos de moinho da região. Principalmente porque, contra as previsões deles, não tivera problemas de disciplina e a produção subira.

— Mesmo com o apoio dos outros donos, ele não pode forçar você a vender, pode?

Não. Mas pode criar dificuldades para mim. ;

Elizabeth gostaria de saber como, mas Mari mudou de assunto, antes que pudesse fazer perguntas.

— Recebi um bilhete de Emmeline Parkínson. Eia pretende apresentar a filha à sociedade, dentro de alguns meses, e queria saber o que estamos planejando para você.

Emmeline Parkinson era a mãe de uma das melhores alunas da escola da srta. Carter. Lá, Elizabeth tinha sido obrigada a ouvir, durante semanas, os planos maravilhosos para a apresentação da querida Josephine. Já estava mais do que cansada do assunto.

— Eu não quero nada, tia. Acho esse negócio de apresentação muito aborrecido.

Mari ergueu as sobrancelhas.

— É mesmo? Que pena! Eu estava louca para apresentar você a nossa sociedade.

Elizabeth sentiu um frio na barriga. Pelo que conhecia da sociedade de Boston, não seria bem recebida.

— Não é preciso.

— Pois eu acho que é. Você está aqui há um ano e logo vai completar dezessete anos. Está na hora de começar a fazer todas as coisas que uma jovem dama faz.

Lembrando-se dos bordados, Elizabeth meneou a cabeça.

— Eu não tenho jeito para essas coisas, tia.

Mari fitou-a. Com os cabelos alourados, corpo esbelto e feições fortes, porém femininas, Elizabeth não tinha idéia do próprio poder de atração. Nem sabia o quanto seu sotaque sulista, a risada cantante e os gestos naturalmente sensuais afetavam os homens. Por isso, e para evitar falatórios maldosos, seria melhor que seguissem todos os passos apropriados para uma moça de boa família.

— Amanhã, vamos até a minha costureira.

— Mas... e o seu trabalho, tia?

— Posso me dar ao luxo de faltar um dia. — Mari sorriu com alegria, dando à Elizabeth uma idéia da moça que fora, um dia. — Vai ser divertido, você vai ver.

Divertido?

Elizabeth podia pensar em outras palavras para descrever a caminhada sem fim atrás de tecidos, e as horas intermináveis, em pé, sendo espetada por alfinetes ou folheando revistas de moda. E o que era pior, fingindo pelo menos um mínimo de interesse.

Mari, no entanto, parecia estar se divertindo imensamente. Naquele momento, examinava mais uma peça de seda, passando-a por entre os dedos, para julgar a qualidade.

— Este tom de azul é lindo, mas não serve. Quero um tom que combine com os olhos de Elizabeth. Um tom ligeiramente acinzentado.

— Claro, madame. — Sem hesitar, a modista levou aquela peça e apresentou outra. — Acho que é isso que a senhora quer. Perfeita para um vestido de baile, enfeitado com rendas.

— Hum... Pode ser. Deixe de lado, que depois nós resolvemos. Elizabeth lançou um olhar para o relógio, na parede. Já estavam

no meio da tarde e só haviam tomado várias xícaras de chá, além de comer uns sanduíches minúsculos, oferecidos nas casas de moda. Mari podia estar satisfeita, no entanto ela precisava de algo mais substancial. Apesar de magra, tinha um ótimo apetite. Tentava refreá-lo em público, por não ser elegante, mas tudo tinha limite. Além disso, estava correndo o risco de ser humilhada por um ronco de seu estômago.

— O que você acha deste, meu bem? — Mari perguntou, mostrando um brocado rosa que poderia servir para saia de baixo.

— É bonito. Mas não acha que já vimos demais, tia Mari? Sei que papai é generoso, mas não quero que ele vá à falência por minha causa.

Mari e a modista trocaram um olhar surpreso.

— O que é isso, querida? Nós mal começamos. Ainda faltam as roupas de montaria, vestidos de passeio, roupas de baixo, sapatos, chapéus e uma infinidade de acessórios maravilhosos. Quanto ao seu pai, a soma que ele mandou é mais do que suficiente.

— Ah... que bom.

— Eu sei que você está cansada, mas esta parte não demora tanto assim. Depois, só vai ter que passar por isso quando for se casar.

Sem pensar, Elizabeth perguntou:

— Se eu me casar logo, posso usar as mesmas roupas? Mari ergueu as sobrancelhas.

— Por acaso você está com planos de se casar cedo?

— Não — Elizabeth admitiu. Pelo menos, não estava mais.

— Ainda bem. Você deve aproveitar bastante a sua liberdade, antes de pensar em se casar.

Elizabeth controlou-se para não dizer que, para ela, liberdade significava correr descalça pelos campos de Calvert Oaks, montar sua égua à maneira masculina e passar horas imersa em seus livros favoritos. Não tinha nada a ver com a sociedade de Boston, onde uma moça podia ser censurada

simplesmente por rir um pouco mais alto.

Ela se sentia mesquinha e ingrata por não dar mais valor às atenções de Man. Ainda assim, não podia deixar de desejar que sua apresentação à sociedade fosse em Calvert Oaks, onde estaria mais à vontade e seria melhor recebida.

A série de festividades, a começar no Natal, ofereceria às novas debutantes a oportunidade de verem e serem vistas. Em seguida, viriam os bailes de apresentação, que se estenderiam por toda a primavera. No verão, todo mundo que era “alguém” iria para um chalé em Newport ou para a Europa.

Na escola, não se falava de outra coisa. As garotas mais feias fingiam desinteresse, mas as outras exibiam uma boa dose de excitação, nem sempre disfarçada pelos modos frios que haviam aprendido em casa. Elas sabiam quem eram e o que se esperava delas. Coisa que Elizabeth não podia dizer, de si mesma.

Durante algum tempo, Elizabeth pensou em se reeducar para ser como as garotas da Nova Inglaterra. Tinha bom ouvido e facilidade para imitações. Sem esforço, poderia adquirir aquele sotaque agudo, meio duro. Mais difícil seria se lembrar de manter as mãos no colo, quando falasse. Quanto a esconder suas emoções sob um manto de fria civilidade, seria praticamente impossível. Quando estava feliz, exibia sua felicidade no sorriso radiante e nos brilhantes olhos azuis. Quando não estava, não conseguia esconder a tristeza, por mais que tentasse.

Foi essa sua espontaneidade que Drake Bennington notou, de imediato. Há um bom tempo ele a observava, indagando-se quem poderia ser aquela moça adorável, incapaz de disfarçar o quanto estava aborrecida. Ele não a vira em nenhuma das festas que sua família freqüentava, e ela não estava entre as amigas que suas irmãs costumavam trazer para casa. Mas tinha que ser de boa família, pois estava ali, no salão de baile dos Bennington, num vestido de veludo rosa, enfeitado com rendas, com os cabelos brilhantes penteados em caracóis e presos na nuca, e um cartão de danças pendurado ao pulso. Um grupo de rapazes a rodeava, disputando sua atenção. Ela os atendia polidamente, mas sem entusiasmo.

Drake sorriu, certo de que seria capaz de mudar a atitude da desconhecida. E a festa, a que ele viera sob protestos, ganhou um certo encanto.

Drake possuía a rara qualidade de transformar um dever desagradável em algo divertido. Aos vinte e um anos, acabava de se formar em Harvard, onde sua educação fora alternada com passatempos que sua mãe, sem dúvida, acharia chocantes. Além de ser dono da autoconfiança comum a todos que só conhecem privilégios, ele era alto, com o corpo de um atleta. Tinha as feições aquilinas, e a marca da aristocracia inglesa, que seus antepassados haviam adquirido como costumavam adquirir tudo: comprando.

Em troca de substanciais aumentos em suas contas bancárias, algumas casas nobres, porém empobrecidas, tinham fornecido noivas aos Bennington. Os frutos de tais uniões eram sempre mais refinados que os pais, mas nem por isso deixavam de ter a energia e a determinação que haviam construído um vasto império mercante, primeiro baseado na escravidão, depois, em armamentos.

Drake não era tolo. Sabia que levava uma vida que a maioria dos homens chegaria até a matar para ter. No entanto, isso não o impedia de viver insatisfeito. O problema começara na infância, quando, entre caixas de jogos e brinquedos, não conseguia achar um com o qual quisesse realmente brincar. Mais tarde, já estudante, descobrira outros prazeres, em certas casas de Cambridge. Prazeres que também haviam diminuído de intensidade, com o passar do tempo. Ele queria aventuras, quanto mais exóticas, melhor, antes de se entregar ao futuro planejado por seu falecido pai.

A garota, fosse ela quem fosse, dava a impressão de poder lhe proporcionar uma noite agradável, pelo menos. Com passos decididos, cruzou o salão e abriu caminho entre os rapazes que a rodeavam.

— Boa noite — cumprimentou, dirigindo-lhe o sorriso que nunca falhava com virgens e velhas senhoras.

No entanto, o que Elizabeth viu foram os olhos castanhos, emoldurados por cílios que fariam inveja a qualquer garota. Depois, notou os cabelos espessos e loiros, as feições nobres e os ombros largos, cobertos por um elegante casaco de noite. Foi quando esqueceu completamente os rapazes que a rodeavam.

— Boa noite — respondeu, baixinho. O sorriso masculino alargou-se.

— Você é sulista. Que maravilha! É a primeira vez que conheço uma belle. Ele estendeu a mão. Instintivamente, Elizabeth depositou nela a sua.

— Eu sou Drake Bennington. Deveríamos ter sido apresentados de um modo mais apropriado, e ainda podemos ser, se você fizer questão. Quer que eu vá atrás de alguém para nos apresentar?

Rindo, Elizabeth meneou a cabeça. Já se esquecera por completo do tédio de instantes atrás, entregue ao prazer do novo conhecimento.

— E sempre assim que costuma observar as formalidades,,gr. Bennington?

Sem dúvida. E estes rapazes são minhas testemunhas. — Ainda segurando a mão dela, ele se virou para os rapazes em volta. — Não é mesmo, amigos?

O grupo concordou, de má vontade. Tanto eles, quanto Drake pertenciam à mesma sociedade fechada. Com a diferença de que haviam crescido junto de pais que se lembravam claramente da própria juventude e não os deixavam andar à solta, como Drake estava acostumado a fazer. A reputação dele era de não ser muito escrupuloso, desde que conseguisse o que queria.

Certos de que não adiantava concorrer com Drake, o grupo de rapazes foi se dispersando, até deixar o casal sozinho. Sem nada dizer, os dois se fitaram. O ar parecia vibrar e Elizabeth sentiu-se estranhamente atordoada.

— Você ainda não me disse o seu nome — ele murmurou, afinal.

— Elizabeth... Elizabeth Calvert.

Drake não reconheceu o sobrenome. Talvez ela fosse parente pobre de algum conhecido, que generosamente a apresentara à sociedade. Nesse caso, uma relação ilícita seria possível. Senão...

— Como foi que nunca nos encontramos antes?

— Eu não estive em muitas festas. Esta é uma das primeiras. Estou sendo apresentada à sociedade.

Ele sorriu, os dentes muito brancos brilhando à luz dos candelabros.

— Você fala como se isso fosse uma infelicidade.

— Eu achei que era. Até agora.

Drake respirou fundo. O olhar dela, combinando a sensualidade de uma mulher com a inocência de uma menina, fez seu corpo enrijecer.

Ah, fosse a srta. Elizabeth Calvert quem fosse, pretendia conhecê-la muito melhor!

A orquestra iniciou uma valsa. Ele se inclinou diante dela.

— Posso...?

— É uma pena, mas já prometi esta dança. Não me lembro do nome dele, mas...

— Não tem importância. Depois, eu explico a ele.

Elizabeth não sabia se isso era correto. Na Virgínia, não seria, podendo até resultar numa briga entre os jovens cavalheiros sulistas. Mas tudo era diferente, no Norte.

— Está certo...

Os dois dançavam bem, juntos, como se já tivessem feito isso milhares de vezes. Drake envolvia a cintura de Elizabeth com uma das mãos, enquanto com a outra segurava-lhe os dedos, apertando-os de leve. Ele era alto o bastante para fazer com que ela se sentisse protegida por sua força e tamanho.

Elizabeth não tinha noção dos olhares que atraíam, mas Drake estava plenamente consciente de cada um deles. Ao que parecia, os outros convidados não aprovavam a linda criatura em seus braços. Tanto melhor. E ele quase riu, pensando no quanto poderia se divertir com ela.

Quando a música terminou, Drake levou Elizabeth para a mesa de frios e bebidas, segurando-lhe o braço com ar de proprietário. Tomaram ponche, enquanto ele a encorajava a falar de sua vida, na Virgínia. Apesar de já estar em Boston há um ano, ela ainda sentia falta de casa.

— Você tem saudade da sua família, não é? — ele perguntou de repente, com uma gentileza proposital.

— Tenho, sim. Tia Mari é muito boa para mim, mas eu ainda não consegui me adaptar a Boston.

O que era ótimo, na opinião do rapaz. Ele estava cansado das garotas certinhas de Boston, que as mães ambiciosas sempre davam um jeito de colocar em seu caminho. Em Elizabeth, ele vislumbrava o calor das noites sulistas e a lânguida sensualidade de um mundo diferente. Sensualidade que ainda permanecia em estado latente, à espera de alguém que a fizesse despertar.

Pensando na recompensa que teria, se fosse o homem a despertar a paixão de Elizabeth, Drake sentiu seu corpo enrijecer novamente. Ainda bem que suas calças tinham sido feitas num estilo um pouco mais solto. Senão, a inocência dela sofreria um forte abalo.

Um sorriso de prazer iluminou seu rosto, quando considerou o que seria tirar a virgindade de Elizabeth Calvert. Ele nunca possuía uma mulher inexperiente, antes. Sempre achara que isso lhe traria mais problemas que alegrias. Mas estava rapidamente mudando de opinião.

— Essa tia Mari que você mencionou... Ela está aqui, esta noite?

— Está, sim. Mas foi se deitar um pouco, por causa de uma dor de cabeça.

— Elizabeth correu os olhos pelo salão. — Ah, lá está ela!

Drake seguiu a direção do olhar feminino e respirou fundo. Mari

Mackenzie. Não a conhecia pessoalmente, mas sabia que herdara a fortuna do marido, derrotara o enteado no tribunal e assumira as rédeas de um império financeiro que poucos homens tinham condições de dirigir. Em princípio, não aprovava as atitudes dela, mas era astuto demais para não perceber que ela seria uma inimiga formidável, em qualquer circunstância. Assim, uma ligação ilícita estava fora de questão.

Dando o braço a Elizabeth,' Drake fitou-a com atenção. Como companheira de cama, ela seria ótima — depois do treinamento certo. Quanto a dar à luz, talvez encontrasse dificuldade. Mas ele não dava tanta importância assim a seu dever de providenciar a próxima geração de Bennington. Era uma obrigação igual a tantas outras que tinham sido incutidas em sua mente, desde a infância. E nisso, como em tudo, seguiria sua própria inclinação.

Capítulo V

APESAR DA DETERMINAÇÃO DE Drake, cortejar Elizabeth virou uma operação tão lenta, que o mantinha perpetuamente num estado misto de frustração e raiva. Pela primeira vez em sua vida, ele desejava algo que não caíra prontamente em suas mãos. Por culpa de Mari. Bastara um olhar, aquela noite, para que ela deduzisse o que se passava em sua mente.

Sem dúvida, o herdeiro dos Bennington seria uma excelente conquista. Mas só depois que sua arrogância fosse temperada com uma boa dose de humildade.

— Elizabeth é tão jovem — ela comentou uma tarde em que ele passou por lá, depois de informar que o alvo de suas atenções estava fora, descansando no campo, em casa de amigos da família. — Eu me preocupo muito com o fato de ela freqüentar a sociedade, sem estar realmente pronta para isso.

— Ela vai completar dezoito anos — Drake rebateu, aceitando um cálice de sherry, que colocou sobre a mesa sem provar. Tomaria uma boa dose de uísque, assim que fosse possível. No momento, era mais sensato manter a cabeça clara.

Erguendo os olhos, ele não pôde deixar de admirar a serenidade de sua anfitriã. Todos sabiam que Gideon Mackenzie estava trabalhando para arruiná-la.

Ela também devia saber, no entanto estava ali, como se não tivesse nada com que se preocupar, a não ser o bem estar da sobrinha.

— Desde criança, Elizabeth sempre foi muito protegida. Considero meu dever continuar a protegê-la tanto quanto o pai e o irmão fariam, se estivessem aqui.

— Sem dúvida — Drake murmurou.

Lá fora, o inverno começava a ceder lugar à primavera. Pela janela aberta da sala de estar vinha o cheiro de terra úmida e ar marinho. Ele estava inquieto. Precisava de alguma atividade física que o deixasse exausto, para poder dormir pelo menos uma noite sem sonhar com Elizabeth.

Era ridículo o modo como Elizabeth o assombrava. Precisava estar sempre se lembrando de que ela não passava de uma garota inexperiente. Nem as visitas aos melhores bordéis de Boston o tinham ajudado. Se conseguia saciar seu desejo, era só para vê-lo renascer com mais força ainda, quando a via.

Insatisfeito, Drake ajeitou-se melhor na cadeira e tentou prestar atenção ao que Mari dizia.

— Ontem, recebi uma carta da mãe de Elizabeth. Não sei se lembra, mas eu lhe contei que Sarah e eu sempre fomos muito amigas. Você não imagina o quanto fiquei contente por poder lhe dizer que Elizabeth está mais feliz, na escola. Algumas meninas têm se esforçado muito para ajudá-la a se adaptar.

Drake concordou, distraído. Sabia muito bem por que as meninas estavam tão amáveis. O fato de estar cortejando Elizabeth abria as portas da sociedade para ela.

— Ela vai se diplomar logo — ele lembrou a Mari. E a si mesmo. Estar

cortejando uma garota de escola, por mais bonita que fosse, era bem embaraçoso.

— Ela tem falado em continuar na escola por mais um ano, para aperfeiçoar o francês. Está ficando muito boa, nessa língua.

O rapaz ergueu a cabeça, abruptamente. Era a primeira vez que ouvia falar nisso. Mais um pouco e Elizabeth estaria falando em ir para uma daquelas malditas faculdades femininas.

— Se é francês que ela quer falar, o melhor é ir para a França.

— Concordo plenamente! Mas não vou conseguir a permissão do pai dela. Ele já acha Boston longe demais.

Mari nunca tocara nesse assunto com Philip, mas, se estava mentindo, era por uma boa causa.

Drake reclinou-se na poltrona, cruzando as pernas. Suas calças eram perfeitas, e o nó na gravata Windsor, impecável. Tinha uma aparência jovem, viril e extremamente segura de si.

— Nem mesmo se ela for em lua-de-mel? — perguntou, suavemente.

Se ele esperava causar surpresa, ficou-desapontado. Mari limitou-se a sorrir e oferecer-lhe um pratinho de sanduíches.

— Quanto a isso, não sei. É claro que dependeria do homem com quem ela se casasse.

— Sem dúvida. Sra. Mackenzie, acho que já está na hora de termos uma conversa franca.

— Pois não...

— É minha intenção pedir Elizabeth em casamento. Esperei até agora, porque achei que ela devia ter sua festa de apresentação à sociedade.

— Foi muita consideração da sua parte. Quando ela souber disso, na certa vai ficar muito contente.

— E vai aceitar o meu pedido? Mari ergueu uma das sobrancelhas.

— Não é possível que tenha dúvidas a esse respeito!

Drake pensou em fingir que tinha e pedir a ajuda dela, mas Mari Mackenzie era muito esperta para acreditar nisso.

— Não — admitiu. — Acho que ela vai aceitar o meu pedido.

— Elizabeth está muito... encantada com você.

Só podia estar, depois do cerco cuidadoso que ele mantivera. Nunca se dedicara tanto a uma mulher. Desde o começo, fora atencioso e gentil, trazendo-lhe presentes simples mas bem escolhidos. Como um buquê de lírios brancos, raríssimos no inverno. Um livro de seus poemas favoritos, que mandara imprimir especialmente para acabar com o medo que sentira nela, de que ele não aprovasse seu desejo de aprender. Não que ele aprovasse. Em seguida viera um encantador gatinho persa, com uma coleira cravejada de brilhantes, para fazê-la pensar nas jóias que receberia, quando fosse dele. Tentara imaginar todos os sonhos de uma garota para poder satisfazê-la. Em grande parte, conseguira.

Elizabeth vivia envolta por uma nuvem de felicidade. Na escola, suas notas haviam melhorado muito, e ela fora aceita pelo círculo mágico de garotas que eram líderes em tudo. Em casa, era mimada por Mari e pelos criados, encantados com sua juventude. Com ele, sentia-se protegida, valorizada e enfeitada pela promessa de um futuro que a fazia tremer de ansiedade.

Drake sabia o quanto ela era excitável e só queria levar esse excitamento à conclusão natural. Coisa que já teria feito, se não estivessem praticamente o tempo todo acompanhados.

— A senhora não falou nada contra os meus planos. Quer dizer que aprova o que tenho em mente?

Não é da minha aprovação que você precisa. É da de Philip Calvert.

Ele sempre soubera disso e não tinha dúvidas de que conseguiria impressionar bem um simples plantador de algodão. Afinal, os Bennington eram ricos e muito bem posicionados na sociedade.

— Então, vou ter que ir à Virgínia.

Seria aborrecido, mas poderia fazer a viagem de trem. Não levaria mais do que alguns dias.

— Não vai ser preciso. — Mari cruzou as mãos no colo, dirigindo-lhe outro daqueles sorrisos tranquilos. — Elizabeth ainda não sabe, porque eu queria lhe fazer uma surpresa, mas Sarah e Philip vêm para o baile de apresentação dela. Chegam a semana que vem.

Em seus momentos de melhor humor, Drake era capaz de admitir que não era tão ruim assim ser tomado de surpresa pelo futuro sogro. Philip Calvert representava um obstáculo que não previra, mas que com certeza tinha condições de vencer. O sujeito deixara claro que não confiava nele, apesar de tratá-lo com toda cordialidade. Era um homem esperto, duro e decidido, que parecia saber muito bem o que o atraía em Elizabeth e não estava contente com a situação.

Mas Drake tinha certeza de que o conquistaria, no fim. Pensar em outra possibilidade estava completamente fora de questão.

Sarah Calvert, por outro lado, era a imagem da graça feminina. Ela o aceitara sem restrições, levando-o a se abrir mais do que pretendia, em suas conversas, e encantando-o com a visão do que Elizabeth na certa viria a ser, no futuro. Se ela era um exemplo do que acontecia às mulheres nortistas, quando iam para o Sul, ele só podia achar que um estágio por lá deveria ser obrigatório para as moças do Norte.

Até a mãe de Drake, a extraordinária Abigail Bennington, acabou bem impressionada pelos Calvert. Quando o filho lhe falou pela primeira vez em oferecerem uma recepção a eles,, ela foi absolutamente contra. Que Drake estivesse passando todo o tempo livre com aquela garota sulista era ruim, mas querer homenagear os pais dela era demais. Sem dúvida, os pensamentos dele estavam tomando uma direção perigosa e teriam que ser prontamente mudados. Ela não passara anos e anos dedicando-se à educação do único filho, para vê-lo fazer um casamento que não fosse pelo menos glorioso.

Abigail pensou, a princípio, que não seria difícil fazê-lo mudar de rumo. Bastaria a promessa de um novo cavalo de corridas ou, talvez, de uma viagem à Europa. Só que nada funcionou.

— Sinto muito, mamãe, mas acho melhor a senhora conhecer os Calvert — Drake lhe disse, sem rodeios. — Todos eles, inclusive Elizabeth.

— Certamente, uma garota encantadora — ela murmurou, servindo o filho de outra xícara de chá. Ambos estavam na saleta de estar, fazendo a primeira refeição do dia. — Lembra muito aquela dançarina adorável por quem Freddy Ambruster se apaixonou, alguns anos atrás.

Drake não gostou do comentário.

— Se a senhora acha isso engraçado, mamãe, eu não acho. Elizabeth pode ter sido criada de um modo diferente do nosso, mas eu lhe garanto que é tão bem educada quanto qualquer uma de minhas irmãs.

Para dizer o mínimo. Na noite anterior, num jantar dado por Mari, ele se mostrara encantado com a pequena porção dos seios de Elizabeth, que o vestido deixava à mostra. Até perceber o olhar ameaçador que Philip Calvert lhe dirigia. Quando as damas saíram, deixando-os a sós para tomarem um cálice de vinho do porto, Philip havia mencionado, casualmente, que estavam separando os bezerros que seriam castrados, na fazenda dos Calvert. Não fora preciso mais, para ele entender a mensagem.

— Eu sei que ela é uma dama — Abigail contornou, refletindo se não seria melhor chamar um dos criados para abaixar as persianas das janelas. Estava ficando com uma tremenda dor de cabeça. — Sabe quem eu vi outro dia? Esme Davenport. Uma garota adorável, de excelente família.

— Mamãe, nós estávamos falando de uma recepção para os Calvert.

Abigail fitou o filho. Ele estava muito bonito, bronzeado e com aquele ar de saúde que só se consegue passando boa parte do tempo ao ar livre. Vendoo, ninguém diria que visitava com tanta frequência bordéis e casas noturnas de jogos. Ela sabia, é claro, e em certa ocasião até pensara em falar com ele, mas depois desistira.

— Às vezes você me lembra tanto o seu pai — comentou, com um tom gelado na voz.

Drake não cometeu o erro de achar que estava sendo elogiado. Pelo retrato do pai, que dominava o saguão de entrada, sabia que se parecia muito com ele. E não era só fisicamente. Por trechos de conversas que ouvira aqui e ali, descobrira que o casamento de seus pais fora baseado puramente em interesses financeiros. Eles haviam partilhado a mesma cama, o tempo suficiente para terem cinco filhos. Na certa sem o menor prazer, da parte de sua mãe. Ao contrário de muitas madames de bordéis, que se lembravam de seu pai com saudade e por isso lhe dispensavam favores especiais.

Acho que se papai ainda fosse vivo, daria sua inteira aprovação a Elizabeth.

Na verdade, ele provavelmente teria de lutar, para impedir o pai de tomar a moça para si.

Abigail apertou os lábios, mas não perdeu a pose.

— Naturalmente, faremos o que você deseja, Drake. E o chefe desta família.

Ainda que apenas de nome. Aos vinte e um anos, ele entrara na posse de um substancial fundo monetário, que o deixara independente, do ponto de vista financeiro. Abigail, no entanto, continuava a exercer seu poder, não só em Boston, como em qualquer lugar da região onde houvesse algo parecido com uma sociedade. Se ela resolvesse manifestar sua desaprovação a Elizabeth, ninguém teria coragem de contradizê-la.

— Por favor, mamãe, não fique assim. Afinal, a senhora não queria que eu constituísse família?

— Queria, mas com a mulher certa.

— A senhora vai gostar de Elizabeth, eu lhe garanto. Abigail duvidava, mas sua primeira impressão da garota não foi o que esperava. Elizabeth lhe pareceu quieta, até mesmo tímida, sem nada do exagero que associava às

mulheres sulistas. O que a levou a achar que talvez pudesse manejá-la facilmente.

— Conte-me tudo a seu respeito, minha querida — disse, quando ela e Elizabeth foram formalmente apresentadas, um dia antes do baile.

As duas estavam sentadas na sala de visitas de Abigail, rodeadas pelo resultado dos saques cometidos por pelo menos seis gerações de Bennington. Vários desenhos de Rembrandt e um óleo de Constable enfeitavam as paredes. Esculturas raras de jade, da dinastia Ming, estavam em exposição sobre uma mesa Luís XV, com tampo de mármore. O tapete era persa, feito no século XVI. E as xícaras em que tomavam chá, tão finas que quase chegavam a ser transparentes, eram Meissen.

— Não há muito o que contar — Elizabeth respondeu.

Ela se assustara ao receber o convite para tomar chá com a mãe de Drake, e agora via que sua preocupação era mais do que justificada. Sentia-se como se estivesse na presença de uma ave de rapina, de bico e garras afiadas.

— Fui criada em Calvert Oaks. Há um ano e meio, saí de lá e vim para Boston, estudar na academia da srta. Carter.

— Onde se deu muito bem, pelo que ouvi dizer.

— No começo, não. Mas depois passei a gostar muito da academia.

— Pena que você tenha se formado, então.

Realmente, Elizabeth se formara dois dias atrás. Mas não estava satisfeita, pois mal arranhara a superfície do que desejava aprender. Sentia a vontade de continuar os estudos crescer cada vez mais. Nada disse, no entanto, para que Abigail não pensasse que queria continuar em Boston, por causa de Drake.

— Drake tem sido muito gentil comigo — murmurou. — Ele me apresentou a muita gente e me levou a muitos lugares.

Abigail engoliu um comentário sarcástico sobre a gentileza do filho. Na sua opinião, Elizabeth estava tentando mostrar uma ingenuidade que não tinha.

— Meu filho é um rapaz muito decidido.

— Só pode ser, com a posição que ocupa.

Então, a garota sabia muito bem o que significava ser um Bennington!

— Isso tudo deve ser muito estranho para você, não é? — comentou. E diante do olhar interrogativo de Elizabeth, esclareceu: — As festas, as casas tão grandes, as roupas tão bonitas...

Para sua surpresa, um leve sorriso surgiu nos lábios da garota. Que estava muito bem vestida, era obrigada a reconhecer. Na certa, graças à influência e generosidade de Mari Mackenzie.

— Nós também temos festas na Virgínia, embora não sejam tão boas quanto antes da guerra. Quanto as casas daqui, são bonitas, mas nenhuma é tão grande quanto a de Calvert Oaks. Tivemos muita sorte. Nossa casa não foi saqueada nem queimada pelos ianques. Aquela mobília linda, trazida da França e da Inglaterra no início do século, não foi danificada. E mesmo atravessando tempos muito duros, conseguimos conservar os quadros e a prata da família. Além da porcelana que minha bisavó trouxe, quando se casou com meu bisavô.

— Mas que bom... — Abigail tomou um gole do chá, tão depressa, que quase engasgou. — Nunca estive no Sul, mas pensei que tivesse ficado

arrasado pela guerra.

— Houve muita destruição, e ficar sem a mão de obra escrava foi um problema sério. Eu me lembro que meu pai costumava trabalhar o dia inteiro, arando e plantando junto com os poucos trabalhadores que tinha, no esforço de obter uma colheita. Nós precisamos pagar os impostos, senão perderíamos nossas terras.

— Que... homem esforçado, o seu pai.

— A herança deixada pelo vovô Mackenzie ajudou muito, mas antes disso a fazenda já estava se levantando. Hoje em dia, papai investe em muitas coisas, inclusive na criação de cavalos vacas de raça.

— Eu não sabia que sua mãe havia herdado...

— Herdou, e uma soma bastante grande. Que foi muito bem aplicada.

Abigail tinha os pensamentos em polvorosa. Estivera tão certa de que Elizabeth Galvert só queria o dinheiro de seu filho, que nem se preocupara em investigar a situação financeira da família dela. Um erro que teria que ser corrigido, e logo.

— Estou tão contente por termos tido a oportunidade de conversar um pouco, minha querida! — exclamou, colocando sua xícara de chá sobre a bandeja e estendendo a mão para pegar a de Elizabeth. — Mal posso esperar pelo seu baile, amanhã. Tenho certeza que você estará linda!

— Obrigada.

Depois das despedidas, Elizabeth foi acompanhada até a carruagem pelo mordomo. Mas só quando estava segura, no interior do veículo, cedeu à vontade de sorrir. Abigail Bennington não era tão difícil, assim. Podia ser dura, mas isso só tornaria seu relacionamento mais interessante.

Na manhã de seu baile, Elizabeth acordou cedo. Estava feliz com os acontecimentos incríveis que a vinham surpreendendo. Sua vida mudara, e para melhor. Parecia-lhe que um século se passara, desde que deixara Davey e Calvert Oaks. E fora em outra vida que havia. se desesperado, pensando que jamais se sentiria bem em Boston. Naturalmente, continuaria a sentir saudades da Virgínia, mas não da mesma forma que antes.

Nesse ponto, seus pensamentos voltaram-se para Drake. Às vezes, chegava a duvidar que ele existisse. Ele era a realização de seus sonhos mais românticos. Bonito, forte, audacioso e com um traço de rebeldia tão grande quanto o que existia em seu íntimo. Sem dúvida, tinham sido feitos um para o outro.

Ela tomou o café na cama, servida por Polly, que lhe trouxe uma bandeja com mingau de aveia, torradas, ovos mexidos e presunto.

— Eu não vou comer tudo isso — protestou, recostando-se nos travesseiros.

— É melhor tentar, senhorita. Vai precisar de muita energia, esta noite.

Elizabeth não demorou a entender o que a criada queria dizer. No meio da manhã, chegou o cabeleireiro, acompanhado por uma manicure e uma massagista. De roupão, rosada pelo longo banho que tomara, ela suportou o exame atento do homem,

— Acho que posso fazer alguma coisa — ele deu seu veredicto, afinal.

— Deixe de história, Félix — Mari censurou-o. — Você sabe muito bem que ela é um encanto. Só precisa de alguns cuidados.

Dramaticamente, Félix suspirou.

— Ah, madame, se fosse tão simples! A mademoiselle, apesar de ser um encanto, é uma menina, e eu suponho que ela queira parecer uma mulher, esta noite.

— Mas você precisa ser sutil, Félix. — Mari sorriu. — O que não há de ser problema. Afinal, a sutileza sempre foi o seu ponto forte.

Apaziguado, o homenzinho começou a expor seu material de trabalho.

— É uma questão de possibilidades, madame. De enxergar o que pode emergir da crisálida. Sua sobrinha tem que se transformar numa borboleta.

Havia muita coisa a ser feita, antes de ser rompido o casulo e a borboleta aparecer. Para começar, Elizabeth foi instruída a tirar o roupão e deitar-se na cama, protegida por um biombo. Uma enorme senhora sueca socou-a, então, até quase reduzi-la à geléia. Quando a massagem acabou, estava tão mole que mal conseguia se manter em pé.

Félix deu-lhe alguns minutos para se recuperar e tomar uma xícara de chá, mas aproveitou o intervalo para lhe falar dos danos que o café e o chocolate podiam causar a sua compleição. Isso feito, a manicure atacou.

Quando criança, Elizabeth costumava roer as unhas. Com o passar dos anos, conseguira superar o hábito, mas nunca se acostumara a cuidar das mãos como deveria, freqüentemente se esquecendo até mesmo de passar nelas um creme.

Vendo com o que teria de trabalhar, a manicure não se conteve e ergueu os olhos para o céu. Imediatamente, Félix se aproximou.

— Isso não pode ser, mademoiselle. Suas mãos parecem as de um garotinho. E um garotinho mal comportado!

Elizabeth fez o possível para assumir um ar de culpa, mas por dentro estava queimando de raiva.

Que importância podia ter a aparência de suas mãos? Ou o quanto sua pele era macia? Continuava a ser a mesma pessoa de antes, e isso sim, devia ser importante.

Só que não era, e ela sabia disso. Os homens davam valor a coisas como pele macia, mãos bem cuidadas e corpos flexíveis. Como queria agradar a Drake, também precisava dar valor a isso.

Quando suas unhas já estavam pintadas de um rosa suave e suas mãos haviam sofrido copiosas aplicações de creme, Félix começou a trabalhar. Primeiro, ordenou que seus cabelos fossem lavados e enxaguados com limão, depois secos com uma toalha de seda. Isso feito, fez com que ela se sentasse diante da penteadeira, recuou alguns passos e estudou-a com ar crítico.

— Mademoiselle tem cabelo demais.

— Então, fica melhor longo, não é?

— Bien sûr, mas não tão selvagem. Olhe aqui, está vendo estas pontas?

— O que têm elas?

— Estão abertas.

Elizabeth abaixou a cabeça, como se estivesse envergonhada, e ele continuou:

— Têm de ser cortadas.

Antes que ela pudesse abrir a boca, o francês pegou a tesoura e começou a cortar daqui e dali. Cachos e mais cachos cor de caramelo foram caindo sobre o lençol que Polly tivera o cuidado de estender no chão. Elizabeth fechou os olhos. Estava com um medo terrível que Félix fizesse parte de um plano

para desgraçá-la diante de toda sociedade de Boston. Ele já dissera que tinha as mãos de um garoto. Agora, ficaria com os cabelos de um, também.

De repente, ela sentiu o cheiro de alguma coisa quente e seca. Abriu os olhos e viu o ferro de encrespar sendo aplicado a seus cabelos, com um descuido que lhe pareceu total. E o processo se alongou, com seus cabelos sendo puxados para cá e para lá, Félix falando consigo mesmo e o ferro chiando no ar. Afinal, tudo acabou.

— E então? — o francês perguntou. — Não vai olhar?

Elizabeth abriu os olhos devagarinho, fitando o espelho. Lá estava uma garota estranha e, ao mesmo tempo, bastante familiar. Parecia uma fada, com alguns cachos leves suavizando a linha da testa, e o resto dos cabelos retorcidos e presos na nuca, expondo a vulnerabilidade de seu pescoço. Estava elegante, feminina e linda!

— Ficou maravilhoso!

— Claro que ficou. — Félix começou a reunir seus instrumentos de trabalho. — É uma criação minha, não é?

— Vai... vai durar?

— A noite toda, se não sair por aí, pulando como um macaco. Depois, não se esqueça de escovar os cabelos, antes de dormir. Com escovadelas, entendeu? E amanhã, é só fazer tudo de novo.

— Todos os dias?! Isso tem que ser feito todos os dias? O francês franziu a testa.

— O que imaginava, mademoiselle^ A beleza tem seu preço. — Com a ponta do indicador, ele arrumou um dos cachos que lhe emolduravam a testa. — Mas agora que está mais curto, não vai levar tanto tempo. Meia hora, mais ou menos. O único cuidado é aparar as pontas, todos os meses.

Meia hora todas as noites e todas as manhãs, tendo os cabelos puxados, torcidos e encaracolados. Mais o ritual do banho, das unhas e das mãos. Para não falar na massagem, que ela torcia, com fervor, para não ter de suportar com muita frequência. Como Félix dissera, a beleza tinha seu preço. Só restava saber se seria um preço justo.

Drake assobiava ao vestir o casaco de noite, ajudado por seu criado de quarto. Grande parte de seu bom humor devia-se à conversa que tivera com a mãe, algumas horas antes.

Não era sempre que Abigail Bennington admitia estar errada, e ela quase havia chegado a esse extremo. Descobrir que os Calvert estavam muito bem de vida, apesar de não serem tão ricos quanto os Bennington, operara uma formidável mudança de opinião. Ainda assim, não deixara de comentar que um cavalheiro sulista, para sair da guerra em tão boa situação financeira, sem dúvida não possuía muitos escrúpulos. Tendência que a filha podia ter herdado.

Drake logo dera um fim a essa linha de raciocínio.

— Se a senhora estiver certa, mamãe, Elizabeth tem todos os requisitos para se tornar uma Bennington. Afinal, nós também nunca fomos muito escrupulosos.

— Francamente, Drake! As coisas que você fala!

— É a pura verdade, mamãe.

— Ouça bem o que eu lhe digo: essa garota ainda vai lhe dar mais trabalho do que espera.

— Mais alguma coisa, senhor? — o criado perguntou, interrompendo os pensamentos do patrão.

Drake meneou a cabeça, sorrindo.

— Não precisa me esperar de pé, Fitzhugh. Vou chegar tarde.

— Está bem, senhor.

Ainda sorrindo, Drake pegou a caixa de veludo, que colocara sobre a cômoda, e saiu. A noite primaveril estava quente e perfumada, o que o fez decidir ir caminhando até a avenida Commonwealth. Assim, teria tempo para planejar melhor o que pretendia fazer.

Foi com passos leves que chegou à casa dos Mackenzie. O local estava inundado de atividade, com carruagens disputando lugares a porta, para que seus donos, ricamente vestidos, pudessem descer. Pelas janelas francesas, iluminadas por lampiões a gás, vinha o som de músicas magistralmente executadas. Vários amigos o cumprimentaram, e em grupo ele entrou no saguão onde Elizabeth recebia os convidados, na companhia da tia e dos pais.

Drake trocava palavras brincalhonas com um antigo colega de escola, quando a viu. Interrompendo o que dizia, olhou-a fixamente. Sempre soubera que ela era um encanto, mas a visão que tinha diante de si era muito mais que isso.

Elizabeth parecia envolta por uma aura brilhante de luz. Era pura perfeição, não com o encanto meio infantil a que já se acostumara, mas com a beleza radiante de uma mulher cheia de sensualidade.

Vagamente, Drake notou os detalhes superficiais da aparência feminina e entendeu como o afetavam. O vestido de Elizabeth fora feito de acordo com o estilo mais recente, enfatizando-lhe a curva dos seios, a cintura esbelta e os quadris deliciosamente arredondados. Os braços e os ombros estavam nus, e a pele delicada brilhava como alabastro, à luz artificial. Em volta do pescoço, ela usava uma fita de veludo, cravejada de brilhantes, no mesmo tom azul escuro do vestido.

Mas tudo isso, por mais bonito que fosse, não era nada, comparado aos olhos brilhantes e à boca úmida de Elizabeth. Ela era uma mulher prestes a descobrir a própria sensualidade, e Drake não conteve um suspiro profundo. De repente, estava com ciúmes de todos os homens que pudessem vê-la. Queria tomá-la nos braços e levá-la para longe, marcando-a como sua. Sua, e para sempre!

Só que ele estava em Boston, onde tais atitudes eram reprovadas. Especialmente se envolvessem jovens damas, rodeadas pelo carinho e proteção de suas famílias.

— Boa noite, senhor — Drake cumprimentou, curvando-se diante de Philip Calvert.

Philip inclinou a cabeça.

— É um prazer tê-lo conosco, Drake.

— Sem dúvida — afirmou Sarah, estendendo-lhe a mão. — E sua mãe?

— Ela vem com alguns amigos. Já deve estar chegando. Drake cumprimentou Mari, que não escondeu a satisfação ao ver o quanto ele estava corado. Só então voltou-se para falar com Elizabeth. Ela pousou a mão de leve na sua, e ele se inclinou. Sua intenção era beijá-la da forma mais apropriada possível, mas algo fez com que mudasse de idéia. Sem tirar os olhos dos dela, virou a mão feminina e beijou-a na palma. Foi um gesto rápido, mas ele teve a

satisfação de vê-la corar, entreabrindo os lábios numa suave exclamação de surpresa.

- Você está linda.
- Obrigada.
- Guarde as valsas para mim.
- Todas?!

Drake fez um gesto afirmativo, beijou-lhe a mão de novo desta vez da forma apropriada, e desapareceu em meio à multidão.

Capítulo VI

ELIZABETH NÃO GUARDOU todas as valsas para Drake. A primeira, dançou com o pai. Muitos homens não seriam capazes de segurar seu par graciosamente com apenas um braço, mas este não era o caso de Philip. Pai e filha deslizaram sozinhos pela pista, sob os olhares de admiração de parentes e amigos.

Drake não conseguia tirar os olhos de Elizabeth. Vendo-a sorrir para o pai, com o rosto cheio de prazer, prometeu a si mesmo que ela ainda o fitaria daquele jeito.

Mas quando, afinal, ele a teve nos braços, ela o olhou com reserva, como se não soubesse ao certo se fora ou não vítima de uma caçoada, ao ser cumprimentada daquela maneira tão diferente. Nas outras vezes em que haviam dançado juntos, Drake não tivera dificuldade em manter a conversa leve, que era considerada certa para a ocasião. Mas tudo mudara. Ele tinha muitas coisas para dizer, porém nenhuma apropriada para o meio de uma pista de danças, observado por toda a sociedade de Boston e redondezas...

Num dos lados do salão, Philip e Sarah Calvert vigiavam cada gesto seu e da filha com cuidado. No outro extremo, sua mãe conversava com um velho juiz, mas Drake não tinha a menor dúvida de que seguia, com olhos de lince, tudo que se passava entre ele e Elizabeth.

Eles precisavam de privacidade, decidiu. Mas conseguir isso em meio àquela multidão, ia exigir muita habilidade.

Drake tinha uma expressão tão séria, que Elizabeth chegou a achar que estava zangado com ela. Mal lhe dirigira uma palavra, desde o início da dança. E agora olhava a todo instante para as janelas francesas, como se quisesse escapar.

Se ele não queria sua companhia, havia muitos rapazes que queriam. Seu cartão de danças tinha sido preenchido num tempo recorde, e ela, muito tola, havia reservado todas as valsas, menos a primeira, para o ingrato. Se ele continuasse se portando daquele jeito, teria de lhe dizer que não precisava mais dançar com ela.

Elizabeth estava a ponto de fazer isso, quando a música acabou. Em meio ao aplauso que se seguiu, Drake inclinou-se em sua direção, murmurando:

— Encontre-me nos jardins, dentro de meia hora.

— Claro que não!

Que idéia a dele, tentar marcar um encontro com praticamente toda a sociedade de Boston olhando!

Sem se mover do centro da pista, ele a fitou com uma ponta de indignação.

— Como assim?! Claro-que não, o quê?

— Eu não vou. Esta é a minha festa, e eu tenho certas responsabilidades.

— Pelo amor de Deus!

— Não blasfeme.

— Não me diga que você vai ser esse tipo de esposa.

— Que tipo de... esposa?

— Agora, você vai me encontrar nos jardins? Elizabeth assentiu, os olhos arregalados.

— Acho que posso dar um jeito.

Ela vai me dar trabalho, Drake pensou, com um sorriso de satisfação, enquanto esperava debaixo de umas cerejeiras.

As garotas bem educadas de Boston não demonstravam suas emoções no meio de uma pista de danças. Na maioria dos casos, exprimiam seu desprazer com a frieza que sempre fora a arma principal de sua mãe, e isso ele desprezava. Era muito melhor ter uma rebelde por esposa. E domá-la.

O ruje-ruje de seda contra seda traiu a presença de Elizabeth. Drake voltou-se em tempo de vê-la descer cautelosamente a escadaria do terraço, parar e olhar ao redor. De propósito, ele havia se colocado nas sombras e não podia ser visto de lá.

— Elizabeth, aqui!

Ela levou um susto, mas, depois, segurou as saias e caminhou até onde ele estava.

— Não posso ficar muito, que vão sentir a minha falta.

Drake puxou-a para junto de um velho chorão, cujos galhos formavam uma verdadeira cortina em volta deles. Naquele mundo escuro, úmido e verde, onde só se ouviam os sons de criaturinhas noturnas, os dois pareciam ser os únicos seres humano.

Não se preocupe — ele murmurou, quando a sentiu enrijecer sob sua mão acariciante. — Mesmo que notem a sua saída, ninguém vai dizer nada.

— Como sabe?

Não dava para ver a expressão dela no escuro, mas o tom de voz era desafiante.

— A sua família não me aprova, por acaso?

— Por acaso, você não acha que é muito seguro de si?

— É... Acho que sou, sim. Deve ser o modo como fui criado.

— Os Bennington sempre conseguem o que querem?

— Nunca pensei nisso, mas creio que sim.

Uma brisa fria começou a soprar, e Elizabeth estremeceu. Drake aproveitou para aproximar-se mais e beijá-la de leve, nos cabelos.

— Não posso imaginar você com um rapaz imaturo, que nem sabe o que quer da vida.

Elizabeth também não podia, porém jamais seria capaz de admitir. Apertada de encontro ao peito masculino, estremeceu de novo. Só que, desta vez, o motivo era outro. Torcera muito para que seu relacionamento com Drake se aprofundasse, e agora que o momento decisivo chegara, estava cheia de dúvidas.

Ela era, afinal, muito jovem. Durante muito tempo, sonhara em se casar com Davey aos dezesseis anos, mas aquilo era muito diferente. Em vários pontos, Drake continuava um estranho. Ele a fascinava, mas também escondia perigos inegáveis.

— Sua mãe não gosta de mim — comentou, agarrando-se à primeira desculpa que poderia lhe dar algum tempo.

— Bobagem. Ela ficou muito impressionada com você. — Ele desceu a mão para o queixo de Elizabeth, erguendo-lhe a cabeça. — Além disso, o que ela ou qualquer outra pessoa pensa a seu respeito não tem importância. Eu

quero que você seja minha esposa.

Pronto, ele dissera! Uma onda de alívio envolveu-o. A tempestade passara e só havia bonança à frente. Naturalmente, teriam de esperar vários meses. Ela haveria de querer um enxoval completo, e inúmeras festas seriam dadas em homenagem aos noivos. O casamento seria realizado na Virgínia, depois de mais um sem-número de festividades. O que estava certo. Nesse meio tempo, ambos se divertiriam e ele aproveitaria para convencê-la a participar de uma troca de carícias um pouco mais ousada, pelo menos. O que ainda teria a vantagem de deixá-la no ponto, para sua noite de núpcias. Quanto a ele, poderia facilmente saciar o desejo despertado nos bordéis locais.

Nesse momento, a possibilidade de Elizabeth engravidar passou pela cabeça de Drake. Não sabia se gostaria disso, pois não tinha certeza do que poderiam continuar fazendo sexualmente durante uma gravidez. Seria melhor evitar a possibilidade de terem filhos por um bom tempo.

Planejando mais ou menos os meses que viriam, ele se esqueceu de um pequeno detalhe: Elizabeth ainda não havia dito o sim.

Ela, porém, tinha plena consciência disso e já percebera que ele não estava de respiração suspensa, esperando a sua resposta. "Comece como você quer continuar", mamãe Augusta costumava dizer. E era melhor mesmo que eles esclarecessem algumas coisas, antes de continuarem.

— Estou muito lisonjeada com o seu pedido, Drake, mas não sei se posso aceitá-lo.

— O quê?!

— Nós mal nos conhecemos, e eu ainda sou muito jovem.

— Pelo amor de Deus, Elizabeth! Que jogo está fazendo?

— Jogo?

Ela tentou recuar, e ele a segurou.

— Tomar uma decisão que vai afetar o resto de nossas vidas não é um jogo, Drake.

Teoricamente, ela estava certa, mas ele nunca pensara em casamento, naqueles termos. Provavelmente porque era diferente para uma mulher, que viveria em função do marido, sem nenhuma das fugas à disposição dos homens.

Mesmo assim, Drake achou que Elizabeth estava apenas se fazendo de difícil, o eterno jogo feminino. Deixaria que ela prosseguisse, mas só até um certo ponto.

— Você não pode querer que eu espere — murmurou, abraçando-a novamente. — Eu só penso em você. Não consigo imaginar outra mulher para minha esposa.

Palavras deliciosas. Elizabeth não seria humana, se não gostasse de ouvi-las. No entanto, seu lado racional permaneceu firme, observando a cena sem acreditar muito.

Ela não duvidava que Drake a desejasse. Ou mesmo que a considerasse fascinante, comparada às garotas empertigadas de Boston. Mas isso não tinha nada a ver com o amor total e duradouro, que existia entre seus pais. Um amor que talvez nunca conseguisse experimentar, mas pelo qual valia a pena lutar.

— Confie em mim, Elizabeth — Drake pediu baixinho, acariciando-lhe o pescoço com os lábios. — Nós somos perfeitos, juntos. Comigo, você vai ter

tudo que quiser.

E estava sendo sincero. Só não fazia idéia do que ela poderia querer. Imaginava-se atordoando-a com suas carícias, envolvendo-a com peles e cobrindo-a de jóias. Ela viveria num ambiente de luxo e riqueza, onde nada faltaria. O que mais uma mulher poderia desejar?

Apesar de se esforçar, Elizabeth não conseguiu ficar imune às carícias de Drake. Elas esquentaram seu sangue, afastando todo e qualquer pensamento racional. Como em todas as outras vezes em que estivera nos braços dele, sentiu um certo medo de que houvesse alguma coisa errada com seu corpo. Sem dúvida, era uma depravação reagir de forma tão intensa ao toque de um homem.

Sempre que a beijava, Drake tomava o cuidado de controlar a própria paixão, para não assustá-la. Naquele momento, no entanto, levado pelo desafio que ela lançara, não quis se refrear. Colando os lábios aos dela, usou a língua para forçá-la a abrir a boca e invadiu a doçura úmida e rosada.

Elizabeth tentou se afastar. Nunca fora tocada daquele modo. Mas a sensação de choque logo foi substituída por uma reação completamente diferente. Uma onda de calor espalhou-se por seu ventre, os seios se tornaram túrgidos, e os mamilos começaram a endurecer. Fascinada, envergonhada e assustada, ela agarrou os braços dele e lutou para se libertar.

Drake não permitiu. Sabia que, na realidade, a batalha estava sendo travada entre sua determinação e a inocência feminina, e não tinha dúvidas sobre quem venceria. Além disso, estava certo de que Elizabeth se alegraria, no fim.

Ela era uma mulher quente, e a última coisa que ele faria era deixar que fingisse ser de outro modo.

— Não lute contra isso — murmurou, interrompendo o beijo por um instante. — Deixe-me mostrar um tantinho do que pode acontecer entre nós.

A palavra “tantinho” minou a resistência de Elizabeth. Mais tranqüila, não reagiu quando os dedos masculinos se puseram a acariciar a fita de veludo, em volta de seu pescoço.

Drake tocou o bonito enfeite, pensando o quanto ela ficaria atraente, na cama, usando apenas aquilo. Seu corpo enrijeceu ainda mais, e um gemido escapou-lhe dos lábios.

De jeito nenhum ia esperar meses para se casarem. Estaria com os nervos em frangalhos, muito antes disso. O casamento teria que ser adiantado. Estava pensando em ir à Europa, e o verão, lá, seria perfeito para uma lua-de-mel.

— Diga sim — exigiu, descendo as mãos pelas costas de Elizabeth. Ao mesmo tempo, inclinou-se para beijar-lhe os seios, descobertos em grande parte pelo decote generoso.

Uma corrente de fogo espalhou-se pelo corpo de Elizabeth. Instintivamente, ela procurou se aproximar mais dele. Pela primeira vez, tinha noção do que seria dormir com um homem, aquele homem. Ser invadida, penetrada e possuída era uma possibilidade assustadora e, ao mesmo tempo, tão atraente para a parte mais primitiva de seu ser, que não poderia fingir que não existia.

O que estava fazendo era perigoso, mas com Drake estaria a salvo. Ele oferecia o refúgio de um casamento honrado e uma vida de luxo e riqueza.

Seria uma tola, se recusasse um futuro daqueles.

— É isso mesmo que você quer? — sussurrou, num esforço final para dificultar um pouco as coisas para ele.

Drake agarrou-a pela cintura, com uma expressão inegavelmente feroz no olhar.

— É, sim. E você não sai daqui, enquanto não concordar em ser minha esposa.

Elizabeth riu, um riso suave, rouco, triunfante.

— Ah, isso não pode ser. Causaria um escândalo muito grande. É melhor nós nos casarmos.

— Quando?

— Com tudo que há para ser feito, acho que...

— Daqui a um mês.

— De jeito nenhum! Não dá para fazer nada... — ela protestou. Mas, no íntimo, estava contente com a pressa dele.

— Nem um dia a mais! Ou não me responsabilizo pelos meus atos. Elizabeth o fitou por entre os cílios longos e espessos.

— Nesse caso...

De imediato, ele se adiantou para selar o compromisso com um beijo ardoroso, que a fez lamentar a espera de quatro semanas.

Philip não se mostrou muito animado, quando ouviu os planos do casal. Seu futuro genro tentou fazer o pedido de casamento como se não estivesse certo de ser aceito, mas não foi bem sucedido. Era óbvio que considerava a conversa entre eles uma simples formalidade.

Drake tinha muitos pontos positivos. Era jovem, bonito, atraente e rico. Assim que vira o rapaz e sua filha juntos, Philip começara uma discreta investigação sobre os Bennington. O que descobrira lhe dera a certeza de que Elizabeth seria muito bem cuidada, pelo menos materialmente.

O problema era saber se Drake Bennington, tão abençoado pela fortuna, seria capaz de satisfazê-la em outros aspectos.

Philip era um homem prático, tanto por inclinação natural, quanto por exigência da vida. Algumas de suas perguntas estavam mais relacionadas com assuntos pessoais do que com dinheiro. E as respostas que obtivera, se não o tinham desgostado, também não tinham lhe causado satisfação.

Philip não era um inocente, ao se casar pela primeira vez. Como todo cavalheiro rico do Sul, começara cedo a freqüentar bordéis, onde aproveitara para aperfeiçoar sua habilidade sexual.

Agora, fitando o futuro genro, ele sentiu vontade de saber se o rapaz também tinha jeito o mesmo. Mas seria uma pergunta indiscreta demais, e limitou-se a dizer:

— Quero que entenda, sr. Bennington, que eu jamais forçaria minha filha a se casar. Ela pode voltar conosco para a Virgínia e ficar lá, o tempo que quiser.

— Por favor, eu gostaria que o senhor me tratasse por Drake. Quanto a Elizabeth se casar comigo sem desejar, está completamente fora de questão. Pela nossa convivência, tenho motivos para acreditar que... tenho chances de ser aceito.

Philip quase sorriu. O rapaz ia ficando cada vez mais engraçado, com aquelas tentativas de parecer modesto. Secamente, rebateu.

— Pode ser.

A coisa não estava se desenrolando exatamente como Drake previra. Ele havia imaginado Philip pulando de alegria, diante de um casamento tão bom para a filha. Em vez disso, tinha à sua frente um homem reservado, até mesmo relutante.

— Posso lhe garantir, senhor, que me esforçarei ao máximo para tornar Elizabeth feliz. Eu a tenho em alta conta.

Philip tirou uma baforada do charuto, soprando a fumaça para o teto.

— Você a ama?

Drake quase se encolheu. Não esperava tanta franqueza do futuro sogro. Os pais de Boston não tocavam nesse assunto. Mas estava lidando com um sulista, um antigo rebelde, um homem que dava todos os sinais de não se deixar prender pelas convenções.

— Eu... eu a tenho em alta conta.

— Isso você já disse. Eu quero saber é se a ama.

— Eu... É... É claro que amo.

Philip sorriu. Sarah lhe dissera que Drake se sentiria envergonhado de falar dos próprios sentimentos e estava certa. Sob o sadio bronzeado, o rapaz estava vermelho como um pimentão.

— Não quero que se sinta embaraçado, Drake, mas a felicidade de minha filha é muito importante para mim.

Isso, pelo menos, era aceitável. Drake relaxou um pouquinho e até conseguiu sorrir.

— Claro, senhor. Eu já sabia disso.

— Então, é capaz de entender que eu ficaria muito aborrecido, se alguma coisa diminuísse essa felicidade.

Isso é que é falar claro, Drake pensou.

Philip Calvert era capaz de fazê-lo se sentir constrangido, uma sensação rara em sua vida privilegiada. Ainda assim, gostava dele. O sulista possuía uma franqueza admirável, qualidade inexistente nos frios e controlados cavalheiros de Boston. Drake, mesmo, nunca fora capaz de ser tão frio e sempre se sentira em desvantagem- no meio deles.

Com Philip, no entanto, aprendera que um homem podia manifestar seus sentimentos, sem parecer fraco. Na verdade, não só podia manifestá-los, como até podia usá-los para intimidar os outros.

Claro que isso não funcionava com ele. Não tinha medo do pai de Elizabeth, mas nem por isso pretendia fazer algo que o zangasse.

— Eu lhe garanto, senhor, que se eu e Elizabeth formos abençoados com uma filha, eu darei a mesma importância à felicidade dela.

Apertando o charuto entre os dentes, Philip sorriu. Seria justiça divina Drake ter uma filha. De preferência, mais do que uma.

— Muito bem, rapaz. Você tem minha permissão para se casar com Elizabeth.

Drake ergueu-se de um salto, satisfeito com o fim da conversa e o fato de ter conseguido seu objetivo. Philip levantou-se mais devagar. Olhos nos olhos, apertaram-se as mãos.

— Cuide bem de minha filha.

Drake sabia reconhecer um aviso final, quando ouvia um. Mais do que depressa, assentiu.

— Pode contar com isso, senhor.

Antes do final da semana, os preparativos para o casamento já haviam começado. Para surpresa e alívio de Drake, Sarah Calvert não manifestou a menor contrariedade, ao ficar sabendo da velocidade com que eles queriam se casar. Só disse que seria melhor voltarem logo a Virgínia, pois isso facilitaria o andamento dos preparativos. Antes, porém, teriam que comparecer à recepção de Abigail Bennington.

Como aquela recepção seria uma das poucas oportunidades que Boston teria de festejar o novo casal, todos que ocupavam um lugar de destaque na sociedade esperavam ser convidados. A lista inicial, de duzentas pessoas, dobrou rapidamente e continuou a aumentar.

Abigail recebeu a notícia do noivado do filho com a habitual frieza. Se ficou surpresa com a pressa dos dois, nada comentou nem mesmo com aquelas matronas de Boston, que se consideravam suas melhores amigas. Todas elas tinham aparecido rapidamente, com gestos de simpatia e sorrisos de quem sabia o que aquela pressa escondia.

Abigail agüentou tudo com firmeza. Admitiu que Elizabeth era “pouco comum”, mas também linda e muito bem educada. Como matriarca dos Bennington, cumpriu seu papel e manifestou alegria diante da união com os Calvert, uma família tradicional da Virgínia, cujas raízes estavam ligadas à aristocracia inglesa. Se isso constituía ou não verdade, não sabia, mas uma coisa era certa: ninguém se atreveria a contradizê-la. Muitas famílias de Boston tinham fugido da Inglaterra um passo adiante do carrasco, e nem por isso deixavam de se gabar de pertencerem à nobreza.

Sarah participou dessas reuniões com sorrisos discretos e muito cuidado. Divertiu-se com as atitudes de Abigail e as amigas. Mas esse divertimento acabou, quando pensou que Elizabeth teria que conviver com elas. Sua filha era orgulhosa e franca demais para se dar bem numa sociedade onde tudo era insinuado, até mesmo as piores acusações.

Ela tentou discutir esse assunto com Elizabeth, mas não conseguiu. Sempre tinham sido unidas, porém a separação de um ano e meio havia deixado sua marca. Sem o contato diário, haviam perdido a intimidade total de antes. Além disso, Elizabeth parecia estar numa corrida para assumir os privilégios de uma mulher feita. Sarah já se sentira assim e podia compreendê-la, mas duvidava que a filha soubesse das responsabilidades que a idade adulta acarretava.

Durante uma de suas breves conversas, Elizabeth descartou a preocupação da mãe, dizendo:

— Claro que vou ser uma boa esposa para Drake, mamãe. Nós nos entendemos perfeitamente.

Sarah calou-se, apesar de achar que deveria avisar a filha de que o noivado não tinha praticamente nada em comum com o casamento. Havia uma grande diferença entre um noivo romântico e um marido com direitos adquiridos. Poucos homens eram como Philip, que continuara a cortejar a esposa, mesmo depois de ter a união assegurada.

Elizabeth vivia envolta por uma nuvem cor de rosa, e Sarah não queria que essa felicidade fosse empanada por dúvidas e medos. Por isso, mesmo quando sua preocupação atingiu o auge, continuou calada. O mais provável era que Elizabeth estivesse certa e fosse fazer Drake muito feliz. Era inteligente,

sensível, forte e decidida. Exatamente o que uma mulher precisava ser, para enfrentar o destino.

O destino, por sua vez, parecia não ter traçado nada que não tornasse o caminho do novo casal o mais suave possível. Na véspera da recepção que Abigail daria em homenagem a eles, começaram a chegar presentes de todas as grandes famílias da Nova Inglaterra, bem como das que queriam ser tomadas como tal. Ao que parecia, o maior problema de Elizabeth, depois do casamento, seria encontrar lugar para guardar tudo. Mas essa questão também foi resolvida quando uma senhora idosa, que morava na praça Louisburg, perto da casa dos Bennington, fez a bondade de morrer, e seus herdeiros colocaram a propriedade à venda.

Drake comprou a casa e a famosa coleção de antigüidades da senhora, pela espantosa soma de quinhentos mil dólares, causando admiração até mesmo naqueles que sabiam a quanto montava a fortuna de sua família. Logo depois, por intermédio de uma firma de advocacia da Califórnia, ele ficou sabendo que uma mina que ganhara numa mesa de jogo, aparentemente esgotada, tinha ouro suficiente para pagar pelo menos dez casas iguais.

Drake aceitou essa chuva de riqueza sem se abalar. A Dama da Sorte vinha sorrindo para ele desde seu nascimento, se não antes. E continuaria a sorrir, com toda certeza.

Em pé no saguão da casa de sua mãe, recebendo as centenas de convidados que tinham vindo prestigiar o anúncio oficial de seu noivado, ele olhou, cheio de orgulho, para Elizabeth.

Ela estava radiante num vestido de cetim lilás, com o colar de diamantes e safiras que lhe dera, brilhando no pescoço. Seus olhares se encontraram, e ela sorriu de pura felicidade, prenunciando, na opinião dele, um futuro totalmente agradável.

Capítulo VII

CALVERT OAKS NÃO via uma atividade tão intensa, desde o primeiro casamento de Philip. O segundo, realizado às vésperas da guerra, fora mais simples. Mesmo tendo contratado outros criados, Sarah estava trabalhando muito para preparar tudo, a tempo. Alimentos precisavam ser cozidos, flores encomendadas, bebidas encontradas, móveis removidos, a sala de estar decorada como uma capela, mais cadeiras obtidas, presentes agradecidos e uma infinidade de outras pequenas coisas. Para complicar, o velho Rameses, que era mordomo de Calvert Oaks há três gerações, escolheu um daqueles dias para entrar na vida eterna. Um sobrinho, que ele vinha treinando há muito tempo, assumiu prontamente o posto, mas sua falta ainda era sentida.

Em um aspecto, pelo menos, o papel de Sarah, como mãe da noiva, foi facilitado. Elizabeth não quis um novo enxoval, alegando que seu guarda-roupa serviria muito bem para sua nova vida. Naturalmente, Sarah e Mari examinaram essas roupas, chegando à conclusão de que a moça estava certa. Muitos dos vestidos perdiam o aspecto juvenil com a simples retirada de um enfeite, o que as levou a desconfiar que Elizabeth os escolhera de propósito, como seja soubesse o que ia lhe acontecer.

Assim, ficou faltando apenas o vestido de noiva para ser providenciado. As duas falavam nisso durante o jantar, no primeiro dia de volta a Calvert Oaks, quando Elizabeth se manifestou:

— Quando eu era pequena, costumava ir ao sótão, ver o vestido de casamento de mamãe. Estava embrulhado numa peça de cambráia, dentro de um baú. Nunca tive coragem de mexer nele, mas sempre dava uma olhada. Gostaria de usá-lo, agora. O que vocês acham?

Sarah ficou emocionada com a idéia da filha usar um vestido que fizera parte de um dos dias mais felizes de sua vida. Philip também gostou, pois isso representava uma valorização da tradição sulista.

Na manhã seguinte, o vestido foi retirado do baú com grande cerimônia, e levado ao quarto de Elizabeth. Ela esperava em roupas de baixo, diante de um espelho de corpo inteiro, os cabelos soltos sobre os ombros e os olhos brilhantes de excitação.

— Ah, mamãe, ele é lindo!

Sarah foi obrigada a concordar. O estilo do vestido era antiquado, mas nem por isso o desmerecia. O romantismo do cetim branco, amarelado pela passagem dos anos, combinava perfeitamente com Elizabeth.

— Este vestido levou quinze dias para ser feito, com três costureiras de Richmond trabalhando sem parar — contou, enquanto ela e mamãe Augusta ajudavam Elizabeth a vesti-lo.

— Sua mãe detestava experimentá-lo — Augusta disse, com uma risada. — Num parava quieta, atrapalhando tudo mundo.

— Ah, mas experimentar roupa é ruim, mesmo. — Elizabeth passou a mão pela renda delicada presa ao vestido. — Pelo menos, você não teve que ajudar a pregar esta renda, mamãe. — E fitando as pérolas de água doce, que enfeitavam o corpete e as mangas, prosseguiu: — Ele é lindo, mas...

— ... tem alguma coisa errada — Sarah completou. — Eu estava esperando você notar.

Ela e Augusta trocaram um sorriso. A criada havia envelhecido muito com a morte do marido, mas ainda era capaz de se divertir com as pequenas coisas do dia a dia.

— A saia é que está com uma caída feia, mamãe. É tão pesada! Nem sei como vou andar.

— É aí que as anquinha entra, minina.

— Anquinhas?

— Isso, mesmo — Sarah confirmou, rindo. — Nós ainda temos umas por aí, não temos, Augusta?

— Temo, sim.

A criada saiu do quarto e logo voltou com uma estranha armação de metal, cheia de molas e varetas.

— Tá aqui, minina.

— Mas eu nunca usei uma coisa dessas. Como é que vou aprender a lidar com tantas varetas?

— Do mesmo jeito que todas nós aprendemos, minha filha: praticando.

E praticando muito. Elizabeth passou a hora seguinte alternando risos com zanga. Sempre que achava que havia dominado a arte de lidar com as anquinhas, fazia uma tolice, tal como tentar se sentar, e descobria que ainda tinha muito a aprender.

— Num é ansim, minina — Augusta ensinava, o rosto enrugado iluminado pelo divertimento. — Cê tem qui flutua cumo um passarinho.

— Belo passarinho eu sou — Elizabeth queixou-se. — Devem ter aparado as minhas asas.

Entre as desajeitadas anquinhas e o espartilho apertado, ela mal podia respirar, quanto mais fazer algo tão cheio de energia quanto andar.

— Procure ir mais devagar — Sarah recomendou, segurando o riso. Estava se lembrando de sua própria iniciação na irmandade das anquinhas e do medo que sentira de fazer papel ridículo, na frente dos outros. — Você está indo bem, querida, mas tem certeza que quer usar essas anquinhas?

— Sem elas, não posso usar o vestido.

— Com algumas modificações...

— De jeito nenhum! Eu aprendo a lidar com elas, nem que tenha de treinar dia e noite.

Sarah e Augusta se fitaram. Nenhuma delas sabia por que Elizabeth queria tanto usar aquele vestido. Sem dúvida era um gesto de afeto e consideração para com os pais, mas ninguém a reprovaria por mudar de idéia, diante das dificuldades.

Vendo a expressão das duas, Elizabeth riu.

— Parece estranho, não é? Mas eu quero ter a aparência que os ianques esperam de uma sulista, no dia do meu casamento.

— Por quê?

— Para que eles vejam quem nós somos e entendam que sobrevivemos, apesar de tudo.

Sarah ficou sem saber o que dizer. A firmeza da filha causou-lhe não só surpresa, como também preocupação. Sendo orgulhosa, ela entendia o orgulho nos outros, mas o sentimento de Elizabeth ia além disso. Ela estava decidida a

mostrar algo a sua futura família, e de um modo que eles jamais esqueceriam.

Deixando Elizabeth e Augusta a discutir as pequenas alterações a serem feitas no vestido, Sarah desceu. Encontrou Mari no saguão de entrada, recebendo um telegrama de um mensageiro coberto de poeira.

— É para você, Sarah. Da sra. Bennington, de novo.

Sarah reprimiu um suspiro. O noivo, com a família e os amigos, chegaria no dia seguinte para uma semana de festividades, que culminariam com a cerimônia do casamento. Vinham num vagão de trem particular e tinham sido precedidos por meia dúzia de telegramas, todos com sugestões que a sra. Bennington considerava “úteis”.

— Acho que é mesmo útil saber que Drake prefere chá Earl Grey, não gosta de biscoitos e detesta lençóis engomados. Mas querer me ensinar a escolher as flores para a igreja e a preparar a mesa para o jantar de recepção já é demais! — ela exclamou, amassando a última mensagem.

Mari sorriu, cheia de simpatia.

— Abigail não é uma mulher de muito tato.

— Muito? Ela não tem nenhum tato. Vai ser o pior tipo de sogra: intrometida, mandona e incapaz de ver o mal que causa com seu comportamento. Elizabeth vai ter trabalho com ela. Talvez seja bom, mesmo, mostrar a eles quem é, logo de início.

— Ela vai usar o vestido? Sarah assentiu, sorrindo.

— Com anquinhas e tudo. Nossos convidados ianques vão pensar que voltaram no tempo e estão num Sul muito diferente.

— Ótimo! Os daqui, eu sei que vão gostar.

— Espero que sim.

Mas o entusiasmo de Sarah diminuiu, ao se lembrar da conversa que tivera com o enteado, no dia anterior. William não estava satisfeito com o casamento da irmã. Ciente do quanto Elizabeth valorizava a aprovação do rapaz, ela torcia para que ele mudasse de opinião, antes da garota ficar sabendo.

Deixando os estábulos onde fora checar um potro recém-nascido, William parou para enxugar o suor da testa e olhar o céu. As plantações precisavam de chuva, mas não havia uma nuvem à vista. Ele estava com calor, sede, cansado e de mau humor. Passara a noite ao lado da égua, e quando ela apresentara o rebento, tivera a impressão de que o esforço fora em vão. O potrinho custara a respirar, e, no fim, exausto, ele nem se dera ao trabalho de voltar para casa. Jogando-se sobre a palha que cobria o chão, dormira ali mesmo.

William andava tentando se convencer de que não tinha motivos para se preocupar com Elizabeth. Ela estava radiante de felicidade e tanto Philip quanto Sarah aprovavam aquele casamento. Podia ser que ele também aprovasse, quando conhecesse Drake. Por enquanto, achava que a irmã ainda era muito jovem e impulsiva para tomar uma decisão daquelas.

— Droga! — xingou baixinho, chutando um torrão de ferra com a ponta da bota empoeirada. O torrão se desfez em pó, que foi levado pela brisa. Ele tinha coisas mais importantes com que se preocupar, do que com o casamento de Elizabeth. As plantações secas, por exemplo. Não perdiam uma colheita há três anos, mas esse fato parecia estar prestes a mudar.

Um cavaleiro passando olhou-o com apreensão. William sorriu, para mostrar ao homem que estava bem. Depois, encostou a mão na camisa

molhada de suor e suspirou. Foi quando vislumbrou o rio brilhando ao sol, no meio das árvores, depois dos celeiros.

Em dez minutos, flutuava, nu, num braço escondido do rio James, que atravessava sonolentemente um pequeno bosque. Outro suspiro escapou de seus lábios, desta vez de puro prazer. Em uma vida dedicada ao trabalho infundável de manter Calvert Oaks produzindo, tinha poucos momentos só para si. Absolutamente imóvel, entregou-se à sensação deliciosa da água batendo em sua pele.

Até ouvir o barulho de um graveto se quebrando. Totalmente alerta, ficou em pé, a água pelo umbigo, e olhou em volta de si. Não demorou a ver a figura pequena e esbelta, sobre o tronco caído de uma árvore.

— Ah, é você...

A figura descalça, usando camisa e calças de um tecido rústico, tirou um pedaço de palha da boca e sorriu.

— Essa água tem caranguejos. Eles podem se agarrar em um negócio importante... na sua opinião, é claro!

William jogou a cabeça para trás e riu, os dentes brancos brilhando no rosto queimado de sol.

— Não me importo de correr o risco. E você? Sobrancelhas oblíquas arquearam-se, fingindo surpresa.

— Por acaso está sugerindo que eu nade como vim ao mundo?

— Não seria a primeira vez.

— É verdade.

Houve um momento de silêncio, depois dedos sujos de musgo procuraram os botões da camisa. William observou o tecido se afastar, revelando uma pele dourada e seios pequenos e arredondados, coroados por mamilos cor-de-rosa.

As calças também foram para o chão, deixando à mostra pernas esbeltas, separadas por um triângulo de pêlos escuros, no mesmo tom dos cabelos que emolduravam o rostinho solene da garota. Com uma graça inconsciente, ela entrou na água, afundou por um instante e depois apareceu, rindo.

— Aposto que eu chego do outro lado antes de você — desafiou. E partiu, uma flecha dourada sob as águas azuis.

Ele a seguiu depressa, mas não conseguiu alcançá-la. Ela já estava encostada à margem oposta, quando chegou.

— Você deve ter pés de pato — grunhiu.

A garota levantou um dos pés e examinou-o.

— Não tenho, não.

— Então, é meio sereia.

William estendeu a mão e agarrou-a pelo tornozelo, puxando-a de novo para a água. Os dois fingiram lutar, mas logo a natureza de seu contato mudou e ele colou os lábios aos dela, num beijo intenso.

— Preciso de você, Sunbird. Faça amor comigo.

Os olhos escuros de paixão, ela permitiu que ele a levasse para fora da água. Um carvalho enorme abrigou-os do sol, e o musgo aveludado foi sua cama. Eles se uniram depressa, ambos ansiosos demais para esperar. William era o primeiro amante de Sunbird, e nos seis meses que vinham se encontrando assim, ele lhe ensinara muita coisa sobre seu corpo e o dele. Os dois haviam atingido uma fase feliz, em que sabiam como dar prazer ao outro, sem cair na armadilha do tédio.

Quando acabaram, continuaram lado a lado, a cabeça de Sunbird no peito de William, que passava os dedos por entre os fios escuros da cabeleira feminina.

— Você é uma mulher e tanto — ele comentou, quando a respiração de ambos já havia voltado ao normal. — Quase demais para mim.

Erguendo o corpo num dos cotovelos, ela o fitou.

— Quase? Eu agüento mais duas ou três vezes. E você?

— Só se eu quisesse ir me arrastando para casa. Por falar nisso, quando é que você vai aparecer para jantar?

Sunbird enrijeceu o corpo e rolou para longe dele, fixando o olhar na copa das árvores.

— Você tem sempre que falar nisso?

— É só você ir, que eu paro de falar.

— Que bonzinho! — Sentando-se, ela envolveu as pernas com os braços e apoiou o queixo nos joelhos. — Você acha mesmo que seus pais vão gostar de ter a filha ilegítima de Charles Durand à mesa de jantar? — Um riso áspero escapou-lhe dos lábios. — Já estou me vendo, sentada entre eles, de calça e camisa, sem saber que talher usar.

William estudou a postura rígida da moça por um instante, depois puxou-a novamente para si.

— Não precisa ser assim.

— Não? Eu sei o que dizem de mim, por aqui. Mestiça... Bastarda... Até pior. E não estão errados.

As mãos dele se apertaram, machucando-a, mas ela não deu sinal disso.

— Como assim?

— Não é evidente? "Nós nos encontramos aqui, dormimos juntos e eu não escondo que gosto. Não sou uma dama, William, e você não precisa fingir que sou.

— As damas me aborrecem tremendamente.

— Até sua mãe e sua irmã?

— Elas são diferentes.

— Como sua esposa vai ser.

Ele se inclinou para beijá-la no ombro.

— Você acaba com a minha paciência, Sunbird. Se eu quisesse um exemplo de bom comportamento para esposa, já teria me casado há muito tempo. Deus é testemunha que...

Percebendo que ia ser indiscreto, William parou de falar abruptamente. Sunbird riu. Seus momentos de depressão iam embora tão depressa quanto chegavam. Como ele entendia a causa dessas depressões, estava sempre disposto a passar por cima delas.

— Você foi caçado por todas as garotas, num raio de cem quilômetros daqui. Ou mais. Pensa que eu não vi o modo como elas eram exibidas por seus papais e mães, cheias de rendas e fitas? E olhe, eram muito bonitas! Aquela loirinha de Richmond, por exemplo... Como era mesmo o nome dela?

— Não me lembro.

— Não? — Agarrando-lhe os pêlos do peito, ela puxou com força.

— Ai! Está bem, eu me lembro. Joanne qualquer coisa. Tinha dentes de limpa trilha.

— Tinha nada. Ela era linda. Tão linda quanto aquela ruiva de Washington.

Um leve sorriso iluminou o rosto de William.

— Ah, sim! Susan...

— O que havia de errado com ela?

— Nada que um banho gelado não consertasse. Ou uma boa...

— Não precisa dizer! Quero que você veja que tem muitas garotas a sua disposição, todas elas mais aceitáveis do que eu, do ponto de vista da sua família.

— Tem certeza?

— Claro que tenho. Os Calvert jamais receberiam de braços abertos uma nora meio cherokee, filha ilegítima de um homem que deveria ser escorraçado da vizinhança.

— Você sabe muito bem que não é igual a seu pai. É por isso que ele e aquela mulher horrorosa que ele tem, fingem que você não existe.

Quanto a ser meio cherokee, não será a primeira vez que o sangue dos Calvert se mistura com o sangue de outra raça.

— Mas não pelo casamento. Ele deu de ombros.

— Isso não tem importância. Quero me casar com você, e acho que você também quer se casar comigo. Se prefere não se encontrar com meus pais, antes, podemos nos casar primeiro, sem que ninguém saiba.

— E depois?

— Depois, voltamos para cá e tocamos a vida em frente. Você sabe que papai já passou a direção de Calvert Oaks para mim.

— Porque ele confia em você. Mas por quanto tempo você acha que ele vai continuar confiando, se fizer um casamento... pouco apropriado?

— Meu pai é mais inteligente e justo do que você pensa. — William passou o braço em volta de Sunbird e envolveu-lhe um dos seios com a mão, usando a ponta dos dedos para acariciar o mamilo. — Você não quer se casar comigo?

— Eu quero... — Ela engoliu em seco. — Eu quero o que nós temos agora. Não preciso de mais do que isso.

Ele enterrou o rosto no pescoço feminino, aspirando o perfume que se desprendia da pele aquecida pelo sol.

— Pois eu preciso — murmurou, aumentando a intensidade de suas carícias. Quando ela tentou se afastar, girou o corpo, prendendo-a no chão com o próprio peso. Tinha o rosto sombrio e uma expressão determinada no olhar. — Mas já que você só quer uma boa "rolada", abra as pernas.

— Pare com isso, William!

— Você disse que só queria isso. Eu estou pronto... — À força, mergulhou a mão entre as pernas que ela tentava fechar. — E você também está. Portanto, qual é o problema?

— Assim, eu não quero. Me largue!

— Você mesma disse que não passa de uma vagabunda. E vagabundas não ligam para o que fazem com elas.

— Maldito! — Sunbird xingou, cheia de mágoa e raiva. Ele estava usando suas palavras para agredi-la, tentando fazê-la parecer uma tola, quando só queria protegê-lo. — Se você não me largar, juro que vou...

— Vai o quê?

Ela era forte para uma mulher, mas ele era muito mais. Sem grande esforço, imobilizou-a debaixo de si. Ou melhor, pensou que havia imobilizado, até o joelho dela subir com rapidez e pontaria quase fatais. Uma onda de dor

invadiu-o, apesar de ter conseguido jogar o corpo para o lado, evitando o pior do golpe. Ainda lutava para recuperar o fôlego, quando ela mergulhou na água, rápida como um raio, e nadou para o lugar onde tinham deixado as roupas. Não tentou segui-la, porque precisava de tempo para se recuperar. Mas não tirou os olhos dela, observando-a enquanto se vestia e, depois, sem um olhar para trás, desaparecia no meio das árvores.

Elizabeth estava sentada na varanda, quando William voltou para casa. Já era quase noite. Ele havia esperado junto ao rio, até estar certo de que todos os sinais de sua atividade vespertina tinham desaparecido. O que fora uma ótima idéia, pois os olhos observadores de sua irmã não perdiam quase nada.

— Você está cansado — ela disse, descendo os degraus da varanda para tomar o seu braço. — Vi ó potrinho que nasceu. É lindo! Que nome vai dar a ele? Está com fome? A cozinheira fez pão, hoje. E uma torta de pêssegos maravilhosa.

— Ainda não resolvi. Estou. Hum, que delícia!

Rindo, Elizabeth acompanhou-o até a cozinha, que era separada do resto da casa. Um caminho coberto unia as duas construções.

— Fico imaginando se algum dia vou ser capaz de falar assim com Drake...

William parou e fitou-a. Estranhamente, achou-a pálida e abatida.

— Pensei que vocês dois tivessem sido feitos um para o outro.

— E fomos. Não ligue para o que eu disse. Drake e a família dele vão chegar amanhã cedo, e eu estou tendo um ataque de nervos de última hora.

— Ainda falta uma semana para o casamento. Você tem tempo de sobra para mudar de idéia, se quiser.

— Mas eu não quero. Drake é o marido perfeito para mim.

— Mal posso esperar para conhecer essa maravilha — William comentou, com ironia. Mas se arrependeu logo, ao ver a expressão da irmã. — Desculpe, maninha. Acho que estou exagerando no meu papel de irmão mais velho.

— Não foi nada. E você não precisa se preocupar comigo. Tive muita sorte, encontrando Drake. Mas não vá contar a ele, hein?

William se deteve, para que ela entrasse primeiro na cozinha.

— Isso seria ruim?

— Péssimo!

Enquanto ele pegava a jarra de leite, Elizabeth removeu o pedaço de linho que cobria a torta e cortou dois pedaços bastante generosos. Sentando-se à mesa rústica de madeira, os dois começaram a comer.

Minutos depois, Elizabeth recostou-se na cadeira, suspirando de contentamento.

— Sou uma louca de comer assim. Você não imagina como o vestido de casamento da mamãe tem a cintura justa. Nem sei como vou conseguir respirar.

— Solte as costuras.

William não entendia por que as mulheres estavam sempre tão dispostas a sofrer para seguir a moda. Na sua opinião, nenhuma era mais bonita que Sunbird, e ele nunca a vira com outra coisa que não fossem roupas de garoto. Ou nua.

— Você está sorrindo do quê? — Elizabeth perguntou, estranhando a rápida mudança de expressão do irmão.

Ele terminou de comer a torta e se levantou para pegar mais um pedaço.

— De nada. É bom ver você feliz. Espero que continue sempre assim.

— Eu quero tanto que você goste de Drake, William! É muito importante, para mim.

— Eu sei. Vou fazer o possível.

Ele não podia prometer mais nada, enquanto não conhecesse o noivo da irmã.

— Nós vamos passar a lua-de-mel na Europa. Londres, Roma, Paris...

— Parece excitante. Não deixe de nos escrever, contando como são esses lugares.

— Não sei se vou ter tempo. Drake quer que eu compre um enxoval completo, na Europa. Assim, quando voltarmos para Boston, vou ditar a moda.

— É mesmo? E é isso que você quer?

A Elizabeth que ele conhecia sempre gostara de roupas bonitas, mas detestava prová-las.

— Acho que é importante a nova sra. Bennington estar bem vestida.

— E... Roupas podem fazer muita diferença.

William estava pensando no que Sunbird dissera, sobre não conseguir se imaginar sentada à mesa de seus pais, de calça e camisa. Se o pai dela lhe desse um mínimo de atenção, e a madrasta não fosse tão maldosa, ela já teria aprendido a se vestir. Mas nunca ninguém lhe ensinara nada.

— Você andou fazendo compras em Richmond, não andou? As costureiras de lá são boas? — perguntou à irmã.

— São ótimas. Usam modelos de Paris e tecidos maravilhosos, vindos da Europa. Por quê?

— Por nada.

Elizabeth não pressionou o irmão, porque sabia, de longa data, que ele só revelava o que queria. Mas quando o deixou, instantes depois, estava sorrindo. Aquele interesse repentino em assuntos femininos só podia ter um significado. Feliz como estava, ela desejava que o mundo inteiro também estivesse. Só torcia para que a moça que conseguira, afinal, captar a atenção de William, fosse digna dele.

E aí dela, se não fosse! Seu irmão não era o único membro com tendências protetoras, na família Calvert.

Pensar no irmão e na suposta namorada dele ajudou Elizabeth a passar as horas que faltavam para a chegada de Drake. Não conseguiu dormir aquela noite e, ao se levantar, descobriu horrorizada que estava com olheiras. Nunca tendo prestado atenção a esse tipo de problema, ficou sem saber o que fazer. Sua mãe prescreveu compressas frias e chá de camomila, pois ambos tinham efeito calmante.

Ainda assim, estava pronta e esperando na varanda, muito antes do primeiro sinal de poeira aparecer no fim da estrada. Mamãe Augusta resmungava a sua volta, com medo de que desmaiasse devido ao calor e à falta de alimentação, pois não conseguira convencê-la a tomar o café da manhã.

— Tá um calorão! Nem pareci primavera — a velha criada comentou, entregando um leque a Elizabeth. — Só Deus sabi quando vai chuvê,

— Depois do meu casamento. Quero um dia bonito e ensolarado.

Augusta sorriu. Apesar da idade, ainda tinha os dentes bons e os olhos brilhantes.

— I vai tê, benzinho. Vai tê, sim.

Elizabeth respirou fundo, saboreando o cheiro seco e pungente do ar, perfumado com o aroma familiar da terra e das plantas.

— Vou sentir falta daqui.

— Cê num tá cum saudade di Boston?

— Estou, mas é diferente. No fundo, eu sempre achei que ia voltar para cá.

— Cê sabi qui pode volta. Elizabeth meneou a cabeça.

— Não, depois que eu me casar. Vou ter outro lar e uma nova vida.

— A genti nunca sabi u qui vai acontece na vida da genti. Si ocê pricisá, nois tamo aqui.

Elizabeth ouviu, mas não ligou para o que mamãe Augusta estava dizendo. Uma vez casada, Calvert Oaks deixaria de fazer parte de sua vida. Tinha que ser assim para que fosse bem sucedida no futuro.

Futuro que já vinha na curva da estrada, em meio a uma nuvem de poeira e ao barulho dos cascos dos cavalos e das rodas das carruagens.

Elizabeth se levantou de um salto.

— São eles! Corra, vá buscar papai e mamãe! A criada ergueu-se, sem pressa.

— Carma, minina. Num é bom mostra prum homi qui cê tá muito contenti di vê eli.

Esse foi um conselho que Elizabeth aceitou. Respirando fundo, ajeitou cuidadosamente a saia de seu vestido de musselina.

— Estou bem, mamãe Augusta?

— Tá ótima. Essi ianque é o homi mais sortudu du mundo. I é bom qui eli num si isqueça disso.

O ianque deu mostras de saber perfeitamente a sorte que tinha. Antes de a carruagem parar, saltou e subiu os degraus da varanda de dois em dois, correndo para abraçar a noiva.

— Meu Deus, você é linda demais! — declarou, sorrindo para ela. Tinha os cabelos despenteados e o colarinho um pouco fora do lugar. — Nem pense em ficar longe de mim, porque nunca mais vou deixar.

Elizabeth ficou encantada com o cumprimento entusiasmado, principalmente por causa da expressão desgostosa que surpreendeu no rosto de Abigail, quando ela descia da carruagem. Obviamente, ela achava que o filho, longe de Boston, já estava sob a infeliz influência daquele lugar. Por isso, foi com um sorriso gelado que cumprimentou Sarah e Philip.

— Que lugar encantador — murmurou, examinando a enorme casa de colunas brancas. — Exatamente como imaginei que a classe superior vivia, aqui.

Sarah controlou-se para não rir.

— Por favor, vamos sair do sol. — Virou-se para o mordomo, sobrinho do velho Rameses. — Foster, leve uma jarra de limonada para a sala de estar lateral. — E dirigindo-se de novo a Abigail, enquanto a conduzia para o interior da casa: — Lá é mais fresco.

— Está um pouco quente, mesmo — Abigail murmurou.

Na verdade, achava que estava incrivelmente quente e não entendia como alguém podia querer morar naquele pedaço do inferno. Mas não diria isso, nem mostraria sinais de aborrecimento. O fato do vestido pesado de viagem estar

grudado a sua pele, não tinha a menor importância. Nem o fato de seus cabelos estarem ensopados de suor, por baixo do chapéu.

Atrás de Abigail entraram suas quatro filhas, irmãs de Drake: Lucinda, Charlotte, Georgina e Henrietta. Tinham de quinze a vinte anos e eram tão parecidas, que mesmo depois de meses de convivência, Elizabeth encontrava uma certa dificuldade em diferenciá-las. Todas exibiam os cabelos castanhos e os olhos pequenos da mãe, usavam vestidos semelhantes e ostentavam a mesma expressão de sofrimento misturado a desdém, embora pudessem, dependendo da ocasião, ser bastante agradáveis.

Elizabeth só aprendera o significado exato da frase “olhar do alto para os outros”, quando conhecera as mulheres da família Bennington. Era exatamente isso que elas faziam, quando estavam na presença de algo que não podiam entender ou aceitar.

Apesar de suas tentativas de se tornar amiga das quatro — mais por causa de Drake do que delas — Elizabeth, aparentemente, entrava nessa classificação. Assim como seus pais e sua casa. As quatro faziam o possível para serem educadas enquanto olhavam a sala de estar clara, arejada e decorada em tons pastéis, muito diferente da opressão sombria de sua casa, em Boston.

Tendo conseguido se acomodar com um certo conforto nos sofás Hepplewhite de Sarah, as convidadas se dignaram a experimentar a limonada, enquanto Drake, todo animado, aceitava das mãos de Philip um copo de uma bebida típica do Sul, composta de gelo moído, uísque, hortelã e açúcar. A vontade, ele se sentou no braço da cadeira de Elizabeth, que parecia urna flor com seu vestido amarelo e perfume delicado.

— Este lugar é lindo — comentou, sorridente. E olhando para a noiva: — Não é de admirar que Elizabeth tenha tanto orgulho daqui.

— Você precisa ver os estábulos — disse Philip. — E cavalgar um pouco, é claro.

— Eu gostaria muito.

— É melhor sair de manhã — William aconselhou, da porta. Fora avisado da chegada dos convidados e largara o trabalho no campo para se juntar a eles. Mostrou-se gentil com as mulheres, que fitavam suas roupas empoeiradas com surpresa, mas sua atenção estava totalmente presa a Drake.

O noivo de sua irmã tinha uma aparência forte e sadia, no entanto ostentava uma pose negligente, que o aborreceu. Provavelmente porque sugeria um tremendo grau de autoconfiança, sem nada do ligeiro nervosismo que seria normal num rapaz, ao entrar pela primeira vez na casa dos familiares da noiva.

Drake estava completamente à vontade. Ao ser apresentado a William, levantou-se com um sorriso aberto e estendeu a mão.

— Até que enfim! Elizabeth fala tanto de você, que muitas vezes tive a impressão de já conhecê-lo.

William murmurou algo apropriado, notando que Drake não parecia desgostoso com a evidência de um trabalho honesto. Ao contrário de sua mãe e irmãs.

— Como vão as plantações? — Philip perguntou, acenando a Foster para servir William de bebida.

— Não muito bem. Começamos a irrigar com água do rio, mas não sei se

ainda está em tempo.

— Ainda bem que estamos no começo do ano. Se o pior acontecer, haverá tempo de replantar e colher pelo menos uma leva.

William concordou, embora não gostasse da idéia. Para ele, essa possibilidade representava uma derrota pessoal.

— Posso dar uma olhada nas plantações, quando sairmos a cavalo, amanhã? — Drake perguntou. — Nunca vi uma plantação, e gostaria muito de saber como isso é feito.

William fitou-o com ceticismo.

— É uma tarefa cansativa. Talvez fosse melhor você não ir. Drake viu a dúvida no olhar com que o futuro cunhado examinou

seu elegante terno de viagem, mas não se zangou. Naquelas circunstâncias, estava preparado para suportar algumas situações desagradáveis. E não só pelo bem de Elizabeth, que erguia os olhos para ele, cheia de ansiedade. Queria mesmo conhecer as plantações. Desde que pisara em Calvert Oaks, estava fascinado. O relevo da terra, a amplidão do céu e a sensação de espaço ilimitado excitavam-no de uma maneira que nunca julgara possível.

— Vou correr o risco — respondeu com um sorriso.

Eu vou com vocês — acrescentou Elizabeth, mais do que depressa.

Ela não sabia por que Drake estava tão interessado nas plantações, mas tinha orgulho de Calvert Oaks e pretendia estar junto, quando ele percorresse a fazenda. Além disso, tinha a séria desconfiança de que o irmão poderia tornar a experiência bem mais difícil do que na realidade era, se não estivesse por perto.

Capítulo VIII

O SOL MAL HAVIA se levantado, quando o trio deixou os estábulos. William montava Dançarino, um dos filhos de Resgate de Rei, que morrera há alguns anos e estava enterrado numa colina, atrás da casa. Elizabeth estava num primo de Princesa, um cavalo ainda novo e muito excitável. Drake recebera um baio com o nome insípido de Rufus, que passara os primeiros cinco minutos tentando jogá-lo no chão. Para surpresa de William e orgulho de Elizabeth, Drake tratara o animal com gentileza e paciência, levando-o a se acalmar.

Enquanto cavalgavam, Drake foi fazendo perguntas que denotavam inteligência e um interesse genuíno. Quis saber quantos hectares tinham sido plantados e com o quê, quantos homens trabalhavam nos campos, em que épocas eram feitas a semeadura e a colheita, e o que acontecia nos intervalos entre essas atividades.

A princípio William respondeu com um mínimo de palavras, mas logo o entusiasmo de Drake o contagiou e os dois passaram a conversar sem barreiras. Elizabeth ouvia em silêncio, feliz por estar cavalgando ao lado de dois dos três homens que mais amava no mundo.

Perto de um bosque de carvalhos, Willfam deteve a montaria e apontou na direção do rio.

— Nas últimas semanas de guerra, quando os ianques marchavam para Richmond, um grupo deles chegou por ali. Tínhamos sido avisados de sua chegada e escondemos a maior parte da comida que nos sobrava, além de tudo que era de valor. Papai também mandou mamãe, Elizabeth e as escravas que ainda estavam conosco se esconderem na mata.

— E o que aconteceu? — Drake quis saber.

— Quando os ianques descobriram que não havia nada para eles, enlouqueceram de raiva. Dinamitaram os moinhos e estavam a ponto de atear fogo na casa e nas plantações, quando caiu uma dessas tempestades repentinas. Não sei se foram os relâmpagos e os trovões muito fortes, ou a água gelada da chuva, mas alguma coisa esfriou a raiva deles. Saíram daqui de repente, como tinham chegado.

William não contou que, desde aquele dia, uma das lembranças mais vivas em sua mente era a de seu pai, em pé na varanda de Calvert Oaks, com um rifle na única mão, mostrando aos ianques que eles podiam matá-lo, mas que ele não morreria sozinho.

Drake apoiou a mão no cabeçote da sela e olhou ao redor. Pela primeira vez, pensou em todo o armamento que sua família vendera, durante a guerra. Um negócio muito lucrativo, principalmente porque haviam fornecido armas para os dois lados. Sempre soubera disso, mas nunca entendera o que realmente significava, em termos de sofrimento humano. Uma onda de vergonha, completamente estranha a sua natureza, invadiu-o.

— Vocês tiveram sorte — comentou, baixinho.

— Muita. Se bem que sempre fui de opinião que os homens fazem sua própria sorte.

— Só têm que saber o que querem.

— Para os Calvert isso sempre foi fácil. A terra vem em primeiro lugar. Depois, o resto.

Drake foi pensando nessas palavras, enquanto continuavam o passeio. Observando William, vendo como a autoconfiança do futuro cunhado vinha não só do nascimento privilegiado, mas também de um esforço próprio, percebeu que havia uma tremenda falha em sua - vida. Não se assustou, porque acreditava firmemente que todas as deficiências podiam ser corrigidas. Era só saber como. No seu caso, o primeiro passo fora dado de forma inconsciente, quando pedira Elizabeth em casamento, em vez de escolher uma das moças mais ao gosto de sua mãe.

No meio da manhã, os três pararam numa colina com vista para as plantações, e atacaram a cesta de piquenique que mamãe Augusta havia preparado. Quando o último dos biscoitos recheados de mel se foi, deitaram-se na grama e dormiram.

Drake foi o primeiro a acordar. Para sua alegria, verificou que Elizabeth, apesar de ter adormecido com uma distância decorosa entre ambos, movera-se durante o sono e agora tinha a cabeça e uma das mãos apoiadas em seu peito. Ela havia tirado o chapéu, antes de se deitar, e ele aproveitou para acariciar-lhe os cabelos ternamente, pensando no dia em que estariam na mesma situação, mas sozinhos.

A imagem agradável ainda ocupava sua mente, quando ergueu os olhos e deu com uma figurinha esbelta, de calça e camisa, parada a alguns passos. Percebendo que fora descoberta, ela enrijeceu e na certa teria fugido, não fosse William ter escolhido aquele exato momento para acordar.

William acordou devagarinho, consciente apenas de que havia sonhado com Sunbird e agora ela estava ali. Mas não sorria, como de costume. Depois de um instante, ele descobriu por que e levantou-se, estendendo a mão para ela.

— Sunbird, venha conhecer Elizabeth e Drake.

Então William conhece a estranha criatura, Drake pensou.

Ele ficou menos surpreso com isso do que com a descoberta de que a criaturinha era uma mulher, apesar das roupas que usava.

Elizabeth, que também havia acordado, observou com curiosidade a estranha. Sempre ouvira falar da filha mestiça de Charles Durand, mas era a primeira vez que a via. Ficou surpresa com a beleza, a graça e o ar de dignidade da moça.

Momentos depois, a perplexidade de Elizabeth aumentou. William havia passado o braço pelos ombros de Sunbird e falava com ela, baixinho. A postura dos corpos de ambos, bem próximos e envoltos por uma aura de harmonia, dizia tudo. Ela respirou fundo, não querendo acreditar no que via, mas incapaz de interpretar a cena de outra maneira: sem dúvida, os dois mantinham um relacionamento amoroso.

Seu irmão e Sunbird? Parecia impossível. William poderia ter escolhido qualquer uma das moças mais finas do estado. Teria ele rejeitado todas elas, só para cair na teia de uma ninfa de pele dourada, filha de um homem que seu pai desprezava?

As duas moças examinaram-se com uma certa cautela. Elizabeth havia se levantado e agora esperava, muito rígida, lutando contra a ansiedade em seu

íntimo. Sunbird percebeu e só à custa de muito esforço dominou a vontade de fugir dali.

Sempre soubera o que aconteceria se algum dia se encontrasse com um membro da família de William. Mas talvez fosse até bom. Agora ele também teria de enfrentar a realidade.

— É... um prazer conhecer você — Elizabeth murmurou. Sunbird inclinou a cabeça, de leve. Seus olhos foram da irmã de

William para o rapaz ao lado dela. Os dois faziam parte de um mundo ao qual não pertencia. Mas nem por isso precisava se portar diante deles como um ser inferior.

— Fiquei sabendo que vocês vão se casar — disse num tom de voz baixo e controlado. — Meus parabéns.

— Obrigado — respondeu Drake, procurando dissipar a tensão do momento.

Ele sempre fora capaz de se sair bem em situações sociais difíceis, mas aquilo nada tinha a ver com conversas de salão. Elizabeth estava preocupada, William tinha a testa franzida e Sunbird parecia a ponto de chorar.

— Não quer se juntar a nós? — Drake sugeriu depressa. — Temos limonada. Quer um pouco?

Sunbird hesitou, mas acabou se sentando com as pernas cruzadas e as mãos sobre os joelhos. Ele se acomodou ao lado dela. Depois de um instante, Elizabeth e William fizeram o mesmo.

Percebendo que ficaria a seu cargo manter a conversa num tom amigável, Drake não perdeu tempo.

— Estivemos dando uma olhada nas plantações. Achei impressionante! Não existe nada igual em Boston.

Sunbird sentiu-se grata, embora não soubesse por que ele resolvera ajudá-la.

— É de lá que você vem?

O rapaz assentiu, pondo-se a falar da cidade grande em termos leves e divertidos, que acabaram arrancando sorrisos. Mas o tempo todo estava pensando que ela era adorável, apesar de diferente. Não era de admirar que tivesse despertado o interesse de William.

William, por sua vez, estava ficando cada vez mais zangado. Drake parecia dono de uma natureza amigável, mas não precisava se desmanchar em sorrisos e lançar olhares de admiração para Sunbird. Ela era sua, afinal de contas, e quanto mais cedo isso se esclarecesse, melhor.

— Sunbird vai comigo ao seu casamento — anunciou. — Já é hora de ela conhecer papai e mamãe.

— Eu ainda não disse... — Sunbird começou.

— Ela vai? — exclamou Elizabeth.

— Esplêndida idéia — completou Drake.

Sunbird fitou William com uma mistura de raiva e mágoa. Elizabeth percebeu não só isso, como também a expressão do irmão, quase de desespero. O relacionamento não era um simples flerte, para ele. William gostava de Sunbird, e isso significava que ela também tinha de gostar.

Com a generosidade instintiva de sua natureza, Elizabeth perguntou:

— Você não quer ir com ele?

— Não seria apropriado.

Sunbird baixou os olhos, imóvel sobre a grama, mas Elizabeth sentiu o tumulto no íntimo da moça e ficou emocionada.

— Não acha que William é que deve decidir isso? Afinal, a casa e a família são dele.

— Isso é o que eu tenho dito a ela. — William estava surpreso e grato com a atitude da irmã. Queria convencer Sunbird e aceitaria toda e qualquer ajuda.

— Naturalmente não há muito tempo para mandar fazer um vestido — Elizabeth prosseguiu.

— Uma pena que meu guarda-roupa esteja um tanto quanto... desguarnecido — murmurou Sunbird, com uma ponta de ironia.

— O seu pode estar, mas o meu, não.' Somos quase do mesmo tamanho e modificações pequenas não levam tempo. Tenho um vestido de seda rosa, que comprei em Boston e ainda não usei. É perfeito para você.

— Não posso aceitar!

Apesar da negativa, Sunbird já estava sendo vencida pela tentação. Sempre sonhara em se vestir como uma dama e ser apresentada aos amigos e à família de William de igual para igual, enchendo-o de orgulho.

— Não pode por quê? Não vejo nenhum problema. A menos que você não goste de meu irmão o bastante para se dar a esse trabalho.

Sunbird ergueu a cabeça abruptamente, os olhos escuros faiscando.

— Não é verdade!

— Então, você vai aceitar a minha ajuda.

— Eu... — Ela olhou para William, na vã esperança de obter apoio.

— Excelente idéia, Elizabeth — ele exclamou, sorrindo abertamente. — Obrigado por pensar nisso.

— Está combinado. Você vem conosco, para começarmos logo.

Elizabeth levantou-se, cheia de energia. Estava começando a gostar da tarefa. Seria um prazer fazer alguma coisa por William. Além do mais, o desafio de transformar Sunbird acalmaria seu nervosismo pré-nupcial.

Num último esforço para escapar, Sunbird alegou:

— Não tenho cavalo. Eu vim andando. , William não agüentou. Jogou a cabeça para trás e riu.

— Dançarino agüenta dois, eu lhe garanto.

Enquanto ajudava Elizabeth a montar, Drake disse baixinho:

— É muito bonito, o que você está fazendo.

— Alguém tem que fazer isso. Olhe só para ela!

— Ela é muito orgulhosa.

— Além de teimosa. — Elizabeth sorriu, cheia de prazer. — Qualidades que vão fazer bem a William. Ele levou muito tempo fazendo só o que queria.

Drake pensou que o mesmo podia ser dito dele. Fato que não escapava a Elizabeth. Tomado por uma leve sensação de desconforto, ele se perguntou se não andava muito seguro de si, em relação a ela. Mas logo se esqueceu disso, concentrando-se em assuntos mais agradáveis.

A tranquilidade natural de Sarah sofreu um ligeiro abalo com a presença de Sunbird em sua porta, mas ela logo se recuperou e recebeu a moça com o entusiasmo habitual. Como Elizabeth, ela não demorou a perceber os sentimentos que fluíam entre William e a filha de Charles Durand. Não era bem o que havia sonhado para o filho, mas ficou tão contente em vê-lo apaixonado,

que não ligou para as circunstâncias.

Se Philip se sentiria da mesma forma, não sabia. De qualquer maneira, estava contente por ele ter ido tratar de negócios, em Richmond. Isso lhe daria tempo de modificar a imagem de Sunbird, tornando-a mais aceitável como futura nora.

Diplomaticamente, Drake impediu a mãe e as irmãs de notarem o que estava acontecendo. Dizendo que precisava muito ouvir um pouco de música, convenceu-as a tocar piano e harpa para ele. Não as considerava talentosas, mas agüentou firme a sessão, certo de que era por uma boa causa.

No andar de cima, no quarto de Elizabeth, não houve perda de tempo. Elizabeth e Sarah mandaram a embaraçada Sunbird tirar as roupas, deram-lhe um corpete e saíotes de renda, e vestiram-na com o vestido de seda rosa, que ficou perfeito. Em seguida, foi a vez de um vestido cor de marfim, que Elizabeth decidiu subitamente que também não queria, e que combinou às mil maravilhas com a pele dourada de Sunbird.

Depois de marcar as poucas alterações necessárias e entregar as roupas a mamãe Augusta, as duas envolveram sua indefesa vítima num roupão, sentaram-na diante da penteadeira e começaram a penteá-la. Tudo tão rápido, que Sunbird não teve chance de abrir a boca para dizer algo, ela só tinha consciência de uma coisa preferênciada numa banheira cheia e perfumada. Fazer as unhas também não foi ruim, principalmente com Elizabeth contando, de forma leve e divertida, as coisas horríveis que havia sofrido nas mãos de monsieur Félix, em Boston.

— Eu nem me atrevia a olhar — Elizabeth disse, observando Sunbird com evidente satisfação. — Você é muito mais corajosa.

— Não me sinto tão corajosa assim — Sunbird admitiu. — Isto tudo é novo, para mim.

— Você vai se acostumar. Espere só até hoje à noite! Garanto que vai se divertir muito.

— Hoje à noite? O que vai acontecer?

— Uma pequena recepção em homenagem a Drake e eu, em Quail Run. É por isso que você precisa do vestido marfim, também.

— Mas William não disse nada...

— Ele detesta esse tipo de coisa. Mas aposto que vai querer participar, quando der com você toda arrumada.

Quando William voltou das plantações, onde fora na esperança de acalmar seu nervosismo, as mulheres estavam na sala de estar, tomando chá. Sunbird tinha sido apresentada às visitantes simplesmente como a filha de um vizinho. Seu nome chamara a atenção, mas Sarah pusera fim à curiosidade de todas, explicando com um sorriso:

— É um nome tradicional da Virgínia. Muito evocativo, vocês não acham?

Ao entrar, depois de pelo menos uma vez na vida ter se lembrado de tomar um banho e trocar as roupas antes de se apresentar diante de visitas, William foi tomado de surpresa. Sunbird ainda parecia ela mesma, mas estava muito diferente, como se tivesse libertado uma parte secreta de sua natureza. Seus cabelos escuros tinham sido puxados para trás e cascadeavam até abaixo dos ombros; um vestido cor de marfim realçava o tom dourado de sua pele, e seus olhos, quando se encontraram com os dele, brilhavam de prazer, sem um mínimo da tensão que ele esperava encontrar.

— Sente-se, William — Sarah convidou, como se ver o rapaz boquiaberto e com ar apalermado fosse um acontecimento comum. — Já está quase na hora de sairmos para Quail Run.

— Qual... — ele repetiu, sem saber o que dizia.

— Para a recepção em homenagem a Drake e Elizabeth. Sunbird vai conosco.

— Claro! Foster, um uísque, por favor. Dose dupla.

O mordomo ofereceu-lhe a bebida, com um sorriso aceitou, sem notar nada além da moça encantadora no sofá. Raramente bebia, mas naquela noite faria uma exceção. Um homem precisava de toda ajuda que pudesse ter, quando seu mundo virava de cabeça para baixo.

Sunbird sorriu serenamente quando William sentou-se a seu lado. Mas por dentro estava em tumulto. Por mais bondosas que Elizabeth e Sarah tivessem sido, era a reação dele que contava, e nisso estava havendo uma grande contradição. Ele parecia deliciado e, ao mesmo tempo, desgostoso com sua nova aparência.

Apesar de estar com o estômago doendo, de tanto nervosismo, Sunbird não demonstrou nada. Desde criança, aprendera a esconder os próprios sentimentos e a encontrar segurança por trás de uma barreira de reserva. Além disso, seu orgulho sempre exigira que apresentasse ao mundo uma imagem confiante.

Observando a moça, Elizabeth foi tomada pela admiração. Passara pela mesma experiência, embora não tão difícil, e sabia avaliar a aflição de Sunbird. Ser jogada num mundo estranho e sair-se tão bem quanto a moça estava se saindo requeria muita força de caráter. Isso, mais as outras qualidades que já notara na garota, levaram-na a ficar firmemente ao lado dela.

Pouco depois, quando estavam de saída para Quail Run, Elizabeth dirigiu a Sunbird um sorriso de encorajamento. Seu sorriso foi retribuído, não com muito ânimo, mas com indisfarçável determinação.

A princípio, a recepção para os noivos transcorreu bem. Ao longo dos anos, a velha casa da fazenda fora sendo restaurada, graças à generosidade de Philip e à administração cuidadosa da irmã dele, Kitty. Jeremy, que nunca fora capaz de aceitar as mudanças trazidas pela guerra, tinha perdido sua autoridade aos poucos e era agora um homem amargo e revoltado. Passara o comando das plantações ao filho, Davey, que fazia o possível para manter a família unida, enquanto lutava com as próprias frustrações.

Elizabeth estava com um certo receio de rever o primo, depois de uma separação de quase dois anos. Seu último encontro, na véspera de sua partida para Boston, fora doloroso para ambos. Desde então, muita coisa mudara, pelo menos para ela, e não conseguia mais vê-lo com os olhos de antes.

Elizabeth agarrou-se ao braço de Drake com mais força que de costume, ao entrarem na casa de seus tios. Na ausência de Philip, que tivera de ficar por mais algumas horas em Richmond, William fez as apresentações. Drake, a mãe e as irmãs foram cumprimentados calorosamente, mas Sunbird foi recebida com mal disfarçado choque. Em instantes, os outros convidados sussurravam entre si, passando a surpreendente novidade, um para o outro. Sunbird suportou os olhares curiosos bravamente, embora sua mão tremesse no braço de William. Guiando-a em direção ao salão de baile, ele lhe deu apoio, cobrindo sua mão com a dele.

Para grande alívio de Sunbird, nem seu pai nem sua madrasta estavam ali. O motivo da festa, mais a antipatia que Philip Calvert sentia por eles, sem dúvida permitira sua exclusão. Agora, ela só rezava para que não houvesse uma cena desagradável, quando Philip chegasse.

Elizabeth também estava rezando. Seus tios a tinham recebido bem, mas a atitude de Davey era muito diferente. Ele a cumprimentou secamente e mal tomou conhecimento da presença de Drake, que não precisou de mais de um olhar para compreender o que se passava.

— O garoto gosta de você — ele comentou quando se afastavam em direção ao salão de bailes, alto o bastante para ser ouvido.

Atrás deles, Davey ficou tenso, apertando os punhos com força.

— Por favor! — Elizabeth murmurou. — Não quero uma cena. Já existe muita tensão no ar, com Sunbird aqui.

Por mais que gostasse da rara ocasião de ouvir Elizabeth lhe pedir algo, Drake não se sentiu feliz. Desde que decidira se casar com ela, não se satisfazia mais com a simples formalidade da decisão. E duvidava que chegasse a se satisfazer, mesmo quando o casamento se concretizasse no leito matrimonial. Queria que o mundo inteiro, principalmente os outros homens, soubessem que ela lhe pertencia, de uma maneira que ia muito além dos simples ditames e convenções sociais. Provavelmente só se sentiria feliz, quando tivesse certeza absoluta dos sentimentos que despertava nela. E não tinha a menor idéia de como conseguir isso.

Davey era uma lembrança muito forte de que nem toda a vida de Elizabeth lhe pertencia. Pensando nisso, ele manteve a atenção fixa no rapaz, mesmo enquanto conversavam com os outros convidados e dançavam a primeira valsa. Percebeu todos os olhares que Davey lançou a Elizabeth, cheios de uma mistura de raiva e desejo, que tornaram seu próprio temperamento difícil de controlar.

Elizabeth tentou fingir que nada havia de anormal, mas era impossível ignorar o ambiente carregado. Só os mais distraídos não percebiam a situação entre Davey e Drake. Isso, mais a presença de Sunbird ao lado de William, foi o suficiente para manter o salão inteiro vibrando de antecipação.

A atmosfera não melhorou, com a chegada de Philip. Ele entrou sorrindo, pediu desculpas pelo atraso e passou o braço pelos ombros de Sarah, beijando-a de leve. Não precisou de mais que um minuto para perceber que alguma coisa estava errada.

— O que está acontecendo? — cochichou para a esposa. — Nada. Está tudo bem. É uma festa linda.

Ele não acreditou. Anos e anos de intimidade o tinham ensinado a conhecê-la bem. Algo de anormal estava se passando e pretendia descobrir o que era.

Pensativo, Philip correu os olhos pelo salão. Sua atenção foi atraída por William, em pé ao lado de uma garota encantadora que, para sua surpresa, empalideceu ao vê-lo.

— Quem é a moça com William? — perguntou, notando a atitude protetora do filho e a aura quase visível de ternura entre os dois. Em vez de responder diretamente, Sarah disse:

— Ela é um encanto. Venha. Quero que a conheça.

Philip não se fez de rogado. O fato de amar e ser fiel à esposa não o

impedia de apreciar a convivência com outras lindas mulheres. Além disso, estava cheio de curiosidade pela moça que despertara sentimentos tão raros em seu filho.

Ao chegarem diante do casal, Philip inclinou-se sobre a mão que a moça lhe oferecia. Estranhamente, os dedos femininos começaram a tremer nos seus. No entanto, antes que pudesse se manifestar, William murmurou, num tom grave:

— Papai, eu gostaria de lhe apresentar Sunbird Durand.

Philip ergueu as sobrancelhas, mas não soltou a mão dela. Vagarosamente, encarou-a, vendo a ansiedade no rosto delicado, mas também uma grande dose de força e coragem.

Ele desprezava o pai dela. Na sua opinião, Charles Durand pertencia à pior espécie de oportunista, sempre pronto a se beneficiar da destruição dos outros. Destruição que fazia o possível para causar ou apressar, usando qualquer meio que tivesse à mão. Só graças a seu trabalho duro e à herança deixada por Josiah Mackenzie ele conseguira não cair nas garras do sujeito. Outros, como seu próprio cunhado, não tinham tido tanta sorte. Durand era dono de mais de cinquenta hectares da antiga Quail Run e, até o momento, havia rejeitado todas as suas propostas de compra, por mais vantajosas que fossem.

Sem a menor hesitação, ele condenaria o arrivista ao inferno. No entanto, olhando a filha do homem, era fácil perceber a injustiça de julgá-la semelhante ao pai. A vida o ensinara a não fazer julgamentos apressados, mas naquele caso provavelmente estava certo. Além disso, confiava no filho. William não era tolo e conhecia as mulheres o bastante para não se sentir atraído por uma delas, sem boas razões.

O sorriso que Philip dirigiu a Sunbird quase a fez amolecer, de puro alívio. Naquele momento, ela se convenceu de que William herdara todo seu charme do pai.

— É um prazer conhecê-la — Philip declarou. — Espero que me conceda uma das danças.

— Com todo gosto, se o senhor não se importar de arriscar os dedos dos pés. Nunca me ensinaram a dançar.

Os dois homens riram, os olhares cheios de admiração. William, principalmente, estava encantado com a resposta franca de Sunbird.

— Essa é uma deficiência que pretendo corrigir logo — assegurou ao pai, levando-a para a pista de dança.

Assim o assunto foi resolvido, para grande decepção dos outros convidados. Mas ainda restavam Elizabeth, Dràke e Davey. Um triângulo pouco provável, já que os dois rapazes estavam longe de ser iguais. Mas talvez isso até tornasse a situação mais perigosa.

Sem ligar para os pedidos silenciosos de sua mãe, Davey se colocara junto à pista de dança, recusando-se a tirar qualquer uma das garotas e cortando todas as tentativas de conversa. Seu olhar sombrio estava fixo em Elizabeth, enquanto ele pensava nos meses longos e dolorosos que haviam transcorrido, desde que ela se fora.

Ele a amara, embora só tivesse percebido isso depois que ela partira, arrancada de seu lado pelo pai e pelo irmão, os dois homens a quem precisava recorrer, sempre que estava em apuros. Um onda de raiva invadiu-o. Pensou

na ruína de seu pai, na ruína em que teria se transformado seu lar, sem a generosidade de Philip Calvert, e disse a si mesmo que Jeremy não tinha culpa de nenhum de seus infortúnios. A guerra fora a responsável, e só homens como Philip e William Calvert haviam sobrevivido intactos. A prosperidade deles zombava do sofrimento de todos os outros. Eles tinham dado as costas ao velho Sul, desprezando suas crenças e tradições mais queridas e mergulhando, sem remorsos, na nova era. Para ele, eram traidores.

Mais tarde, Davey iria se encontrar com outros homens que pensavam da mesma forma. Homens decididos a devolver a antiga glória ao Sul. Homens que não fugiam à necessidade de violência, mas que não cometiam a tolice de se expor aos inimigos, antes da hora certa. Homens que acreditavam na inegável superioridade de sua raça e não tolerariam os que a ameaçavam.

Como os Calvert. Todos sabiam que Philip Calvert nunca fora amigo da escravidão, opondo-se a esse sistema e proibindo até que procurassem escravos fugidos em suas terras. Havia outras histórias também, contadas apenas aos sussurros. Segundo uma delas, Philip tinha um meio irmão mulato, chamado Marcus, que costumava abrigar escravos fugitivos. Em vez de matá-lo, como faria qualquer homem de bem, Philip salvara a vida dele. Agora, segundo os boatos, Marcus vivia no México, em terras compradas para ele pelo pai, o falecido James Calvert.

Davey apertou os lábios, lembrando-se de Sunbird. Obviamente, a nova geração dos Calvert tinha tanto respeito pela pureza de seu sangue, quanto a velha. Sunbird era uma linda mulher, mas até um maldito arrivista como Charles Durand era capaz de ver que ela jamais seria uma dama. O fato de ela estar ali era uma afronta às mulheres brancas presentes.

Davey não era o único a pensar assim. Sua irmã, Melinda, tinha uma expressão sombria, ao se aproximar dele.

— Acabo de falar com mamãe, Davey, e ela acha que não podemos fazer nada a respeito.

Ele não precisou perguntar a que Melinda se referia. O relacionamento entre ambos podia não ser fácil, mas estava firmemente baseado em ressentimentos partilhados.

— É ruim receber um ianque — Melinda continuou — , mas ter de agüentar essa mestiça em nossa casa é muito pior.

— Graças aos Calvert. O que eles querem, conseguem, não importa a quem magoem.

O rosto de Melinda, que seria bonito não fosse a eterna expressão de descontentamento, iluminou-se, cheio de malícia.

— Mas o que é isso, Davey? Pensei que a queridinha da Elizabeth nunca fosse capaz de fazer alguma coisa errada, na sua opinião.

Ele deu de ombros, desviando o olhar.

— Nós poderíamos nos casar, agora que ela está mais velha. Se ela insistisse, Philip e Sarah acabariam concordando.

— Mas ela não insistiu. Na verdade, Elizabeth não só se consolou em Boston, como ainda voltou com um ianque a tiracolo.

Melinda não acrescentou que estava roxa de inveja da prima, que conseguira um noivo rico e bonito. Na sua opinião, era uma tremenda injustiça uma pessoa que já tinha tanto receber ainda mais.

Davey, por sua vez, apertou os punhos ao lado do corpo. A música havia

acabado e dois casais — Elizabeth e Drake, Sunbird e William — estavam rindo, juntos. A felicidade deles fez-lhe mal. Não podia ser suportada.

Capítulo IX

A RECEPÇÃO TERMINOU um pouco depois da meia-noite. Contra a vontade, Sunbird recusou o convite de Sarah para passar a noite em Calvert Oaks, mas cedeu à insistência de William em acompanhá-la até em casa. Estava certa de que sua ausência não tinha sido notada, já que raramente via o pai e fazia de tudo para evitar a madrasta.

— Obrigada por me emprestar o vestido — disse a Elizabeth, quando o grupo descia da carruagem, diante de Calvert Oaks. — Eu o trago de volta amanhã.

— Bobagem. Agora que ele foi modificado de acordo com suas medidas, é melhor você ficar com ele.

Sunbird abriu a boca para protestar, mas Elizabeth não deixou, acrescentando:

— É um favor que você me faz. Meus armários estão cheios, e Drake quer que eu compre mais roupas ainda.

Drake assentiu, o olhar aprovando a atitude da noiva.

— Mas eu... — Sunbird começou. Apesar de embaraçada pela situação, queria aceitar o vestido.

— Nunca se recusa um presente — William interferiu, passando o braço pela cintura dela. — Não é educado.

Rindo, ela cedeu.

— Nesse caso...

Quando os outros entraram, ele a fitou, sorrindo.

— Fiquei tão orgulhoso de você. Não havia uma mulher mais bonita no baile.

— Você está sendo injusto com sua mãe e sua irmã. As duas são lindas..

— Eu sei, mas você...

Em vez de tentar explicar seus sentimentos com palavras, ele inclinou a cabeça e beijou-a com ternura. Os dois se abraçaram, ela com as mãos nos ombros dele, ele acariciando-lhe as costas, os corpos ardentes de paixão. Até se lembrarem que o cocheiro da carruagem continuava ali.

Procurando se controlar, William encheu os pulmões de ar e exalou lentamente. Só então, disse:

— Pode ir para a cama, Jim. Eu levo a srta. Durand para casa.

O homem assentiu, pulou da carruagem e desapareceu na escuridão. William levantou Sunbird para a boléia, sentou-se ao lado dela e tomou as rédeas.

— Espero que você não se importe de demorar para chegar em casa.

A lua cheia, velada pelas nuvens, erguia-se sobre o rio. O canto baixo de cigarras e rãs fazia o ar vibrar.. Estava quente, mas era um calor gostoso. Feliz, Sunbird apoiou a cabeça no ombro de William e fechou os olhos, deixando-se embalar pelo som dos cascos dos cavalos batendo no chão de terra.

— Você sabe qual é a única coisa errada, esta noite? — ele perguntou baixinho.

Ela meneou a cabeça, sem mudar de posição.

— Eu estar levando você para casa, e não para a cama. Ela sorriu.

— Concordo plenamente.

— Então, o que acha de fazermos algo a esse respeito?

Sunbird pensou em tudo que tinha dito contra seu relacionamento, antes. Nada mais tinha importância. A família dele a aceitara de braços abertos. Ninguém poderia ter sido mais receptivo que Elizabeth e Sarah, e até Philip a tratara bem. Tivera tanto medo, e à toa.

Mesmo assim, em seu íntimo restou um pouco de cautela.

— Deixe passar o casamento de Elizabeth, William. Depois, falamos nisso.

Não era bem o que William queria ouvir, mas ele percebeu que não adiantaria insistir. Ela fizera um longo caminho, num tempo muito curto. O resto viria depois.

A felicidade que envolvia o casal era tão grande, em contraste com a reserva habitual, que eles estavam atordoados. Nenhum tinha consciência exata de para onde iam e por quê. As rédeas pendiam soltas das mãos de William, e o cavalo seguia sozinho ao longo da estrada, enquanto eles trocavam outro beijo quente e demorado.

Quando os dois fizeram uma pausa para respirar, perceberam que o cavalo havia parado e tinha a cabeça alta e as orelhas em pé.

— Alguma coisa o assustou — Sunbird murmurou, contente por estar ao lado de William. Nem se importaria, se nunca mais chegassem a sua casa.

— Pode ser que seja uma égua, aqui por perto.

Mas William não acreditava muito na própria explicação. Se fosse uma égua, o cavalo teria irrompido num trote. Segurando as rédeas com mais firmeza, William bateu-as de encontro ao corpo do animal. Para sua surpresa, no entanto, o cavalo não se mexeu.

— Que diabo...?!

— Espere! — Sunbird ergueu a mão para detê-lo, quando percebeu que ele pretendia descer da carruagem. — Ouvi alguma coisa.

William também ouvira, mas não sabia ao certo o que era. Instintivamente, levou a mão à coxa direita, xingando baixinho ao se lembrar que deixara o revólver em casa. Costumava andar sempre armado, um hábito que adquirira durante os longos anos de violência, durante e logo após a guerra. Na carruagem também não havia nenhuma arma, pois essa medida fora, há muito, considerada desnecessária.

Sunbird apurou os ouvidos. Também estava com medo, embora não soubesse por quê. A escuridão deixara de ser amiga, tornando-se uma ameaça.

— Vozes — sussurrou. — Vários homens a cavalo.

William assentiu, sério, pensando no que fazer. Os homens não estavam longe e logo perceberiam que havia alguém por perto. E que razão poderia haver, para um grupo de cavaleiros estar fora de casa, àquela hora da noite? Viajantes comuns já teriam procurado uma pousada. E negros pobres, sem lar, já estariam acampados ao longo da estrada. Só homens com motivos escusos procurariam o abrigo da escuridão.

Boatos que ouvira recentemente passaram pela mente de William. Desde o fim da guerra, a raiva e a amargura haviam aumentado muito e estavam adquirindo uma nova forma. Os homens não se contentavam mais em falar

contra a rigidez da Reconstrução, queriam tomar uma atitude mais positiva. Ele simpatizava com essa idéia, porque também achava que o Norte se mostrava desnecessariamente duro com o inimigo vencido. Mas, na sua opinião, o remédio estava na recuperação da economia sulista, no compromisso com a democracia e na aceitação de que o passado se fora para sempre.

A solução não estava na violência, na tortura, na intimidação e no desenvolvimento da crença na supremacia da raça branca. Crença essa firmada numa fé desvirtuada e numa herança pervertida.

Se ele estivesse sozinho, não teria hesitado em avançar, com cautela, e descobrir por que seus vizinhos se reuniam clandestinamente no bosque. Com Sunbird, não podia correr esse risco. Teria de deixá-la em segurança, primeiro. E quanto mais cedo fizesse isso, mais depressa poderia voltar.

— Vamos embora — sussurrou, puxando as rédeas para virar o cavalo. O animal obedeceu, aparentemente tão ansioso quanto eles para sair dali.

Os cavaleiros se aproximavam. William xingou baixinho. Sunbird percebeu o quanto ele estava tenso e tocou-o no braço. Ela estava com medo, principalmente porque compreendia a preocupação dele com sua segurança. Mas conhecendo a vida, sabia que isso não era possível. De qualquer modo, vendo-o tão preocupado com seu bem estar, conseguiu reunir coragem para enfrentar o que estava por vir.

— Eles nos ouviram, William. Estão se apressando. Vão nos alcançar.

William sabia que ela tinha razão, embora quisesse negar. A melhor saída era parar onde estavam deixar que os alcançassem e se portar naturalmente, como se nada estivesse errado. A premonição de perigo, cada vez mais forte em seu íntimo, não devia ter fundamento. Fosse qual fosse a intenção daqueles homens, com certeza eram sensatos o bastante para não ameaçar um vizinho.

Talvez os cavaleiros tivessem passado por eles e ido embora, se não estivessem bêbados. Davey balançou na sela, ao erguer a jarra de bourbon e tomar outro gole, a bebida escorrendo por seu queixo até a camisa suja. Começara a beber na festa, quando a visão de Drake e Elizabeth, tão felizes juntos, se tornara insuportável para ele. Os outros homens tinham suas próprias razões para cometer excessos, mas, no fim, tudo se resumia na mesma coisa: ressentimento e necessidade de arranjar coragem para fazer algo a esse respeito.

O grupo havia se encontrado no bosque, para falar dos planos que fizeram para um homem negro, que estava tentando comprar as terras onde trabalhava. O homem era um ótimo ferreiro, profissão que aprendera quando era escravo, e ganhara dinheiro trabalhando para os fazendeiros locais por um preço que os ferreiros brancos consideravam muito baixo.

— Maldito negro! — o homem ao lado de Davey murmurou, obrigando o cavalo a avançar. — Vamos queimar o desgraçado. É a única coisa que esses sujeitos entendem.

— Isso é uma corda no pescoço — Davey concordou, passando a jarra. Estava com dificuldades para se manter na sela. E o som que ouvira antes estava de volta: rodas e o barulho de arreios. — O que é isso?

- Os outros homens — oito, ao todo — interromperam os resmungos para ouvir.

- Parece uma carruagem — um deles arriscou.
- Alguém voltando tarde para casa.
- Talvez da recepção.

Eles hesitaram, sem saber se queriam encontrar um conhecido.

De repente, Davey sorriu. Apesar de atordoado, sabia onde se encontravam: a meio caminho entre Calvert Oaks e o rio, na estrada que levava à antiga fazenda dos Devereaux.

— Acho que William está fazendo papel de cavalheiro e levando aquela mestiça para casa — comentou.

— Uma mulher linda, apesar de ser meio índia.

— Uma vagabunda — Davey disse. — Todo mundo sabe que ela anda quase nua pelo mato. Calvert deve estar lhe dando o que tem de melhor.

— Não posso condenar o danado.

— Claro que não. Esse é o uso certo para ela. — Davey apertou os lábios. — Mas levar essa vagabunda a uma festa respeitável foi demais. Um insulto a todas as mulheres brancas que lá estavam.

— Os Calvert fazem o que querem.

— E tem uma sorte dos diabos!

— Estão ricos como nunca. Conseguiram de volta o que tinham antes da guerra e mais ainda.

— Não acho certo.

— E não é — afirmou Davey.

Sua cabeça parecia estar clareando, à medida que sua raiva expulsava o atordoamento causado pelo álcool. Os pensamentos de antes começaram a voltar, fortes como nunca. Quanto mais refletia, mais achava que os Calvert eram a causa de tudo que havia de errado no Sul. Não era de admirar que Elizabeth tivesse preferido se casar com um ianque. Como poderia ser de outra forma, quando fora criada num ninho de traidores?

— Vamos — sussurrou. Abrindo a bolsa da sela, tirou o capuz branco, que estava se tornando um emblema para homens como ele. — Vamos mostrar ao Calvert como os mestiços devem ser tratados.

Um pouco além, na estrada, William virou-se para Sunbird.

— Entre na carruagem e fique bem abaixada.

— Não! Eu não vou me esconder.

— Pelo amor de Deus, não seja louca! Não é hora de teimosia!

— Eu sei quem são aqueles homens, William. Um sinal de medo só vai fazer com que eles piores.

— Sozinho, eu posso conversar e dar um jeito na situação. É só eles não saberem que você está aqui.

— Eles vão saber. Pelo menos, vão desconfiar e examinar a carruagem. Se me acharem escondida, nada mais vai segurá-los.

William receava que fosse assim, de qualquer maneira. E a simples idéia de não ser capaz de protegê-la trouxe-lhe um gosto amargo à boca.

Ele respirou fundo quando os homens se aproximaram, saídos da escuridão. Vendo os capuzes brancos que usavam, não conteve uma exclamação de desgosto.

— Mas o que é isso? Os bravos guerreiros do velho Sul têm medo de ser reconhecidos?

Por trás da máscara, Davey corou.

— Não caçoe de nós, Calvert. Nós defendemos algo que você não é capaz de entender.

— Eu entendo, e muito bem. — O cheiro de bebida havia chegado a ele, misturado ao ar noturno. Seu desprezo aumentou, sufocando a cautela. — Não beberam o suficiente para ter coragem de mostrar o rosto?

— Cale a boca! — mandou outro dos mascarados.

— Os Calvert são tão cheios de si! Mas não passam de amantes de negros.

— Não só de negros. Qualquer tipo de carne escura.

Os homens riram, os olhos cheios de desejo fixos em Sunbird. Ela estava completamente imóvel, com as mãos cruzadas no colo e o olhar longe da cena feia, diante de si.

Apesar de apavorada, não mostrava sinal disso. Seu pai lhe ensinara poucas coisas, nunca com boas intenções, mas uma lição ela aprendera: homens mesquinhos e covardes jamais perdiam uma oportunidade de maltratar os mais fracos.

— Vocês já disseram o que queriam — William falou, por entre os dentes cerrados. — Agora saiam da frente para podermos passar.

— Daqui a pouco — respondeu Davey. — Esta noite aconteceu uma coisa que não deveria ter acontecido. Queremos que esta índia aprenda qual é o lugar dela.

William sabia o que eles pretendiam. Desde o primeiro momento, soubera que eles iam usar a violência e de que forma. Se tivesse uma arma, aquela era a hora certa para usá-la. Mas não tinha e só podia confiar em sua astúcia, no momento empanada por uma raiva intensa.

— Está bem, rapazes. Vocês queriam se divertir, mas agora chega. Sabem muito bem que, por pior que julguem esta dama — de propósito, enfatizou a palavra dama —, amanhã ainda vão estar morando aqui, bem perto e fáceis de reconhecer, apesar dos capuzes. Shaw... Ellison... Harris... — Nomeou um a um, até chegar ao último homem do grupo. — E, naturalmente, o primo Davey. Aposto que nenhum de vocês quer passar o resto da vida olhando por cima do ombro, imaginando quando vai morrer. Ou como.

Os homens se mexeram, cheios de nervosismo. Não haviam pensado que pudessem ser reconhecidos. Em sua embriaguez, acharam quase sobrenatural a perspicácia de William.

Sentindo o medo dos companheiros, Davey exclamou: — Não sejam tolos! Ele reconheceu os cavalos, só isso. O que não tem a menor importância. Podemos dar um jeito para ele não contar a ninguém o que vai acontecer aqui.

Isso era mais do que os homens queriam. A morte de negros era aceitável, assim como o estupro de mulheres que tinham o atrevimento de não se colocar no próprio lugar.

Mas matar um homem branco, rico e poderoso, cujos parentes na certa se vingariam, era mais do que sua coragem de bêbados permitia. Um por um, os homens viraram os cavalos, afastando-se da carruagem.

— Ahn... Davey, acho melhor esquecermos isso.

— É bobagem procurar encrenca.

— Temos algo melhor a nossa espera.

— Que diabo vocês estão querendo? — Davey virou-se tão depressa na sela, que quase caiu do cavalo. — Colocar o rabo entre as pernas e fugir?

— Não precisa ofender. Só estamos sendo cuidadosos.

— Um homem não deve morder mais do que é capaz de mastigar.

— Ouça o que eles dizem, Davey — aconselhou William. — Eles têm mais juízo que você. Se bem que isso não é vantagem. Qualquer um tem.

— Mas que droga! Não vou deixar você fazer isso comigo! — Davey gritou, levantando o braço.

A luz da lua, a lâmina de metal brilhou. A espada que Jeremy carregara durante toda a guerra, e Davey pegara para sua aventura noturna, sibilou no ar.

A intenção de Davey não era clara. Ele só sabia que queria atingir o primo, a personificação de tudo que gostaria de ser e não podia. O irmão adorado por Elizabeth, que havia conspirado para mandá-la embora e agora a dava a outro homem, roubando sua única chance de reaver o passado glorioso de sua família.

Mas o golpe saiu errado e foi Sunbird que se encolheu sob o aço frio, o sangue escorrendo, muito vermelho, à luz do luar.

Drake ainda não havia adormecido, quando a carruagem voltou para Calvert Oaks. Estava em pé, junto à janela, com insônia e ciente de que a culpa disso era sua. Se não tivesse convencido Elizabeth a ir para a varanda dos fundos, onde a beijara e acariciara até ambos ficarem ofegantes de desejo, estaria dormindo a sono solto. Talvez fosse uma boa idéia descer atrás de um dos charutos de Philip e um copo de uísque.

Já ia descer, quando ouviu o barulho de cascos na estrada. Para sua surpresa, era a carruagem dos Calvert a toda velocidade, os cavalos jogando cascalhos para o alto. Na boléia vinha William, incitando os animais a darem tudo de si. Podia ser que seu futuro cunhado estivesse apenas praticando um esporte saudável, apesar da hora pouco apropriada, mas ele duvidava.

Drake estava fora de seu quarto e descendo a escada, antes mesmo da carruagem parar diante da porta.

— O queacon...? — começou, ao ver William levantar o corpo feminino nos braços. — Sunbird...?

— Acorde minha mãe. Diga a ela que preciso de bandagens para estancar a hemorragia. E alguém precisa ir chamar o médico.

— O que houve?

— Depois eu explico.

William subiu os degraus de dois em dois e, sem hesitar, entrou com Sunbird em seu próprio quarto. Drake fez um gesto para segui-los, depois se lembrou de que não poderia ajudar em nada. Descendo o corredor, bateu na porta de seus anfitriões. Philip apareceu quase que de imediato, sem camisa e abotoando as calças.

— Nós ouvimos a carruagem. O que aconteceu?

— Sunbird está ferida, mas não sei o que houve.

Sarah, com os cabelos em desalinho caindo pelos ombros, apertou o cinto do roupão que acabava de pôr.

— Deve ter sido um acidente.

Com Drake e Philip em seus calcanhares, ela chegou ao quarto do filho a tempo de vê-lo colocar a moça sobre a cama. Sunbird tinha a cabeça caída para trás e a pele, normalmente dourada, branca como um lençol. Sobre o corpete do vestido, uma mancha vermelha escura se espalhava.

Sarah levou a mão à boca, abafando uma exclamação de horror. Mas sua reação foi imediata: agarrando a toalha que estava ao lado do jarro de água, correu para junto da moça e apertou-a de encontro à ferida.

— Philip, você sabe onde estão os medicamentos.

Ele assentiu e se foi, voltando num instante com tudo. Enquanto isso, Sarah rasgou o corpete do vestido de Sunbird, expondo um corte feio no ombro.

— Isso não foi acidente — comentou, incrédula. — Este corte foi feito por uma espada.

Na porta, Elizabeth apertou os lábios. Ouvira o barulho no corredor e saíra para investigar. Para sua surpresa, dera com Sunbird inconsciente na cama de William. Feridas eram inevitáveis numa fazenda. Já vira muitas. Mas nunca testemunhara os efeitos de uma violência dirigida contra alguém tão vulnerável.

— Quem? — perguntou baixinho, fitando o irmão. William tinha os olhos fixos em Sunbird, toda sua força mental concentrada em conseguir que a hemorragia parasse e ela continuasse a respirar. Mas ouviu a pergunta e respondeu por entre os dentes cerrados.

— Davey.

— Não!

Elizabeth meneou a cabeça, negando freneticamente. Parecia-lhe impossível que alguém que conheciam, que fazia parte da família, fosse responsável por tal monstruosidade. Tinha de ser um estranho. Um ladrão, talvez. Alguém que poderia ser caçado e punido sem remorsos.

— Tem certeza? — Philip quis saber. Entendia muito bem as implicações da acusação que o filho fizera. E a julgar pelo rosto pálido de Sarah, ela também entendia.

— Gostaria de não ter. Mas era ele, sim. Ele e o resto daqueles vagabundos, que pensam que podem se enrolar em lençóis e sair por aí, aterrorizando a vizinhança. Reconheci todos eles.

— Quem são?

— Homens que já estiveram nesta casa e pretendem voltar. — William fitou Elizabeth e Drake. — Para o casamento.

— Está bem, meu filho. Falamos nisso depois. Por enquanto, deixe Sarah cuidar da moça. Elizabeth, ajude sua mãe. Eu vou atrás do médico.

Philip saiu do quarto e encontrou Abigail e as filhas no corredor, todas de olhos arregalado e apertando os roupões de encontro ao peito.

— Sr. Calvert — Abigail começou, em seu melhor sotaque de Boston — , preciso saber o que está acontecendo. Minhas filhas são jovens, impressionáveis e...

— Agora, não.

Philip seguiu em frente, sem parar. Atrás dele, Abigail fungou, indignada.

— Nunca fui tão...!

— Volte para a cama, mamãe — disse Drake, guiando-a em direção ao quarto. — Já está tudo sob controle e não há nada que você possa fazer.

— Pensei que aquela... moça, Sunbird, tivesse ido para casa. Mas ela está no quarto de William. Francamente, Drake, isso não é direito. Suas irmãs não podem ser expostas a esse tipo de coisa.

— Então, leve-as de volta para o quarto, mamãe. Deliberadamente, ele

entrou com ela e as irmãs e fechou a porta, impedindo-as de olhar para trás.

— Você deveria encarar isso com mais seriedade, meu filho.

— Eu encaro, mas não pelos motivos que a senhora pensa.

Surpreso, Drake verificou que suas palavras expressavam a verdade. Estava zangado com o que acontecera a Sunbird. No lugar de William, não descansaria enquanto não castigasse o culpado. Para um homem que em toda sua vida nunca chegara a ficar mais do que ligeiramente aborrecido com alguém, uma emoção tão intensa era novidade.

Deixando a mãe e as irmãs, Drake voltou ao quarto de William para saber se podia ajudar em alguma coisa. Elizabeth, bastante preocupada mas trabalhando tão bem quanto a mãe, pediu-lhe para tirar William dali. William protestou a princípio, mas depois cedeu.

Embaixo, na biblioteca, Drake serviu-o de uma boa dose de uísque. Augusta, que acordara com o movimento, logo apareceu. Quando soube do que havia acontecido, correu para cima. Foster, sacudindo a cabeça grisalha sob o gorro de dormir, foi acordar as criadas da cozinha e providenciar água quente.

William jogou-se numa poltrona, as longas pernas esticadas e o rosto sem expressão. Parecia não ter nada na mente, mas Drake não se deixou enganar. Sentia no futuro cunhado uma raiva contida, que o excitava e chocava, ao mesmo tempo.

Depois de alguns minutos, incapaz de suportar o silêncio, Drake perguntou:

— O que é que você vai fazer?

— Vou matar aquele maldito.

A mente de Drake não registrou imediatamente o significado daquelas palavras, pronunciadas com toda calma.

— Como assim? Você não vai...

— Vou fazer exatamente o que disse.

Drake levantou-se, serviu-se de uma dose de uísque e tomou tudo de um só gole. Nunca se sentira tão distante de Boston.

— Não seria melhor chamar as autoridades?

Um brilho divertido e inesperado surgiu nos olhos de William.

— O que acha que elas fariam?

— Prender o culpado, levá-lo a julgamento.

— Vou lhe explicar uma coisa: desde o fim da guerra, as autoridades daqui não passam de um bando de arrivistas, colocados em seus postos com o único propósito de assegurar que o Sul nunca mais se levante. Eles encarariam a situação como um meio de humilhar uma das poucas famílias que ainda têm condições de se opor a eles. Além disso, os indivíduos bem intencionados, que querem reconstruir o Sul sem violência, se julgariam obrigados a apoiar Davey ou, pelo menos, minimizar o crime que ele cometeu. Nenhum lado faria com que ele pagasse como merece.

— Com a vida?

William ergueu-se e foi até a janela, onde ficou olhando a luz cinzenta do amanhecer. O dia prometia ser quente e claro, mas ele não estava pensando nas plantações. Num tom de voz abafado, murmurou:

— Eu amo Sunbird e pretendo me casar com ela. Se você estivesse no meu lugar e Elizabeth fosse atacada, o que faria?

Seguindo as normas consideradas corretas e apropriadas em Boston, Drake teria de tomar providências legais e se esquecer de qualquer violência pessoal. Esse comportamento selvagem atribuíra-se às classes mais baixas. Gente como ele pagava autoridades para fazer o que tinha de ser feito. Mas se estivesse no lugar de William, sem nenhuma proteção legal...

— Eu... entendo o seu ponto de vista.

— Então, vai entender também por que não quero envolver ninguém que esteja ligado a este lugar e possa ser vítima das repercussões que o caso vai ter. É por isso que vou lhe pedir para ser meu padrinho.

— Seu padrinho?!

Por Deus, o homem estava falando num duelo! Pistolas a quarenta passos. Ou seriam espadas?

Uma sensação estranha, um atordoamento, tomou conta de Drake. Era como se tivesse sido arrancado não só de seu mundo, como também de seu próprio tempo, para ser jogado numa época que já deveria estar morta e enterrada. Mas que não estava.

Fascinante! Afinal, o que poderia ser melhor que dois homens enfrentando-se no campo de honra? Seria a mais elementar das lutas, onde a vitória dependeria apenas da vontade e da determinação de cada um.

Seu sangue anglo-saxão, apurado por séculos de respeito à lei do mais forte, entrou em ebulição. Muito sério, ele respondeu:

— Vai ser um privilégio.

Capítulo X

SERIAM ESPADAS, no campo acima de Calvert Oaks, ao amanhecer, dois dias depois.

Usando um casaco leve e calças imaculadamente passadas, Drake fez a jornada a Quail Run para transmitir o desafio. Foi recebido por Kitty, que não sabia de nada que estava acontecendo, e por Jeremy, que sem dúvida tinha suas suspeitas. Só com relutância eles concordaram em lhe conceder um encontro particular com o filho.

Davey estava na varanda dos fundos, tomando uísque com hortelã. Ergueu os olhos, quando Drake se aproximava, mas não se levantou. Tinha as roupas amarrotadas e a barba por fazer. Com o copo, indicou a cadeira a seu lado.

— Sente-se, meu velho. Tome alguma coisa.

— Não, obrigado. O que tenho a lhe dizer é rápido.

— Com certeza. Mas estou surpreso que seja você. Eu jamais pensaria em envolver um ianque.

— William e eu vamos ser cunhados. Davey apertou os olhos.

— Você está certo disso, hein?

Na verdade, Drake não estava. Um duelo podia resultar na morte de qualquer um dos participantes. Mas ele preferia acreditar que a habilidade de William superava a do tolo relaxado e bêbado a sua frente.

— Presumo que não tenho que lhe explicar nada — disse. Davey deu de ombros.

— William e eu podemos não ter muito em comum, mas nós dois conhecemos as regras.

A voz dele falhou, e ele olhou para o outro lado. Estava mais preocupado do que queria admitir. Passara a noite sem dormir, angustiado pelo que fizera, sem saber como pudera ser tão estúpido. Estar bêbado explicava em parte, mas não completamente. Era quase como se quisesse pôr fim à própria vida.

— É claro que a escolha de armas é minha — declarou afinal, endireitando-se na cadeira.

Drake assentiu. Apesar dos duelos já terem sido abandonados, no Norte, William não tivera de lhe explicar todos os passos do procedimento. Lera muito, a respeito, e sabia como a coisa era feita.

— William é o melhor atirador da região — Davey comentou, com calma.

— Eu o vi matar um lobo que corria, a mais de cem metros de distância.

— Não sabia que ainda existem lobos por aqui.

— Não existem. Isso foi há vários anos. Estávamos caçando no lado oeste da fazenda. — Ele tentou sorrir, mas só conseguiu esboçar uma careta. — Um divertimento em família.

Por um momento, ambos ficaram em silêncio. Depois, Davey prosseguiu:

— Eu seria um tolo, se escolhesse pistolas. Assim, sobram as espadas. E eu não me saio mal com elas.

— Está bem. Vou comunicar a William sua decisão. Quanto ao lugar e à hora, se me disser quem é o seu padrinho...

— Nem precisa. Só há um lugar em que não seremos vistos, e a tradição exige que seja ao amanhecer. — Sorrindo, ele estendeu a mão para Drake. — Amanhã, então?

Drake concordou. Não estava entendendo o estado de espírito do outro, mas isso não tinha importância. Despedindo-se rapidamente, saiu aliviado por não encontrar os pais de Davey no caminho.

Por um acordo tácito, nem William nem Drake mencionaram a visita a Quail Run aos familiares. No alvoroço da chegada do médico e seu diagnóstico de que o ferimento de Sunbird, apesar de grave, não a colocava em perigo de vida, ninguém notara a saída de Drake. Uma mensagem fora enviada a Charles Durand, que supostamente devia estar preocupado com a ausência da filha, mas nenhuma resposta viera. O que muito alegrava Sarah, que não pretendia deixar a garota longe de seus olhos.

— Claro que você vai ficar aqui, até se recuperar — Sarah declarou no ensolarado quarto de hóspedes para onde a moça fora transferida.

Sunbird estava na cama, os cabelos escuros espalhados sobre o travesseiro, parecendo frágil e encantadora numa camisola de renda branca. Sua palidez e a bandagem no ombro eram o único sinal do trauma por que passara.

— Sou muito grata pelo que estão fazendo por mim, mas acho melhor eu ir embora.

Uma idéia detestável, mas a moça estava convencida de que ficar seria procurar mais problemas. Encontrara-se rapidamente com William, que fora muito gentil sem dizer uma única palavra a respeito da noite anterior. Se ele tivesse xingado e berrado, ela se sentiria melhor. Daquela maneira, ele estava guardando os sentimentos dentro de si e, mais cedo ou mais tarde, acabaria por explodir.

— Não vamos falar nisso, agora — Sarah murmurou, segurando a mão da moça.

Elizabeth, sentada do outro lado da cama, percebeu o olhar da mãe e concordou.

— Em primeiro lugar, você precisa se concentrar em ficar boa.

— Eu sei. Mas o seu casamento está aí, e não quero atrapalhar.

— Você não atrapalha, minha querida. — Sarah levantou-se. — Agora, descanse um pouco. Volto dentro de uma hora para ver como está.

Sunbird gostaria de insistir na sua ida, mas estava sem forças e sem vontade. Nunca ninguém se preocupara com ela, e ser cuidada daquele modo não era algo a que pudesse renunciar com facilidade. Acomodando-se melhor na cama, ela fechou os olhos e já estava dormindo, antes de Elizabeth e Sarah fecharem a porta.

— Um encanto de garota — Sarah comentou, no corredor. — Não é de admirar que William esteja tão apaixonado por ela.

— E ela por ele. Eles são perfeitos, um para o outro. Mas quando eu penso no que aconteceu...

Elizabeth apertou os punhos. Sua vontade era invadir Quail Run e dizer a Davey tudo que pensava dele. Não sabia como pudera querer se casar com um sujeito tão desprezível.

— Calma, minha filha. Além disso, essa parte não diz respeito a nós.

— Claro que diz. Não podemos permitir que Davey...

Sarah tocou-a no braço, fazendo sinal para que se calasse. Estavam diante do quarto de Abigail, que subira depois do café da manhã, queixando-se de dor de cabeça. Sem dúvida, estava agora com o ouvido colado à porta, louca para ouvir tudo que diziam.

— Algumas coisas devem ficar a cargo dos homens — Sarah continuou, mais adiante. — E esta é uma delas.

— Minha nossa! É a primeira vez que ouço você dizer uma coisa dessas.

— Geralmente não é preciso falar nisso, mas é verdade que nem sempre a presença de uma mulher é bem-vinda.

Um fato que Elizabeth achou difícil aceitar, apesar de saber que era verdade. Não queria pensar nas implicações daquelas palavras e estava impressionada com a calma da mãe. Sem dúvida, ela sabia qual era a intenção de William.

— Não seria melhor contar a papai?

— Ele já sabe.

— E não vai fazer nada?

— Não sei.

Elizabeth respirou fundo.

— Pelo menos, Drake não está envolvido.

No fundo, no entanto, ela gostaria que ele estivesse. Drake representava tudo que sempre quisera: segurança, posição, privilégios e até paixão. Mas também queria a proximidade que via entre os pais e entre William e Sunbird. Coisa que na certa viria, com o tempo. Não devia achar que Drake era mais fraco que seu pai e seu irmão, só por ter sido criado com valores e expectativas diferentes.

Quando encontrou o noivo na varanda, Elizabeth tentou acalmar seus receios em relação a ele, mas não conseguiu. Drake estava distante. Perguntou por Sunbird e respondeu com monossílabos aos comentários que ela fez, desencorajando-a a continuar.

A chegada de Abigail piorou o ambiente. Com olhares hostis para Elizabeth, ela mostrou logo o que pensava da situação:

— Uma coisa dessas jamais aconteceria em Boston.

Drake não respondeu, e Elizabeth começou a achar que ele era da mesma opinião. Talvez até estivesse pensando que não valia a pena unir-se a uma família onde tais coisas aconteciam. Uma possibilidade que a deprimiu tanto, que ela jantou em silêncio e foi logo para a cama, sem falar novamente com ele.

Na manhã seguinte, ela se levantou cedo, apesar da vontade de ficar na cama e ignorar a situação. As luzes que anunciavam o amanhecer encontraram-na na janela do quarto, observando a porta da casa. Sua infeliz expectativa foi confirmada quando William saiu, formalmente vestido em roupas matutinas, com a espada presa ao quadril. Ao lado dele, ia Drake.

Os dois entraram na carruagem dirigida por Foster e desapareceram na estrada de cascalho, antes que Elizabeth pudesse se recuperar da surpresa. Agoniada, ela arrancou o roupão, vestiu-se rapidamente e saiu. Desceu a escada, cruzou o saguão e já estava quase na porta, quando seu pai a chamou.

— Venha cá, Elizabeth — ele disse da biblioteca.

Ela hesitou, a mão na maçaneta. Mas estava acostumada a obedecê-lo.

Devagarinho, virou-se. Philip achava-se junto à janela, olhando para fora, e na certa a vira no enorme espelho que dominava a parede mais próxima.

— Sente-se — ele convidou, quando a filha entrou na biblioteca. — Foster me trouxe um bule de café, antes de sair. Quer uma xícara?

Elizabeth assentiu, deixando que o pai a servisse, o que não era o normal. Mas estava fora de si. Suas mãos tremiam tanto, que quase deixou cair a xícara, quando a recebeu.

— William...? — perguntou, depois de um rápido gole.

Philip voltou para sua poltrona. Passara a noite em pé e estava muito cansado. Conversara com o filho até meia-noite, quando se convencera de que não poderia fazê-lo mudar de idéia. Depois disso não lhe restara mais nada a fazer, a não ser agüentar a passagem das horas, até o desfecho final.

— William está muito zangado — disse, devagar. — Mas eu acho que ele não vai fazer nada... irreparável.

Elizabeth estremeceu. Sabia muito bem que os homens sulistas ainda se encontravam ao amanhecer, de armas na mão, com um único objetivo: matar.

— E se Davey morrer, papai?

— As conseqüências serão muito tristes para a nossa família.

Era admirável a calma de seu pai, admitindo a seriedade da situação. Davey era sobrinho dele, filho de uma irmã que muito amava. Se morresse, Philip sofreria muito.

— Não consigo entender. O Davey que eu conhecia jamais faria uma coisa dessas — murmurou Elizabeth. Ainda não conseguia imaginar o rapaz atacando Sunbird, apesar da certeza do irmão.

— As pessoas mudam. Ficam amargas com as decepções e perdem a capacidade de fazer boas escolhas.

— O senhor é tão filosófico!

Philip pensou nisso, lembrando-se de como deixara a esposa, momentos atrás. Ela adormecera em seus braços, esgotada pela angústia e o brandy que conseguira fazê-la tomar. Sua esperança era que continuasse dormindo, até tudo acabar.

— Já vi muita violência, minha filha. Ela fitou a manga da camisa dele, vazia.

— Sempre achei que a guerra era menos pessoal. Ele riu, meneando a cabeça.

— Um erro bastante comum. Mas eu lhe garanto que é muito pessoal. Existe uma grande semelhança entre dar e tirar a vida.

Philip calou-se, certo de que seria inútil e cruel tentar explicar a sua filha o que se passava entre homens empenhados num combate mortal. Graças a Deus, ela era inocente demais para ter consciência desses fatos, e ele torcia para que continuasse assim, ao longo da vida.

A prontidão com que Drake se dispusera a acompanhar William era um bom sinal, em relação ao futuro de Elizabeth. Não dissera a ninguém, mas tivera algumas dúvidas em relação ao rapaz. Nada sério a ponto de tentar impedir o casamento, mas o bastante para deixá-lo preocupado.

De certa maneira, Drake lembrava muito o Philip de anos atrás. Ele também nascera em berço de ouro, desenvolvendo uma boa dose de arrogância. Mas, ao contrário de Drake, sofrerá a experiência de um mundo em mudança. Uma experiência trágica, mas que o obrigara a amadurecer.

Como pai, não queria que o genro, e em consequência a filha, passassem pelo mesmo horror. No entanto, como um homem abençoado pelo encontro do amor, lamentava a possibilidade de Elizabeth jamais experimentar o mesmo sentimento, profundo e amadurecido.

William, nascido em circunstâncias diferentes, estava perto de encontrar um relacionamento desses com Sunbird. Philip ficara bem impressionado com a moça e já decidira se empenhar para ajudá-la, fosse qual fosse o resultado do duelo.

Como homem acostumado a não fugir de verdades desagradáveis, ele encarou a possibilidade do filho, e não Davey,, morrer. O rosto pálido e tenso de Elizabeth mostrou-lhe que ela também estava pensando nisso. Inclinando-se para a frente, segurou-lhe a mão.

Juntos, pai e filha esperaram o sol se erguer sobre uma terra que, apesar de todo o sangue que já bebera, estava sempre pronta a beber mais.

Três homens estavam sobre a colina acima de Calvert Oaks. William e Davey encaravam-se, a poucos passos de distância. Mais para o lado, Drake segurava os casacos de ambos e observava a cena, cada vez mais preocupado.

— Houve algum motivo, em particular, para você não trazer um padrinho?
— William perguntou.

Davey deu de ombros. Era um pouco mais baixo e claro que o primo. Também tinha o físico menos desenvolvido, mas nem por isso deixava de dar uma impressão de força.

— Achei desnecessário.

— Pode ser, mas sempre é melhor ter duas testemunhas.

— Com medo do que vão dizer de você depois, primo?

O tom de Davey irritou William. O rapaz parecia decidido a negar a seriedade do que iam fazer, mostrando que provavelmente não estava preparado para aquilo. William não tinha nada contra enfrentar um inimigo a sua altura, mas aquele não parecia ser o caso.

— Um médico, então — William continuou. — Você deveria ter trazido um.

— Outra coisa isso não me passou pela cabeça. Os duelos são ilegais, e achei que não seria justo envolver outra pessoa.

Uma desculpa tão inteligente e verdadeira, que William ficou surpreso. Realmente, os duelos eram contra a lei e não mais tão comuns quanto algumas décadas atrás, mas ainda aconteciam e eram testemunhados por muitos médicos, que agiam em caso de necessidade.

Havia um desejo assustador de autodestruição na falta de preparativos de Davey. William, no entanto, não se desviaria de seu propósito. Bastava pensar em Sunbird, sangrando em seus braços, para sua zanga voltar.

— Você é um bêbado tolo! — xingou o primo. — Em homens como você não está a salvação, mas a destruição do Sul.

— Discordo. — Davey ficou em silêncio por um instante, depois admitiu: — Olhe, se eu tivesse de fazer tudo de novo, não me daria ao trabalho de mexer com a garota.

— Está querendo me pedir desculpas?

Davey mostrou os dentes, na imitação de um sorriso.

— E deixar que você saia honrosamente do que provocou? De jeito nenhum! — Num movimento rápido, tirou a espada da bainha, — En garde,

primo. Estamos aqui com um propósito, e eu vou até o fim.

William não teve escolha a não ser desembainhar a própria arma e tomar posição para se defender. As lâminas de aço, fundidas pelo mesmo armeiro e usadas por seus pais na mesma guerra, brilharam à luz do sol.

Duelos não deveriam ser levados a cabo em dias tão claros e brilhantes, pensou William, quando o primeiro som de espada contra espada espalhou-se no ar. Deveriam ser feitos em meio à escuridão da noite, um horário bem mais de acordo com as emoções que provocavam.

Logo não havia mais tempo para pensar em nada. Os dois rapazes jogavam tudo num passo mortal, os corpos tensos pela força de sua luta, a pele manchada de suor. Davey era considerado bom, o que foi confirmado por William, depois de alguns minutos. Lutar com espadas fora uma das poucas coisas a que ele se dera o trabalho de aprender, realmente. Tinha praticado bem avanços e recuos, mantendo um equilíbrio cuidadoso entre ataque e defesa.

Mas faltava em Davey o instinto do verdadeiro matador. Uma revelação desconcertante, em vista do objetivo do duelo. William começou a achar que ele não tivera mesmo a intenção de ferir Sunbird, o que diminuiu sua concentração.

Abismado, Drake viu o rumo da luta mudar. William passara à defesa, e Davey, ao ataque. Ambos se moviam para a frente e para trás, destruindo a grama da clareira com suas botas. De repente, William escorregou e o coração de Drake bateu mais forte. Recuperando o equilíbrio, William continuou a lutar.

A quase tragédia clareou a mente de William e ele foi em frente, pressionando Davey cada vez mais. Ambos já respiravam com dificuldade, os braços doloridos de segurar as espadas. Para Davey, a dor era como uma parede de fogo caindo sobre seu corpo, uma fonte de medo e agonia. Para William, uma realidade aborrecida, que devia ser empurrada para o canto da mente e ignorada.

William feriu o braço direito de Davey acima do cotovelo, mas não atingiu músculos e tendões. No entanto; arrancar sangue em primeiro lugar deu-lhe uma vantagem. Pensando no sangue de Sunbird, tornou-se mais agressivo.

Havia dois jeitos de lutar, em duelos: o jeito vagaroso, que tornava a luta longa e a morte dolorosa, e o jeito rápido, causando uma ferida mortal, que matasse instantaneamente. William era bem versado nos dois, embora fosse a primeira vez que lutava fora de uma sala de aula. Sabia quais eram os pontos mais vulneráveis do corpo, quais as feridas que causariam a morte mais rápida e quais provocariam incapacidade física, com grande chance de sobrevivência. Esses conhecimentos não eram recentes, tinham sido adquiridos ao longo dos séculos, desde os dias em que os gladiadores lutavam em uma arena com o único objetivo de divertir os poderosos.

William pretendia matar, mas sua honra exigia que fosse uma morte rápida. Seria possível, porque Davey estava enfraquecendo rapidamente. Por um instante, sua espada abaixou, dando a William a oportunidade de pôr fim à luta. Quando ele hesitou, a oportunidade desapareceu, voltando a ocorrer minutos depois.

Como William, Drake fora bem treinado na arte de lutar com espadas e percebeu as oportunidades que o outro estava deixando passar. Por mais que quisesse acreditar que eram resultado do enfraquecimento de Davey, uma

horrível suspeita começou a tomar forma em sua mente. Uma execução era algo que tinha condições de testemunhar, se fosse preciso, mas um suicídio era muito diferente.

Drake dominou o desejo de falar, pois isso seria prejudicial aos dois. Mas William já percebera o que estava acontecendo. Recuando um passo, esperou para ver se Davey teria a sensatez de se defender. Quando, em vez disso, ele abriu mais a guarda, seu receio se confirmou.

Querendo saber até onde o primo iria, William atingiu-o novamente no braço, provocando um ferimento mais sério que o anterior. Pelo tamanho do fluxo de sangue, o braço logo estaria entorpecido. Davey percebeu, o rosto contraindo-se em desespero.

— Pare de brincar — berrou. — Acabe logo com isso!

— Está com tanta vontade de morrer, primo?

Davey não respondeu, mas seus olhos revelaram a verdade: tinham uma expressão resignada, com os de um velho que dá as boas vindas à morte.

William interpretou esse olhar como uma obscenidade. Tudo que era forte e jovem, em seu íntimo, rebelou-se contra a idéia de procurar deliberadamente a extinção. Sua revolta foi tão grande que ele teria matado Davey ali mesmo, não fosse a pena que o invadiu.

Davey se odiava. A raiva que tinha de si mesmo era tão intensa, que William sentiu a própria zanga se abater. Com isso, veio a decisão de não deixar que o primo o usasse para se auto destruir.

Percebendo a mudança de William, Davey se enfureceu.

— Mas que droga! Você estava louco para me matar. Por que não mata, agora?

— Por sua causa. Não vou carregar esse peso, Davey.

— Então, morra você! — ele gritou, avançando de uma forma tão rápida e inesperada, que quase provocou uma ferida fatal.

Matar ou ser morto. Os termos eram claros, mas William não conseguiu aceitá-los. O que lhe deixou apenas uma alternativa.

Drake viu o golpe sendo armado e percebeu o que significava. Tomado por uma mistura de fascinação e repulsa, seguiu com os olhos a descida da espada de William. Tarde demais, Davey também entendeu o que ia acontecer. Antes que pudesse fazer um único movimento, os músculos de seu ombro direito foram seccionados, inutilizando o braço que segurava a espada.

Davey vacilou, dominado pela dor e a recusa em acreditar no que havia acontecido. Depois, devagar, foi caindo, até atingir o chão com um barulho surdo, que não ouviu.

Capítulo XI

NOS DIAS QUE SE seguiram ao duelo, Elizabeth disse a si mesma que deveria estar contente com um casamento austero, quase sem convidados. Muito melhor ter a seu redor o manto protetor de sua família, que funcionava como um escudo contra a zanga de sua sogra e a estranheza de sua nova vida.

Os Calvert sempre se mantinham unidos nas situações dolorosas. Não toleravam amizades falsas, oferecidas devido a sua influência, e afastaram os vizinhos, que ficaram sem saber se deveriam ou não comparecer à festa de casamento. Para poupá-los da decisão, Philip espalhou que o casamento seria algo simples, em família. A resposta foi um suspiro geral de alívio, seguido por uma onda interminável de boatos sobre o duelo na colina dos Calvert.

David sobrevivera. Podia ser visto todas as manhãs tomando ar na varanda de Quail Run, com o ombro e o braço direito envoltos em bandagens, e o rosto magro e abatido. Era sempre taciturno com os visitantes que encontravam uma desculpa para ir até lá, mas a verdade era que não tinha necessidade de dizer nada. Provara seu valor como cavalheiro sulista, primeiro com o duelo, depois recusando-se a revelar o nome de seu oponente às autoridades.

— É tão injusto! — Elizabeth disse a Drake, logo após a cerimônia de seu casamento, quando recebiam os parabéns da família dela. — Davey recebe homenagens como um rei, em Quail Run, enquanto nós estamos aqui isolados. Em todo caso, é melhor um casamento simples do que ter de suportar cochichos e olhares estranhos.

Drake, que estava contente simplesmente pelo fato de o casamento ter sido realizado, sorriu com tolerância. Não entendia o aborrecimento de Elizabeth, porque não sabia o que ela planejava para aquele dia. Em vez da orgulhosa afirmação de sua herança sulista, seu casamento quase se transformara em algo feito às escondidas, com a noiva sentindo-se uma participante bem vestida demais.

— Que vestido diferente — Abigail comentou, na primeira oportunidade que teve de se dirigir à nora. — Vocês não tiveram tempo de mandar fazer um novo?

— Preferi usar o vestido de minha mãe. Espero que isso se torne uma tradição e minha própria filha o use, um dia.

A resposta de Abigail foi erguer uma das sobancelhas. Ela já se convencera de que o filho estava cometendo um erro que teria de ser corrigido. Como, ainda não sabia, pois uma separação legal estava fora de cogitação, mas aquele casamento não poderia continuar indefinidamente. Só lhe restava confiar no bom senso de Drake, ou melhor, no egoísmo dele, para que não engravidasse Elizabeth antes que alguma providência pudesse ser tomada.

Observando o novo casal, que conversava com William e Sunbird, Abigail franziu a testa. Que tipo de família tinha a coragem de receber bem uma garota daqueles, principalmente quando o relacionamento dela com o rapaz

estava tão claro? Só um tolo não veria a paixão que fluía entre os dois. Ela nunca sentira isso em sua vida, mas era perfeitamente capaz de reconhecer a paixão, quando a via.

O nojo que Abigail sentia, sempre que se lembrava dos aspectos mais crus do casamento, pelo menos daquela vez serviu para melhorar seu humor. Drake estava parecendo um jovem garanhão, espumando diante da visão de uma égua. Nesse ponto, todos os homens eram iguais, até os que fingiam aceitar os ditames moderadores da religião. Eram todos verdadeiros animais selvagens, dominados pelo próprio corpo. E aquela menina impertinente, Elizabeth, logo descobriria o que isso significava.

Drake sorriu novamente para a esposa, imaginando quando poderiam partir, sem provocar comentários. Um casamento simples tinha inúmeras vantagens, entre elas a de tudo andar mais depressa. A cerimônia já fora, e logo viria o jantar em família, que não poderia durar mais do que três ou quatro horas. Com o evidente mau humor de sua mãe e irmãs, talvez até durasse menos.

Dias atrás, ele contratara um barco a vapor para esperá-los no rio. Nele iriam até Portsmouth, onde embarcariam num grande navio para a Europa, em lua-de-mel. A idéia de ficar sozinho com a esposa, em sua cabine, levou-o a perguntar, inclinando-se para ela: — Suas malas estão prontas, não estão, querida? Elizabeth assentiu, sem erguer os olhos. Estava sendo tomada por uma sensação de horror, só de pensar em deixar seu lar e tudo que ele significava. Uma reação bem fora de hora, já que nunca tinham lhe feito segredo do que o casamento exigia.

Ela quisera se casar, não apenas pelos privilégios que isso lhe traria, como também pela parte íntima, que se passava atrás de portas fechadas. Quando Drake a abraçava e acariciava, queria que ele fosse mais além. Ou costumava querer. No momento, diante da proximidade da realização de suas fantasias, só desejava fugir.

Em vez de fugir, no entanto, aceitou o braço do marido e acompanhou-o decorosamente à sala de jantar.

Mamãe Augusta havia se superado. A longa mesa de mogno, coberta por renda branca e decorada com rosas brancas, gemia sob o peso de um suculento presunto enfeitado com cravos, biscoitos dourados e molhados em mel, pickles de feijão e milho, travessas de arroz branco soltinho, e frango com molho de tomate e salsa. Numa mesa separada, a um lado da sala, estava o bolo de casamento, de várias camadas, decorado com rosas açucaradas.

— À minha querida filha — Philip brindou, quando a primeira garrafa foi aberta. — Que este dia se torne para ela uma lembrança tão boa quanto será para nós.

Ele pretendia dizer que esperava que Elizabeth fosse sempre tão feliz quanto naquele momento, mas a expressão nos olhos dela o impediu. Ela estava apreensiva, o que se tornava mais preocupante ainda, em face da tremenda autoconfiança de Drake. Sua esperança era que o genro tivesse sensibilidade suficiente para entender o receio da esposa.

O velho hábito de proteger a filha era difícil de ser abandonado, porém Philip sabia que não tinha outra escolha, a não ser ceder o lugar a Drake. O que aceitava a contragosto, com a mesma dignidade com que aprendera a aceitar as inevitáveis voltas da vida.

Para Sarah, era mais fácil aceitar o casamento da filha. Ela amava Elizabeth intensamente, todavia, tendo enfrentado a mesma situação, sabia que a transição de solteira para casada não precisava ser triste nem dolorosa. Não precisava, mas podia ser.

No entanto, Sarah lançou um rápido olhar a Drake e viu, nos modos dele, motivos para a mesma preocupação que Philip estava sentindo.

A vida era tão simples para o rapaz. Tudo lhe caía nas mãos, abençoadamente. Diante do evidente descontentamento da mãe e das irmãs, ele simplesmente resolvera ignorá-las, preferindo se divertir. Só esperava que ele não fosse tão indiferente, com "Elizabeth.

William pensava exatamente a mesma coisa. Sua iniciação de Sunbird não fora tão delicada quanto deveria, porque subestimara a inocência da moça. Desculpa que Drake não teria. No entanto, aquele era um assunto a ser resolvido entre o rapaz e Elizabeth.

O champanhe correndo livremente não conseguiu dissipar a tensão que metade do grupo tentava valentemente esconder, e a outra metade, explorar. Imitando a mãe, as irmãs de Drake mostravam-se rígidas e silenciosas. Tinham feito uma bela encenação para mostrar que comiam pouco, remexendo a comida como se estivessem, em vão, à procura de algo melhor. Seu vinho permaneceu intocado. Abigail suspirou uma vez, profundamente, mas decepcionou-se quando não atraiu a atenção de ninguém. Quando ela tentou de novo, mais alto, Drake deu-se ao trabalho de perguntar:

— Algum problema, mamãe?

— Não. Eu só estava pensando no seu querido pai e no quanto ele teria gostado de estar aqui, hoje.

Com esta frase, pronunciada em tom sepulcral, Abigail conseguiu introduzir um pouco da falta de alegria de Boston na festividade. Assim vingada, ela começou, afinal, a se divertir.

Apesar de sua preocupação com o que as próximas horas trariam, Elizabeth sentiu-se aliviada quando a refeição chegou ao fim. Levantou-se com Drake para cortar o bolo, e até sorriu. Mas por trás de sua falsa alegria havia apenas medo e uma certa resignação.

Ela escolhera o próprio caminho e seguiria por ele. A garota despreocupada de horas atrás já cedera lugar a uma nova criatura, com a qual não simpatizava muito. E aquele deveria ser o dia mais feliz de sua vida!

No andar de cima, no quarto que logo deixaria de ser seu, ela permitiu que a mãe e Augusta a despissem.

— Vamos lavar o vestido e guardá-lo — Sarah disse, fingindo naturalidade. — Depois, se você quiser, eu o mando para a sua casa.

— Acho melhor ele ficar aqui. — Livre do corpete apertado, Elizabeth esticou o corpo e respirou fundo. — Sunbird pode querer usá-lo.

— William nos disse que eles vão se casar discretamente, em Richmond.

— Casamentos discretos vão se tornar uma tradição na família Calvert, então?

As duas mulheres mais velhas trocaram um olhar preocupado. Depois, Sarah passou o braço pelos ombros da filha.

— Eu sei que está desapontada, meu bem, mas acredite em mim: a cerimônia de casamento é só uma pequena parte do que você tem pela frente.

Elizabeth baixou a cabeça, envergonhada da própria fraqueza.

— Eu sei... Mas era a única parte que eu entendia.

— O resto virá naturalmente, você vai ver.

O que mais Sarah poderia dizer? A distância entre a inocência e o conhecimento era grande demais para ser transposta com simples palavras.

— Não liguem para mim. — Elizabeth sorriu, sem alegria. — É só nervosismo de última hora.

— Vai dar tudo certo.

Sarah estava horrorizada com a própria incapacidade de acalmar a filha. O melhor seria incentivar-lhe a autoconfiança, que Abigail já fizera o possível para destruir.

— Você estava linda, de noiva — murmurou, depois de ajudar a filha a colocar o conjunto lilás, de viagem — , mas agora está maravilhosa.

Elizabeth estava realmente lindíssima. Tinha os cabelos presos na nuca, revelando os brincos de brilhante, presente de casamento de seus pais. Sua pele, muito pálida, fazia os olhos azuis acinzentados parecerem ainda maiores. Era a imagem da graça e da beleza, uma mulher para ser admirada e amada.

Drake pensou o mesmo, quando a viu descendo a escadaria de mármore que levava ao saguão de entrada da casa. A bagagem já fora e ele estava impaciente para partir. Seus longos dedos corriam pela aba do chapéu que tinha nas mãos, e seus olhos desviavam-se a cada segundo para o enorme relógio carrilhão.

Ao lado dele, Philip tirou outra baforada do charuto, resistindo à vontade de sugerir que os noivos passassem a noite em Calvert Oaks. Ao ver a filha, no entanto, quase insistiu para que ficassem. Só mordendo a ponta do charuto, com toda força, conseguiu ficar calado.

— Você está maravilhosa — disse Drake, adiantando-se rapidamente para recebê-la. Seus olhos tinham uma expressão ligeiramente atordoada, e as palavras saíam com dificuldade.

— Obrigada — Elizabeth murmurou, baixando o olhar. A proximidade do corpo masculino bloqueou seus pensamentos. O que foi bom. Entorpecida, despediu-se da família sem que as emoções conflitantes que a afligiam viesse à tona.

— Voltem para o Natal — Philip sugeriu, quando saíam para a varanda.

— Claro.

Naquele momento, Drake estava pronto a concordar com qualquer coisa. A mãe fitou-o, zangada, mas ele a ignorou. Na verdade, não conseguia ver nada, além de Elizabeth. De noiva, ela estava linda, mas era apenas sua noiva. Agora, era sua mulher. A mulher que ele possuiria com todo o direito que lhe dava a lei. A mulher que pertenceria a ele do modo mais completo e absoluto que uma pessoa podia pertencer a outra.

— Boa viagem — Sarah desejou, procurando conter as lágrimas. — Não se esqueça de escrever, minha filha.

— Claro, mamãe. E vou lhe contar tudo sobre a moda em Paris.

Depois de uma rápida troca de abraços, Drake levou-a para a carruagem. Os olhos embaçados de lágrimas, Elizabeth sentiu-se grata por ter a ajuda dele para embarcar. Piscou, tentando se controlar, mas logo desistiu.

O cocheiro estalou o chicote no ar e os cavalos arrancaram. A carruagem começou a rolar pela estrada de cascalho, ladeada por enormes carvalhos. Sorrindo condescendente, Drake passou o braço pelos ombros da esposa.

— Não é preciso chorar, doçura — consolou-a, feliz por estar no comando da situação. Ela era tão pequena e vulnerável, que seu coração se apertava só de pensar no quanto dependia dele. — Nós vamos voltar. No Natal, se possível.

Elizabeth assentiu, apoiando-se nele. Para trás ficava tudo que conhecia e amava. À frente, tinha... o quê? O medo do desconhecido assolou-a, mas a coragem dos Calvert logo veio em seu socorro. Respirando fundo, enxugou os olhos e endireitou o corpo.

— Desculpe, Drake. Não era minha intenção fazer uma cena. Ele franziu a testa, incapaz de confessar que gostara de vê-la chorosa.

— Não precisa pedir desculpas, meu anjo. Você tem o direito de chorar, num dia como o de hoje.

Elizabeth já havia dominado por completo sua emoção, quando chegaram ao cais onde o barco os esperava. O Dixie Princess geralmente fazia o caminho de Richmond a Portsmouth e vice-versa, carregando centenas de passageiros. Mas só o capitão estava à vista, quando Drake saiu da carruagem e ajudou Elizabeth a descer.

Muito formal num uniforme azul-marinho, com alamares e botões dourados, o capitão Jonah Danvers adiantou-se para recebê-los.

— Boa tarde, senhor, madame — cumprimentou, inclinando a cabeça de cabelos prateados. — Se me permitem, gostaria de lhes dar os parabéns.

— Obrigado.

Drake tomou o braço de Elizabeth. Ela olhava em volta, um pouco atordoada, sem saber por que não havia outros passageiros no convés. Uma parada irregular sem dúvida despertaria a curiosidade de muita gente. Mas os conveses de mogno brilhante estavam vazios, sem ninguém se debruçando nas grades de latão polido.

— Sua bagagem já foi embarcada, senhor. Se quiser ter a bondade de me seguir...

Eles o seguiram pela prancha de embarque, que fora cuidadosamente amarrada ao convés. A bordo, Elizabeth ficou ainda mais espantada com o silêncio e a estranha sensação de isolamento.

— Algum problema, sra. Bennington?

— O quê? Ah, não...

Era a primeira vez que alguém usava seu novo nome, e ela levou alguns momentos para entender. O capitão estava sendo cordial, mantendo uma atitude de respeito que só podia ser decorrência da posição de Drake. Uma situação com a qual teria que se acostumar, dali em diante.

— Eu só queria saber onde estão os outros passageiros.

O capitão lançou um olhar surpreso para Drake, que não se manifestou, deixando as explicações para ele.

— Não existem outros passageiros, madame. Seu marido providenciou para que fossem os únicos, nesta viagem.

A imagem de uma fileira de cabines vazias infiltrou-se na mente de Elizabeth, dando-lhe a impressão de ter entrado numa casa abandonada. O que era uma tolice. Drake só quisera ser romântico, e ela devia estar encantada.

No entanto, estar completamente só com ele não a alegrava. Inconscientemente, começou a contar as pessoas em volta, não porque

acreditasse que poderia precisar de ajuda, mas porque sabia que a presença de outras pessoas sempre impunha uma certa moderação.

Agora só teriam a tripulação do barco com eles, na descida do rio James... E para Drake, a tripulação contaria tanto quanto o batalhão de criados invisíveis que o serviam, desde o nascimento.

Sua cabine era, obviamente, a maior e mais luxuosa do barco. Tinha uma sala de estar com sofás estofados e lâmpadas presas à parede, ao lado de um quarto com uma enorme cama de latão.

Elizabeth percebeu que sua criada já estivera lá, pois as roupas que usaria durante a viagem estavam no armário de carvalho. O criado de Drake também andara ocupado, e os ternos dele partilhavam o espaço com seus vestidos, numa intimidade casual. Por uma porta entreaberta, ela viu um enorme banheiro privativo, com uma banheira de pés em garra. Havia também uma penteadeira de mármore, com seus artigos de toalete ao lado dos dele.

Drake a seguiu até a cabine e fechou a porta atrás de si. Elizabeth ouviu o barulho da chave e se virou. Foi quando toda sua esperança de uma trégua, por menor que fosse, desapareceu. A tensão no rosto masculino falava de uma ansiedade que ela não entendia nem partilhava, naquele momento. E a impaciência que ele exalava, ao se aproximar, mostrou-lhe que Drake, sem dúvida, tomaria o que não lhe entregasse de livre e espontânea vontade.

Capítulo XII

— NÃO PRECISA FICAR nervosa, querida — Drake disse, caminhando em direção a ela. — Somos marido e mulher, agora.

Elizabeth desviou o olhar. Endireitou um vaso sobre a mesinha próxima, e examinou, sem ver, o quadro acima dela.

— É claro — concordou, numa voz que soou estranha até a seus ouvidos. Drake não deu a impressão de notar.

— É natural que eu queira ficar sozinho com você, doçura. Natural, mas não bem-vindo. Ela ainda precisava de tempo para se recuperar dos acontecimentos dos últimos dias, quando vira sua família ameaçada por forças inesperadas e poderosas. Sempre fora uma criança alegre e otimista, e a vida nunca lhe dera motivos para ser de outra maneira. Tinha a firme convicção de que tudo terminaria bem, mas precisava que lhe mostrassem um pouco de paciência e compreensão para superar a depressão em que se encontrava, no momento.

No entanto, paciência e compreensão eram coisas que estavam longe dos pensamentos de Drake. Em sua opinião, ele já havia esperado por um tempo extraordinariamente longo. Nunca tivera de adiar tanto a própria satisfação. Se aceitara, fora porque não vira outra alternativa, mas isso não o impedira de se ressentir da situação.

Apertando os olhos, ele estudou o perfil pálido de Elizabeth.

— Você sabe o que eu quero?

Ela assentiu, pensando que aquele era um modo bastante cru de abordar o assunto. Existiam maneiras mais gentis de um rapaz descobrir se a noiva sabia o que se passava, durante a noite de núpcias. Mas ele abandonara tais considerações e parecia cada vez mais tenso e decidido.

— Pensei que fôssemos esperar até depois do jantar — ela murmurou.

Drake relaxou um pouco e até sorriu.

Então era isso. Elizabeth pensava que só poderiam fazer amor no escuro. Seria um prazer mostrar-lhe que não era bem assim.

— Ninguém vai nos interromper — garantiu, deslizando as mãos dos cotovelos aos ombros femininos. Sentiu os ossos frágeis e encantou-se com o pulsar no pescoço delicado.

Elizabeth fitou a cama larga, cercada por cortinas diáfnas de gaze, com os travesseiros de pena afofados e as cobertas já preparadas para a noite.

— Minha criada! Vou precisar dela.

— Que bobagem, eu mesmo ajudo você.

— O banho...

— Depois nós tomamos um banho juntos.

Uma idéia chocante, mas capaz de excitá-la de uma maneira que quase lhe causou repulsa. Algum tempo atrás, percebera que Drake despertava um lado completamente desconhecido de sua natureza. O amor era um sentimento com o qual se sentia à vontade, porque tivera a sorte de crescer numa família cheia de amor para dar. Mas da paixão fora tão protegida quanto qualquer garota de sua idade e posição social. Agora Drake estava a ponto de rasgar o

véu que cobria seus olhos, desvendando o mistério que a atraía como a chama atrai a mariposa.

Drake sentiu a hesitação de Elizabeth e achou que isso só confirmava sua idéia de que ela precisava de mão firme. A família a adorava e talvez a tivesse mimado demais. Mas agora ela era sua esposa e teria que aprender a viver sem mimos. Em troca, seria recompensada com uma vida de fazer inveja a qualquer mulher.

Tolerante devido à certeza de estar certo, ele a segurou pelo queixo, inclinou-lhe a cabeça para trás e beijou-a. Dominado pela necessidade de liberar um pouco de seu desejo reprimido, não pensou em ser gentil ou ir devagar.

Elizabeth assustou-se quando a língua de Drake invadiu sua boca. Já fora beijada assim antes, porém, não com tanta rudeza e ímpeto. Enrijeceu, procurando se afastar, mas ele havia descido as mãos para seus quadris e a imobilizou com firmeza, puxando-a de encontro a si. Estava muito excitado.

— Drake! — ela protestou, conseguindo virar a cabeça para o lado. Tinha a boca molhada, e o gosto dele na língua. Uma onda de raiva assolou-a. Seu casamento não fora o que esperava, e a noite de núpcias parecia que não ia ser, também. — Você está sendo muito bruto.

Ele ergueu uma das sobrancelhas, sem demonstrar a menor preocupação.

- E mesmo? Você sempre foi muito protegida e não sabe como são as coisas entre um homem e uma mulher.

Ansioso, procurou os minúsculos botões de pérola da jaqueta feminina, começando a abri-los.

— Não espere que eu seja um amante dócil e polido, Elizabeth. Eu a quero demais para isso.

Apesar de grandes, as mãos de Drake nada tinham de desajeitadas. Quando Elizabeth percebeu, metade dos botões já haviam cedido. Tentou, então, contemporizar:

— Deixe que eu desabotoe.

— Está bem. — Ele recuou um passo. — Vá em frente. Querendo uma certa privacidade, ela olhou em torno de si. Mas ele não lhe deu trégua.

— Eu quero ver você.

Mais uma vez, ela foi tomada pelas sensações conflitantes de aborrecimento e excitação. Confusa, procurou refúgio no sarcasmo: — É isso que as moças bem educadas de Boston fazem? Drake meneou a cabeça, sorrindo.

— Eu não me casei com uma moça bem educada de Boston. Elizabeth começou a entender. A paixão que sempre sentira como

uma presença estranha em seu íntimo tinha sido imediatamente reconhecida por Drake. Sem dúvida, fora uma das coisas que o atraíram.

Ela também descobriu, naquele momento, que representava a união de dois tipos de mulher, que antes ele só vira separadas. Drake na certa esperava que, em público, fosse a imagem da dama fria e cortês. Mas sozinhos como estavam, queria algo completamente diferente. Algo que, para sua surpresa, ela percebeu que gostaria de lhe dar.

Devagar, sem desviar os olhos dele, Elizabeth terminou de desabotoar a jaqueta e tirou-a. Por baixo, usava uma blusa branca de seda, com delicadas flores aplicadas e gola de renda. As mangas longas terminavam num babado

também de renda, que cobria metade de suas mãos. Pérolas minúsculas desciam pela parte da frente, desaparecendo sob a cintura fina da saia rodada.

Casualmente, como se fizesse isso todos os dias da semana, ela dependurou a jaqueta nas costas de uma cadeira e endireitou o corpo

— Agora é a sua vez.

Drake arregalou os olhos, diante do atrevimento. Mas conseguiu esconder a surpresa e, com mais pressa do que graça, livrou-se do casaco. Decidido a levar vantagem, tirou também o colete e jogou os dois negligentemente sobre um dos sofás.

O olhar de Elizabeth deslizou pelo peito largo, coberto apenas pela camisa engomada de linho.

Com as mãos nos quadris e os pés ligeiramente separados, ele exigiu, impaciente:

— Continue.

— Não posso... Os botões verdadeiros são nas costas.

— Vire-se.

Elizabeth obedeceu, apesar de suas pernas tremerem tanto que estava com medo de cair. A seda enroscou e Drake xingou baixinho, arrancando um dos botões, que foi para o chão.

— Desculpe...

— Na não tem importância.

Afinal, a blusa se abriu. Ele a tirou da saia e começou a descê-la pelos ombros delicados. Acima do corpete de renda, apareceu a pele rosada de Elizabeth, perfumada com um delicioso aroma de lavanda.

Inclinando-se para beijá-la na nuca, ele sentiu o arrepio que a percorreu. A blusa terminou de escorregar pelos braços incrivelmente macios, indo parar junto ao botão arrancado.

Instintivamente, Elizabeth tentou recuperá-la, mas Drake não permitiu. Olhando por cima do ombro dela, podia ver-lhe os seios, parcialmente cobertos pelo corpete. O tecido fino não escondia os círculos mais escuros dos mamilos, nem sua rigidez.

— Lindos! — murmurou.

Com esse comentário, sua paciência se foi. Ele quase arrancou os botões da saia lilás, puxando-a para baixo. Elizabeth virou a cabeça, disposta a protestar, mas foi impedida por outro beijo ardoroso, que lhe tirou da mente o que pretendia dizer.

Ela mal percebeu, quando ele a sentou na beirada da cama e tirou seus sapatos. Em seguida foram as meias de seda e os inúmeros saiotes, até nada restar, além do espartilho e das calças, que lhe iam até o joelho.

— Levante-se — Drake ordenou, arrancando a camisa.

Elizabeth nem tinha obedecido e ele já segurava suas mãos, colocando-as sobre o próprio peito, cuja pele parecia arder.

Ela deixou escapar uma exclamação abafada, mas não tentou se afastar. Aquilo era fascinante. Gostaria de tocar-lhe o corpo inteiro, aprendendo todos os contornos, como ele ia aprender os contornos do seu.

Mas não estava pronta para isso e continuou imóvel, observando-o passar as mãos por seu espartilho, que ia dos seios até um pouco acima das coxas. De acordo com a moda, fora feito de um tecido mais leve que os antigos, mas nem por isso deixava de ser uma barreira entre eles.

Drake atrapalhou-se com os laços, que tinham sido dados com nós duplos. Uma pequena surpresa da parte de mamãe Augusta.

— Mas que droga! — ele murmurou, baixinho. — Estas coisas deviam ser consideradas ilegais.

— Muitas mulheres também acham.

Elizabeth não estava mais assustada com a impaciência do marido. Na verdade, tornara-se mais confiante e começava a gostar do fato de excitá-lo tanto. Então, sem nenhum aviso, ele arrebentou os laços que prendiam o espartilho.

O gesto e a roupa arruinada deixaram-na pasma. Não estava acostumada a ter tantas coisas, a ponto de encarar com tranquilidade sua destruição.

— Meu espartilho vai ter que ser consertado — murmurou.

— Bobagem. Você não precisa de espartilhos e eu não quero ter de me preocupar com eles.

Isso queria dizer que ele pretendia despi-la regularmente?

Elizabeth quase perguntou, mas desistiu porque achou que não ia gostar da resposta. Além disso, tinha outras coisas em que pensar. Como o gemido de prazer que escapou dos lábios de Drake, quando ele segurou e apertou seus seios de leve.

Nunca ninguém a tocara daquela maneira. Ele mesmo se limitara a tocar seus seios só com ponta dos dedos, e assim mesmo quando estava decorosamente coberta por várias camadas de roupa. Aquilo era completamente diferente. Os dedos másculos, esfregando seus mamilos, criavam em seu ventre uma sensação estranha, que se espalhava por todo seu corpo. Tremia da cabeça aos pés, mas estava quente, muito quente...

Nem a maciez da seda podia ser comparada à maciez da pele de Elizabeth, Drake pensou, desnudando-a até a cintura.

Os mamilos rosados estavam rígidos, e ele inclinou a cabeça, mordiscando um deles, antes de tomá-lo na boca, sugando-o com vontade.

Elizabeth gritou, incapaz de se controlar. Estava em chamas, e só o braço dele, envolvendo sua cintura, impediu-a de cair. Parecia estar afundando num abismo de prazer, do qual não havia retorno.

O instinto de defesa incitava-a a resistir, mas Drake foi implacável. Sem nem mesmo ter consciência exata do que fazia, destruiu-lhe a resistência e prosseguiu. Livrou-se do espartilho e dos grampos que prendiam os cabelos cor de mel, deixando que caíssem livremente sobre os seios. Em seguida sentou-se, arrancou as botas e abriu as calças, mas não as tirou.

Diante dele, Elizabeth vacilou. Instintivamente, ergueu as mãos para se cobrir, mas um comando áspero fez com que voltasse à posição original.

Drake chamou-a e ela se adiantou, até ficar entre as pernas masculinas. Centímetro por centímetro, ele foi puxando a única roupa que ainda a cobria, revelando a curva dos quadris, o ventre liso, os pêlos dourados entre as coxas.

Antes que isso terminasse, Elizabeth já tremia incontrolavelmente. Agarrando-se aos ombros dele, enterrou as unhas na pele quente, com a textura de veludo. Quando os lábios viris roçaram sua pele, abaixo do umbigo, gemeu baixinho. Mas foi a língua masculina, deslizando por sua parte mais íntima, que levou seus joelhos a dobrarem.

Tomando-a nos braços, Drake colocou-a sobre a cama. Deitada de costas, fitando-o com olhos ligeiramente dilatados, ela o viu acabar de se despir,

revelando o quanto estava excitado.

A súbita lembrança de que ele pretendia invadir seu corpo tirou-a do entorpecimento sensual em que se encontrava. Enrijecendo, sentou-se depressa, preparando-se para fugir. Num segundo Drake estava na cama, obrigando-a a se deitar. — Está tudo bem, doçura. A dor da primeira vez é pequena e passa logo.

A pouca capacidade de raciocínio, que ainda lhe restava, disse-lhe que ele tinha razão. Sua própria mãe não lhe garantira que a experiência era linda? Além disso, os corpos femininos eram feitos para dar à luz a um bebê e podiam se adaptar a muita coisa.

Freneticamente, Elizabeth repetiu esse raciocínio para si mesma, enquanto Drake abaixava o corpo sobre o seu. O peso era considerável, embora fosse sustentado, na maior parte, pelos braços poderosos. O calor masculino também era intenso e envolveu-a como uma presença intrusa, tão estranha quanto a pele que roçava seus seios.

Drake não tirava os olhos do rosto de Elizabeth. Estava aliviado com a aceitação e agradavelmente surpreso com a resposta dela a seus carinhos. Pelo que ouvira de seus amigos casados, noivas virgens costumavam se portar como mártires, diante dos animais que eram os maridos. No entanto, qualquer dúvida nesse sentido era tola e devia ser afastada.

Como estava certo em não se casar com uma garota fria da Nova Inglaterra, pensou, correndo a mão pelo corpo de Elizabeth. A pele frágil brilhava como porcelana, e no quadril, junto à curva das nádegas, encontrou, deliciado, uma verruginha marrom. Tocando-a com a ponta da língua, imaginou que outros prazeres ainda estavam a sua espera.

Elizabeth mantinha-se completamente imóvel. Passara por vários estágios de emoção, indo do ressentimento à antecipação e, depois, aos primórdios do medo. Naquele instante, encontrava-se em estado de choque. Nunca fora manipulada com tanta intimidade. Sentia-se invadida, antes mesmo de ser possuída. Mais ainda, estava abismada com a presunção dele em achar que podia fazer o que quisesse. Uma presunção que a sociedade, sem dúvida, aprovaria.

Mas era seu corpo que Drake estava tocando. E de uma forma tão completa que quase chegava a ser um exame. Eram seus seios, que estavam sendo sugados, e suas pernas, separadas. Quando ele a tocou entre as coxas, foi obrigada a abafar um grito de protesto. Fisicamente estava excitada, mas emocionalmente sentia-se distante e um pouquinho enojada.

Talvez isso não fosse importante. Drake parecia não ter consciência de sua relutância. Falava baixinho, elogiando sua beleza num tom de voz grave e ligeiramente indistinto. Logo, começou a se descontrolar, usando palavras que a chocaram ainda mais.

Nesse momento, um pensamento infiltrou-se em sua mente: estava sendo usada como as mulheres que viviam no lado proibido da cidade.

Horrorizada, logo disse a si mesma que estava enganada. Drake era seu marido. Tinham se unido em nome de Deus e dos homens. E não podia acusá-lo de não estar sendo gentil. Nada do que ele fizera a machucara, a não ser na parte mais íntima e vulnerável de seu coração.

Coisa que mudou, quando ele deu início à penetração. Então, houve dor, mas para seu alívio foi breve e longe de intolerável. Entendendo que prolongar

o momento seria cruel, ele avançou com um gesto firme e rápido. Depois disso, foi mais fácil, embora parecesse se prolongar para sempre. A respiração dele estava alterada e a pele úmida de encontro a sua. Por entre os cílios, ela o fitou, vendo a cabeça bonita jogada para trás, com o rosto estranhamente tenso. Um segundo depois, um líquido quente jorrou em seu corpo, Drake gemeu e estava acabado.

Pelo menos, uma parte estava. Depois ele a abraçou, acariciando . suas costas de leve. Isso foi tão bom quanto o conhecimento de que lhe dera prazer. E ele parecia bem satisfeito, ainda que um pouquinho arrependido.

— Vai melhorar, para você — ouviu-o murmurar, num tom sonolento. — Garanto...

Elizabeth não entendeu. Para ela, era suficiente que a experiência tivesse acabado e não fosse tão ruim assim. Vagamente, lembrou-se do que a mãe dissera e ficou preocupada com o fato de estar perdendo alguma coisa. Mas foi um sentimento que passou logo, pois adormeceu também, embalada pelo ritmo das pás do barco que continuava em seu caminho rio abaixo.

Dois garçons de jaqueta branca trouxeram o jantar à cabine numa mesinha de rodas, arrumada com cristais e porcelana fina. Num vaso Lalique, uma única rosa, perfeita. Num balde de prata, uma garrafa de champanhe gelado. Em meio a tudo isso, aromas deliciosos, vindos de recipientes colocados sobre um aparador.

— Está ótimo — Drake elogiou, quando tudo ficou pronto. — Podem deixar, que nós nos servimos.

Os dois assentiram, dirigindo-se à porta. Não tinham ficado mais do que cinco minutos na cabine. Como bons profissionais, nem uma vez haviam estabelecido contato visual com o rapaz alto e loiro de roupão de seda vinho, que lhes dera a instrução. Também não fariam comentários sobre os recém-casados lá fora. Trabalhavam há dez anos em barcos de passageiros, e naquele tempo tinham visto tanta variedade humana, para não dizer depravação, que um casal normal não despertava seu interesse.

Elizabeth, porém, não tinha o mesmo sangue frio dos dois. Preferiu ficar fechada no quarto até Drake chamá-la. Em parte por causa do modo como estava vestida — ou melhor, despida — , mas principalmente porque naquele momento não teria coragem de encará-los, nem que estivesse coberta da cabeça aos pés.

— Você está linda! — Drake exclamou, com sinceridade.

Ele levava algum tempo para convencê-la a vestir o penhoar, embora fosse um modelo discreto, em comparação com outros que já vira. Mas não se podia querer que uma esposa usasse roupas iguais às de uma garota de casas de prazer. Ainda assim, a seda branca era fina o bastante para deixá-lo vislumbrar a beleza do corpo que pretendia possuir novamente, num futuro não muito distante.

Se ela não fosse sua esposa, e uma virgem há tão pouco tempo, já a teria possuído mais uma vez. Porém, orgulhava-se de seu auto controle e acreditava que a paciência lhe traria muitas vantagens, depois,

— Sente-se — convidou, apontando para uma das poltronas de veludo, junto à mesinha.

Elizabeth cruzou a sala, obviamente embaraçada, e ele disfarçou um sorriso. Ela não tinha motivos para estar assim. Além de linda,era graciosa em

seus movimentos, tendo uma postura perfeita e um modo de andar delicioso.

— A nós — brindou, encostando sua taça à dela.

Elizabeth fitou-o como se não tivesse entendido. Depois, forçou um sorriso e tomou um gole do vinho gelado e espumante. A bebida desceu com bastante facilidade, apesar de sua garganta apertada. O segundo gole foi mais fácil ainda, e metade da taça já se fora quando percebeu o que estava fazendo.

Drake serviu-a mais uma vez e recostou-se na cadeira. Estava gostando de observá-la, com os cabelos cor de mel caídos sobre os ombros, num desarranjo muito atraente. Também eram atraentes as faces coradas e os olhos ainda pesados de paixão, que evitavam os seus.

O penhoar de seda, que tanto insistira para que ela colocasse, acentuava a curva dos seios, enchendo-o de vontade de tocá-la novamente. Mas resistiu, pois sabia que o ardor reprimido queimava com mais força quando libertado. — Está com fome?

Elizabeth meneou a cabeça. Embora estivesse de estômago vazio, não suportava a idéia de comer. Nem os bolinhos de caranguejo que adorava conseguiram abrir seu apetite. Ou o consomé, as suculentas fatias de rosbife, as batatas feitas com salsa, as cenouras cozidas e os pãezinhos ainda quentes, que constituíam o que podia ser considerado, com toda justiça, um excelente jantar. Durante a sobremesa, no entanto, comeu uma pêra e aceitou das mãos de Drake um morango molhado em champanhe.

Só então riu, sentindo-se ousada, sem parar para pensar que era o vinho que lhe dava coragem. Drake havia enchido sua taça inúmeras vezes, sem que notasse, e agora estava com uma sensação agradável, sem nada que lembrasse a tensão de momentos atrás.

Com Drake, no entanto, acontecia exatamente o contrário. A cada momento, sua excitação se tornava maior. Ele comera bem, mas pela atenção que prestara à comida, poderiam ter lhe dado serragem, que não faria a menor diferença. Em sua mente, só havia um pensamento: levar Elizabeth de volta para a cama, o mais depressa possível.

Nesse meio tempo, ocupava-se falando das coisas que fariam, quando chegassem à Europa. Estivera lá, três anos antes, e só guardava boas lembranças. Já mandara cartas, avisando os amigos de sua visita, e tinha certeza de que seriam muito festejados. Elizabeth gostaria disso, provavelmente tanto quanto gostaria de ser apresentada à aristocracia.

Elizabeth ouvia Drake, assentindo de vez em quando, mas sem captar muito bem o significado das palavras. Sua atenção estava concentrada no timbre da voz masculina, no riso baixo e no sorriso aberto, que o fazia parecer quase ingênuo.

— Os ingleses o chamam de Bertie — ele explicou, referindo-se ao Príncipe de Gales, em cujo círculo dourado seriam recebidos. — Não na frente dele, é claro. Lá, as formalidades são seguidas de uma forma quase ridícula.

— Como assim? — Elizabeth perguntou, abandonando seu langor para fingir um pouco de interesse.

— Lá, as... regras não são exatamente iguais às de Boston. Drake franziu a testa, lembrando-se das liberdades sexuais da classe alta britânica. De acordo com o código secreto dos lords e ladies que gravitavam em torno do príncipe, casos amorosos eram perfeitamente aceitáveis, desde que o casal envolvido fosse discreto. Qualquer mulher casada podia participar desse jogo,

se já tivesse cumprido o dever de dar ao marido pelo menos um herdeiro.

Elizabeth era casada e, sem dúvida, desejável, mas ainda não tinha filhos e deveria ser considerada proibida. Deveria, mas poderia não ser. O fato de serem americanos e estarem de passagem talvez levasse alguns cavalheiros a quebrar as regras. O que significava que teria de deixar claro que tal interferência não seria tolerada.

Seu olhar endureceu quando pensou no que sentiria, se outro homem a tocasse. Talvez estivesse se sentindo tão possessivo porque acabara de tirá-lhe a virgindade. Mesmo assim, era um alívio saber que as regras do libertino filho da Rainha Vitória ainda não haviam chegado a Boston.

Abruptamente, Drake levantou-se e estendeu a mão para Elizabeth.

— Venha.

Atordoadada pelo vinho e pela súbita mudança de atitude da parte dele, ela meneou a cabeça.

— Onde...?

— Para a cama. Já é tarde.

Uma explicação falsa, pois sugeria que o objetivo era dormir. Mas Elizabeth não se deixou enganar. Viu o brilho nos olhos masculinos e entendeu. Uma parte de seu ser se rebelou, como acontecera antes. Mas desta vez sua resistência foi minada pelo desejo de experimentar melhor o que tinha vislumbrado.

Os dedos de Drake, muito quentes, fecharam-se em volta dos seus. Levantando-se, seguiu-o quase com docilidade. Todavia, as batidas rápidas de seu coração mostravam que não seria uma participante passiva.

Aquela noite, enquanto o barco ancorado balançava ao ritmo das águas, com cigarras cantando nas margens do rio, Elizabeth aprendeu mais alguma coisa sobre a paixão e o casamento. Descobriu que o que pensara que fosse uma intimidade chocante era apenas o prelúdio de intrusões muito maiores, e percebeu o quanto Drake esperava, de sua parte. Também começou a sentir, ainda que vagamente, o poder que tinha em seu íntimo. Um poder secreto, feminino, de cuja existência nunca suspeitara até aquele momento.

Quando Drake adormeceu, exausto, apoiou-se num dos cotovelos para estudá-lo. A mística e o mistério masculino, que antes o envolviam, tinham acabado. O macho desconhecido não mais a impressionava. Agora estava impressionada com o que guardava dentro de si.

Gotas de chuva começaram a bater no telhado da cabine. Elizabeth ouviu o barulhinho por um longo tempo, distraída, antes de se lembrar por que era tão importante. Em Calvert Oaks, as plantações de algodão e tabaco, castigadas pela seca, receberiam nova vida. No alojamento dos trabalhadores e na casa grande, todos deviam estar acordados, cheios de alívio. Ao amanhecer, a terra estaria escura e úmida, e haveria risos nos campos.

Ela não estaria lá. De repente, viu que seu rosto também estava molhado. Mas não tentou secá-lo, deixando as lágrimas fluírem livremente. Era seu tributo à terra e ao passado.

Muito tempo depois, Elizabeth recostou-se nos travesseiros, ao lado do marido, e adormeceu.

ESPOSA

Capítulo XIII

LONDRES NÃO ERA O QUE Elizabeth tinha imaginado. Ela esperava encontrar uma versão maior de Boston, e havia uma certa semelhança na parte que todos insistiam em chamar de city, como se o resto da cidade não tivesse a menor importância. O título fora dado provavelmente porque era ali que se concentravam as bolsas de ações, os bancos, e todos os lugares onde eram realizados os grandes negócios do império.

Quanto à sociedade de Londres, sua atividade era tão grande que fazia Boston parecer uma cidadezinha modorrenta. Eles mal tinham se instalado em sua suíte, no Hotel Carlton, quando começaram a chegar os convites. A estação social de primavera, que começava na Páscoa e ia até o fim de junho, estava no auge. As melhores famílias encontravam-se na cidade, e os boatos corriam à solta pelas casas mais elegantes.

O príncipe terminara seu último caso. A srta. Langtry, depois de alguns anos tumultuados na cama real, começara a aborrecê-lo. Ele estava chegando aos quarenta e queria um relacionamento mais calmo, o que não o impedia de se divertir um pouco com a fabulosa Sarah Bernhardt.

Diziam que sua sofredora princesa, a linda e exasperante Alexandra, estava grávida novamente, mas poucos acreditavam. Os melhores amigos de Bertie, que ficavam ao lado dele contra as censuras de sua mãe, a rainha Vitória, estavam certos de que ele abandonara a cama de Alexandra para evitar que ela corresse o risco de enfrentar outro parto. Assim sendo, suas infidelidades não passavam de uma consequência da consideração que dedicava à esposa.

Essas atitudes davam um exemplo que poucos relutavam em seguir, como Elizabeth logo aprendeu. Sua tutora nesse labirinto de padrões morais foi uma moça de vinte e quatro anos, Cornélia Marie Cardingham, esposa de Charles David Cardingham, marquês de Luxtable e um grande amigo de Drake.

Cornélia estava decidida a transformar Elizabeth num sucesso social.

— Você é um encanto — ela disse uma tarde, quando as duas tomavam chá em sua casa —, mas isso não basta. Você precisa brilhar.

— Não sei se eu quero brilhar — Elizabeth respondeu, com sua macia voz sulista. — Dá muito trabalho.

Cornélia não gostou da resposta. Fizera muito sucesso ao ser apresentada à sociedade, seis anos atrás. Seus olhos grandes, pele clara e feições puras haviam atraído muitos admiradores. Graças aos ensinamentos da mãe e da tia, que também tinham sido moças de sucesso em sua época, ela aprendera a transformar uma certa timidez natural numa atitude de mistério, muito apreciada pelos cavalheiros de sua classe. Antes do fim da estação, já havia recebido dezenas de pedidos de casamento. Decidir qual deles aceitar tinha sido fácil, pois sabia muito bem o tipo de vida que queria.

Desde então, Cornélia sentia muita vontade de repetir esse sucesso, ainda que através de outra pessoa. Em sua convidada americana, viu a chance. Elizabeth não era mais uma garota pura e inocente, mas isso constituía uma vantagem. Ela poderia aproveitar a liberdade própria de uma mulher casada e,

ao mesmo tempo, usar o fato de não ter filhos para se manter distante.

Uma combinação tentadora, do ponto de vista de Cornélia, que, apesar de tudo, sentia-se feliz por não se encontrar mais em tal situação. A ala infantil de sua casa estava bem guarnecida com dois filhos e uma filha, deixando-a livre para perseguir outros interesses. Se ela nada fizera até o momento, era porque continuava a achar o marido muitíssimo atraente, uma gafe social que fazia o possível para esconder.

— Deixe de bobagem — Cornélia disse a Elizabeth, com firmeza. — Você vai adorar a agitação. E Drake vai ficar tão orgulhoso!

Foi um tiro certeiro. Ela já percebera o desejo tocante que Elizabeth tinha de agradar o marido, e a melhor maneira de conseguir isso era dando a Drake motivos para se orgulhar dela.

— Você é exótica — Cornélia continuou, servindo outra xícara de chá. Devido aos espalhos que usavam, nenhuma das duas tocara nos deliciosos pratos de bolos e sanduíches.

Elizabeth pensara em parar de usar a terrível invenção, já que Drake não gostava deles e seu corpo era muito bem feito. Mas logotles cobrira que não seria prático, devido à moda atual. E a moda tinha que ser seguida à risca, se queria agradar o marido e ser tão admirada em público quanto era na cama.

— Não só você é americana, como também é do Sul. Vemos tão poucos sulistas por aqui que vocês nos fascinam. Deve ser por causa daquela horrível guerra.

Elizabeth sorriu. Não sabia como se sentiria, sendo objeto de curiosidade, mas queria ser alvo da aprovação de Drake. Isto se tornara vital para ela. Drake parecia um garoto à solta em Londres, cheio de entusiasmo e vivacidade. Aquela tarde ele fora com Charles a um clube, onde sem dúvida estava renovando conhecimentos e aceitando convites.

Não que ela se importasse. Verdade que tinha um leve desejo de tê-lo só para si, mas a intimidade entre ambos ainda a assustava. Os dois dias de solidão que haviam partilhado, descendo o rio James, tinham sido mais que suficientes. Na viagem transatlântica, sentira-se aliviada quando ele procurara o convívio de outros casais.

— Está bem — concordou. — Talvez seja divertido. Mas como começamos?

Essa era uma estratégia que Cornélia conhecia desde o berço.

— Em primeiro lugar, você tem de freqüentar as festas certas. Isso não é problema, já que recebeu convites para todas. Só não pode cometer deslizos, por menores que sejam.

— Como? Eu sou uma estranha aqui, mas já percebi que nem tudo é o que parece.

— Bravo! Eu tinha razão, achando que você é inteligente. Nossa sociedade é como um bolo enorme, com uma cobertura linda e inúmeras camadas, algumas doces, outras azedas. Tem até algumas nozes duras, que podem quebrar um dente. Para evitar isso, você precisa conhecer um pouco da nossa história. — Cornélia fez uma ligeira pausa, depois prosseguiu: — A rainha não aprova as atitudes de Bertie. Ela acha que ele é fraco e fútil, e o trata como se ainda fosse um garoto de seis anos, em vez de um homem feito. Não o deixa participar dos trabalhos do governo, o que é uma vergonha, pois Bertie é inteligentíssimo e poderia ajudá-la muito.

— Mas porque ela age assim, já que ele vai ser rei, um dia? Cornélia olhou para a porta, que estava discretamente fechada, e sussurrou:

— Ninguém sabe ao certo, mas dizem que ela culpa o príncipe pela morte do marido, Albert. Ela nunca se recuperou disso e usa luto há quase vinte anos, apesar de ficar muito feia de preto.

— Que coisa horrível! Como é que o príncipe pode ser culpado pela morte do próprio pai?

— Bertie se envolveu com uma atriz chamada Nellie Clark, coisa bastante comum para um rapaz de vinte anos, que era a idade dele, na época. Mas o príncipe consorte era muito puritano. Ficou tão horrorizado que foi até Cambridge, onde Bertie estudava, falar com o filho. No caminho, pegou um resfriado, ficou fraco, pegou febre tifóide e acabou morrendo. A rainha nunca se recuperou e acredita até hoje que foi a libertinagem do filho que causou sua viuvez.

Para Elizabeth, criada numa sociedade onde os rapazes tinham o direito de procurar seus prazeres, a história era absurda. Mas já percebera que a sociedade britânica estava dividida em duas cortes: a primeira, comandada pela rainha, uma mulher rígida e amarga, e a outra, comandada pelo agitado príncipe herdeiro.

— Que tristeza para o príncipe — comentou. — Ele deve se considerar órfão de pai e mãe.

— Não desperdice sua simpatia com ele, não. Bertie é prático e resistente. Sabe que não é responsável pela morte de Albert e aproveita a atitude da mãe para fazer o que quer, o que seria impossível, se estivesse de bem com ela.

Cornélia descreveu, em detalhes, os casos amorosos do príncipe com damas ilustres como a princesa de Sagan, que durante anos o acompanhara em suas viagens anuais à Europa; lady Georgiana Dudley, que o preferia ao marido de meia idade; Lily Langtry e Sarah Bernhardt. Bertie era um homem que gostava de mulheres.

— Naturalmente — Cornélia explicou — , o príncipe lança a moda e os outros seguem.

— Não é só ele que tem... casos?

— Não. Um dos maiores desafios para uma dona de casa é acomodar corretamente seus convidados. Distribuir quartos pode ser um pesadelo, já que ninguém quer andar quilômetros por corredores gelados, à noite. Ao mesmo tempo, não é certo ter maridos e amantes se encontrando a cada passo.

— Realmente — murmurou Elizabeth, procurando esconder o quanto estava chocada. Comparada à sofisticada Londres, Boston não passava de uma cidade atrasada e provinciana.

— Se bem que existem regras.

Cornélia começou a explicar as tais regras, para alívio de Elizabeth, que não queria ser alvo das intenções amorosas de um homem que não fosse seu marido. Para os homens, naturalmente, quase não existiam regras. Eles eram bem mais livres que as mulheres, que tinham a obrigação de ser, pelo menos, discretas.

Ouvindo a amiga, Elizabeth pensou na posição de Dudley, naquilo tudo. Mas não era possível que ele tivesse a intenção de...

Seus pensamentos foram interrompidos por uma agitação na porta da sala de estar. Drake e Charles entraram, parecendo muito animados.

— Que dia aborrecido — Charles declarou, inclinando-se para beijar a esposa no rosto.

Ele era um rapaz alto e magro, de rosto redondo, bigode e olhos cinzentos, com uma expressão que Elizabeth classificava de sábia e bondosa.

— Não deu para cavalgarmos, com esta chuva. Mas até que o clube não estava ruim. Vimos Harty tarty comprar uma briga e tanto com um explorador que chegou da África.

— Harty tarty? — Elizabeth lançou um olhar interrogativo para Drake.

Ele estava mais bonito do que nunca, apesar de terem ido se deitar tarde, na véspera. Haviam começado a noite com uma peça de teatro, depois comparecido a várias festas. Ela dissera à criada para não esperá-la acordada, e Drake insistira em ajudá-la a se despir. Ele não estava muito sóbrio, mas não tivera dificuldades com suas roupas e em segundos estavam rolando na cama.

Elizabeth sorriu de leve, lembrando-se de como tinham feito amor. Nesse momento, seus olhos encontraram-se com os do marido, tão cheios de promessas que ela corou.

— Harty-tarty é lord Hartington, o oitavo duque de Devonshire — Charles explicou. — Um bom sujeito. Pensei que ele fosse entrar para o Parlamento, alguns meses atrás, mas Gladstone não deixou. Disse à rainha que Harty era um garoto, com pretensões acima de sua capacidade. Ridículo, é claro.

— Pobre Louisa — Cornélia suspirou. — Deve ter se sentido tão frustrada!

— Louisa, a duquesa de Manchester, é amante de Harty há anos e uma mulher muito ambiciosa — falou Drake, dirigindo-se à esposa.

— Podem falar muito mal de Louisa — Charles disse — , mas uma coisa é certa: ela é leal aos amigos. Quem mais ficou ao lado dos Churchill? Quando Bertie rompeu com eles e disse que não entraria em nenhuma casa onde eles entrassem, Louisa respondeu que convidaria quem quisesse para a casa dela. Pelo menos com ela, Bertie foi obrigado a recuar.

Elizabeth não estava com vontade de ouvir falar de outro escândalo, mas escutou pacientemente a história da briga entre os Churchill e o príncipe. Tinha algo a ver com um caso rumoroso de divórcio, ocorrido anos atrás, quando o sr. Churchill tentara ajudar um amigo, pressionando o príncipe de Gales. Para conseguir isso, ele havia se aproximado da princesa.

Até Elizabeth, uma estranha àquela sociedade, sabia que era uma péssima idéia revelar boatos de mau gosto à esposa do príncipe. Como resultado, os Churchill tinham sido condenados ao isolamento.

— Estou começando a achar que vou ter de escrever tudo que me contaram, hoje — Elizabeth disse ao marido, quando voltavam ao hotel, a fim de trocar de roupa para o jantar. — É difícil guardar quem está ou esteve envolvido com quem, nesta cidade.

— Pense nisso como um jogo de cadeiras musicais — Drake sugeriu. Quase dissera camas musicais, mas mudara em tempo, pois não queria dar à esposa a impressão de que encarava tais assuntos com frivolidade.

Durante sua visita anterior a Londres, ele, a princípio, espantara-se com a atitude descontraída da sociedade em relação a ligações amorosas. Mas logo se adaptara e tivera casos com várias damas, aprendendo muito em suas camas. A tentação de repetir essas experiências era grande, mas não pretendia ceder a ela. Afinal, acabara de se casar com uma mulher extremamente desejável. Era tolo e desnecessário sair à procura de prazeres

que já estavam na palma de sua mão. Sua intuição estivera certa sobre Elizabeth: ela era quente, apaixonada e sempre pronta a recebê-lo. Sob sua tutela, estava adquirindo qualidades próprias da mais talentosa das amantes. Desde a primeira noite, quando estabelecera as regras de domínio e obediência do relacionamento entre eles, tivera o cuidado de não pressioná-la demais. Em resposta, ela começara a tomar algumas iniciativas, com uma mistura de timidez e sedução fascinantes.

Só de pensar nisso tinha vontade de levá-la para a cama novamente, mas deveriam comparecer a um jantar, dentro de uma hora. Já estavam atrasados, e a criada de Elizabeth recebeu-os na porta da suíte, procurando esconder a impaciência.

— Ainda bem que a senhora voltou, madame. Temos muita coisa a fazer.

Elizabeth assentiu, distraída. Contratara Deborah Taylor, depois que sua criada de Calvert Oaks caíra doente e tivera de voltar para casa, antes mesmo de saírem da Virgínia. Deborah era uma garota inglesa, que adorara a possibilidade de voltar para seu país de origem. Dissera a Elizabeth que talvez ficasse na Inglaterra e prometera arranjar alguém que a substituísse, se tomasse essa decisão.

Deborah — ou melhor Taylor, como logo dissera que queria ser chamada, pois era esse o modo correto de uma patroa se dirigir à criada — era uma moça de vinte e poucos anos, feiosa e muito dedicada a sua profissão. Drake não entendia essa dedicação, que considerava mais própria de pessoas que escolhiam a carreira religiosa. No entanto, desde que a moça se juntara a seu pequeno grupo, Elizabeth estava mais bonita e a vida corria melhor. Assim, tolerava de boa vontade a tirania de Taylor.

— Minha culpa, Taylor — desculpou-se, sorrindo. — Eu é que quis ficar um pouco mais nos Cardingham.

— Não se preocupe, senhor. O banho de madame está à espera, e as roupas, prontas. Se nos der licença... — Ela arqueou uma das sobrancelhas, como se quisesse dizer-lhe que não tinha nada a fazer no quarto da esposa naquele horário.

Drake gostaria de ver Elizabeth tomando banho, mas isso os faria chegar atrasados ao jantar. Com um suspiro sofredor, passou para o outro quarto, onde seu criado já o esperava.

Taylor não perdeu tempo em despir a patroa, pendurando o vestido usado no armário de mogno. Quando os Bennington saíssem, aproveitaria para passá-lo e verificar se não tinha rasgos, manchas ou botões soltos. Madame não era tão cuidadosa com suas roupas, quanto deveria. Já encontrara muitas barras desfeitas por se prenderem em saltos, uma renda estragada por um anel de beirada pontiaguda, e uma pluma de avestruz esmagada, num chapéu de cavalgar.

Madame também não ligava muito para a própria aparência. Aceitava todos os rituais de beleza com paciência e até lhe agradecia, mas era evidente que achava tudo uma tolice. Sozinha, na certa andaria sem espartilhos e vestida com simplicidade.

Taylor arrepiou-se, imaginando uma coisa dessas. Sua reputação profissional dependia da aparência da dama que servia. Ao aceitar o emprego com os Bennington, levara em conta a beleza de Elizabeth e a boa vontade de Drake em relação à esposa. Também queria que sua jovem patroa brilhasse e

estava decidida a não deixar que nada atrapalhasse essa meta.

Sem o vestido, Elizabeth foi para trás do biombo, onde removeu o resto das roupas e entrou na banheira de latão, colocada diante do fogo. Um suspiro escapou de seus lábios. Às vezes achava que só tinha chance de relaxar quando estava no banho. Nem nos braços do marido abandonava uma certa cautela. E o motivo era fácil de adivinhar: estava fora de seu elemento, não só por ser uma estranha na cidade, como também por ser uma recém-casada. Tinha de prestar atenção a tudo que fazia, em todas as situações.

Taylor perfumara a água com patchouli, um perfume que não lhe agradava muito. Preferia aromas florais, mas ainda não tivera coragem de dizer à criada. Provavelmente não diria nunca, já que na noite anterior Drake elogiara o cheiro de sua pele.

Apesar de terem quartos separados, ele vinha para a sua cama todas as noites, saindo só ao amanhecer e resmungando bastante. Às vezes, ameaçava estar ali quando Taylor entrasse com o chá da manhã da patroa, mas Elizabeth sabia que isso nunca aconteceria. Até um homem exuberante como Drake entendia a necessidade de manter o decoro, na frente dos criados.

Recostando-se na banheira, ela fechou os olhos. Do outro lado do biombo, ouviu Taylor se movendo, pegando escovas e pentes, abrindo e fechando portas de armários. Como todos os criados que conhecera em Londres, Taylor estava sempre ocupada. Eles trabalhavam tanto, que não conseguia evitar uma certa sensação de culpa. Em Boston era diferente. Ao contrário da maioria dos patrões, tia Mari insistia em horas mais curtas de trabalho e férias mais longas para sua equipe. E em Calvert Oaks, todos trabalhavam, sem distinção. Nunca passaria pela cabeça de sua mãe ficar à toa, quando havia algo para ser feito.

Elizabeth estava com dificuldade de aceitar o fato de não poder fazer nada. Para todo lado que se virasse havia sempre alguém para fazer tudo, em seu lugar. Só conseguia tomar banho sozinha, devido ao código de extremo pudor, adotado pela rainha.

Ela sorriu, lembrando-se dos olhares chocados dirigidos a ela num chá, alguns dias atrás. E tudo porque havia dito a uma senhora com problemas respiratórios que a causa de sua aflição devia ser um espartilho muito apertado. Ao que parecia, espartilhos não podiam ser mencionados, nem mesmo num grupo onde só estivessem mulheres.

O sorriso de Elizabeth desapareceu, quando ela pensou no quanto Taylor apertava seus espartilhos. Na única vez em que se atrevera a sugerir que isso não era necessário, Taylor lhe respondera que não teria a aparência de uma dama, sem aquele aperto. Além do mais, os vestidos que pretendia comprar em Paris não exibiriam uma boa caída, com espartilhos largos. O que significava que iria a outro jantar suntuoso e não poderia comer.

Um barulho discreto, do outro lado do biombo, fez com que Elizabeth voltasse à realidade. Sentando-se, ensaboou o corpo e enxaguou-se com água quente, que era mantida numa caneca, sobre o fogo. Várias toalhas brancas estavam sobre uma poltrona e usou uma delas para se enxugar. Em seguida, cobriu-se com um penhoar de seda azul e saiu de trás do biombo.

De imediato, Taylor atacou seus cabelos com pentes, escovas, ferros de encrespar e uma infinidade de outros apetrechos. Meia hora se passou, antes que se declarasse satisfeita.

— A senhora fica muito bem com este penteado, madame. É lindo.

Nisso, pelo menos, as duas estavam de acordo. Os cachos que emolduravam o rosto de Elizabeth chamavam a atenção para seus olhos e as maçãs do rosto. O resto do cabelo, preso num coque solto, revelava a linha elegante de seu pescoço. Ela se sentia bonita e sofisticada, muito diferente da garota ingênua que ainda vivia em seu íntimo.

Meia hora depois, Elizabeth estava pronta, diante do espelho. Queria muito ir a Paris, mas não acreditava que pudesse comprar lá vestidos mais bonitos que o daquela noite. Feito de veludo negro, ele era espantoso em sua simplicidade e sensualidade. A cor realçava o tom de sua pele, e as mangas, curtas e bufantes, deixavam seus ombros nus. O decote era atrevido, expondo grande parte de seus seios, bastante elevados pelo espartilho apertado. Sua cintura fora diminuída até os famosos cinquenta centímetros, e estava tão fina que parecia a ponto de quebrar. Quanto a suas costelas, com certeza seriam esmagadas, se tentasse respirar fundo.

Não era de admirar que estivesse tão pálida, já que mal podia respirar. Só a parte de cima de seus pulmões ainda funcionava. Tinha que inalar e expirar de maneira bem superficial, o que a levava a estar sempre sem fôlego, incapaz de falar num tom mais alto que um murmúrio ou fazer movimentos rápidos. Mas essa era a moda, e sua insegurança era tão grande, que não tinha condições de protestar.

Drake entrou no quarto, quando ainda estava na mesma posição. Seus olhares se encontraram no espelho e ela viu a aprovação, nos dele.

— Obrigada, Taylor — murmurou. — Pode ir, agora.

A criada saiu, satisfeita com o trabalho realizado. Só torcia para que o senhor não tivesse a idéia de amarrotar madame, antes de saírem.

Drake pensou nisso, mas resistiu. Estava começando a descobrir as vantagens de esperar. Durante algumas horas, teria o gosto de admirar e ver outros homens admirarem Elizabeth, sabendo que, no final da noite, seria o único a possuí-la.

Como se fosse uma marca de posse, ele tirou do bolso do casaco uma caixa retangular, chata.

— Achei que isso ficaria bem em você.

Elizabeth reconheceu o nome de um joalheiro de Mayfair, estampado na caixa. Na época de seu casamento, Drake lhe dera várias peças encantadoras, que estavam na família Bennington há gerações. Eram bonitas, mas nenhuma delas a tinha preparado para a beleza incrível do que viu, ao abrir a caixa.

— Drake! Mas são lindos!

— Também achei — ele concordou, levantando o colar de doze brilhantes, o menor com quatro quilates e o maior do tamanho de um ovo de passarinho.

Um arrepio percorreu o corpo de Elizabeth, quando ela se olhou no espelho. O colar brilhava sobre sua pele com um esplendor fantástico, a pedra maior repousando entre seus seios. Drake prendeu-o em seu pescoço e estendeu a mão para as duas peças restantes. — Ainda bem que você não tem as orelhas furadas. Ela assentiu, observando-o ajeitar os brincos. Em forma de pingentes, tão grandes que pesavam em suas orelhas, eles combinavam com o colar. A cada movimento, a luz batia em suas pedras e se multiplicava em milhares de reflexos.

As mãos de Drake desceram por seus ombros nus, passando pelos seios e

indo se deter na cintura, onde se apertaram de leve. Naturalmente, encontrou a rigidez do espartilho, a barreira de puritanismo sempre interposta entre homens e mulheres, mas que ele, pelo menos, tinha o direito de afastar. Pensando nisso, Drake sorria, quando deixaram a suíte.

Capítulo XIV

O JANTAR PARA O QUAL Elizabeth e Drake tinham sido convidados, aquela noite, era na casa de lord e lady Brooke, mais conhecidos por Brookie e Daisy. Como Cornélia costumava dizer, os dois formavam um casal de romances. Ela, linda e herdeira de uma enorme fortuna; ele, herdeiro de um grande nome e longe de ser pobre. Os dois haviam se casado em seguida a um namoro rapidíssimo, logo após a apresentação de Daisy à sociedade e — esta era a melhor parte — depois da moça ter recusado o pedido de casamento do príncipe Leopoldo, o filho hemofílico da rainha. Isso tudo acontecera no ano anterior.

— Ela e o príncipe não serviam um para o outro — Cornélia declarou, quando os quatro amigos entravam no saguão da casa londrina dos Brooke.

Uma obra-prima do estilo barroco, toda em mármore e frisos dourados, a casa tinha três andares, com o saguão de entrada culminando com uma cúpula pintada para parecer o céu no momento da criação. Anjos e querubins, gloriosamente vestidos, estavam retratados numa celebração exultante. Divindades menores, de rostos sombrios, olhavam do centro de medalhões feitos em gesso. Colunas douradas erguiam-se majestosamente, ladeando uma escada que não teria ficado fora de lugar, no Palácio de Versalhes. Tudo ali era uma proclamação tão grande de posição e privilégio, que Elizabeth não conteve um suspiro. Não conseguia entender uma coisa daquelas.

— Leopoldo é frágil e tem uma saúde muito precária — Cornélia prosseguiu. — Daisy, ao contrário, é forte até demais. Se pudesse, cavalgaria o dia inteiro e nem viria para a cidade. Acha a vida aqui muito sem graça.

Elizabeth assentiu distraída, os olhos percorrendo a multidão que enchia o saguão e se estendia em direção ao enorme salão de bailes. A maioria dos convidados era jovem, como os anfitriões, e mostravam uma graça e autoconfiança incríveis. Só um punhado de mulheres podia ser consideradas lindas, mas todas eram bonitas. Pareciam flores de estufa, cada uma mais bem vestida e cheia de jóias que a outra.

Ao lado das mulheres, os homens tinham uma aparência relativamente sombria, em seus ternos escuros. Mas exibiam uma aura de poder e arrogância que os classificava, inegavelmente, como donos do universo, ainda que isso não fosse verdade.

O saguão e o salão de bailes, mais adiante, constituíam um ambiente bastante apropriado para essas pessoas. Diziam que lord&lady Brooke eram cada vez mais bem aceitos pelo grupo que rodeava o príncipe, e vendo-os, Elizabeth acreditou. Não só porque formavam um casal bonito e atraente, que recebia os convidados com mais do que simples cortesia, mas principalmente por causa do homem ao lado deles.

Desde sua chegada a Londres, Elizabeth vira muitas vezes Sua Alteza Real, Albert Edward, príncipe de Gales, mas nunca fora apresentada a ele. Seu coração batia forte ao se inclinar na reverência que tanto treinara, com Cornélia. Seu medo era perder o equilíbrio e cair vergonhosamente, mas nada disso aconteceu. Quando endireitou o corpo, aliviada, viu que o homem

avantajado, de barba castanha e brilhantes olhos cinzentos, sorria para ela.

— Bem-vinda, sra. Bennington — ele disse, numa voz rouca pelo uso de cigarros e com um ligeiro sotaque alemão, o que geralmente surpreendia os que não sabiam o quanto a família real ainda estava próxima de suas origens germânicas. — Gosto muito de conhecer americanos. Vocês são como uma brisa fresca, soprando do oeste.

Alguma coisa nele, a inesperada cordialidade, talvez, acabou com a tensão de Elizabeth. Sorrindo, ela respondeu:

— O senhor está sendo muito gentil, considerando o modo rude como já sopramos.

O príncipe surpreendeu-se, mas logo riu.

— E mais de uma vez. Este velho império foi abalado em muitas ocasiões pelo comportamento impetuoso de seus contrerrâneos, mas continuamos a nos portar como pais orgulhosos. — Ele se inclinou para diante, os olhos detendo-se brevemente na curva dos seios de Elizabeth. — Sente-se ao meu lado, durante o jantar. Para podermos discutir melhor este assunto.

Como não podia deixar de ser, Elizabeth assentiu. Ao lado do príncipe, Daisy Brooke fazia sinais para um criado. Os lugares à mesa, cuidadosamente planejados com muitos dias de antecedência, teriam de ser alterados. Mas nenhum esforço era demais para agradar Sua Alteza Real.

Elizabeth, por sua vez, estava preocupada com a reação de Drake. Ele e o príncipe trocaram algumas palavras corteses, antes da linha de convidados se mover. Logo depois, estavam no salão de bailes e Cornélia a puxava para o lado, excitadíssima.

— Maravilhoso! Absolutamente maravilhoso! Você já marcou um ponto. Não poderia ser melhor!

Elizabeth lançou um olhar apreensivo para o marido, cuja expressão era impenetrável. Passando a ponta da língua pelos lábios, murmurou:

— Pensei que você tivesse dito...

— O quê?

— Que... que havia regras. Cornélia teve a decência de corar.

— É isso que você pensa? Que ele pode tentar... se aproximar de você?

— É — Elizabeth admitiu baixinho, com medo de parecer convencida.

— Se você fosse mais velha e com uma penca de filhos, poderia ser. Do jeito que as coisas são, você está fora de perigo. Ninguém quer provocar um escândalo. — Cornélia fez uma pausa, depois acrescentou, os olhos brilhando: — Mas isso não impede que você tenha um flerte inocente com Bertie. Além de agradável, vai garantir o seu sucesso social.

— Espero que Drake entenda tudo isso.

Elizabeth olhou novamente para o marido, que conversava com vários cavalheiros. Ele captou seu olhar e sorriu, mas não deu sinal de querer voltar para o seu lado.

— Claro que ele entende — Cornélia garantiu. — Afinal, foram os homens que inventaram essas regras. Eles não só entendem todas, como são excelentes nesse jogo. Muito melhor do que nós, na verdade.

O tom de amargura na voz da amiga chamou a atenção de Elizabeth. Charles e Cornélia davam a impressão de ter um casamento feliz, mas havia na moça uma tristeza que sugeria que nem tudo era como ela gostaria que fosse. Será que ela também participava do famoso "jogo"?

Elizabeth duvidava. O potencial estava lá, pois Cornélia era uma linda mulher, mas por enquanto ela parecia estar presa na armadilha das próprias emoções, atrapalhada por um código de moral que não combinava com a sofisticada sociedade londrina.

Em outras palavras, Cornélia não era muito diferente de Elizabeth. Mas será que Drake veria as coisas da mesma maneira que Charles?

O simples pensamento de Drake com outra mulher despertou em Elizabeth um ciúme tão profundo, que por um instante ela não conseguiu respirar. Suas faces ficaram ainda mais pálidas, os olhos brilharam, e a boca apertou-se numa linha fina.

— O que foi? Aconteceu alguma coisa? — Cornélia perguntou.

Louisa Manchester vinha na direção delas, acompanhada por várias damas. O interesse do príncipe por Elizabeth já era do conhecimento de todos, e não seria bom que a vissem tão perturbada.

— Não... Deve ser o calor — a moça murmurou, recuperando-se. Cornélia assentiu, apesar do salão estar gelado. O importante era sua amiga ter melhorado.

Durante as horas que se seguiram, Elizabeth lançou mão de toda sua graça e charme. Até os mais esnobes decidiram que gostavam dela. Logicamente, a aprovação de Sua Alteza Real ajudou, mas no fim da noite Cornélia estava convencida de que ela já fora aceita pelos próprios méritos.

Elizabeth, porém, não estava tão confiante. Sorrira até o queixo doer, conversara até ficar tonta e fizera o possível para ignorar os olhares especulativos dos homens que a fitavam como se ela fosse um petisco saboroso.

Quanto a Drake, quase não o vira. Tinham se sentado longe, durante o jantar, e não dançaram juntos, porque isso não era considerado de bom tom. Ela fora tirada por uma sucessão de duques e baronetes, participando de danças durante as quais seus seios haviam sido silenciosamente admirados, e seus pés, pisados até latejarem. No fim da noite, apesar de continuar sorrindo brilhantemente, tinha os sapatos de seda em frangalhos e uma dor de cabeça infernal. Foi com grande alívio, portanto, que disse boa-noite a seus anfitriões e a Charles e Cornélia.

— Você esteve maravilhosa — a amiga sussurrou-lhe. — Foi um verdadeiro triunfo. De agora em diante, vai receber tantos convites, que precisará selecionar os melhores. Além disso, vamos ter que rever as suas roupas e os...

— Deixe isso para amanhã, Cornélia. Estou tão cansada...

— Claro! Drake, cuide bem dela e faça com que descanse. Vamos estar muito ocupadas, esta semana.

Acenando alegremente, Cornélia entrou na carruagem, seguida por Charles, que ainda se virou para trocar um olhar indulgente com Drake.

Assim que os amigos partiram, Drake voltou-se para Elizabeth.

— Espero que ainda lhe reste alguma força — murmurou.

Antes que ela pudesse responder, ajudou-a a se acomodar na carruagem e entrou, também. A capa de pele de Elizabeth era amarrada no pescoço, abrindo-se logo abaixo, e ele fitou a pele perfeita, sobre a qual os diamantes repousavam, frios e brilhantes.

— Lindo! — sussurrou, abrindo a capa ainda mais.

A carruagem ia a toda velocidade, balançando e jogando um de encontro ao outro sobre o banco forrado de couro. Lá fora, trechos iluminados com a luz sombria dos lampiões a gás alternavam-se com outros de escuridão total.

Vendo a maneira como Drake a fitava, Elizabeth não agüentou.

— Drake... Eu estou muito cansada.

Ele se inclinou para a frente, beijando-lhe a nuca.

— Hum... Você logo vai se sentir melhor.

— É tão tarde...

Ela estava com medo de zangá-lo com sua relutância, mas Drake não se abalou. Como se não tivesse ouvido, abraçou-a e puxou-a para junto de si, ganhando melhor acesso à curva de seus seios. Uma posição boa para ele, mas muito desconfortável para ela.

— Drake, eu não posso respirar! — Elizabeth protestou, sentindo-se esmagada pelos braços masculinos e pelo espartilho.

Ou ele não ouviu, devido ao barulho dos cavalos e das rodas da carruagem, ou fingiu que não ouviu. Seus dedos longos procuraram o decote do vestido negro, puxando o tecido até desnudar os mamilos de Elizabeth.

Chocada por aquilo estar acontecendo num lugar onde não havia privacidade, ela tentou empurrá-lo para longe.

— Não...

— Por que não? — ele murmurou, sem levantar a cabeça. Ele acariciava os seios, provocando-a.

Nesse momento, uma onda de ressentimento assolou Elizabeth. Como ele se atrevia a tratá-la daquela maneira, como se não tivesse sentimentos?

— Eu já lhe disse! — repetiu, com uma certa impaciência. — Estou cansada. Amanhã nós podemos...

Drake ergueu a cabeça, afinal, fitando-a com os olhos apertados.

— Você está me rejeitando?

Ela engoliu em seco, o coração aos pulos.

— Não! Claro que não. É só que amanhã eu não vou estar cansada e...

— Amanhã você vai estar andando por aí de novo, com Cornélia. Na certa prefere guardar suas forças para os tolos que vão segui-la por toda parte.

— Não faço idéia do que você está falando!

— Não?

Drake soltou-a abruptamente, deixando-a bater no encosto do banco. Sua expressão era de puro desgosto.

Elizabeth endireitou-se com alguma dificuldade e olhou-o. De perfil, iluminado pela luz fraca dos lampiões, o rosto masculino tinha um aspecto duro, com um músculo latejando sem parar junto ao queixo.

— Drake... eu não quis...

— Esqueça.

— Você está zangado. Ele se virou um pouco, o suficiente para fitá-la.

— Não se dê tanta importância. Não vale a pena um homem se zangar por causa de uma mulher relutante. No máximo, ela é aborrecida.

A vontade de fazer as pazes desapareceu da mente de Elizabeth. Agora estava zangada.

— Eu não sou uma mulher qualquer! Sou a sua esposa!

— Não sou eu quem está se esquecendo disso.

— Na sua opinião, eu tenho de fazer tudo que você quer, por pior que

esteja me sentindo!

Isso o surpreendeu. Ela falava como se tivesse o direito de argumentar naquele assunto.

— Claro. Eu sou seu marido.

— E eu sou um ser humano! Casar não me transformou num objeto... num mero recipiente dos seus desejos!

— Recipiente dos meus...? Minha querida, você não só está cansada, está se tornando melodramática. Você é minha esposa. No que me concerne, isso diz tudo.

Recostando a cabeça no banco, Drake fechou os olhos. Da sua parte, a conversa estava encerrada.

Elizabeth, porém, não se sentia satisfeita. Longe disso. Sua mente fervilhava de argumentos e acusações, mas conseguiu se conter, pois sabia que a atitude de Drake era só pose. No íntimo, ele escondia uma emoção que preferiu não enfrentar.

Eles chegaram ao hotel em silêncio, e em silêncio subiram num dos recém instalados elevadores de metal. Pela primeira vez, Elizabeth arrependeu-se de ter mandado Taylor dormir. Seria bom ter alguém entre ela e Drake, ainda que por pouco tempo.

No entanto, assim que entraram, seu marido dirigiu-se à porta que ligava seus quartos, desejando-lhe um frio boa-noite, antes de desaparecer de sua vista.

Mas não de seus pensamentos. Muito depois de ter se recuperado de sua surpresa e descoberto que não tinha ninguém para ajudá-la a tirar o espartilho, Elizabeth ainda fumegava de raiva. Levava meia hora para conseguir um criado e mandá-lo acordar Taylor, que dormia num dos quartos no último andar do hotel. Mais meia hora se fora agüentando os cuidados silenciosos da criada, que sem dúvida sabia que Drake a abandonara.

Afinal foi para a cama, onde se deitou, olhando o teto e sentindo-se mais sozinha do que jamais se sentira em toda sua vida.

Drake já saíra do hotel, quando Elizabeth acordou, na manhã seguinte. Não deixara nenhum recado dizendo para onde ia ou quando voltaria. Elizabeth passou o dia com Cornélia, tentando se consolar através de sua recém adquirida popularidade. Se seu marido não queria sua companhia, muita gente queria. E a prova era a fila interminável de cavalheiros que apareceram na casa de Cornélia.

Todos obedeceram escrupulosamente as regras ditadas pela sociedade, recusando-se a dar o chapéu e a bengala ao mordomo, pois isso poderia sugerir que esperavam ser convidados para ficar. Esses gestos de cortesia não impediam, porém, que lançassem olhares francamente admiradores a Elizabeth, mostrando que estavam dispostos a um flerte. Ou que estariam dispostos a muito mais, se ela já tivesse dado herdeiros ao marido.

Cornélia, ao contrário, tinha todos os requisitos para tomar um amante. Elizabeth fora apresentada aos filhos dela, umas crianças encantadoras. Não era de admirar que a mãe gostasse tanto de estar com eles. E foi nisso que Cornélia pensou, assim que o último dos visitantes partiu.

— Você se importa que eu mande as crianças descer? — ela perguntou a Elizabeth.

— Claro que não. Eles são uns amores.

O mordomo foi despachado com o recado para a babá, e as duas passaram uma hora deliciosa brincando com as crianças. Elizabeth achou a companhia dos três mais estimulante e agradável que a da maioria dos adultos que a tinham visitado naquela tarde. Voltou para o hotel relutante, principalmente porque temia um confronto com Drake.

Mas não precisava ter se preocupado. No quarto não viu sinal dele, e ele ainda não tinha aparecido quando Charles e Cornélia chegaram para pegá-la. Casualmente, Charles mencionou que havia passado a tarde com Drake, no clube, e que o amigo se juntaria a eles mais tarde.

Cornélia nada disse, mas lançou a Elizabeth um olhar longo e pensativo, no qual havia uma boa dose de simpatia.

Na reunião, ninguém estranhou o fato de Elizabeth estar sozinha. Muitas mulheres se achavam na mesma situação, acompanhadas apenas por amigos.

— Está na moda maridos e mulheres andarem separados — Cornélia comentou num momento em que as duas foram retocar o penteado. — Tão na moda que muitos casais fazem questão de nem irem às mesmas reuniões.

— Verdade? — murmurou Elizabeth, olhando-se distraída no espelho. Usava um vestido cor de safira e o colar de diamantes que Drake lhe dera. Sabia que estava bonita e procurou se consolar com isso. Mas o fato do marido não estar lá para admirá-la impediu que se alegrasse. Assim, passou a noite com um sorriso forçado e uma expressão sombria no olhar.

O jantar estava a ponto de ser servido, quando Drake chegou. Ele cumprimentou os anfitriões e trocou algumas palavras com Charles que, como de costume, não se encontrava ao lado de Cornélia. À esposa, ele não se dirigiu. Parecia nem saber que ela estava no salão. O orgulho foi a salvação de Elizabeth. Permitiu que ela mantivesse a cabeça erguida e controlasse as lágrimas que queimavam no fundo de seus olhos. Felizmente, naquela sociedade maridos e mulheres levavam vidas separadas, e ninguém estranharia o comportamento de Drake ou sentiria pena dela.

Uma parte de Elizabeth queria acreditar que Drake não estava fazendo nada para magoá-la, que ele só estava se comportando como todos os outros maridos, em volta deles.

Um caso típico de “quando em Roma, faça como os romanos”. Só que eles não eram romanos, muito menos aristocratas ingleses. Tinham sido criados para seguir códigos de comportamento bem mais tradicionais. Drake podia fingir que não, mas sabia o que estava fazendo. Deliberadamente, escolhera aquele método para demonstrar sua raiva e seu desprezo por ela.

E tudo por que ela se atrevera a rejeitá-lo. A injustiça era tão grande, que o sofrimento de Elizabeth foi substituído por uma onda de raiva. Sempre achara que Drake era arrogante, mas justo. Aparentemente, estava enganada. Ele era só arrogante.

Tão intensa era sua concentração no marido, que ela só viu o homem sentado a seu lado quando ele disse, baixinho:

— Não adianta. De jeito nenhum eu vou deixar uma mulher tão linda me ignorar. Elizabeth virou-se, assustada. O homem a seu lado era jovem, com mais ou menos vinte e cinco anos e um corpo muito bem feito. Ao contrário de Drake, tinha cabelos escuros, um espesso bigode e pele morena. Seu aspecto era assombroso, principalmente diante da pa-lidez da maioria dos” convidados. Sem dúvida, passara muito tempo ao sol.

— Desculpe. Eu não tive intenção de ser tão rude. Meu nome é Elizabeth Bennington. Ele sorriu.

— Eu sei. Quando soube que íamos sentar juntos, perguntei a seu respeito. Você é da Virgínia, não é?

— Eu era, mas agora acho que sou de Boston. Meu marido é de lá.

— Ah, os milhões dos Bennington! Eles estão na minha lista. Ela na certa traiu sua estranheza, porque ele riu.

— Desculpe. Geralmente eu me divirto provocando as pessoas, mas no seu caso, não sei por quê, sinto que devo me comportar bem. Sou Jack Tyler. Se ainda não a preveniram contra mim, é porque não tiveram tempo.

— É mesmo? E por que eles vão me prevenir contra você?

— Porque me acham um rebelde de primeiro time. Nasci numa ótima família e deveria ter feito o que todo bom segundo filho faz: entrado para o exército ou para a igreja. Mas tenho um horrível defeito: não consigo ficar mais do que alguns meses em um lugar. Já estive em toda parte e continuo procurando lugares novos.

Elizabeth lembrou-se de ter ouvido Charles falar de uma discussão entre Harty e um explorador que acabava de voltar da África. Depois, Cornélia lhe dissera que só podia ser Jack Tyler, o rebelde favorito da sociedade britânica.

— Você é o explorador. Falam muito a seu respeito. — Ela aceitou o vinho que os garçons começavam a servir. — Suas viagens já viraram lenda.

— Uma linda frase. Não sei se sabe, mas gosto muito de elogios.

Elizabeth sorriu.

— Todos nós gostamos. Mas diga-me, por que está tão interessado nos Bennington?

Nesse momento, os anfitriões tomaram seus lugares nas extremidades da mesa, que ia de um lado ao outro da sala de jantar e podia acomodar cerca de sessenta convidados. Quatro candelabros de ouro batido haviam sido colocados a espaços regulares, intercalados com buquês de lírios raros, arrumados em floreiras de prata. Atrás de cada duas cadeiras havia um criado, usando calças e libre de veludo. Sobre todos eles um severo mordomo mantinha vigilância, comandando o evento com facilidade e dedicação.

Os convidados levantaram-se para o tradicional brinde à Sua Majestade, a Rainha, depois sentaram-se em meio à agitação de inúmeras conversas. Jack Tyler experimentou seu vinho, tomou tudo e permitiu que o criado o servisse novamente.

— Não estou — disse, quando o primeiro prato era colocado diante deles.

No tumulto do início do jantar, Elizabeth levou alguns segundos para entender que ele respondia a sua pergunta de instantes atrás.

— Você não disse...

— Que eles estão na minha lista? Disse, mas é o dinheiro deles que me interessa, não os Bennington, em si. Excetuando minha atual companhia, é claro.

Os olhos castanhos tinham uma expressão já muito conhecida de Elizabeth, no entanto ela não se ofendeu. A admiração de Jack Tyler acalmava um pouco a mágoa causada por Drake. Além disso, era um arma que podia usar em sua própria defesa.

Inclinando-se ligeiramente para diante, Elizabeth disse:

— Incrível, a sua sinceridade! Isso nunca lhe traz problemas?

— Traz, sim. — Por um breve instante, ele pousou os olhos nos seios dela.
— Esse é um dos motivos porque estou sempre me mudando.

— Por que você quer o dinheiro dos Bennington?

— Não precisa ser o deles. O de qualquer um serve. Milionários são ótimos para financiar expedições de exploradores pobres como eu.

Ela assentiu, pensativa. Tomara a maior parte de seu vinho e estava atordoada, começando a achar uma delícia enfrentar o perigo de flertar com um homem daqueles.

— Sem dúvida é uma ótima aplicação para esse dinheiro, nem sempre ganho honestamente.

— Como?! É a primeira vez que ouço a mulher de um homem rico dizer que ele não merece absolutamente tudo que tem. Menos ela, é claro.

Elizabeth baixou os olhos para o consommé, no qual flutuavam fatias finíssimas de trufas. Devia estar excelente, mas não tinha a menor vontade de prová-lo. A referência a Drake acabara com seu apetite.

— Fale-me dessa nova aventura que está planejando — pediu com um sorriso forçado, virando-se para Tyler.

Ele ficou em silêncio por um instante, estudando-a como Elizabeth imaginava que devia estudar os espécimes raros que encontrava em suas andanças pelo mundo. Depois, começou a falar, satisfazendo a curiosidade dela.

— Quero encontrar a origem do Nilo Azul. Você sabe que Livingstone apontou o lago Vitória como o lugar de origem do Nilo Branco, mas eu acho que o Nilo Azul vem de outra parte. Andei procurando, o ano passado, e cheguei perto de achar. O que me impediu foi o relevo local, bastante acidentado, e os nativos, que são muito hostis.

Ele falava com tanta simplicidade que parecia estar se referindo a uma visita ao alfaiate, em vez de estar citando uma viagem a um dos lugares mais misteriosos e perigosos da face da Terra. Evidentemente, tinha a principal qualidade de um herói: o completo desconhecimento do próprio heroísmo.

Elizabeth estava fascinada.

— Que maravilha deve ser sair pelo mundo afora, sem ligar para as restrições da sociedade, testando sua força contra os maiores desafios. O que eu não entendo é como você suporta voltar.

— Não sabe que mulheres como você devem se sentir ofendidas pela existência de homens como eu? Deveria pelo menos desaprovar a nossa rejeição aos códigos civilizados.

Elizabeth olhou para onde estava Drake, que conversava com uma dama de decote e olhares inacreditavelmente ousados. Nesse instante, ele ergueu a cabeça, percebeu que era alvo de sua atenção e virou-se para o outro lado.

— Pela minha experiência — ela disse a Jack Tyler — , julgo que a civilização está longe de ser o que deveria.

Capítulo XV

TÃO ABRUPTAMENTE QUANTO havia se interrompido, a vida íntima de Elizabeth com o marido recomeçou. Duas semanas depois de sua discussão, Drake voltou a procurá-la. Ela não se negou nem disse nada. Se ele achava que lhe dera uma lição, ótimo. Na verdade, dera, mas não era bem a lição que ele pensava.

Para sua própria surpresa, Elizabeth estava aprendendo sobre independência. Ela nunca pensara em si mesma como dependente, mas agora via que o privilégio de ser amada por sua família lhe dera um falso senso de segurança. Com Drake, teria de aprender a ser auto-suficiente ou correr o risco de vir a ser como muitas mulheres que conhecia, sem valor próprio, sempre esperando a aprovação do marido, que ele dava ou não, de acordo com a vontade do momento.

A tarefa não era fácil, e seus sentimentos por Drake só a tornavam mais difícil. Ela desejava desesperadamente estar sempre junto dele, partilhando todos os pensamentos e alegrias. Mas ele não dava sinal de querer o mesmo, e ela se fechava, com medo de ser ferida.

Sob a fachada de homem agradável e sofisticado, Drake era de uma dureza incrível, que Elizabeth nunca sonhara que pudesse existir. Seu pai e seu irmão eram homens fortes, mas nada tinham de egoístas, sendo capazes de assumir compromissos, conciliar objetivos e colocar o bem-estar de outros em primeiro lugar.

Drake, ao contrário, encarava o mundo do ponto de vista de seus próprios desejos. Se Elizabeth não o contrariasse, teria o melhor dos maridos, terno, protetor e generoso. Mas se ela o desagradasse de alguma maneira, encontraria um homem frio e distante, que lhe negaria até a satisfação de uma discussão honesta.

Teria sido mais fácil se ela tivesse alguém com quem discutir o problema, mas não havia ninguém. Cornélia era ótima, mas conheciam-se há muito pouco tempo para falar de assuntos tão íntimos. Suas conversas giravam em torno de festas, vestidos, conquistas e flertes.

Ocasionalmente, elas falavam dos filhos de Cornélia, mas sempre com a sensação de estarem invadindo um terreno proibido. As crianças ficavam sob a responsabilidade da babá, uma senhora de lábios finos e expressão sombria, que aterrorizava Cornélia. No entanto, todos os dias ela enfrentava a mulher para passar algum tempo com os filhos. Como participava de muitos desses encontros, Elizabeth já prometera a si mesma que as coisas seriam diferentes em sua casa, quando tivesse filhos.

Nesse meio tempo, outros assuntos prendiam sua atenção. Graças à aprovação de Sua Alteza Real e a seus próprios encantos, ela se tornara uma das favoritas da sociedade londrina. Ia a todos os lugares, encontrava-se com meio mundo e fazia o possível para acreditar que estava se divertindo muito. Os que a viam achavam que não podia haver mulher mais feliz. Só Jack Tyler não se deixava enganar.

— Não me diga que está gostando disso — ele exclamou uma tarde,

quando cavalgavam ao longo da Rotten Row. — Você é inteligente demais para passar a vida à toa.

Levantando o rosto sombreado pela aba do chapeuzinho de veludo se vestir naquela manhã para ver se conseguia despertar a curiosidade de Drake sobre suas andanças. Mas fora inútil. Durante o dia, ele era de uma indiferença total a tudo que ela dizia ou fazia. Nem o fato de passar tanto tempo na companhia de outro homem o afetava. Como resultado, ela entrava em períodos cada vez mais freqüentes de depressão.

— À toa? Pois eu acho a minha vida bem cheia.

— Só porque vai a um monte de festas e cavalga comigo? Não é disso que estou falando. Estou falando do plano mental e emocional. Você adotou a política do menor esforço, meu anjo, e isso não vai lhe dar o que quer.

— Por acaso alguém já lhe disse que você é insuportável? Jack riu, um riso de garoto travesso, mas cheio de sabedoria.

— Só uma ou duas vezes. A maioria gosta muito de mim.

— Acho que, no fundo, você é mau. Gosta de provocar as pessoas, só para ver o que elas fazem.

— E você é inteligente. Muito inteligente. Não é de admirar que os homens tenham tanto medo de mulheres inteligentes. Elas sempre acertam em cheio.

Elizabeth riu, esporeando a égua. O dia estava quente e agradável. Sua nova roupa de montaria era justa, num estilo que só as mulheres de corpo bem feito podiam adotar. Pela primeira vez, ela enfrentara Taylor, exigindo que não apertasse demais o espartilho.

Agora se sentia livre e com uma rara sensação de bem estar. Além disso, as conversas com o homem a seu lado a alegravam, embora soubesse que trilhavam uma linha perigosa entre o flerte e algo mais profundo.

Jack também sabia disso. Com a franqueza de sempre, chegara a tocar no assunto.

— Você é muito bonita — ele lhe dissera no dia anterior, quando partilhavam um instante de isolamento em meio a uma festa concorridíssima. — Na minha vida, sempre fiz questão de me afastar de mulheres bonitas. Elas embotam o juízo de um homem e o deixam pronto a fazer toda sorte de besteira.

— Então, pode ir. Não sou eu que vou segurar você aqui — ela respondera cordialmente. E quase rira, ante a expressão dele.

Tyler podia ser diferente dos outros homens em muitos aspectos, mas no que se referia a seu frágil orgulho masculino, era igual a todos.

— Preciso ir logo para casa — Elizabeth disse, voltando ao presente.

— Ainda é cedo.

— Madame Bernard vai levar umas roupas para eu provar. Como vamos para a casa dos Cowes, na próxima semana, preciso delas.

A costureira francesa era a atual favorita entre as damas que faziam questão de andar na moda. Elizabeth estava precisando de várias peças e tivera a sorte de conseguir os serviços de madame Bernard.

— Mais um pouco e Londres vai estar completamente vazia — Jack murmurou. — Ainda bem. Esta cidade fica horrível, quando todos estão aqui.

— Pensei que você também estivesse planejando ir embora. Os dois trotavam pelo Hyde Park, em direção aos estábulos onde mantinham seus cavalos.

— Na verdade, eu já deveria ter ido.

— E por que não foi?

Ele a fitou de um modo que a fez corar. Em seu relacionamento, nunca haviam falado dos sentimentos que nutriam um pelo outro. Elizabeth, porque não tinha certeza do que sentia; Tyler, porque sabia que a afugentaria se revelasse suas emoções.

Mentalmente, Jack amaldiçoou Drake Bennington. O sujeito tinha tudo no mundo, menos o bom senso de dar valor à própria sorte. Não lhe invejava a riqueza, apesar de viver sempre sem dinheiro, porque não encontrava dificuldade em conseguir o necessário para suas expedições. Também não lamentava não possuir o mesmo poder e posição do outro. O que o aborrecia era o fato do arrogante americano ter se casado com a mulher que queria para si mesmo. Elizabeth era tudo que sempre sonhara numa mulher. Estava presa a um marido difícil e que não lhe dava valor, mas nem por isso deixava de ser leal ao ingrato. Correspondia a seu flerte leve, porém não dava a menor indicação de querer ir além. Pela primeira vez em sua vida, ele estava diante de um desafio que não poderia vencer. E era isso que o atormentava.

— Talvez eu vá para a casa dos Cowes, também — Jack disse, ajudando Elizabeth a desmontar.

Ela ergueu os olhos. Estavam em pé, muito juntos, ele ainda com as mãos em sua cintura, embora já devesse tê-las tirado.

— Pensei que você achasse essa história de andar de barco aborrecida.

— Foi o que eu disse? Mas que mentira! O que pode ser mais gostoso que passar o dia sobre as águas, desafiando o vento, com as velas batendo acima de nossas cabeças?

A expressão dele fazia um contraste tão grande com a animação das palavras, que Elizabeth não conteve o riso. Ainda ria, divertida, quando ele a puxou para junto das portas do estábulo.

— Elizabeth... você... — Jack começou. Mas logo parou, inclinando a cabeça para encostar os lábios nos dela.

Elizabeth ficou tão surpresa que não se mexeu. Só quando ele a abraçou com mais força, aprofundando o beijo, conseguiu reagir.

Jogando a cabeça para trás, apoiou as mãos no peito masculino e empurrou-o para longe.

— Pare com isso! Pare!

Tyler não deu sinais de ouvir. Segurando-lhe a cabeça, obrigou-a a continuar como estava.

— Tão linda...

Apesar da pouca luz, Elizabeth logo reconheceu o desejo nos olhos masculinos. Isso a amedrontou mais que a força empregada por Tyler. Sem pensar, levantou o pé e desceu-o com toda força sobre os dedos de seu oponente.

Tyler reagiu por instinto, soltando-a e recuando um passo.

— Mas que...?

Aproveitando o momento de liberdade, Elizabeth saiu correndo em direção à claridade, lá fora. Respirava pesadamente e tremia da cabeça aos pés. Seu coração doía e o estômago queimava. Para seu assombro, percebeu que se sentia exatamente como há seis anos, quando pusera a mão muito perto do fogo. Na época, ficara surpresa e amedrontada. Agora estava também

envergonhada.

Ele saíra do estábulo e a olhava, meio sem jeito. Ao ouvir seu pedido de desculpas, no entanto, avançou a passos firmes.

— Não acha que eu é que deveria estar lhe pedindo desculpas?

— A culpa foi minha, também.

Num gesto que era uma mistura de desespero e exasperação, ele passou a mão pelos cabelos.

— Não faça isso. Você deveria estar me enfrentando como uma deusa ultrajada, que pegou um reles mortal tentando subir em seu pedestal. Isso eu posso agüentar, mas honestidade... Honestidade é outro assunto.

Os dois se fitaram, separados por vários passos de distância, indiferentes aos olhares curiosos a sua volta.

Elizabeth foi tomada pela tristeza. Se pelo menos ainda fosse livre... Mas afastou imediatamente essa idéia da cabeça, murmurando:

— Você não espera encontrar honestidade numa mulher?

— Não. Quase todas vocês são incapazes de serem honestas, e não é por uma deficiência. Só os poderosos podem se dar ao luxo de serem honestos, e poder é uma coisa que as mulheres dificilmente têm.

Elizabeth meneou a cabeça.

— Ser honesto não é um luxo, é uma necessidade.

— A verdade acima de tudo? É isso que você quer? Tem certeza? Tão baixinho, que ele mal ouviu, ela disse:

— A verdade é que você é um amigo muito querido, para mim.

Tyler ergueu os olhos para o céu, lutando para se controlar e dominar a dor em seu íntimo. Para um homem que enfrentara animais selvagens, nativos hostis e todo tipo de desastre natural, estava muito despreparado para lidar com aquela situação. Mas também nunca estivera apaixonado antes.

— Eu não quero ser seu amigo — confessou, por entre os dentes cerrados. — Quero ser seu amante.

Palavras de que imediatamente se arrependeu. Elizabeth tinha uma aparência tão triste e só, em pé, ali, diante dele, com a brisa levantando-lhe a saia e brincando com os cabelos que o chapeuzinho não escondia... Absurdamente queria protegê-la, apesar do bom senso lhe dizer que era ele quem precisava de proteção.

— Esqueça o que eu disse. E o que eu fiz, Elizabeth. Este não é um bom dia para mim.

— Jack, desculpe...

— Não comece de novo. Você não tem do que pedir desculpas. — Tomando-lhe o braço da forma mais impessoal possível, ele se pôs a descer a rua. — Gostou do passeio?

— Muito. Jack...

— Vai ao jantar de lady Montgomery, esta noite?

— Pensei em ir mas...

— Reserve uma dança para mim.

Essas palavras ecoaram pela mente de Elizabeth, lembrando-a da noite em que Drake quisera ficar com todas as suas valsas.

— Talvez meu marido esteja lá.

— Vai ser uma coincidência e tanto. Ele não costuma aparecer onde você está.

O que não era bem verdade. Ultimamente, Tyler notara que Drake sempre aparecia nos lugares freqüentados pela esposa.

— Nós tivemos um desentendimento, mas agora estamos bem. De um jeito ou de outro, os problemas estão sob controle.

Apesar da dor em seu íntimo, ele conseguiu sorrir.

— Acha mesmo que a vida é tão simples, minha encantadora criança?

— Eu não sou criança e não imagino nada disso!

— Não? Que pecado o meu tratar você assim, quando a última coisa que imagino é que seja criança.

— Acho melhor não falarmos mais nisso.

Estavam quase em frente ao hotel de Elizabeth. Quase com tristeza, ela examinou a elegante construção de pedra. A tarde ainda nem começara. Depois das provas com madame Bernard, Cornélia a esperava para o almoço. Tinha várias visitas a pagar e na certa passaria horas ouvindo bobagens sociais, antes de voltar ao hotel e se arrumar para o jantar de lady Montgomery, onde continuaria ouvindo as mesmas bobagens.

Seu espírito agitou-se, cheio de rebeldia. O dia estava lindo, com o céu azul, a luz do sol dourada e o ar quente, acariciante. Em Calvert Oaks, sempre passava dias como esse ao ar livre, passeando pelos campos. Dissera a Tyler que não era mais uma criança, mas também não estava tão longe assim da infância. Gostaria muito de jogar a prudência fora e convidá-lo para passarem o resto do dia juntos. Voltariam ao estábulo para pegar os cavalos e cavalgariam até a Epping Forest, onde almoçariam numa taverna e fariam todas as coisas que damas e cavalheiros, que não ligavam para regras sociais, faziam. Todas.

Um suspiro de tristeza escapou de seus lábios. Estavam diante do hotel. Tyler virou-se para fitá-la, a testa franzida.

— O que foi?

— Eu estava pensando se é possível alguém tirar férias de si mesmo, de vez em quando.

— E ser quem?

— Alguém sem responsabilidades, sem lealdades e sem compromissos.

— Foram as coisas que eu sempre tentei evitar. Eu achava que não ter essas coisas trazia a liberdade, mas agora estou começando a ver que não é bem assim.

— O que traz a liberdade, então?

— Exatamente o oposto. Na capacidade de assumir compromissos, ser leal e aceitar responsabilidades está a verdadeira liberdade. Fazendo tudo isso, você acaba encontrando a felicidade, também.

Elizabeth piscou, os olhos subitamente úmidos.

— Jack, meu querido, você está correndo o risco de se tornar convencional.

— Infelizmente, não. Os meios para essa transformação existem, mas ainda estão longe do meu alcance.

— O que só deve alegrá-lo. Não sei o que acha de sua vida no momento, mas é a pessoa mais livre que já conheci. Se perder isso, acabará se perdendo também.

— E se eu achar que vale a pena?

Ela entreabriu os lábios num sorriso sem alegria.

— Então vou dizer que é um romântico.

Tyler jogou a cabeça para trás, rindo de si mesmo e de todos os humanos que tinham uma grande idéia de si mesmos.

— Acho que eu sempre fui.

Eles continuaram onde estavam, fitando-se por um longo momento. Em volta, a cidade prosseguia em sua atividade, dando-lhes a ilusão de serem anônimos. Afinal, Elizabeth estendeu a mão e Tyler pegou-a, beijando-a ternamente na palma.

Ela suspirou, trêmula da cabeça aos pés. Era capaz de se defender do atrevimento dele, mas não da ternura. Percebendo então que o perigo estava tanto em si mesma quanto nele, virou-se e correu para o hotel.

Ele continuou na calçada, seguindo-a com os olhos. Tinha as mãos apertadas, o corpo rígido e o desejo claramente estampado no rosto.

Pelo menos, foi isso que pensou o homem junto a uma das janelas do hotel, vários andares acima do nível da rua. Absolutamente imóvel, ele observou a esposa e o explorador. Qualquer um diria que não tinha o menor interesse no que ocorria, lá embaixo. Só o brilho de seu olhar desmentia essa impressão.

Elizabeth entrou na suíte, perdida em pensamentos. Estava triste por deixar Tyler, porém convencida de que não tinha outra escolha.

Teria sido tolice, pára não dizer crueldade, encorajá-lo. Mas a tentação existira, e era isso que a preocupava.

Por mais tolerante que fosse a sociedade onde estavam vivendo, uma coisa era certa: preocupava-se com seu casamento e não queria ser infiel ao marido. Em outra época, teria classificado de absurda a simples idéia de fazer uma coisa dessas. Agora, já não parecia tão absurda assim.

Ainda imersa em pensamentos, Elizabeth tirou o chapéu e as luvas. Taylor não estava ali, mas só teria de tocar o sino para chamá-la. Começariam então o ritual interminável de trocar de roupas. Às vezes, tinha até a impressão de ser uma atriz numa peça sem fim, com o único papel de estar sempre exibindo roupas diferentes.

A idéia fez com que sorrisse, e sua aparência era quase feliz quando ergueu os olhos e viu o homem que a observava.

— Drake...

— Contente com o seu dia, minha querida?

Ele estava de costas para a janela, com os pés ligeiramente separados e um cigarro preso entre os dentes. Tirara o casaco e tinha a camisa meio desabotoada. Também fora cavalgar, mas sozinho, à procura de um exercício mais violento. Por isso estava enlameado até quase a cintura.

— Eu não esperava encontrar você aqui — Elizabeth comentou, torcendo para sua voz não soar tão alterada quanto se sentia.

Drake costumava deixar sua cama ao amanhecer, vestir-se, tomar café e sair, antes que ela acordasse. Só tornava a vê-lo à noite, a maioria das vezes na casa de alguém, quando acontecia de comparecerem à mesma festa. Ainda assim, desde que reassumira seus direitos maritais, ele não deixava passar uma noite sem exercê-los. A madrugada sempre os encontrava unidos na única forma de comunicação que pareciam ter.

De testa franzida, Drake tirou o cigarro da boca e cruzou o espaço que os separava. Segurando-a pelo queixo, examinou-a com cuidado.

Elizabeth foi assaltada pelo aroma pungente de tabaco, misturado aos cheiros de couro, cavalos e suor. Seu olhar prendeu-se ao peito masculino, onde pêlos escuros colavam-se à pele úmida e bronzeada.

— Você precisa de um banho — murmurou por entre os lábios rígidos.

Ele sorriu friamente.

— O meu cheiro ofende a sua sensibilidade feminina? Que pena! Elizabeth tentou se afastar mas desistiu quando ele apertou os dedos em volta de seu queixo.

Num tom de voz perfeitamente natural, como se nada houvesse de errado, Drake continuou:

— Imagine, então, o quanto eu acho ofensivo saber que minha esposa andou beijando outro homem.

Ela ergueu os olhos surpresa, encontrando zombaria no olhar do marido.

— Como é que você...?

— Se quiser continuar com esse jogo, meu anjo, é melhor se lembrar de retocar a pintura dos lábios.

Abruptamente, Drake a soltou e Elizabeth levou a mão à boca, tentando esconder a evidência que ele descobrira com tanta facilidade. Podia ser que Tyler não tivesse notado o estrago em sua pintura, mas o mais provável era que tivesse visto e preferido não lhe dizer nada. De qualquer maneira, julgou-se traída.

— Não foi nada... Só um mal entendido.

Drake lhe dera as costas e agora apagava o cigarro num pequeno prato de cristal, que obviamente não estava ali para esse fim. Mas não era ela que ia chamar a atenção dele.

— É esse o nome que estão dando a beijos, agora? — ele perguntou, no mesmo tom agradável. E sem lhe dar tempo para responder, prosseguiu: — Você gostou? Tyler está apaixonado, e todo homem apaixonado é um bom amante.

— Ele não é.

Elizabeth estava achando difícil respirar. O quarto parecia estar se fechando em volta dela e sua única vontade era fugir dali. Mas não podia. Há muito tempo encaminhavam-se para aquele momento. Talvez desde o dia de seu casamento, realizado apesar da falta de compreensão entre ambos. O homem a sua frente era um estranho, mas tinha um poder enorme sobre ela e obviamente pretendia exercê-lo.

— Que vergonha! — exclamou Drake, deliberadamente errando na interpretação do que ela dissera. — Todos esses anos na selva devem ter embotado a educação dele.

— O que eu disse é que ele não é meu amante!

Elizabeth engoliu em seco, a garganta apertada. O marido voltara a atenção para ela e agora tinha as mãos na lapela de seu casaco. Em vez de tentar abri-lo, no entanto, deu um puxão, espalhando botões para todos os lados.

— Pare com isso! — Ela procurou se cobrir. — O que acha que está fazendo?

— Tirando a sua roupa — foi a resposta fria.

Um segundo depois, sua blusa de renda, rasgada de alto a baixo, deixava mostra o início dos seios, protegidos apenas por um corpete de seda.

— Ele é capaz de ajudar uma mulher a se vestir, pelo menos?

— Você está louco! Tyler só me beijou. Reconheço que isso é reprovável, mas o que você está pensando...

— Estou pensando que ele teve você. Que ele tocou você como eu toquei, mergulhou em seu corpo. Dá para você ter uma idéia do que isso me faz sentir?

— Mas não foi assim!

— É o que você diz. Prefiro julgar por mim mesmo. Elizabeth apertou os olhos para conter as lágrimas, quando ele a tomou nos braços e a levou para a cama.

Ela não procurou fugir. Absolutamente imóvel, deixou que Drake tirasse suas botas, depois a saia e as anáguas. Em seguida, percebeu que ele se despiu e logo sentiu a cama afundar, a seu lado. Um palavrão indicou que ele chegara aos laços de seu espartilho. Uma dificuldade facilmente contornada, com outro puxão.

Sentindo o ar frio em sua pele, Elizabeth percebeu que o resto de suas roupas se fora. O calor de Drake envolveu seu corpo, e o peso dele a fez afundar no colchão. Logo ele tinha a boca em seu pescoço, murmurando palavras que preferiu não entender. Toda sua energia estava concentrada em continuar absolutamente imóvel, a única maneira de escapar.

Drake percebeu a imobilidade da esposa e interpretou-a corretamente. Mas não achou que ia durar. Era um amante muito bom e conhecia bem demais o corpo dela para conceder-lhe esta vitória. Decidido a conseguir uma resposta, passou a ponta da língua repetidas vezes pelos seios. Depois, começou a morder os bicos rosados. Ao mesmo tempo, suas mãos calejadas por longas horas cavalgando sem luvas deslizaram da cintura fina para os quadris arredondados, e além. Sua recompensa foi um ligeiro tremor, mais nada.

Tanta força de vontade assustou-o. Não costumava associar essa qualidade às mulheres. Na sua opinião, elas eram criaturas simplórias, que funcionavam à base de instinto e malícia. Usando a responsabilidade familiar e a satisfação sexual como armas estavam sempre tentando manipular os homens. Nada mais lhes passava pela cabeça, muito menos a idéia de honra.

— Pare com isso, Elizabeth! O que existe entre nós é muito forte para ser abafado.

Ela continuou a olhar para o teto, mas respondeu depressa:

— O que existe entre nós? Desconfiança? Zanga? É disso que está falando?

Ele rolou para o lado.

— Você sabe que não é. — E acrescentou, depois de mais alguns momentos de silêncio: — Para ser sincero, eu não acredito que você tenha se entregado a Tyler.

Elizabeth não respondeu. Melhor que palavras, seu silêncio mostrou o que pensava dessa concessão. E os dois continuaram como estavam, lado a lado, um homem e uma mulher bonitos em sua nudez cheia de contrastes, os corpos tocando-se de alto a baixo, mas separados por um mundo de tensões.

Se Elizabeth tivesse cedido a Drake naquele momento, se tivesse usado o desejo masculino a seu favor, ele teria perdoado seu pequeno pecado. Mas o orgulho a impediu, levando-a a dizer, apenas:

— Se você mudou de idéia, vou me vestir.

Drake teve que se controlar para não ser agressivo e responder civilizadamente.

— Ainda falta muito tempo para o jantar de lááy Montgomery. Foi uma surpresa descobrir que ele sabia onde pretendia passar a noite.

— Madame Bernard ficou de vir até aqui, hoje.

— Ela vai ficar desapontada, quando bater e ninguém responder.

A aspereza da voz mostrou que a intenção dele não mudara. Lutando contra o despertar de uma excitação que não queria, Elizabeth insistiu:

— Cornélia está me esperando. Vamos retribuir algumas visitas, esta tarde.

— Prefiro que você fique aqui.

Ela virou o rosto para fitá-lo, os olhos prateados na penumbra.

— Não é possível que você não entenda que terá de enfrentar algumas conseqüências, se me forçar.

— Essa história de forçar não existe num casamento.

— Não? Não foi essa a impressão que eu tive, agora há pouco. Erguendo a mão, Drake tocou-lhe o rosto.

— Eu estava zangado.

— E disposto a acreditar o pior sobre mim.

— De Tyler. Ele deseja você. Elizabeth baixou os olhos.

— Você consegue todas as mulheres que deseja?

— Eu não... É que... — Drake se interrompeu, com vergonha de admitir que fora fiel, apesar das muitas oportunidades que tivera de traí-la.

Ela sorriu, um sorriso cético. Um sorriso que se acentuou, quando ele disse:

— É diferente, paira uma mulher.

— É o que os homens sempre dizem, embora eu não veja por quê.

— Vocês são mais... vulneráveis.

O som que escapou dos lábios dela, uma mistura de riso e resmungo, não foi elegante, mas expressou muito bem seu menosprezo.

— O sexo frágil? De todas as lendas que já foram inventadas, essa é a maior!

Olhando-a estendida na cama, com uma perna dobrada, os cabelos espalhados pelo travesseiro e os braços junto à cabeça, ele entendeu o que ela queria dizer. Apesar de toda sua violência, Elizabeth não estava com medo. Ao contrário, parecia capaz de suportar tudo que lhe fizesse e emergir mais forte do que nunca. Ela usaria a superioridade física masculina contra ele mesmo, levando-o a envergonhar-se da fraqueza que o instigava a ser cruel. No fim, a vitória seria dela.

Naturalmente, se não se importasse com ela, estaria livre disso tudo. Se pudesse encará-la como um simples objeto de posse, poderia fazer o que quisesse, sem sentir o mais leve sinal de culpa. Mas havia dentro dele um traço de gentileza que se recusava a acabar, apesar de tudo que já fizera. Com Elizabeth, podia manifestar essa gentileza, e fora isso que mais o atraía para ela, desde o início. No fundo, queria que ela fosse feliz e o reconhecesse como o autor dessa felicidade. Um desejo estranho, principalmente para um homem que nunca colocara o bem estar de outra pessoa acima do seu.

Mas era exatamente isso que estava fazendo, naquele momento.

Com um gesto delicado, Drake pousou a mão no ventre da esposa. Não disse nada, pois não confiava nas próprias palavras, mas na sua imobilidade havia um pedido de desculpas que se estendeu como uma ponte entre eles, passando por cima do orgulho que os separava. Elizabeth continuou em silêncio por um longo tempo. Afinal, disse baixinho:

- Está frio. Vamos nos cobrir.

Capítulo XVI

FINALMENTE, ELIZABETH descobrira o que o marido havia tentado lhe mostrar, desde o início de seu casamento. E com essa descoberta aprendera a conhecer melhor não só ela mesma, como também Drake.

Recostada nos travesseiros, Elizabeth olhou distraída para as janelas do quarto, onde as cortinas de rendas flutuavam mansamente, sopradas pela brisa da noite. Muitas horas haviam se passado, desde que madame Bernard batera inutilmente a sua porta, e o jantar de lady Montgomery já devia estar no fim. Mas não lamentava ter ficado ali.

A seu lado, Drake dormia um sono profundo, e um sorriso cristalino iluminou seus lábios inchados de tanto serem beijados. Sua satisfação ia além do plano físico; estava feliz, de corpo e alma. Já era capaz de entender a frustração que Drake devia ter sentido todas aquelas semanas, quando ainda não sabia corresponder a ele completamente. Além disso, tornara-se mais tolerante com a própria atitude em relação a Tyler.

O episódio com Tyler não parecia ter ocorrido naquele dia, mas há um século atrás. Agora podia perdoar a si mesma por quase ter cedido, e perdoar Tyler, pelo que tentara fazer. Conhecendo o efeito total da paixão, tinha condições de compreender os absurdos que uma pessoa era capaz de fazer, para conseguir a satisfação de seus desejos.

Só uma coisa estragava sua felicidade: saber que Drake já experimentara, com muitas outras mulheres, o que ela sentira pela primeira vez, naquele dia. Longe de ser algo precioso, partilhado apenas por eles, aquele momento era um fato comum na vida de qualquer homem sadio e viril. Além disso, paixão não tinha nada a ver com amor.

Não querendo se entristecer, Elizabeth fez o possível para tirar esses pensamentos da cabeça. Mas era difícil e, com um murmúrio impaciente, aconchegou-se ao marido. Sem acordar, ele ergueu um braço e puxou-a para mais perto de si. Sentir o calor e a força do corpo masculino foi um consolo. Depois de algum tempo, ela acabou adormecendo.

No final, Elizabeth não precisou dos serviços de madame Bernard. De comum acordo, ela e Drake resolveram desistir da temporada com os Cowe e ir para o Continente. Ela ainda viu Jack uma vez, mas trocaram poucas palavras. Ele parecia saber de tudo que acontecera, e a dor em seus olhos encheu-a de tristeza.

Os Bennington passaram o resto do verão no sul da França, e o outono em Roma e Veneza. No Continente, a vida social era tão intensa quanto em Londres, mas eles conseguiram dedicar algum tempo a si mesmos, embora fosse raro estarem sozinhos. A presença de Drake ao lado da esposa desencorajava os admiradores mais atrevidos, e o fato de passarem grande parte do tempo juntos despertou a admiração de todos os círculos que freqüentaram.

Elizabeth começou a achar a vida mais fácil, mas nem por isso sentia-se segura. Seu casamento parecia ter chegado a um ponto intermediário, de onde tanto poderia seguir para uma fase de paz, quanto para um período de

terríveis conflitos. Por mais que tentasse, não conseguia se sentir totalmente à vontade com o marido, e sabia que o mesmo acontecia com ele. Continuavam ainda estranhos um para o outro, embora o relacionamento agora tivesse uma boa dose de companheirismo e vontade de agradar.

As cidades glamourosas que visitaram tornaram-se apenas o pano de fundo para seu exótico casamento. Para eles não fazia diferença o lugar onde estavam, desde que estivessem juntos. E foi saber disso que os levou, afinal, de volta a Boston.

Eles chegaram em outubro, em tempo de se instalarem em sua nova casa, antes da estação de férias começar. Sua intenção era passar o Dia de Ação de Graças com os Bennington, e o Natal com os Calvert.

As cartas que Elizabeth recebia de Calvert Oaks enchiam-na de saudade da família. William e Sunbird haviam se casado, discretamente. Charles Durand e a esposa não tinham comparecido à cerimônia, o que aumentara, em vez de diminuir, a alegria dos noivos. Nada mais fora ouvido dos homens encapuzados de branco que atacaram o casal, mas alguns vizinhos haviam se afastado dos Calvert, ressabiados com o que acontecera.

O distanciamento entre os Hudson e os Calvert era grande, mas não total. O senso prático mandava que as duas famílias tivessem pelo menos algum contato. Como as plantações ficavam a cargo das gerações mais novas, era inevitável que William e Davey se encontrassem. Esses encontros eram rápidos e raros, mas assim mesmo muito difíceis. Depois da explosão violenta do duelo, a hostilidade entre ambos fora abafada e agora só esperava uma ocasião propícia para emergir novamente.

Naturalmente, nada disso era dito com clareza nas cartas para Elizabeth. No entanto, com sua nova visão da vida, ela era capaz de ler nas entrelinhas. E o que lia a deixava muito preocupada com o futuro do lugar que mais amava no mundo.

À medida que o outono passava, mais e mais os pensamentos de Elizabeth se dirigiam ao futuro. Saíra da Europa desconfiada de estar grávida, e agora tinha certeza. Sua alegria era tanta que transfigurou-a, dando a sua beleza um brilho que nunca tivera.

Com essa alegria, no entanto, veio também a preocupação. Enquanto ela e a criança fossem um só ser, estaria tudo bem. Mas... e depois?

A falta de tranquilidade em sua vida com Drake tornava ainda mais importante o relacionamento que teria com o bebê. Com o exemplo negativo de Abigail Bennington diante de si, estava mais decidida do que nunca a ser uma boa mãe. Ao mesmo tempo, não sabia ao certo o que isso significava. Podia imitar a mãe, mas ainda assim tinha muitas dúvidas a respeito de sua própria capacidade.

Procurando conforto, lia e relia as cartas da Virgínia. Mas esse conforto também tinha um preço. William raramente falava em assuntos pessoais, mas sua correspondência sempre mostrava o quanto era feliz no casamento. Isso despertava uma pontinha de inveja em Elizabeth, que estava mais consciente do que nunca do quanto faltava para que ela e Drake atingissem um relacionamento semelhante.

Quanto a seu pai e sua mãe, apesar de lamentarem a distância da filha querida, estavam felizes por compensarem sua ausência com Sunbird. Ela ficava contente por eles, mas não podia evitar um certo ressentimento por

terem aceitado tão bem a sua partida.

À medida que sua gravidez se adiantava, começou a aumentar também sua saudade de casa. Não sentira nada parecido durante a lua de mel, mas agora, em Boston, tinha a impressão de ser um peixe fora d'água.

Mari tentou ajudar. Foi com ela fazer compras para a nova casa, apresentou-a a pessoas interessantes e incluiu-a em todos os eventos sociais possíveis. Mas seus esforços não tinham efeito sobre a barreira de isolamento, cada vez maior, que Elizabeth construía em torno de si.

Uma barreira com a qual Abigail Bennington estava muito comprometida. Fingindo aceitar o casamento do filho, ela desenvolvia uma guerra surda e letal contra a nora que nunca merecera a sua aprovação. Saber que havia uma criança a caminho só servira para aumentar seus esforços. Com a teimosia de um general obrigado a conduzir uma campanha secreta, ela não perdia oportunidade de semear a discórdia entre o casal.

— É uma pena Drake passar tanto tempo longe de casa — Abigail comentou sorrindo, uma tarde em que foi visitar Elizabeth. — Ainda bem que você entende o quanto eu preciso dele.

Elizabeth entendia, e muito bem. Seu marido, que nunca se envolvera com os problemas familiares, agora era solicitado dia e noite para resolver os mais diversos assuntos. Os problemas não tinham fim e eram sempre apresentados por uma Abigail chorosa, que clamava não ter condições de solucioná-los sozinha e não conhecer mais ninguém em quem pudesse confiar.

— Claro que entendo — Elizabeth afirmou, lutando contra o enjôo. Geralmente só ficava assim de manhã, mas a presença de Abigail estava lhe fazendo um mal tremendo. — A senhora não precisa se preocupar. Além do mais, Drake logo estará com tudo sob controle.

— Uma vergonha ele ter que fazer essa viagem a Chicago. — Levando a xícara de chá aos lábios, Abigail observou a nora com um olhar benevolente. — E ainda por cima ser surpreendido por aquela tempestade! Espero que ele consiga voltar a tempo para o jantar do Dia de Ação de Graças.

— Vai conseguir, sim — garantiu Elizabeth, embora não tivesse certeza de nada.

Independente do mau tempo, a situação em Chicago, onde os Bennington tinham interesses na indústria da carne, parecia exercer uma enorme fascinação sobre Drake. Ele resolvera o problema que o levava até lá rapidamente, mas ficara para investigar a possibilidade de se tornar sócio de um grupo que controlava uma rede ferroviária. Pelo menos fora o que dissera na última carta, bastante curta, por sinal. E só no fim se lembrara de perguntar pela saúde da esposa e do bebê.

— Está tudo bem, querida? — Abigail perguntou. — Você me parece um pouco abatida.

— Estou ótima.

Nem morta Elizabeth admitiria qualquer fraqueza diante da sogra.

Abigail fez uma pausa no gesto de colocar uma bomba de chocolate em seu prato. Estava muito quente na sala, porque ela fazia questão de ter as janelas fechadas e o fogo aceso nos lugares em que se encontrava. O ar abafado, misturado ao cheiro forte do perfume que costumava usar, estava praticamente insuportável.

Durante aquela tarde, ela já criticara vários hábitos de Elizabeth, desde a

mania de lavar a cabeça dia sim, dia não, apesar do perigo de pegar tuberculose, até a insistência em continuar os passeios ao ar livre, quando todos sabiam que exercícios não eram bons para uma mulher nas condições dela.

Mas o pior era aquela idéia absurda que a nora pusera na cabeça, de que refeições simples e controladas eram melhores para ela e para o bebê.

— Você precisa comer mais, minha querida. — Desistindo de comer a bomba de chocolate, Abigail ofereceu-a à nora. — Está muito magra, assim.

Elizabeth quase engasgou ao fitar a bomba, esparramada sobre o prato, com o recheio de chocolate vazando por um burquinho. Parecia estar vendo uma coisa nojenta.

— Não, obrigada, eu...

— Bobagem, minha querida. Coma essa bomba e tome um pouco de chocolate. Vai se sentir muito melhor.

Na opinião de Elizabeth, a única maneira de se sentir bem seria morrendo. E quanto mais cedo, melhor. — Desculpe, eu... — murmurou, levantando-se apressada com a mão sobre a boca.

Abigail agarrou Elizabeth pelo braço, obrigando-a a ficar onde estava.

— O que foi? Não está se sentindo bem, minha querida?

Desesperada, Elizabeth pensou que logo, logo, sua sogra ia descobrir o quanto estava se sentindo mal. Seu consolo seria arruinar o horrível vestido preto, que ela usava. Mas também seria uma humilhação, vomitar na frente de Abigail, e isso seu orgulho jamais permitiria.

Apelando para toda sua força de vontade, Elizabeth livrou-se da sogra e saiu da sala, quase correndo. Não passou do saguão de entrada, onde um indefeso vaso serviu a outro propósito, que não o de exibir flores. Depois, já melhor, subiu para o quarto.

Tilly, a garota irlandesa que substituíra Taylor, percebeu de imediato seu desconforto e foi buscar uma toalha úmida, para refrescar-lhe o rosto.

— Não se preocupe, madame, que isso logo passa. Kathleen, a minha irmã mais velha, teve nove filhos e ficou enjoada todas as vezes. Mas isso passa, e aí a senhora vai se sentir muito bem.

Elizabeth sentou-se na poltrona junto à janela, recostou a cabeça e fechou os olhos. Estava exausta, apesar de ter dormido quase dez horas, na noite anterior. Ia tirar um cochilo quando Abigail chegara. Suas delicadas insinuações nesse sentido não tinham recebido atenção. Mas suas palavras nunca eram ouvidas, mesmo.

— Tenho de voltar lá para baixo.

Tilly apertou os lábios, descontente. Podia ter só dezessete anos, mas era muito sensata. Também estava longe de ser boba. Sabia muito bem qual era a intenção da sogra de sua patroa, e não gostava da idéia.

A garota sentia-se grata a Elizabeth por ter lhe dado o lugar de criada de quarto, quando tantas mulheres mais velhas e experientes haviam se candidato ao posto. Ela também gostava muito de bebês, e não queria que nada acontecesse à criança que Elizabeth estava esperando.

— A senhora precisa descansar, madame. Certas pessoas deviam entender isso.

Elizabeth sorriu, sem alegria.

— Eu seria considerada muito mal-educada, se não descesse de novo.

Tilly fungou.

— Educação tem limites. É ruim esse negócio de visitar uma pessoa que não está em condições de receber ninguém.

Elizabeth entreabriu os olhos para ver a moça.

— A sra. Bennington tem boa intenção.

— Imagino! — Tilly resmungou, baixinho.

— O que foi, Tilly?

— Nada, madame. Eu só estava limpando a garganta.

— Eu também faço isso, de vez em quando.

— Quer que eu vá lá embaixo dizer a sua sogra que a senhora precisa descansar um pouco?

Elizabeth ficou emocionada com a coragem da garota em querer enfrentar a sra. Bennington, mas sabia que seria bobagem.

— Obrigada, Tilly, mas é melhor eu descer. Senão, ela vai querer chamar o dr. Greeley para me ver. Se é que já não chamou.

Elizabeth não gostava do médico a quem Abigail insistira em levá-la. Apesar do homem cuidar das melhores famílias de Boston, havia nele algo que despertava sua antipatia. Detestava visitá-lo, achava os exames humilhantes e dolorosos e não sentia alívio quando ele declarava que não haveria dor, quando sua hora chegasse.

— Éter — o homem dizia. — Essa é a resposta para as dores do parto. A mãe nem sabe o que está acontecendo.

Elizabeth deveria ficar feliz, pois não gostava da possibilidade de sentir dor, mas algo em seu íntimo se rebelava contra a idéia de nem perceber o nascimento de seu filho.

A medida que o bebê crescia em seu ventre, crescia também sua antipatia pelo dr. Greeley e tudo que ele representava. Queria estar junto de sua mãe e Augusta, que já tinham feito dezenas de partos bem sucedidos. No Natal, pretendia sondá-las sobre essa história de éter. Se elas reagissem negativamente, procuraria outra alternativa, por pior que fosse a repercussão. Até lá, no entanto, teria que agüentar sua sogra.

Respirando fundo, Elizabeth levantou-se e voltou à sala de estar, onde encontrou Abigail dando fim às bombas de chocolate.

— Ah, você voltou, minha querida! Eu já estava a ponto de subir para ver o que tinha acontecido.

— Desculpe eu ter saído daquele modo. — Elizabeth sentou-se na cadeira mais distante da sogra. — Mas a senhora sabe como são essas coisas.

— Para ser franca, nunca tive um dia de enjôo, quando estava esperando meus filhos. Deve ser porque sempre aceitei o que me acontecia como vontade de Deus.

— Não vejo o que isso tem a ver com...

— Vamos, minha querida! Não quero ser desagradável, mas você sabe muito bem que as mães que têm enjôo são as que não conseguem aceitar sua condição. O dr. Greeley já deve ter lhe dito que só vai recuperar a saúde, quando parar de rejeitar o seu filho.

— Rejeitar?! Mas eu não...

— Se não fosse assim, você não estaria doente. Você tem um gênio muito forte, o que é um defeito numa mulher, e por isso está lutando contra a sua gravidez. Como isso não é natural, precisa pagar um preço.

Elizabeth estava surpresa demais para se sentir ofendida com as palavras da sogra.

— Nunca ouvi falar nisso. Onde foi que a senhora arranjou essa explicação absurda?

— Minha explicação não tem nada de absurda. O dr. Greeley escreveu um artigo sobre isso, e as melhores mentes científicas concordam com ele. As mulheres que se rebelam contra o papel a que foram predestinadas sofrem de enjôo e correm o risco de causar danos a seus bebês.

— O dr. Greeley tem muitas idéias, mas nem todas mostram bom senso.

Abigail franziu a testa.

— Você acaba de dar mais uma prova do que eu estava querendo lhe dizer. Uma mulher que duvida de um homem culto como o dr. Greeley tem tendências pouco naturais. Só espero que com o tempo você controle essas tendências, antes que algum mal lhe aconteça. — Dito o necessário, Abigail levantou-se com majestosa dignidade e calçou as luvas. — Espero que entenda, minha querida, que só estou pensando no seu bem e no da criança. Com Drake fora, é evidente que tudo fica mais difícil para você.

Elizabeth não agüentou.

— Duvido que ele pudesse ser de alguma ajuda, nesta situação.

Os olhos de Abigail brilharam, mas ela não interrompeu sua caminhada em direção à porta.

— Pretendo escrever a Drake hoje mesmo. Vou lhe dizer que você não está se sentindo bem.

— Prefiro que a senhora não diga nada. Não há necessidade de ele ficar sabendo.

— Ao contrário, ele tem todo direito de saber. — O olhar frio pousou no ventre de Elizabeth, que ainda não mostrava sinais da gravidez. — Afinal, o filho é dele.

Havia nestas palavras um levíssimo tom de dúvida. O suficiente para fazer Elizabeth corar, mas não para provocar uma resposta.

— A senhora faça o que achar melhor. É o que sempre faz, não é?

— Isso mesmo, minha querida. É o que eu sempre faço!

Mais tarde, naquela mesma noite, Elizabeth acordou de um sono inquieto e descobriu que estava sangrando. Algumas gotas, apenas, mas o bastante para ficar muito assustada. Continuou deitada com as mãos sobre o ventre, paralisada pelo medo e uma certa sensação de culpa. Não teve coragem de se mexer para nada, nem para chamar Tilly.

Quando a criada entrou, na hora de sempre, encontrou a patroa chorando silenciosamente.

— Deus do céu! — Ela praticamente forçou Elizabeth a mostrar o que estava acontecendo. — É por isso que a senhora está chorando? Está com dor? Dor forte, na barriga?

— Está doendo, mas não muito. É o sangue...

— Isso acontece. Se não fosse o bebê, a senhora estaria na sua época de sangrar?

Elizabeth assentiu, embaraçada.

— Às vezes a natureza é teimosa — Tilly explicou, ajeitando os lençóis. — Leva alguns meses para perceber o que está acontecendo e continua como antes. Não quer dizer que alguma coisa esteja errada. Em todo caso, é bom a

senhora descansar um pouco. Longe de visitas.

— Mari ficou de vir...

— Ela não tem importância. Mas se a sra. Bennington aparecer, vou dizer que a senhora está indisposta. E se ela trouxer aquele médico, minto que a senhora está dormindo e pediu para não ser perturbada.

A despeito de tudo, Elizabeth sorriu.

— Vou sentir pena deles, se brigarem com você, Tilly. Sorrindo, a garota foi abrir as janelas. O dia estava lindo.

— Eu sou mesmo um osso duro de doer, madame. Se não fosse, não teria saído do casebre onde nasci. — Ela fez uma pausa, depois acrescentou: — A senhora também é forte, madame. Não se esqueça disso.

— Não vou me esquecer, não.

Elizabeth já estava melhor e começando a achar absurda sua atitude, durante a noite. Mas tivera tanto medo de que alguma coisa acontecesse ao bebê! Ele ainda nem nascera e já o amava. Sua vontade de protegê-lo era tão intensa que seria capaz de enfrentar desarmada um verdadeiro batalhão.

Vendo que a patroa havia recuperado a cor, Tilly sorriu.

— Isso mesmo, madame. A senhora fique aqui descansado, que vou buscar uns biscoitos. Depois, se quiser, posso lhe preparar um banho.

Elizabeth concordou. Recostada nos travesseiros, ouvia os sons vindos da rua. Sob as cobertas, suas mãos acariciavam o ventre. Queria muito aquele filho. .

Depois, quando seu estômago já havia assentado, escreveu uma longa carta para a mãe e outra, mais curta, para Drake. Para a mãe, falou de suas preocupações e do quanto estava ansiosa para vê-los, no Natal. Para o marido, disse apenas que tudo ia bem.

Drake, no entanto, não recebeu a sua. Estava a caminho de Boston, antes mesmo da carta chegar ao correio. Sua volta precoce fora motivada por um telegrama da mãe, no qual ela dizia que sua presença em casa era muito necessária. Surpreso, mas também satisfeito pelo interesse dela por Elizabeth, ele largara tudo e tomara o primeiro trem para Boston.

No fundo, Drake estava contente por ter uma desculpa para voltar mais cedo. Sentira muita saudade de Elizabeth. Ela passara a ter uma enorme importância em sua vida, e isso o preocupava. Seu hábito de não se deixar envolver por emoções profundas havia começado na infância, e a mudança estava sendo feita com lentidão e relutância. Inevitavelmente, ele se ressentia da causadora desses novos e nem sempre agradáveis sentimentos.

O mau tempo atrasou a viagem, mas ele chegou a Boston dois dias antes do Dia de Ação de Graças. Ao chegar em casa, porém, ficou sabendo que Elizabeth saíra para andar a cavalo e só voltaria dentro de algumas horas.

— Saiu a cavalo?! Mas ela pode fazer isso?

— Ela está se sentindo muito bem, senhor — Tilly explicou, — E depois dos últimos dias, precisava mesmo sair e fazer um pouco de exercício.

Drake franziu a testa. Lembrava-se de ouvir a mãe dizer que exercícios não eram bons. Como ela dera à luz cinco filhos, devia saber mais do que Elizabeth, sobre o assunto. No entanto, em vez de ficar contente com os conselhos da sogra, Elizabeth preferia ignorá-los. Por que motivo, ele não fazia a menor idéia.

— Eu vou atrás dela — decidiu. — Se ela voltar enquanto eu estiver fora,

diga-lhe para não sair de novo.

Tilly nem teve tempo de responder. Drake voltou para a carruagem que o trouxera e deu ordens rápidas ao cocheiro. Meia hora depois, estava nos mangues dos arredores da cidade, onde sabia que Elizabeth gostava de cavalgar. Ela lhe dissera que os mangues lembravam-na dos dias que costumava passar à beira-mar, durante a infância, com os pais e William.

Drake deu várias voltas pelo local, antes de avistá-la montada numa égua velha e dócil, incapaz de desenvolver uma velocidade maior que a de um trote. Elizabeth ia devagar, com as rédeas quase soltas nas mãos, absorta em pensamentos.

Não passou pela cabeça de Drake que sua esposa tinha escolhido aquela égua, de propósito. Nem que ia devagar, para evitar o risco de um acidente. Ou que estava tão segura ali quanto estaria em seu próprio quarto.

Ele não enxergou nada disso. Só viu que ela estava sozinha, a cavalo, comportando-se de uma maneira que só podia ser classificada de altamente irresponsável.

Zangado, Drake se adiantou. Ela ergueu os olhos e o viu. Um sorriso iluminou seu rosto, mas desapareceu logo.

— Drake... — murmurou, meio ressabiada. — Você voltou.

— E em cima da hora, pelo visto. Que história é essa, agora?

Drake agarrou as rédeas da égua, que recuou, assustada. Elizabeth inclinou-se para a frente, tentando acalmá-la com palmadinhas no pescoço.

— História?! Como assim?

— Você, aqui, cavalgando. Não acha que é estupidez demais? — Sem soltar as rédeas, ele agarrou Elizabeth pela cintura e tirou-a da sela. — Ou não se importa com o que possa acontecer?

Elizabeth recuou alguns passos. Não estava zangada, mas incrédula. A chegada súbita de Drake, sua alegria inicial e depois a constatação da grosseria do marido, tinham atordoado sua mente por alguns instantes. Pensara que estavam começando a se entender, mas agora via que tudo não passava de ilusão.

— Como tem coragem?! Como ousa dizer que eu faria alguma coisa capaz de prejudicar meu filho? Eu o quero mais do que você, e sei muito bem o que é bom para nós dois!

Agora preocupado, Drake tentou abraçá-la.

— Elizabeth, eu não quis... Ela recuou mais alguns passos.

— Fique longe de mim. Fique longe de mim!

Abismado com a intensidade da raiva de Elizabeth, ele recuou. Os olhos dela estavam cheios de lágrimas, e a boca tremia. Parecia um animal ferido, mas ainda capaz de se virar contra o atacante. Foi quando lhe ocorreu que ela possuía uma força que não era capaz de entender. Sua sensação de incompetência foi tão grande, que se acalmou.

— Não fique assim. Não é bom, no seu estaco.

A coisa errada para dizer, naquele momento. Elizabeth sentiu-se mais criticada ainda, em seu papel de mãe. Lançando ao marido um olhar de supremo desprezo, girou nos calcanhares e afastou-se a passos rígidos, deixando a égua para trás.

Drake alcançou-a no ponto onde o mangue se fundia com a estrada arenosa, que levava à cidade. A carruagem esperava ali perto. Antes que o

cocheiro pudesse descer da boléia, Elizabeth abriu a porta com um safanão e entrou. Drake tentou ajudá-la, mas sua mão foi empurrada para longe. Com os lábios apertados numa linha fina, ele amarrou a égua à carruagem e juntou-se à esposa. Em silêncio, os dois fizeram o trajeto de volta.

Capítulo XVII

APESAR DE TÃO AMADO e esperado, o bebê de Elizabeth continuou a ser um ponto de discórdia entre seus pais. Se antes Drake mal entendia a esposa, agora a situação se agravava.

As dificuldades eram enormes. Ele ainda a desejava, o que lhe causava muita preocupação e vergonha. Na sua opinião, a atração sexual por ela deveria ter acabado, quando soubera da gravidez. Não definitivamente, só até depois do parto. Nesse meio tempo, ele procuraria outras mulheres para saciar seu desejo.

Mas as coisas tinham evoluído de modo um tanto diverso. Ele não queria alternativas. Queria Elizabeth. A mesma Elizabeth temperamental, distante e desafiadora que não só dominava seus sonhos, como também seus pensamentos.

Drake achava fascinante a mudança no corpo da esposa. De sua posição privilegiada na cama de Elizabeth, seguia tudo que se passava. Na sua opinião, eram encantadores os seios maiores e mais sensíveis, e a barriga cada vez mais arredondada. Só apelando para toda sua força de vontade, conseguia resistir à tentação de fazer amor com ela diariamente. Havia momentos, no entanto, em que o desejo se tornava grande demais e ele cedia, apossando-se do corpo feminino sem pensar em nada, além daquele momento.

Elizabeth, por sua vez, achava absolutamente certo continuarem sua vida sexual, embora também estivesse abismada com o desejo que sentia pelo marido. Não porque partilhasse as idéias dele sobre a gravidez, mas porque não combinavam em mais nada, a não ser no plano físico. Ainda assim, quando ele a procurava, correspondia com uma sensação de alívio profundo.

O Dia de Ação de Graças chegou, e com ele o jantar obrigatório, na casa de Abigail. Se Elizabeth esperava que os comentários ácidos da sogra despertassem alguma reação em Drake, sofreu uma decepção. Ele não deu mostras de perceber a tensão entre as duas. Devia achar que a mãe só tinha boas intenções, no que se referia ao futuro neto.

No fim da refeição de dezesseis pratos, que incluía peru defumado, presunto com molho de cerejas, legumes cozidos no vapor e outras delícias, Abigail disse:

— Eu não queria tocar neste assunto, mas vocês acham mesmo que é uma boa idéia passar o Natal na Virgínia?

Como ela dirigiu a pergunta a todos na mesa, Elizabeth ficou em silêncio. Não queria se envolver em outra batalha verbal com a mulher que começara a chamar ironicamente, em seus pensamentos, de mãe Bennington.

Ninguém poderia ter uma aparência menos maternal que a inimiga vestida de negro, que a enfrentava do outro lado da mesa. Imitando a rainha Vitória, nas últimas semanas Abigail passara a se vestir sempre de negro. Ninguém se atrevera a lhe perguntar por que estava de luto, provavelmente porque todos sabiam.

— Elizabeth quer muito rever a família — Drake disse, quando percebeu que a esposa não ia mesmo responder.

Como único representante do sexo masculino à mesa, ele assumira um ar bastante senhorial, que a mãe e as irmãs aceitavam com naturalidade e até incentivavam, deixando claro que achavam certo tudo que o agradasse.

Essa atitude, somada ao fato de Drake aceitar a situação como um direito seu, fizeram voltar o enjôo que Elizabeth já não experimentava há alguns dias. Embora tivesse comido pouco e bebido apenas água, estava se sentindo bastante mal. Além disso, a sala de jantar, cheia de móveis escuros e pesados, com grossas cortinas de veludo, era de causar depressão em qualquer um.

— É natural que Elizabeth queira voltar para casa — Abigail afirmou, lançando um olhar para a nora. — Mas pode fazer isso em outra ocasião. Agora não vale a pena correr o risco.

— Que risco? — Elizabeth quis saber. — Uma mulher sadia, fazendo uma viagem rodeada de todo conforto possível, não corre risco nenhum.

— Ao que parece, você gosta mais de viajar do que eu. Nunca achei confortáveis os transportes públicos.

Como sabia que transporte público não tinha nada a ver com o vagão particular em que viajaria, Elizabeth não respondeu. Fato que não desanimou Abigail, que continuou sua campanha:

— Além disso, minha querida, existe o problema de você ficar longe do dr. Greeley.

— Na minha opinião, esse é mais um motivo para eu ir.

— Ora, vejam! Eu não sabia que você ainda se sentia assim em relação ao doutor. — Abigail virou-se para o filho. — O dr. Greeley é um dos médicos mais respeitados da Nova Inglaterra. Toda mulher de bom nível social é cliente dele. Drake assentiu, os olhos fixos na esposa.

— Realmente, ele tem ótima reputação.

— Mas eu não gosto dele.

Elizabeth percebeu que estava provocando Abigail, mas não ligou. Sua cabeça começara a latejar, e o espartilho, apesar de largo, estava mais desconfortável do que nunca. Quanto aos olhares irônicos das cunhadas, eram tão desprezíveis quanto a implicância constante da sogra.

— Não se preocupe — Abigail tranqüilizou o filho. — É natural Elizabeth estar um pouco alterada. A tensão do momento...

O sangue subiu ao rosto de Elizabeth.

— E incrível como esta família deixa frases pelo meio! Acho que é a técnica preferida de vocês, quando querem insinuar alguma coisa desagradável.

Drake enrijeceu na cadeira, afastando com um gesto o criado que ia encher novamente seu copo de vinho.

— Está na hora de irmos andando.

— Mas ainda é tão cedo, meu filho! Tenho tantos assuntos a tratar com você... Pensei que pudéssemos resolver tudo esta noite.

— Fica para outra hora, minha mãe. — Levantando-se, ele foi para junto da esposa e estendeu a mão para ela. — Venha. Você precisa descansar.

Elizabeth sentiu vontade de protestar, mas desistiu da idéia. Afinal, nada lhe daria mais prazer do que sair daquele lugar. Assim, aceitou a mão que ele lhe oferecia e se levantou.

— Falo com a senhora amanhã, mamãe — Drake prometeu, tomando o braço de Elizabeth. — A senhora entende por que temos de ir agora, não é?

Pelo menos para Elizabeth, ficou evidente que ela não entendia nada. Abigail detestava ver o filho assumir atitudes protetoras em relação à esposa. Só o fato de perceber a tensão que dominava o casal impediu-a de achar que havia sofrido uma derrota.

Elizabeth, por sua vez, não podia se gabar de que vencera. Principalmente por que, assim que entraram em casa, Drake voltou ao assunto que a mãe tinha abordado durante o jantar.

— Acho que devemos pensar melhor nessa ida a Calvért Oaks.

Estavam sozinhos, no quarto de Elizabeth. Tilly subira para ajudar a patroa a se despir, mas Drake a mandara embora, dizendo que não precisava interromper a noite de folga, simplesmente porque eles tinham resolvido voltar para casa mais cedo. Agora, apesar de Elizabeth insistir que não queria se deitar, ele estava desabotoando as costas de seu vestido cor de marfim.

— Pensar melhor, como?

Olhando por cima do ombro, ela notou que os planos e ângulos do rosto masculino estavam mais acentuados que de costume. Podia ser sua imaginação, mas Drake parecia ter mudado nos últimos meses, tornando-se mais amadurecido e responsável. A auto-indulgência de antes também se fora. Assumindo totalmente os negócios da família, ele vinha se testando e descobrindo em seu íntimo forças que nem sabia que possuía. Devia estar aprendendo, também, que tinha capacidade para fazer muito mais que andar atrás de coisas que lhe davam prazer.

Elizabeth ficou feliz por ele, embora tivesse certeza de que Abigail não ia gostar do resultado de sua própria manipulação. Pensando em dominá-lo através dos negócios da família, ela dera ao filho a oportunidade de amadurecer e tornar-se independente no plano moral.

Sem dúvida, isso significava que ele também não seria manipulado pela esposa.

— Eu estou contando em passar alguns dias em casa, Drake — Elizabeth murmurou do modo mais casual possível, já que as mãos masculinas passeavam por suas costas nuas.

Drake parou, fitando os ombros de linhas graciosas e o pescoço vulnerável, coberto por fios que já se desprendiam do penteado. A pele de Elizabeth era perfeita e exalava um perfume delicioso. Só teria que se inclinar um pouco para tocá-la com os lábios.

Em vez disso, no entanto, ele terminou de desabotoar o vestido e empurrou-o para baixo. Instintivamente, ela o pegou antes que caísse e se virou, os seios erguendo-se em meio a sedas e rendas de uma maneira que o encheu de desejo.

— Depois nós falamos nisso — murmurou, distraído pela reação de seu próprio corpo.

Elizabeth franziu a testa. Percebera o impacto que estavam exercendo um sobre o outro, mas não queria ser tratada como Abigail fora. Além disso, a viagem a Calvert Oaks era muito importante para ela.

— Não há nada a falar. — Ela estremeceu quando ele a segurou pela cintura, puxando-a para si. — Sua mãe está errada, quando diz que vou me arriscar, viajando. Quanto ao dr. Greeley, faz tempo que estou pensando em mudar de médico.

Drake disfarçou um suspiro de impaciência. Gostaria de deixar aquele

assunto para outra hora, mas não seria possível adiá-lo, infelizmente. Largando Elizabeth, foi se sentar na poltrona junto à cama. Do bolso interno do casaco, tirou uma cigarreira de prata.

— Você se importa que eu fume?

Ela meneou a cabeça, embaraçada por estar meio despida. Pensou em colocar um roupão, mas não queria mostrar que não estava à vontade. Drake já tinha acendido o cigarro e tirado as primeiras baforadas, quando lhe ocorreu que era ridículo ficar ali, em pé na frente dele, em pose suplicante. Sentando-se abruptamente na beirada da cama, puxou o vestido até se cobrir um pouco mais.

— O que há de errado com o dr. Greeley? — perguntou Drake, observando a fumaça subir em direção ao teto.

— Ele... não me deixa à vontade.

Drake franziu a testa. Apesar de saber quais eram os exames pré-natais, preferia não pensar nisso, em relação à Elizabeth.

— Todos falam muito bem dele.

— Sua mãe fala. Mas isso não quer dizer que ela esteja certa.

— A intenção dela é boa.

Elizabeth apertou os lábios e Drake voltou a olhar para o teto, como que pedindo paciência aos céus. Pouco lhe importava se as intenções de sua mãe eram boas ou não. Com o tempo, ela aprenderia que ele não era mais uma criança sem vontade, fácil de manejar. Havia amadurecido e nunca mais permitiria que usassem seus sentimentos para controlar suas reações. Coisa que Elizabeth também precisava aprender, para o bem de todos.

— Se você me der uma razão sensata para querer mudar de médico, pode até ser que eu concorde. Por enquanto, é melhor continuarmos com o dr. Greeley.— Vendo que ela ia discutir, ele ergueu a mão, pedindo silêncio. — A viagem a Calvert Oaks foi planejada antes da sua gravidez, e isso muda tudo. — Mais gentilmente, acrescentou: — Podemos ir no ano que vem.

— Eu quero ir agora.

Semicerrando as pálpebras, Drake tirou outra baforada do cigarro. Lembrou a si mesmo que ela era muito jovem, e que as mulheres pouco amadureciam, passando a vida inteira quase como crianças. Queria ser bom, mas também tinha de ser firme.

— Sinto muito, mas é impossível.

Elizabeth fitou-o. Ele não estava embaraçado nem, inseguro por exercer daquela maneira sua autoridade sobre ela. Ao contrário, parecia perfeitamente à vontade. Ela é que estava numa situação inteiramente nova. Nunca recebera ordens de ninguém. Os motivos por que uma coisa precisava ser feita sempre eram muito bem explicados, em sua casa. Dessa maneira, seus pais não só mostravam o amor, como também o respeito que sentiam pelos filhos. Drake não estava mostrando nenhum dos dois.

— Já passou pela sua cabeça que eu posso não querer aceitar a sua ordem? — Elizabeth perguntou, enganadoramente meiga.

— Já, mas prefiro acreditar que você não vai ser tão tola a ponto de fazer algo contra a minha vontade. — Levantando-se, ele se aproximou dela. — Não creio que você tenha coragem de ir para a Virgínia, sozinha.

A complacência na voz dele irritou-a. Gostaria de afastar com um tapa a mão que ele pousara em seu ombro, declarando exatamente o que pensava

daquela tirania, mas a cautela impediu-a. Não ganharia nada, revelando seus sentimentos. Ao contrário, perderia muito.

Mais tarde, com a cabeça no ombro do marido e o corpo colado ao dele, ela procurou se alegrar por combinarem tão bem fisicamente. Mas a satisfação física não foi capaz de afastar a inquietude de seu coração. Precisava atingir Drake num nível mais profundo, fazê-lo ver que não era apenas um lindo objeto de posse. Pelo bem de ambos. Ele podia não saber o que era um casamento feliz, mas ela sabia e queria um para eles.

Elizabeth adormeceu com a esperança de que ainda seriam felizes, mas atormentada pela certeza de que isso iria lhes custar muito.

No fim da semana, Drake embarcou para Nova York, onde tinha negócios a tratar, envolvendo as linhas de navegação da família. Por tradição, os Bennington navegavam o Atlântico, servindo principalmente a Inglaterra e a França. Agora, Drake pretendia navegar também para o Oriente. O problema era resolver se expandiria a companhia atual ou fundaria uma companhia nova, dedicada a esse ramo.

Era essa escolha, com todas as conseqüências políticas e financeiras, que ocupava a mente de Drake nos dias que antecederam sua partida. Tendo pouco tempo para dedicar à Elizabeth, ele não percebeu que ela estava cada vez mais quieta, nem que começara a observá-lo cuidadosamente, como se quisesse descobrir alguma coisa que a ajudasse a conhecê-lo melhor. Mari tornara-se uma visita freqüente e parecia preocupada com a sobrinha, mas ele atribuiu essa preocupação ao estado de Elizabeth e não pensou mais nisso.

Na verdade, Mari estava mais preocupada com o estado de espírito do que com a saúde física de Elizabeth. Na sua opinião, a sobrinha andava muito deprimida.

Naquela tarde feia de dezembro, ela ficou surpresa em ver o quanto Elizabeth estava parecida com a garota infeliz que chegara a sua casa, anos atrás. A menina parecia completamente deslocada.

— Boston não é uma cidade bonita, nesta época do ano — Mari comentou depois de algum tempo, deixando de lado o bordado que levava.

Elizabeth ergueu os olhos para ela, sobressaltada. Só então percebeu que há muito tempo estavam em silêncio.

— Desculpe — murmurou. — O que foi que você disse? — Que Boston não é uma cidade bonita, nesta época. Quando o inverno chega, fica pitoresca. Mas entre a queda das folhas e a primeira nevada, é um lugar cinza e feio. — Cinza... Uma boa descrição. E úmida. Parece que nunca mais vai parar de chover, aqui.

Confirmando essas palavras, gotas de chuva começaram a bater nos vidros da janela. As duas viraram-se para a lareira, gratas pelo fogo que afastava a umidade. Mari viera diretamente do escritório, onde tivera uma reunião difícil com um grupo de advogados. Mais uma vez, Gideon estava tentando tomar o controle dos moinhos. Depois de tantos anos, qualquer um teria desistido, mas ele continuava a insistir.

— Você está com cara de cansada, Mari — Elizabeth comentou. Não estava tão presa aos próprios problemas, a ponto de não perceber os dos outros.

Com uma certa relutância, Mari riu.

— Não é só cara. Estou cansada, mesmo. É difícil admitir, mas reconheço

que já não sou tão jovem quanto antes.

— Pode ser, mas também está longe de ser velha. Nunca vi ninguém com tanta disposição como você!

Elizabeth admirava Mari tanto quanto admirava a própria mãe. As duas tinham força e coragem capazes de causar inveja a qualquer homem. O que a fez perguntar, lembrando-se de Drake:

— Por que os homens nos menosprezam tanto? Eles diminuem tudo que fazemos e glorificam o que fazem. Do berço à morte, estão sempre tentando nos convencer da nossa inferioridade.

— Como fazem muitas mulheres. É comum ouvirmos pessoas do nosso próprio sexo declararem que não passamos de ajudantes dos homens, que viemos ao mundo para servi-los e não podemos pensar em ser outra coisa, sem perder tudo que nos faz mulheres.

Elizabeth ergueu uma das sobrancelhas.

— Vá dizer isso às mulheres que atravessam o país em carroças cobertas com lonas, arriscando a vida a cada passo para conseguir uma vida melhor. Ou vá dizer isso a minha mãe, que enfrentou os ianques e os caçadores de escravos, enquanto lutava para manter nossa família unida nas piores circunstâncias. Ou a você mesma, que dirige um império de negócios, melhor que qualquer homem. — Ela fez uma ligeira pausa, depois continuou, num tom ligeiramente amargo: — Nós somos capazes de fazer tudo que os homens fazem. Além de algumas coisas que eles não fazem, como dar à luz, por exemplo. No fundo, nem sei para que nós precisamos deles.

Mari sorriu, a fisionomia serena emoldurada pelos cabelos loiros, entremeados por alguns fios prateados. Seria sempre bonita, mas os anos tinham lhe dado uma sabedoria que sobrepujava a simples beleza. Passara por muitas experiências, boas e más, e há muito não cometia o erro de julgar a vida simples.

— Se bem me lembro, eles servem para algumas coisas. Palavras inocentes, porém ditas num tom carregado de malícia.

Quando queria, Mari era capaz de tratar qualquer assunto abertamente.

— Claro — Elizabeth concordou, procurando afastar da mente a facilidade com que Drake despertava sua paixão. — Mas nem por isso deixam de ser irritantes!

— Pelo que vejo, a vida de vocês não anda um paraíso.

— Longe disso! A vida de casada é muito diferente do que imaginei.

— E o que foi que você imaginou? Elizabeth refletiu por um instante.

— Harmonia. De todas as palavras, esta é que a descreve melhor o que imaginei. Meus pais estão sempre em harmonia. Mesmo quando discordam, resolvem suas diferenças em harmonia. Drake e eu não conseguimos isso nem nas menores coisas!

— Tais como?

— Ah, tudo! É difícil explicar. Nós tivemos um... desentendimento, quando estávamos na Europa. Resolvemos esse, mas outros surgiram. Acho que o problema é a mania que ele tem de me dar ordens. É difícil aceitar!

— A mãe Drake é dona de um gênio muito forte, não é?

— É, mas o que isso tem a ver conosco?

— Filhos de mães assim às vezes têm medo de encontrarem o mesmo nas esposas e tendem a reagir à menor manifestação de vontade própria.

— Você acha que Drake me compara com a mãe dele?

Elizabeth estava horrorizada. Na sua opinião, não tinha nada em comum com Abigail.

— É difícil dizer. Só acho que não deve ter sido agradável para ele crescer com uma mãe daquelas. A força pode ser usada para o bem ou para o mal. No caso de Abigail, creio que foi usada para o mal.

— Minha sogra é uma mulher amarga, que só pensa em si mesma. Não entendo como Drake pode achar que somos iguais.

— Tenho certeza que ele não acha. Na minha opinião, Drake junta as mulheres num só grupo e julga todas pelo mesmo molde. Vai depender de você, fazer com que ele mude.

Elizabeth não gostou da idéia. Quanto mais analisava o marido, mais o via como um estranho implacável, incapaz de aceitar a sua influência. Pensando nisso, disse baixinho:

— Às vezes eu imagino se ainda vou conseguir me sentir à vontade nesta casa...

— Pelo seu jeito, parece que acha difícil.

— Antes eu não achava, mas agora... Tudo é tão diferente que nem sei se vou conseguir me adaptar. Ou pior ainda, se quero me adaptar.

— Como você sempre soube das diferenças existentes entre a Virgínia e a Nova Inglaterra, deduzo que não está falando disso.

— Não. Essas diferenças são pequenas, não têm importância. Podiam até ser maiores, que eu não ligaria, se tivesse alguma coisa familiar em que me agarrar, na minha vida com Drake.

— Algo parecido com o que existe entre seus pais? Elizabeth assentiu.

— Eles são o único termo de comparação que tenho. E por esse critério, meu casamento é um desastre. — Ela virou o rosto, para que Mari não visse suas lágrimas. Andava chorando com muita facilidade.

O barulho da saia de Mari, roçando no tapete, foi o único som que se ouviu na saleta, quando ela se sentou ao lado de Elizabeth, tomando-lhe uma das mãos. As duas ficaram em silêncio por algum tempo, até Elizabeth fungar e sorrir um sorriso trêmulo.

— Não ligue para mim, Mari. Ando muito emotiva, ultimamente.

— A gravidez é uma época difícil, mas não acredito que isso tudo seja por causa do bebê. Onde anda Drake?

— Em Nova York. — Rapidamente, Elizabeth explicou o pouco que sabia dos negócios que o tinham levado até lá.

— Eventualmente, ele terá que contratar homens que sigam suas ordens, em vez de tentar fazer tudo sozinho.

— Não sei, não. Ele está gostando tanto disso.

— Mais dia, menos dia, a novidade acaba, e um lar cheio de ternura e amor se torna mais atraente.

— No momento, isso é impossível.

Mari apertou com mais força a mão de Elizabeth.

— Como?! Nunca pensei que a filha de Sarah e Philip Calvert fosse capaz de desanimar tão facilmente!

— Eu sou realista. Sei que não dá para construir o tipo de casamento que quero sozinha. Drake também tem que querer.

— Sei disso, mas você precisa mostrar a ele o que vai perder, se continuar

assim.

— Como?

— Não sei. — Mari sorriu, com ar de quem pede desculpas. — Sinto não ter a resposta certa, mas o seu problema está completamente fora da minha experiência. Josiah e eu nos dávamos muito bem. Talvez porque entendêssemos e aceitássemos um o outro, muito antes de nos casarmos.

— Enquanto Drake e eu sempre fomos estranhos.

— O fato de você conseguir ver as coisas do ponto de vista dele, além do seu, mostra que ainda há possibilidade do seu casamento dar certo. Elizabeth ficou em silêncio por alguns momentos, depois murmurou:

— Gostaria de saber como ele achava que eu era...

— Linda, sem dúvida, e um desafio. — Mari sorriu. — Drake é homem demais para resistir a uma combinação dessas. E você? O que viu nele? Corando, muito embaraçada, Elizabeth riu.

— Um príncipe encantado. Tudo o que eu queria: alto, bonito e forte. Também não achei ruim ele me desejar tanto.

— Claro que não. Só uma boba escolheria um marido indiferente a ela. Mas um relacionamento, para sobreviver, precisa amadurecer além do estágio em que um idealiza o outro. Você pode não acreditar, mas eu também via Josiah assim, no começo. Com o passar dos anos, aprendi a conhecê-lo como homem e, mais importante ainda, como ser humano. Ele estava longe de ser perfeito, mas eu também estava. Às vezes, acho que são nossos defeitos que nos tornam interessantes.

— Se é assim, eu devo ser fascinante.

Mari riu.

— Drake acha, com certeza, e você sente o mesmo por ele.

— Quanto a mim, você tem razão, mas ele parece bem contente, longe daqui.

— Duvido. O mais provável é que ele ache prudente colocar alguma distância entre vocês, por enquanto.

— Você acha que anda muito difícil de conviver?

— Para ser sincera, acho, sim.

Mari sorriu, vendo a reação de Elizabeth. Mais uma vez, ela co-rou, só que agora, de vergonha.

— Não precisa ficar assim, meu bem. O que eu quis dizer é que você anda exigindo coisas que Drake não sabe como lhe dar. Você quer que ele seja honesto com você, que a deseje, que lhe dê sua confiança e respeito, e toda proteção possível.

— Isso é pedir demais?

— Para um homem como Drake, é. Vou lhe dar um exemplo: você acha que uma criança tem condições de colocar os outros sempre em primeiro lugar, nunca se comportando com egoísmo?

— Claro que não. Crianças são egoístas por natureza. Têm de ser ensinadas a pensar nos outros.

— E um homem cuja única experiência de vida familiar envolve um pai mulherengo, que morreu muito jovem, e uma mãe que o vê como um meio de atingir os próprios fins, tem de ser ensinado a amar.

Isso nunca tinha passado pela cabeça de Elizabeth. Para ela, o amor simplesmente estava lá. Existia de forma tão natural quanto o sol que brilhava

sobre os campos de sua infância. Era um sentimento que aprendera a dar, recebendo. Inconscientemente, havia esperado que seu relacionamento com Drake seguisse o mesmo padrão. Agora via que isso não ia acontecer. Pela primeira vez em sua vida, teria de tomar a iniciativa, mesmo que para isso precisasse pôr em risco suas emoções mais profundas.

Era impossível para Elizabeth saber, logo de início, se teria condições de realizar este feito. Ou de que maneira. Olhando a silhueta das árvores desfolhadas contra o céu sombrio, ela estremeceu. O poço de dúvidas e solidão em seu íntimo cada dia crescia mais. Suas forças estavam sendo minadas, e isso lhe dava a impressão de estar ao sabor de um vento frio e violento, que a qualquer momento poderia causar o seu fim.

Fechando os olhos, Elizabeth se deixou envolver pela saudade do doce santuário de sua infância, quando tudo era simples e todas as coisas lhe pareciam possíveis. Uma idéia completamente errada: nada era simples, e todos tinham suas limitações. Mas a vida que seus pais haviam criado, e que ela tivera a felicidade de partilhar, constituía um centro de apoio que mantinha todo o resto unido. Era isso que mais lhe fazia falta.

— Quero ir para casa — falou baixinho. Ao mesmo tempo, quase sem perceber o que fazia, colocou as mãos no ventre e sentiu o bebê se mover.

Capítulo XVIII

PELO RESTO DE SEUS DIAS, Elizabeth pensaria em sua volta a Calvert Oaks como o gesto mais impulsivo e inevitável de sua vida. Mesmo quando comparado às datas de aniversário de seu casamento e de nascimento de seus filhos, aquele dia se destacava como o acontecimento que havia moldado todo seu futuro.

Ela foi sozinha, a não ser pela companhia da criada, Tilly. Aproveitou a ida de Drake a Nova York para partir sem ser notada. Mari não foi informada de sua decisão, mas deduziu logo o que acontecera, depois. Abigail também não foi avisada. Não porque Elizabeth achasse que a sogra tentaria impedi-la de partir, mas porque na certa faria o possível para apressar essa partida.

Para Drake, ela deixou um bilhete dizendo que havia pensado muito e chegara à conclusão de que não tinha motivos para mudar seus planos. Assim, estaria em Calvert Oaks, para o Natal. Acrescentou ainda, depois de pensar um pouco, que esperava que ele pudesse ir encontrar-se com ela, como haviam combinado antes.

Se Drake iria ou não, não fazia a menor idéia. Mas foi um assunto que a preocupou durante toda a viagem para o Sul.

Vendo o estado de sua patroa, Tilly fez o possível para lhe dar o máximo de conforto. A criada se considerava capaz de cuidar de todos os arranjos necessários, já que era uma experimentada viajante. Afinal, saíra com a família de uma pequena fazenda, em Fermoy, numa carroça puxada por um burro, e fora até o porto de Cobh, onde embarcara para a Inglaterra e, depois, para Boston.

Devido ao pouco tempo que teve para providenciar tudo, Tilly não conseguiu um vagão particular. Mas tanto fez, que acabou arrumando uma cabine dupla, dividida em uma saleta com sofá, onde ela dormiria, e um espaçoso quarto com banheiro para Elizabeth. Atormentando sem descanso todos os empregados da ferrovia que cruzaram seu caminho, ela garantiu que a patroa fosse tão bem servida quanto em sua própria casa. Além disso, assegurou a privacidade que Elizabeth tanto queria, mantendo todos longe.

Nisso, foi ajudada por Happenstance, que as acompanhou na viagem. Princesa foi deixada para trás, aos cuidados de um cavaleiro que a vinha exercitando, desde que Elizabeth havia parado de montar. Com o cachorrinho por companhia e Tilly para cuidar de tudo que precisava, Elizabeth entrou na cabine em Boston e só saiu em Richmond.

Seu pai estava a sua espera, na estação. Ela lhe passara um telegrama, antes de sair de Nova York, avisando-o de sua chegada. Mas só quando o viu em pé, na plataforma, teve coragem de pensar no que ele diria.

Philip tinha a testa franzida. À sua volta, viajantes apressados e carregadores ocupadíssimos acotovelavam-se sem parar, mas ele não via nada. Sua atenção estava concentrada na filha, que descia do trem, ajudada por um condutor e seguida por uma criada de rosto extremamente sério.

— Cuidado, madame, olhe bem onde vai pôr o pé — Tilly disse. E virando-se para o condutor: — Abra caminho. A sra. Bennington não pode ser

empurrada.

A criada já dera um jeito de revelar, sutilmente, o estado de sua patroa, e o condutor não hesitou em obedecê-la. Agitando os braços com toda a autoridade que lhe competia, foi à frente, o apito em pleno funcionamento. Diante disso, a multidão se afastou, a não ser pelo homem alto, de cabelos dourados, que continuou a caminhar firmemente pela plataforma.

— Olhe aqui, meu senhor — advertiu o condutor, removendo o apito da boca. — Se puder esperar um pouco...

Philip ignorou-o. Avançando em direção à filha, tomou-lhe as mãos e estudou-a cuidadosamente. Ela estava pálida e tensa, e ele vislumbrou algumas lágrimas, que foram logo disfarçadas.

— Papai... Estou tão contente em ver o senhor aqui!

— E onde eu haveria de estar? — ele perguntou, abraçando-a ternamente. — Você parece nervosa.

Elizabeth sorriu, ainda que sem alegria.

— Eu não sabia se o senhor ia receber meu telegrama. Philip não acreditou na explicação, mas era sensato o bastante para

não dizer nada naquele momento. Apoiando a mão da filha em seu braço, levou-a para a carruagem, lá fora.

Durante todo o caminho para Calvert Oaks, ele a distraiu com as novidades da fazenda. O tempo estava bom e as colheitas tinham sido ótimas. Novos operários haviam sido contratados e mais campos adquiridos. Vários potrinhos tinham nascido, todos prometendo muito. O moinho voltara a funcionar em sua capacidade total, e William já estava pensando em expandi-lo. Ele, Sunbird e Sarah iam muito bem. A única notícia ruim era sobre Augusta. Desde o casamento de Elizabeth, ela vinha enfraquecendo cada vez mais, embora garantisse a todos que não sentia nenhuma dor.

— Augusta sente muita falta de Rameses — Philip comentou, quando entraram no caminho de cascalho que levava à casa grande. De cada lado, os enormes carvalhos farfalhavam suas copas, ao sabor do vento. — Às vezes, acho até que ela sente saudade dos velhos tempos. Vive dizendo que tudo mudou muito, mas não tanto quanto deveria.

— Isso é bem próprio dela, papai. E faz sentido. Philip assentiu.

— A emancipação dos escravos não foi o que esperávamos. Em muitos casos, só levou a outra forma de escravidão.

— No entanto, nenhum de nós voltaria atrás, se pudesse. Inclusive Augusta.

— Alguns voltariam, minha filha. Mas não eram eles que estavam acorrentados. Ou sob o jugo do chicote.

Elizabeth manteve-se em silêncio por um momento, depois perguntou:

— Como vão as coisas, em Quail Run?

— Mais ou menos do mesmo jeito.

Ela suspirou, recusando-se a pensar no que isso significava. Logo adiante, avistou as duas chaminés de tijolos erguendo-se em direção ao céu azul e esqueceu-se de tudo, concentrando-se apenas na sensação deliciosa de voltar para casa.

— Calvert Oaks continua linda! — exclamou com um sorriso que era o primeiro sinal de uma alegria verdadeira. Seus olhos estavam começando a recuperar o brilho e ela parecia bem menos tensa.

— Calvert Oaks nunca muda — Philip afirmou, ajudando-a a descer da carruagem e subir os degraus da varanda.

— É com isso que eu contava.

As portas da frente se abriram e Sarah apareceu. Elizabeth correu para os braços dela, e as duas se abraçaram por um tempo bem mais longo que o normal.

— É tão bom ter você aqui — exclamou Sarah, quando já haviam entrado.

Tilly fora apresentada antes de ir para o andar de cima, supervisionar a abertura da bagagem. Agora podia ser ouvida dizendo aos criados para tomar cuidado com um dos baús e não amassar as caixas de chapéus.

- Ela dá a impressão de ser bem eficiente — Sarah disse, observando a filha se sentar. — Drake deve ter muita confiança nessa menina, para deixar vocês duas viajarem sozinhas.

Elizabeth respirou fundo. Durante a viagem, decidira não contar a verdade a sua família. Seria obrigada a responder muitas perguntas e não estava pronta para isso. Mas o hábito de não mentir era tão forte, que foi de olhos baixos e mãos apertadas no colo que respondeu:

— Drake está em Nova York, a negócios. Ele ficou de vir para cá, se puder.

— Devem ser negócios muito importantes para ele não viajar com você — Philip comentou.

— São, sim. Ele está assumindo todos os negócios dos Bennington.

— Sei...

Philip estava em pé, ao lado da lareira. Seu rosto exibia uma expressão dura. Os olhos azuis, que conheciam o melhor e o pior que o mundo tinha a oferecer, brilhavam de uma maneira que teria assustado Drake, se o rapaz pudesse vê-los.

Philip não criticava o genro por assumir um papel mais ativo nos negócios da família. Era justo que um rapaz mudasse de vida depois do casamento, tornando-se mais sério e responsável. Só não gostava da situação que levava sua filha a mentir para os próprios pais.

Que Elizabeth estava mentindo, Philip não tinha a menor dúvida. Pai de dois filhos, com duas esposas diferentes, ele não deixara de perceber a cintura mais grossa da filha, nem o modo como ela colocava as mãos sobre o ventre, no gesto instintivo de toda mulher querendo proteger algo precioso.

Uma onda de raiva dominou-o quando pensou na vulnerabilidade de Elizabeth e no orgulho que a fazia tentar esconder a existência de um desentendimento entre ela e o marido.

— É ótimo ter você conosco — Sarah repetiu.

Mais sensível do que Philip às alterações em Elizabeth, ela se enchera de desconfiança, assim que a vira. Mas descobriria o que estava errado, depois. No momento, precisava afastar a ameaça de um confronto entre o marido e a filha, que ambos tanto amavam.

— Você precisa descansar bastante e se deixar mimar um pouco enquanto estiver aqui, minha filha.

Cheia de gratidão, Elizabeth sorriu para a mãe.

— A idéia é ótima. Tilly é que vai gostar. Ela vive querendo que eu descanse.

— A respeito de Drake... — Philip começou, interrompendo-se ao captar o

olhar da esposa.

Com um tremendo esforço, ele se controlou e desistiu de perguntar exatamente o que o genro havia feito para levar Elizabeth a se comportar de maneira tão estranha. Por enquanto, procuraria se contentar com o fato de tê-la novamente sob seu teto, onde ela estaria segura.

— Foi melhor ele não ter vindo — Philip afirmou à esposa, quando se trocavam para o jantar.

Elizabeth tinha ido se deitar. Eles voltariam a se reunir na hora do jantar, quando William e Sunbird também estariam em casa.

Aos poucos, Sarah ia passando a direção da casa para a nora, preparando-a para o dia em que seria a única responsável por tudo. No dia anterior, depois da matança anual de porcos, Sunbird havia assumido a supervisão do preparo de salsichas, bacon e presuntos defumados. Essa tarefa, que Sarah aprendera a detestar logo no início de seu casamento, era menos trabalhosa que antigamente. Poucos porcos eram abatidos, já que na atualidade a maior parte dos produtos de origem suína podia ser adquirida fora da fazenda. O que Sarah e Sunbird achavam ótimo, pois isso lhes dava mais tempo e energia para cuidarem de seus maridos.

— Não vamos tirar conclusões apressadas — Sarah advertiu, virando-se para que o marido desabotoasse as costas de seu vestido. Uma criada poderia ajudá-la, mas os dois preferiam ficar sozinhos sempre que possível.

— O que mais podemos pensar, a não ser que eles brigaram? — Philip perguntou, dando conta do último botão. Ele gostava de realizar esses pequenos trabalhos para a esposa. — Elizabeth é muito sensata para sair de casa como saiu, sem ter um bom motivo.

Sarah fitou-o por entre os cílios, com uma expressão que sugeria claramente que não o considerava a melhor pessoa para julgar as atitudes da filha. Philip era fascinado por Elizabeth, desde o berço, e não perdera o hábito de achar que ela não possuía o menor defeito. Durante a fase de crescimento da menina, conseguira, quando necessário, impor uma certa disciplina. Mas depois que ela se casara, desistira de qualquer esforço nesse sentido.

Sarah, ao contrário, era bem objetiva. Provavelmente por ser mulher e esposa, e saber o quanto era difícil conciliar esses papéis.

— Os primeiros tempos de casamento não são fáceis — murmurou, tirando o vestido. — Surgem problemas e mais problemas.

— Problemas que um marido carinhoso e compreensivo é perfeitamente capaz de resolver. Elizabeth deve ter se sentido desesperada para vir embora só com aquela menina. — Enquanto falava, Philip foi arrancando o colarinho e jogou-o sobre a cômoda, num gesto que mostrava o quanto ele gostaria de fazer o mesmo com o genro. — Aquele tolo! Qual é o problema dele? Como pôde deixar a situação chegar a este ponto?

— Pode ser que Drake não entenda como ela se sente. Nem sempre os homens entendem.

Apesar do tom gentil, essas palavras foram ditas para lembrar que o casamento deles também passara por dificuldades. Principalmente no início, quando, devido a sua criação totalmente diferente, tinham entrado em desacordo inúmeras vezes.

— Sei que não sou um marido perfeito, mas você nunca pensou em me deixar.

— Pensei, sim.

As mãos dele imobilizaram-se sobre os botões da camisa.

— Quando?

— Durante a guerra. Você ficava fora tanto tempo e quando chegava era só para brigarmos. Foi quando pensei que poderia voltar para Boston. Seria difícil, mas eu daria um jeito.

Philip soltou os braços ao longo do corpo, o olhar fixo no dela.

— Mas você ficou.

— Fiquei. A minha situação era diferente da de Elizabeth. Não . podia esperar que você me seguisse, se fosse embora.

— Acha que é isso que ela quer?

Sarah dobrou uma anágua, antes de responder.

— Não sei, mas essa idéia me passou pela cabeça.

— É melhor ele pensar duas vezes, antes de aparecer por aqui!

— Você pensaria, se estivesse no lugar dele?

— Não — Philip admitiu, fechando as venezianas das janelas. — Se bem que eu nunca seria tão tolo, a ponto de deixar você partir.

— Drake ainda não descobriu que Elizabeth tem um gênio forte. Philip abraçou a esposa.

— E de quem você diria que ela herdou esse gênio?

— Dos dois. A coitadinha recebeu uma dose dupla — Sarah murmurou, um calor gostoso começando a se espalhar por seu corpo.

Ele riu.

— Pode até ser que Drake mereça a nossa simpatia.

— Bobagem! Ele precisa aprender a reconhecer a sorte que teve, encontrando uma esposa que não é uma tonta.

— Realmente, é muito melhor uma pimentinha.

E Philip se pôs a demonstrar o quanto era melhor, assim.

No dia seguinte, ao acordar no quarto que fora seu durante tantos anos, Elizabeth não abriu os olhos de imediato. Voltando a uma crença de infância, imaginou que se conseguisse se concentrar bastante, quando abrisse os olhos tudo estaria exatamente como desejava. O sol estaria brilhando e os pássaros cantando. Drake estaria a seu lado. Não o estranho distante e preocupado que a tinha deixado sozinha em Boston, mas o príncipe encantado com o qual havia imaginado estar se casando. Um verdadeiro exemplo de consideração e sensibilidade, que lhe pediria perdão pela infelicidade causada, antes de jurar fazê-la feliz pelo resto da vida.

Mas essa brincadeira acabou logo. Algumas ilusões eram absurdas demais. Não serviam nem para sonhos. Como Mari lhe dissera, Drake era um homem de carne e osso.

Na segurança de sua cama, Elizabeth foi capaz de aceitar que ela e Drake nunca tinham visto nada da mesma maneira, nem concordado em tudo. Provavelmente nunca tinham deixado de surpreender e até frustrar, um ao outro. No entanto, isso não significava que não pudessem ter um casamento bem sucedido. Se é que ela não havia dado fim a essa possibilidade, ao sair de Boston...

A chegada de Tilly com o café da manhã interrompeu seus pensamentos e por isso foi mais do que bem-vinda.

— A senhora precisa cuidar da saúde, madame — a mocinha disse,

colocando a bandeja sobre os joelhos de Elizabeth. — E não me diga que está mal do estômago. Se a senhora conseguiu comer naquele trem horrível, pode comer em qualquer lugar.

— Pensei que você tivesse gostado do trem.

Documente, Elizabeth tomou um gole do café misturado a creme de leite. Na bandeja ainda havia ovos mexidos, fatias de bacon e pãozinhos frescos, cobertos com açúcar e canela. Olhando-os, ela descobriu, surpresa, que estava com fome.

— Gostei do trem, tanto quanto uma pessoa pode gostar de ser sacudida da cabeça aos pés. — Indo até o armário, Tilly começou a separar as roupas que seriam usadas naquele dia. — Prefiro um navio. Ou melhor ainda, um burrinho manso. É verdade que a viagem demora, numa carroça puxada por burros, mas pelo menos a gente está inteira, quando chega.

— Acho que levaríamos a vida toda para chegar a Boston numa carroça.

Elizabeth assentiu, mostrando a Tilly que aprovava a escolha do vestido de seda, azul e branco. Era um dos últimos que mandara fazer e ainda confortável. Mas não serviria por muito tempo. Dentro de um mês, estaria usando vestidos próprios para mulheres grávidas. E se ainda estivesse em Calvert Oaks, seria obrigada a revelar à família sua gravidez.

Pelo menos ali não teria de ficar em casa, escondendo seu estado, como aconteceria se estivesse em Boston. Poderia passear, ajudar a mãe e Sunbird e até participar de alguns programas de Natal. Teria muito com que se ocupar, durante o tempo de espera.

— A senhora sabe quando vamos embora, madame? — Tilly perguntou num tom despreocupado, como se fosse um assunto sem importância.

Mas Elizabeth não se deixou enganar. Sabia que a moça era inteligente demais para não ter entendido as implicações de sua partida.

— Não há pressa. Nós acabamos de chegar. Tilly fungou.

— Isso é verdade.

Elizabeth terminou o café da manhã e estava se vestindo quando bateram à porta. Era Sunbird. Apesar do trabalho duro dos últimos dias, a moça tinha um ar radiante.

— Você está com outra aparência — ela exclamou, sentando-se na cama da cunhada. — Muito melhor que ontem à noite.

— Eu cheguei muito cansada — Elizabeth admitiu.

Tilly voltou a escovar os cabelos da patroa, arranjando-os em um círculo de tranças presas à nuca e decoradas com flores de seda, combinando com o vestido. Elizabeth olhou-se no espelho e gostou do que viu. Estava muito bem, considerando o turbilhão de emoções que varria seu íntimo.

Examinando-a, no entanto, Sunbird lembrou-se da preocupação de William com a irmã, na noite anterior. Ele achava que alguma coisa tinha de ser feita para ajudá-la, mas não sabia o quê.

Sunbird também não sabia. Estava há tão pouco tempo na família, que temia se intrometer na intimidade da cunhada. Além disso, acreditava que deviam dar a Elizabeth a oportunidade de resolver os próprios problemas sozinha. Uma idéia tão nova, em relação ao sexo feminino, que nem tinha coragem de expressá-la em voz alta. Mas notara, durante o jantar, que Sarah também não estava disposta a interferir.

Acostumada a tomar suas próprias decisões, graças à negligência do pai e

da madrastra, Sunbird também estava achando difícil se ajustar ao casamento. Seu caso, no entanto, era mais fácil devido ao amor que ela e William partilhavam. Um amor no qual às vezes nem acreditava, apesar das evidências diárias.

— Você precisa me contar de sua vida em Boston — pediu, quando descia as escadas com Elizabeth. — Nas suas cartas, você disse que estava mobiliando a casa.

Aliviada por poder falar de um assunto tão impessoal, Elizabeth descreveu seus esforços enquanto caminhavam em direção aos estábulos. Logo chegaram aos pastos, onde os potrinhos brincavam com suas mães. Sorridentes, as duas se encostaram na cerca de madeira branca para observar os filhotes.

— Sinto tanta falta disso tudo! — Elizabeth confessou, depois de alguns instantes.

O cuidado que Sunbird tivera, de não se intrometer em seus assuntos pessoais, tinha acabado por deixá-la à vontade e em condições de fazer esta confissão. A cunhada não aproveitaria sua abertura para tentar descobrir o que não queria revelar.

Uma dedução correta, pois Sunbird apenas assentiu, dizendo:

— Deve ter sido muito duro, deixar um lugar como este. Num repente de franqueza, Elizabeth acrescentou:

— Se eu tivesse pensado bem, provavelmente não teria ido.

— O que teria sido uma pena, não é?

— Acho que sim...

— Elizabeth... Eu não quero ser indiscreta, mas gostaria de lhe dizer uma coisa...

— O quê?

— Drake e eu temos algo em comum, que talvez seja difícil você entender. Nós não sabemos muita coisa sobre o amor. Eu ainda estou aprendendo o que isso significa,' e acho que ele também está.

— Alguém me disse a mesma coisa, alguns dias atrás.

— Você não acreditou?

— Ao contrário, achei uma idéia muito sensata.

— Então, por que...?

— Estou aqui, sem ele? Sunbird assentiu.

— Faltam duas semanas para o Natal. Você podia ter ficado em Boston, esperando ele voltar. Ou ido a Nova York, com ele.

— Eu sei. Acontece que eu gosto mais da Virgínia do que desses lugares.

Elizabeth virou a cabeça, olhando sem ver um potrinho que corria e pulava pelo pasto. A égua esperava, paciente, e quando ele se aproximou, exausto, acariciou-o com o nariz.

— É claro que isso tudo é um assunto seu, particular — murmurou Sunbird.

Elizabeth levou alguns segundos para perceber que a cunhada estava lhe dizendo que não acreditava em suas palavras. Ninguém acreditaria. Mas não se encontrava em condições de dizer a verdade. No dia anterior, achara que o cansaço da viagem a levava a mentir. Agora sabia que era lealdade a Drake e a seu casamento. Isso e o orgulho, que a impedia de admitir que a aventura na qual havia embarcado com tanta confiança estava se revelando bem mais difícil do que imaginara. Um orgulho que foi se tornando cada vez mais forte, à

medida que o tempo passava e não havia notícias de Drake.

Elizabeth fingia que estava tudo como esperava. Observando-a, Tilly começou a fungar e a resmungar baixinho. Além disso, sempre que estava perto de Philip e Sarah, não perdia oportunidade de dizer que sua patroa precisava descansar e comer melhor. Elizabeth censurou-a várias vezes, mas foi em vão. A criada tinha idéias bem definidas sobre o que era certo, e nada a faria mudar de opinião.

Com a mesma teimosia, Elizabeth mantinha a cabeça alta e seguia em frente, sem fraquejar. Só à noite, sozinha em seu quarto, cedia e se entregava às lágrimas, cada vez com maior desespero.

Até Drake chegar.

Ele chegou quando Elizabeth já se encontrava em Calvert Oaks há oito dias. Ela estava na varanda, observando os criados decorarem as portas com ramos de sempre-viva e visco. Da cozinha vinham cheiros deliciosos. Há dias estavam sendo preparados pudins de frutas, bolos, carnes e outras iguarias.

Augusta se sentira com disposição para participar dos preparativos, mas depois de algumas horas na cozinha, voltara para o quarto no andar térreo da casa, que ocupava há mais de meio século. Elizabeth pretendia visitá-la como fazia diariamente, levando um bule de chá e biscoitos amanteigados. Melhor do que ninguém, ela era capaz de fazer Augusta comer um pouco. Era nisso que estava pensando, quando levantou os olhos e viu a coluna de poeira no meio da estrada. Iam receber visitas.

Momentos depois, uma carruagem de aluguel parou diante da casa e a porta se abriu. Absolutamente imóvel, Elizabeth observou o rapaz alto, de rosto sombrio, descer, pagar o cocheiro e dispensá-lo. Só então ele a fitou.

Em pé, junto aos degraus que levavam à varanda, Drake segurava a única mala que trouxera. Estava com a cabeça descoberta, e a brisa despenteava seus cabelos, que brilhavam como ouro ao sol da tarde. Seus olhos tinham um ar triste, e rugas profundas marcavam seu rosto.

Elizabeth achou-o cansado. Essa foi sua primeira impressão, mas logo depois veio outra: ele estava zangado. Zangado como nunca o vira. Podia senti-lo lutando para se controlar, enquanto subia os degraus em sua direção.

Ela continuou absolutamente imóvel, dividida entre a tentação de fugir e a vontade, igualmente forte, de ficar e enfrentar o que estava por vir. O lado prático de sua natureza ordenou que ficasse onde estava. Afinal, não tinha para onde ir. Voltando para o único lugar onde se sentia segura, cortara todas as outras linhas de retirada. Agora, estava presa numa armadilha.

Drake sabia disso. Seus lábios, finos de tão apertados, curvaram-se levemente. Inclinando a cabeça num gesto automático de cortesia, ele agarrou o braço da esposa e virou-a em direção à porta.

— O que foi que você disse a eles? — perguntou, sem preâmbulos. Não foi preciso explicar a razão da pergunta. Ela entendeu de imediato. Orgulho era algo que ambos tinham, até demais.

— Que você estava em Nova York, a negócios.

— E por isso veio sozinha?

Elizabeth concordou. Ele apertava seu braço com força, mas não sentia dor. Fora dominada por um abençoado entorpecimento. Vagamente percebeu que entravam no saguão.

Tendo ouvido a carruagem, Philip saíra do escritório, onde conferia a

correspondência. Agora, em pé com um cigarro na mão, observava a filha e o genro.

— Boa tarde, senhor — Drake cumprimentou, sem soltar Elizabeth. Ao contrário, puxou-a para mais perto de si, num gesto que pareceria extremamente carinhoso, aos menos observadores.

Philip não estava neste grupo. Estudou o casal, de testa franzida, mas limitou-se a dizer:

— Espero que tenha feito uma boa viagem.

— Ótima — Drake garantiu, ignorando o fato de suas roupas amassadas revelarem que viajara sem descanso. Não dormia desde que deixara Boston, mas essa era a última coisa que o preocupava. Outros assuntos precisavam ser resolvidos, antes que pudesse descansar. — Se me dá licença, senhor, eu gostaria de me arrumar um pouco.

— Claro. — Philip acenou para o criado que passava pelo saguão. — Prepare um banho para o sr. Bennington e desfaça as malas dele.

— A mala. — Um leve sorriso surgiu nos lábios de Drake. — Prefiro viajar com pouca coisa.

Os dois homens se encararam, e Elizabeth prendeu a respiração. Podia sentir o conflito entre eles, apesar de não entender o motivo. Longos momentos depois, Philip disse:

— Creio que podemos lhe dar um certo conforto.

— Sua hospitalidade é bem-vinda e será usada, senhor.

— Mas não abusada, espero.

Outro momento de silêncio. Drake inclinou a cabeça, com um sorriso irônico.

— Como quiser, senhor.

Satisfeito, ainda que temporariamente, Philip voltou para o escritório. Com o braço do marido firme em sua cintura, Elizabeth não teve outro jeito a não ser acompanhá-lo escada acima. Quando ela hesitou, ele disse, por entre os dentes cerrados:

— Eu carrego você, se for preciso. Se alguém nos surpreender, vai nos achar a imagem do romantismo!

— Não é preciso, eu vou.

Decidida a não revelar seu tormento, ela ergueu a cabeça e manteve as costas rígidas, durante todo o caminho até seu quarto.

Capítulo XIX

A PORTA MAL HAVIA se fechado atrás deles, quando Drake tirou o braço da cintura de Elizabeth e se afastou um passo. Sem olhar para ela, disse:

— Nunca fui um homem violento, mas você me tira do sério. Elizabeth respirou fundo. Ameaças não eram o melhor meio de lidar com ela. Mas quando Drake dera a menor importância ao que sentia? Desde seu casamento ele a encarava como um objeto de posse, que deveria cumprir à risca os desejos que manifestasse.

— Vá em frente! — ela explodiu, a voz baixa e dura. — Não é assim que os homens sempre reagem quando uma mulher se atreve a contrariá-los? Talvez você se sinta melhor me mostrando que é mais forte do que eu e pode me machucar!

Drake fitou-a, sem esconder o cansaço.

— Não vou me sentir melhor, não. Mas você já sabe disso, senão não seria tão atrevida.

— Eu não sei nada. No que me diz respeito, você é um mistério. Foi uma surpresa para Elizabeth quando ele riu, um som áspero e sem alegria.

— Sabe que eu posso dizer a mesma coisa a seu respeito?

— A meu respeito?! Isso é ridículo! Eu... Drake ergueu a mão, interrompendo-a.

— Não vamos discutir sobre qual é o mais incompreensível. Temos coisas mais importantes a resolver.

— Tais como?

— Tais como por que você saiu de Boston e quando pretende voltar.

— Eu saí porque queria passar o Natal aqui. Quanto a minha volta... depende de você.

— É mesmo? Não sei por que fiquei com a impressão de que não tenho nada a dizer sobre onde você vai e o que faz.

Ela sentiu o coração se apertar. Essa era última coisa que desejava que ele pensasse.

— Você sabe que não é assim, Drake!

Ele se virou para a janela, tirou um cigarro do bolso, pensou melhor e jogou-o sobre a cômoda.

— O que você queria que eu achasse? Eu disse para você ficar em Boston, pensando no seu bem e no do bebê. Um pedido perfeitamente razoável, no entanto você...

— Não foi.

— Não foi razoável? Por que não? Você pode achar que é imune a fraquezas, mas a verdade é que precisa de alguém que cuide de você. Isso não é vergonha.

— Eu não disse que era. O que eu disse foi que você não me pediu para ficar em Boston. Simplesmente decidiu que eu ia ficar e pronto!

— Está falando sério? Você veio para cá porque não tive tato quando lhe disse para ficar?

— Assim parece tolice da minha parte, mas...

— Toliche?! Foi um erro e tanto! De todos os erros que você cometeu este...

— Se é assim que você vai agir, não vejo motivo para continuarmos nossa conversa.

— Ah, não! Como você mesma disse, esse foi o meu erro, antes. Desta vez nós vamos conversar, quer você queira, quer não.

Nesse ponto, Elizabeth não agüentou e sorriu.

— Você não pode forçar alguém a falar contra a vontade. A menos que não seja um cavalheiro.

Ele franziu a testa, frustrado. Ela estava certa.

— Você não é mais criança para ficar de mau humor.

— Eu não sou mais criança, ponto. Não sei por que tenho de estar sempre repetindo isso.

Jack Tyler costumava tratá-la como se fosse bem mais inocente e incapaz do que era na realidade. Talvez Drake estivesse fazendo a mesma coisa.

Uma idéia nova, que nunca lhe ocorrera antes. Elizabeth refletiu um pouco a respeito, enchendo-se de confiança. Se Drake achava necessário proteger-se dela era porque tinha um ponto fraco. O que os colocava em pé de igualdade, já que ela também era vulnerável a ele.

— Você gostaria de estar casado com uma criança? Uma mulher ao mesmo tempo dócil e tirana, completamente dependente de você, mas que o dominaria através dessa dependência? É isso que quer?

— Não sei — Drake admitiu. — Falando assim, não parece boa coisa. Mas sempre pensei que as mulheres não eram capazes de mais nada.

— Pois eu sempre pensei o contrário: que uma esposa devia ser amiga e ajudar o marido em tudo.

Os dois se entreolharam. Havia uma pequena distância física entre ambos, mas a emocional era enorme. Suas expectativas eram opostas e pareciam não ter pontos em comum. Tinham sido criados de maneira completamente diferente e agora estavam presos a essas diferenças.

Pelo menos Drake estava. Com Elizabeth, não era assim. O amor não aprisionava, libertava, e ela sempre fora muito amada.

— Drake — ela murmurou, ganhando coragem — , eu preciso muito de você. Não é o tipo de dependência que você espera de uma mulher, mas é real. Muito real!

Querendo acreditar, mas com medo, ele disse:

— Se é assim, por que você voltou para cá?

Quando Drake fizera esta pergunta antes, ela lhe dera a resposta mais superficial possível. Desta vez, seria honesta.

— Porque não agüentava mais Boston. Quando você está lá, é como viver com um estranho. Mas quando você não está, não me sinto aliviada. Sinto uma solidão que nada nem ninguém consegue diminuir.

Solidão era algo que ele entendia. Estava começando a perceber que estivera sozinho a vida inteira. Só quando encontrara Elizabeth, sentira a necessidade de uma intimidade verdadeira, que ia muito além da física.

— Eu costumava achar que tudo era tão simples — Drake queixou-se.

Timidamente, ela sorriu em resposta.

— Houve um tempo em que também me senti assim. Sua honestidade foi correspondida .

— Não posso prometer ser o que você quer, Elizabeth.

O sorriso feminino desapareceu. A realidade nunca era agradável, mas evitar as coisas desagradáveis só as tornava ainda piores. Isso, pelo menos, ela aprendera.

— Eu também não posso lhe prometer nada, Drake.

— Muitas pessoas nunca conseguem o que mais querem em suas vidas.

Uma enorme verdade. Ela mesma conhecera muita gente assim. Um exemplo eram seus parentes de Quail Run.

— Mas essas pessoas não vivem bem. Eu fico apavorada, só de pensar numa vida desse tipo.

Drake admitiu que também ficava, embora pouco tempo atrás achasse natural uma existência desse tipo. Chegara à idade adulta certo de que todas as satisfações oferecidas pela vida eram materiais. Agora, estava começando a perceber que existiam satisfações emocionais que só podiam ser sentidas no íntimo de cada um.

Mas essa era uma idéia ainda tão nebulosa que nem podia ser chamada de esperança. Além disso, o medo de se enganar era profundo e real. Parte dele se ressentia de Elizabeth, por ela ter conseguido abrir uma fenda na redoma com que protegera suas emoções mais íntimas, a vida inteira. E agora ela o desafiava a se arriscar totalmente, sem ligar para as conseqüências.

Ele ainda não tinha condições para isso, mas estava pronto a dar o primeiro passo no caminho da reconciliação.

— Você quer ficar aqui, até o bebê nascer?

Elizabeth assustou-se. Aquela era uma opção que nunca se atrevera a considerar. Mas logo assentiu.

— Quero.

— Porque se sente mais segura?

Ele resumira seus sentimentos da forma mais correta possível. O que mostrava que a entendia melhor do que pensara.

— Sim...

— Então, você deve ficar.

Uma concessão tão inesperada que a surpreendeu. Seria uma sugestão de que ele passaria muito bem sem ela?

— E você...?

Drake hesitou, e ela imediatamente arrependeu-se de ter feito a pergunta. O que esperava que ele dissesse? Que a queria e não podia sair do seu lado? Se acreditasse numa coisa dessas, estaria de volta à fantasia romântica que rejeitara, dias atrás. A vida dele estava em outro lugar. Tinha de aceitar isso e ir em frente, como pudesse.

Mas quando Drake falou novamente, teve outra surpresa.

— Tenho muitos negócios a tratar, não só em Boston, como em outros lugares. Também preciso ver algumas pessoas em Washington. Vou ficar para o Natal e o Ano Novo, depois volto aos meus negócios. Posso vir vê-la, de tempos em tempos, e arrumar tudo para estar aqui, quando o bebê nascer. Está bem assim?

O simples fato de Drake pedir sua opinião deixou-a quase tão contente quanto saber que ele não a deixaria sozinha.

— Está ótimo — concordou, depressa.

Com receio de ter sido mal entendido, ele prosseguiu:

— Naturalmente, não tenho certeza de quantas vezes eu poderei vir.

— Eu entendo.

E entendia mesmo. Drake estava com medo, mas não tinha importância, porque ela também estava. E até o medo era melhor que o vazio que seria sua vida, se não o tivesse.

Os dois haviam subido tão tensos, que o súbito desaparecimento dessa tensão deixou-os meio perdidos. Entreolharam-se sem saber o que dizer em seguida. Foram salvos quando um criado bateu à porta, avisando que o banho de Drake estava pronto.

Drake se foi, quase com alívio, e Elizabeth deitou-se na cama, atenta aos movimentos no quarto ao lado. Ouviu o marido dispensar o criado, o som de botas atingindo o chão e depois o barulho de água sendo agitada. Fechando os olhos, imaginou o corpo masculino, nu e relaxado. Seu próprio corpo enrijeceu-se.

A vontade de ir ter com ele era grande, mas nos últimos tempos tinha começado a duvidar de seu poder de atração. O bebê vinha se fazendo sentir cada vez mais. Além da cintura mais larga, estava com os seios pesados, e o ventre, antes com uma pequena protuberância, agora exibía um volume bem maior. Ocasionalmente, podia até ver os movimentos do bebê.

Incapaz de se conter, Elizabeth sorriu. O bebê nasceria em Calvert Oaks. Augusta talvez não pudesse ajudá-la, mas sua mãe estaria lá. Não precisaria tolerar o dr. Greeley e seu horrendo éter. Só de pensar nisso já se sentia mais segura.

Quando Drake voltou ao quarto, encontrou a esposa deitada sobre a colcha, dormindo a sono solto. Durante muito tempo ele ficou em pé ao lado da cama, observando o jogo de luz e sombra sobre as feições femininas. Elizabeth tinha os lábios entreabertos, e seus seios subiam e desciam suavemente, ao ritmo da respiração.

Uma onda de desejo assolou-o, mas foi rapidamente reprimida. Ela precisava de descanso. E ele também. Cuidadosamente, esticou-se na cama e puxou-a para junto de si. Abraçou-a com ternura, num gesto que traía o carinho que sentia por ela e pelo bebê.

Fora um choque descobrir o quanto Elizabeth e o bebê significavam para ele. Sempre quisera a criança, porém mais como um símbolo de sua transição de rapaz para homem feito. Isso mudara. Agora, pensava no bebê como um laço que o uniria eternamente à Elizabeth. Por pior que as coisas se desenrolassem entre eles, teriam aquele filho que haviam gerado juntos.

Uma idéia reconfortante, que o levou a adormecer logo. Pelo menos por enquanto, a velha casa os tinha a salvo em seu regaço.

Como dissera, Drake permaneceu em Calvert Oaks para o Natal e o Ano Novo. Elizabeth teve medo de vê-lo impaciente para voltar aos negócios, mas ele dava a impressão de estar satisfeito ali.

Na véspera do Natal, quando a família se reuniu na sala para trocar presentes, Elizabeth disse-lhes que estava esperando um bebê. Eles não fingiram surpresa, parabenizando o casal com muita alegria. Philip mandou abrirem várias garrafas de champanhe, e um brinde foi erguido ao bebê e a seus pais.

Mais tarde, a família compareceu ao serviço religioso, na igreja freqüentada há muitas gerações pelos Calvert. Não passou pela cabeça de

Elizabeth que alguma coisa pudesse estar fora do normal, até descer da carruagem, ajudada por Drake. Não tinha dado dois passos, quando percebeu que havia algo tremendamente errado.

O gramado diante da igreja era um dos locais tradicionais de encontro dos vizinhos. Ali, antes de cada serviço religioso, cumprimentos eram trocados, notícias dadas e, às vezes, negócios fechados. Isso não mudara, a não ser pelo fato dos Calvert não mais participarem desse agradável relacionamento.

No entanto, os padrões para aceitação de alguém no grupo pareciam ter sido relaxados o suficiente para incluir Charles Durand e a esposa. Eles, como os outros, ignoraram ostensivamente os Calvert, embora a madrasta de Sunbird não conseguisse resistir a lançar um olhar de menosprezo na direção da enteada.

Os Calvert percorreram o caminho até a porta da igreja com dignidade. Philip e Sarah foram à frente, seguidos de perto por William e Sunbird. Fechando a fila, Drake e Elizabeth estavam em posição de ver claramente o que se passava.

Os homens e as mulheres, ali reunidos para celebrar o nascimento do Salvador, pareciam consumidos por uma ávida tensão. À medida que os Calvert se aproximavam de um pequeno grupo reunido junto à porta, foram se inclinando para a frente, cheios de curiosidade.

Jeremy Hudson virou-se lentamente. Quando jovem, fora alto e esbelto, muito simpático e dono de uma personalidade alegre e descontraída, que lhe conquistara muitos amigos. Mas isso mudara. Agora, tinha os ombros caídos e as costas encurvadas, aparentando ser bem mais velho do que na realidade era. Seu rosto exibia bolsas e olheiras, o nariz estava inchado e marcado por veiazinhas partidas. O corpo, antes ágil e elegante, movia-se com dificuldade por causa do excesso de peso.

Há muito tempo, Jeremy não sabia o que era estar sóbrio. Apesar das folhas de hortelã que a esposa o fazia mastigar, antes de sair para a igreja, o cheiro de bebida parecia impregnado em sua pele.

Ele ainda não estava caindo de bêbado, mas estaria, antes da noite chegar. No momento, porém, tinha condições de reconhecer o cunhado.

Com um movimento súbito que quase o fez perder o equilíbrio, Jeremy tentou corrigir a postura. Os músculos de seu maxilar contraíram-se convulsivamente, e um brilho estranho, sugerindo violência, apareceu em seus olhos injetados de sangue.

Kitty apoiou a mão no ombro do marido. Com os lábios apertados, recusou-se a olhar para Philip. Só Davey parecia estar à vontade. Ele sorriu para os parentes, embora seu olhar estivesse fixo em Elizabeth. Deliberadamente, examinou-a da cabeça aos pés, com uma expressão que fez Drake se enfurecer.

— Feliz Natal, prima — ele desejou, alto o bastante para todos ouvirem. Ao contrário do pai, estava totalmente sóbrio, o que só o tornava mais perigoso. — Ainda se fingindo de dama, pelo que vejo. E muito bem. Poderia até nos enganar, se não conhecêssemos os Calvert como a palma de nossas mãos.

Drake avançou um passo, mas foi interceptado pelo cunhado.

— Calma — disse William, baixinho. — É isso mesmo que ele quer que você faça. Ele e os amigos estão loucos por uma desculpa para agredirem

você. Eles têm medo de nos atacar diretamente, por isso querem um substituto. -

— Pouco me importa! — Drake murmurou, procurando chegar ao homem que o observava com uma mistura de medo e ansiedade. Nesse momento, ocorreu-lhe que o primo de Elizabeth não era uma pessoa normal. Mas a força de sua raiva bloqueou este pensamento e só ficou a vontade de vingar o insulto a sua esposa, e da forma mais primitiva possível.

— Elizabeth está nervosa. Olhe para ela.

Contra a vontade, Drake tirou os olhos de Davey. O que viu, assustou-o. Elizabeth tinha o rosto lívido. Apertava as mãos com força, mas era impossível disfarçar o quanto tremiam. E o fitava com olhos enormes, suplicantes e cheios de terror.

A raiva de Drake foi varrida por uma onda de ternura. Abraçando-a, ele murmurou:

— Não tenha medo. Seu primo não vale isso.

— Ele não vale você — ela corrigiu, os lábios ainda rígidos de medo. — Esqueça Davey, por favor!

Para sua própria surpresa, Drake descobriu que podia atendê-la. A preocupação com a esposa superava tudo. Gentilmente sorriu, mostrando sua disposição. E foi obrigado a ampará-la com um gesto rápido, quando ela amoleceu de alívio.

No interior da igreja, eles assumiram seus lugares no banco da família. Elizabeth já havia se recuperado o bastante para se zangar. Era horrível saber que sua família vinha sendo submetida a um tratamento tão cruel. Fitando-a com simpatia, Drake perguntou baixinho, de modo que só ela pudesse ouvir:

— Eles nunca disseram nada nas cartas?

— Não. Sempre repetiram que estava tudo bem.

— O que, obviamente, não está.

— Maldito seja Davey e essa cambada de gente!

Nesse momento, o serviço religioso começou. Elizabeth tentou juntar sua voz a dos outros, mas não conseguiu passar das primeiras frases. A alegria que sempre sentia, nessas ocasiões, fora-se. Seus pensamentos não poderiam estar mais sombrios, quando as orações finais foram ditas e os sinos começaram a badalar.

Os Calvert deixaram a igreja como haviam entrado. Só o ministro falou com eles, e assim mesmo cautelosamente, sem despregar a atenção dos outros congregados, que o fitavam com desaprovação. Philip e Sarah fingiam não notar a frieza de seus vizinhos, e nisso eram seguidos por William e Sunbird. Os quatro se portavam como se não houvesse nada de errado. Elizabeth não conseguiu imitá-los. Muito corada, ferveu de raiva durante todo o caminho de volta.

Em casa, Sarah e Sunbird foram ter com Augusta. Elizabeth ficou para trás, pois sabia que a velha criada perceberia seu estado emocional e isso poderia fazer-lhe mal. Sentando-se junto à lareira, na sala de estar, aceitou um cálice de sherry das mãos do mordomo e se pôs a ouvir a conversa dos homens.

Drake estava muito interessado na plantação e comercialização de algodão. Comprara vários moinhos, recentemente, e tornara-se sócio de uma companhia ferroviária que levava matéria prima e produtos manufaturados

para todo o país. Ele falava com conhecimento dos problemas que dificultavam o acesso aos mercados mais distantes, e Philip e William ouviam com atenção.

Philip estava agradavelmente surpreso com o genro. O rapaz amadurecera muito, desde o casamento. E não descuidava da esposa. Apesar de absorto na conversa, ele olhava para ela a todo instante como a checar se estava bem.

O preocupação tinha sua razão de ser, pois Elizabeth estava cada vez mais agitada. Tamborilava os braços da poltrona com os dedos e desistira de ouvir a conversa dos homens. Agora, fitava o fogo de testa franzida.

Afinal, Philip não agüentou:

— O que foi, Bethie? Por que essa preocupação toda?

Fazia tanto tempo que ele não a chamava assim, que Elizabeth custou a responder. Eram muitas as boas lembranças ligadas ao apelido de infância, e seus olhos encheram-se de lágrimas.

— Não é preocupação, é zanga. Como é que vocês conseguem suportar aquilo?

Ninguém perguntou a que se referia. Philip suspirou, William fitou-a preocupado e Drake tocou-lhe o ombro de leve, querendo acalmá-la. Não deu certo.

— E desprezível! — Elizabeth continuou, cada vez mais agitada.

— Davey é que errou. William foi correto. Correto até demais. Deveria ter sido mais duro com Davey!

— Esse é o problema — disse Philip. — Aquela gente não perdoa William por ter sido mais honrado que todos eles juntos. Eles não conseguem engolir o fato do seu irmão representar melhor nossas tradições sulistas, que aquele bando de covardes encapuzados.

— Você não precisa se preocupar conosco — William interferiu.

— Com o tempo, tudo será esquecido.

— Não sei como pode dizer isso! Nunca vou me esquecer o que aconteceu na igreja. O desaforo...

— Você não vê, minha irmã? Aquilo não interessa. Reagindo assim, está dando àquela gente uma importância que não merece. E deixando-a ter poder sobre você.

Elizabeth não havia pensado nisso. Sendo ainda muito jovem, reagia por instinto. Mas estava começando a aprender a parar para refletir.

— Eu não... — protestou.

— Está, sim — confirmou Drake, gentilmente.

O que William dissera também o atingira. O cunhado traduzira em palavras algo que sabia há anos, mas em que nunca pensara. Ainda na infância, percebera que relacionamentos pessoais tinham muito a ver com poder. Com quem tinha poder, e quem se curvava diante desse poder. Fora assim com seus pais, e era assim em todos os relacionamentos de que participava.

A não ser o seu casamento. Elizabeth deixara claro que não pretendia se curvar cegamente diante dele. Quando aceitasse suas ordens, seria por respeito a ambos.

— Não deixe que essa gente a magoe — pediu, os olhos fixos nos da esposa. — Que importância tem o que eles pensam da sua família? É uma opinião sem valor. O que conta é o que nós pensamos, um do outro.

Drake não notou, mas Elizabeth percebeu de imediato que ele usara

“nós”, em, vez de “vocês”. Ao que parecia, já estava se identificando com os Calvert.

Philip também percebeu e trocou um rápido olhar com o filho, antes de fazer sinal ao mordomo para encher novamente seus cálices de bebida. Sarah e Sunbird voltaram minutos depois, mas seus pensamentos ainda estavam em Augusta e não notaram os traços de tensão no ambiente.

Suspirando, Sarah sentou-se no sofá. Aprendera, há muito, a aceitar a morte como inevitável e a se alegrar quando ela vinha sem grande sofrimento. Mas perder Augusta seria muito difícil.

— Como está ela? — perguntou Philip, sentando-se ao lado da esposa. Cobriu a mão dela com a sua, transmitindo força e companheirismo.

— Sem dor e tranqüila. Parece até feliz.

Elizabeth franziu a testa. O acontecido na igreja afastara Augusta de sua mente, e isso a levou a entender o que William tentara lhe explicar, momentos atrás. Bloqueando Davey e os outros de seus pensamentos, forçou-se a prestar atenção à conversa.

Sarah mudara o assunto para algo mais agradável e agora dizia, sorrindo para o marido:

— Imagine que nesta época, no ano que vem, seremos avós. Philip assentiu, examinando-a com olhos cheios de admiração.

— Você não parece ter idade para isso. Sarah riu, satisfeita com o elogio.

— Eu não era uma garotinha, quando Elizabeth nasceu, e há muito tempo deixei a juventude para trás — disse, sem tristeza.

Eram as palavras de uma mulher contente com o que a vida lhe dera. Ouvindo-a, Elizabeth imaginou se um dia sentiria o mesmo. Ainda pensava nisso, quando sua atenção fixou-se em William e Sunbird.

Os dois estavam sentados no divã, de mãos dadas. O rosto de seu irmão refletia tanto amor e ternura, correspondidos totalmente por Sunbird, que sua garganta se apertou. Ela e Drake não se olhavam daquele jeito aberto, sem barreiras. Quando se aproximavam um do outro, era com a cautela instintiva de oponentes bem preparados, que não cometiam o erro de subestimar o outro.

— Sobre o ano que vem... — Sunbird começou timidamente, muito corada e com um leve sorriso nos lábios.

— Sobre netos... — William prosseguiu, parecendo muito satisfeito.

Esquecendo-se totalmente de si, Elizabeth exclamou:

— Vocês, também?!

Sunbird assentiu com ar maravilhado, como se ainda não acreditasse na realidade.

— Que maravilha! — Os olhos cheios de alegria, Sarah levantou-se para abraçar a nora e a filha. — Minhas duas filhas! E tão cedo...

A emoção impediu-a de continuar e ela voltou-se para Philip, que a envolveu nos braços. Junto da esposa, ele expressou em palavras o que todos estavam pensando:

— Comparado a essa bênção em dose dupla, o resto não importa. Somos muito felizes.

Elizabeth foi obrigada a concordar. Tendo em vista o que já sentia pelo próprio filho, estava felicíssima por Sunbird. Mas o que a espantou foi a reação de Drake.

Ele estendeu a mão para William, com sincero entusiasmo.

— Parabéns! Esta é a melhor notícia que um homem pode receber.

— A princípio eu fiquei meio receoso — William admitiu. — Ainda é tão cedo. Mas é impressionante como a gente aceita logo a idéia.

As mulheres trocaram olhares divertidos, enquanto os homens concordavam, muito sérios, que o nascimento era um milagre. O mordomo encheu taças de champanhe e, pela segunda vez, em poucas horas, eles brindaram à saúde de uma criança ainda por nascer.

— Já escolheram o nome dele? — perguntou Drake, surpreendendo Elizabeth ainda mais, com seu grau de interesse.

— Ou dela — Sunbird corrigiu.

Drake fitou-a, espantando. Depois olhou para a esposa, como se só naquele momento tivesse lhe ocorrido que ela poderia lhe dar uma filha, em vez de um filho.

— Claro. Pode ser uma menina...

Elizabeth sorriu, escondendo sua inquietação. Não esperava que ele rejeitasse uma filha, mas provavelmente ficaria desapontado. Era horrível pensar que, depois de passar por toda uma gravidez e o parto, seus esforços poderiam não ser apreciados.

Os outros continuaram a falar dos bebês, enquanto Elizabeth mergulhava no silêncio. Sua mãe entendeu a causa, mas tinha tato suficiente para não intervir em suas reflexões. Deixou passar algum tempo, então sugeriu:

— Pode parecer fútil, num momento como esse, mas o que acham de abrimos os presentes?

Sobre uma mesa redonda, coberta por uma toalha de renda que ia até o chão, estava uma pilha de presentes alegremente decorados. Como fazia todos os anos, Philip assumiu a tarefa de distribuí-los, e logo risos e exclamações alegres enchiam a sala.

Elizabeth pensara muito no presente que daria a Drake. Como saíra de Boston às pressas, sem saber se ele a seguiria, não trouxera nada para ele. Numa rápida viagem a Richmond, conseguira uma sela magnificamente trabalhada, em couro espanhol. Agora, com a respiração suspensa, viu- o pai retirá-la do lugar onde a escondera, sob a mesa, pois era grande demais para ser embrulhada e colocada junto aos outros presentes.

— Ora, vejam! De quem será isso? — Philip perguntou, revirando o cartão preso à sela.

Ele sabia muito bem a quem pertencia, mas gostava de fazer suspense. Sendo um ótimo cavaleiro, aprovava a escolha da filha e esperava que o genro tivesse o bom senso de entender o quanto estava sendo elogiado. Porque uma sela daquelas só era dada a pessoas que cavalgavam muitíssimo bem.

Drake entendeu. Depois de um instante de surpresa, ao saber que a sela era dele, tomou-a nas mãos, segurando-a com facilidade apesar do peso, e virou-a de um lado para o outro, admirando-a.

— Magnífica! Nunca vi nada melhor — exclamou. E dirigindo-se a Elizabeth: — Obrigado. Vai ser sempre um presente especial, para mim.

Ela corou de prazer.

— Foi uma escolha fácil. Você gosta tanto de cavalgar, que nem pensei em outra coisa.

O presente de Drake para ela era bem menor, embrulhado em papel

dourado e com um raminho de visco, feito em seda, preso às fitas que o decoravam. Elizabeth abriu-o meio relutante, certa de que encontraria uma jóia fabulosa, dentro.

A ironia de sua reação quase a fez rir. A maioria das mulheres ficaria encantada com um presente desses. Mas ela considerava jóias um objeto impessoal, a escolha automática de um homem rico para a mulher que o agradava. No entanto, como esse não era o seu caso, talvez não fosse uma jóia.

Era, mas não o que ela esperava. Em vez do brilho frio de diamantes, o que viu foi o brilho quente de um medalhão de ouro, em forma de coração. Com um murmúrio de alegria, tirou-o da caixinha forrada de veludo e ergueu-o no ar.

— É lindo, Drake!

— Normalmente eu não teria escolhido um presente tão modesto, mas achei que combinaria melhor com a ocasião. — Inclinando-se, ele mostrou que o medalhão se abria e tinha lugar para duas pequenas fotos. — Pensei que poderíamos mandar tirar uma foto do bebê, para você usar aqui.

Elizabeth ergueu os olhos para ele.

— Cabem duas fotos.

— Quem sabe? Podemos ter outro filho.

— Ou vários. Aí, eu ficaria com falta de lugar.

— Nesse caso, não tem jeito. Um medalhão só tem dois lados.

— Não quero andar com um deles vazio, mesmo que seja por pouco tempo — Elizabeth declarou, decidida. — Acho que vou mandar fazer uma fotografia sua, também.

Drake corou, e ela quase não acreditou nessa reação do marido.

— Não sei por quê — ele murmurou. Elizabeth fitou-o nos olhos, o sorriso alargando-se.

— Não, mesmo?

Capítulo XX

LOGO DEPOIS DO ANO Novo, Augusta morreu serenamente, durante o sono. Foi enterrada ao lado de Rameses, no velho cemitério dos escravos. Philip havia adotado o sistema de marcar as sepulturas dos escravos e antigos escravos da fazenda com pedras tumulares, em vez das antigas cruzeiras de madeira. Ainda existiam algumas dessas cruzeiras no cemitério, mas a maioria tinha sido destruída pela ação do vento e da chuva. Com elas, foram-se as vozes dos homens e mulheres que haviam vivido e morrido na obscuridade, sem nem mesmo o consolo de uma pedra memorial.

Foi com uma sensação de descontentamento que os Calvert se reuniram em torno do túmulo de Augusta. Eles gostariam de enterrá-la no cemitério da família, mas ela recusara, dizendo com uma dignidade simples que preferia descansar ao lado das pessoas que tiveram uma vida semelhante à sua.

Elizabeth a visitara muito, durante os últimos dias. Costumava sentar-se na cama da velha criada, lendo a Bíblia ou simplesmente segurando-lhe a mão. Às vezes, conversavam.

Numa voz fraca e trêmula, Augusta contava histórias de mortes e nascimentos, amor e ódio, guerra e paz. Falava de pessoas há muito desaparecidas e acontecimentos antigos, como se quisesse partilhar tudo que sabia, antes de ir embora.

— Num si preocupi cum u nascimentu desse bebê — dissera, quase no fim. — Sua mamãe sabi tudu qui tem di fazê. Num foi a velha Gusta qui insinô ela?

Em pé, ao lado da sepultura, observando as primeiras pás de terra atingirem o caixão simples de madeira — outra escolha de Augusta —, Elizabeth sentiu o bebê se mexer. Colocando as mãos sobre o ventre, saboreou o movimento da nova vida em seu útero.

— Num chori pru mim, não — Augusta tinha lhe dito. — Eu vô prum luga mió qui essa terra tristi. Ocê cria essi bebê pra fazê tudu direitinho i aí podi sê qui a tristeza vai imhora.

Elizabeth gostaria de acreditar que era tudo tão simples, mas com a ida de Drake para Boston, sua depressão voltou. Estava achando cada vez mais difícil andar, apesar de ainda faltarem vários meses para o fim de sua gravidez. Sunbird, que deveria dar à luz um mês depois dela, estava bem menor.

— Sunbird é mais alta e tem os quadris um pouco mais largos que os seus. É por isso que parece menor — Sarah dizia, todas as vezes que tocava nesse assunto.

No início, ela aceitara essa explicação, mas agora sua diferença de tamanho com a cunhada estava gritante.

— Eu me sinto do tamanho de uma montanha — queixou-se um dia, quando teve mais dificuldade para se levantar da cama.

Subir e descer as escadas requeria um esforço enorme, e inclinar-se era algo que já nem sabia mais como fazer. Tilly começara a lançar olhares pensativos em sua direção, embora não fizesse nenhum comentário.

Provavelmente porque não tinha nada de bom para dizer.

Sarah via-se às voltas com o mesmo problema. Embora tentasse esconder, estava cada vez mais preocupada com a filha. Augusta lhe ensinara muito e ela fizera dezenas de partos, mas nunca de uma pessoa tão querida ou em situação tão estranha.

Gostassem ou não, o fato era que Elizabeth estava enorme. Sua barriga crescera tanto, que Philip estremecia, sempre que a olhava. Drake devia chegar logo, e Sarah estava certa de que ele teria uma recepção menos calorosa do que esperava, da parte do sogro. Tal hostilidade era natural naquelas circunstâncias, mas só servia para aumentar sua preocupação.

— O que foi que você comeu hoje, minha filha? — ela perguntou uma manhã de fevereiro, entrando no quarto de Elizabeth.

Elizabeth recitou a lista. Sarah criara nela o hábito de prestar atenção a tudo que comia. Ela não se esqueceu de nada, nem tentou trapacear. Tudo que comera era saudável e em quantidades razoáveis.

— Não entendo — Sarah comentou. — Se você estivesse comendo demais, aí sim. Mas não está. E também não está gorda. Ao contrário, seus braços e rosto estão mais magros do que antes.

Isso, pelo menos, era um bom sinal. Ela já chegara à conclusão de que a filha não estava retendo água em excesso, o que constituía um dos maiores perigos de uma gravidez. Elizabeth tinha os cabelos brilhantes e uma ótima cor. Estava bonita para uma mulher que parecia a ponto de dar a luz a uma criança que ainda deveria levar algum tempo para chegar.

— Eu gostaria de examinar você melhor — Sarah disse, depois de imaginar todas as possibilidades do que poderia estar errado na gravidez da filha, sem nada encontrar. — Posso?

Elizabeth assentiu. Ela estava muito feliz por ter a mãe junto de si. Confiava mais em Sarah do que em todos os Greeleys do mundo.

Sentando-se na beirada da cama, Sarah colocou a mão, gentilmente sobre a enorme barriga da filha. Ficou nessa posição por algum tempo, a cabeça inclinada para o lado, como se estivesse escutando atentamente. Depois, inclinando-se ainda mais, encostou o ouvido no lugar onde pusera a mão.

Daí, passou para outros pontos, demorando-se mais em alguns, para melhor ouvir. Quando, afinal, endireitou o corpo, tinha um leve sorriso nos lábios.

— Acho que sei por que você está tão grande.

— Por quê?

— Posso estar errada...

Elizabeth prendeu a respiração, preparando-se para a terrível notícia.

— Acho que você está grávida de gêmeos.

— Gêmeos?!

Sarah assentiu, acariciando o rosto da filha com infinita ternura.

— Posso ter me enganado, mas acho que ouvi dois coraçõezinhos batendo, e em lugares diferentes. Isso, mais o seu tamanho., indicam que está grávida de gêmeos. — Ela franziu a testa, acrescentando: — Precisa tomar muito cuidado, de agora em diante. Gêmeos têm o costume de chegar mais cedo, e eu não quero que estes dois venham antes de estarem prontinhos para nascer.

Elizabeth meneou a cabeça, vigorosamente. Já decidira que não sairia da

cama, até as crianças nascerem. Mas Sarah garantiu-lhe que isso era exagero.

— Você precisa de um pouco de exercício. E ar fresco também é muito importante.

Ela não acrescentou que, presa no quarto, Elizabeth logo se aborreceria. Começaria, então, a pensar na vida e em sua relação tempestuosa com o marido. Os dois haviam convivido muito bem, até um pouco antes de Drake partir. Aí, a situação voltara a ficar tensa entre ambos.

Nos dias que se seguiram, Elizabeth só conseguia pensar no que Drake diria. Chegou a pegar na caneta para escrever-lhe, mas desistiu. Queria ver como reagiria, quando soubesse. Inúmeras vezes, imaginou a cena: a princípio ele ficaria atônito, até mesmo incrédulo. Depois, cheio de admiração, sorriria e a levantaria nos braços...

Nesse ponto, ela teve que rir. Drake era forte, mas seria preciso um guindaste para levá-la do chão, do tamanho que estava. Ainda assim, com o novo penteado que Tilly lhe arranjava e os vestidos feitos pela costureira de sua mãe, em Richmond, sua aparência não era das piores. Servia para passear pelo jardim, de onde podia ficar de olho na estrada e entrar logo, se alguém se aproximasse.

Para o mês de fevereiro, aquele era um dia bastante quente. Levando o chapéu numa das mãos, Elizabeth ergueu o rosto para o sol. Uma sensação de bem estar fluíu por todo seu corpo, enchendo-a de prazer por estar viva. Sensação que não tardou a ser perturbada por um barulhinho, do outro lado da sebe.

Ainda distraída, ela se virou. Uma exclamação de susto escapou de seus lábios. De trás da sebe saiu Davey, vestido simplesmente com uma calça de sarja e camisa de algodão. Um chapéu de abas largas sombreava-lhe o rosto.

—,Desculpe o susto — ele disse, tirando o chapéu. Sorriu, um sorriso tímido, que parecia pedir à prima para não se zangar com ele. — Fiquei com medo de ser mandado embora, se fosse até a porta.

— Provavelmente seria. — Com esforço, ela relaxou os dedos que agarravam a aba de seu próprio chapéu. — Você não é bem-vindo, nesta casa.

— Por favor, Elizabeth, não faça assim! Eu entendo os seus motivos, mas me dê alguns momentos. Por favor...

— Para quê? Para você me insultar de novo?

— Estou tão arrependido de ter feito aquilo! Não tive mais paz, desde aquele dia. Eu me comportei muito mal.

— Não posso lhe dizer que não. Ele abaixou a cabeça.

— Eu sei. Você tem toda razão de não querer falar comigo. Elizabeth amoleceu um pouco. Davey parecia arrependido e era seu primo, afinal. Chegara até a pensar que seriam mais do que isso. Talvez a culpa de ter dado errado na vida não fosse só dele. Podia até ser que ainda tivesse chances de se regenerar. Davey aparentemente chegara à mesma conclusão, pois disse:

— Você é a única que pode me ajudar, Bethie. Não há mais ninguém com quem eu possa falar.

Suspirando, ela apontou para um banco de pedra.

— Venha. Vamos nos sentar ali.

Ele se aproximou depressa, oferecendo-lhe o braço.

— Claro. Você não deve ficar em pé muito tempo.

Ainda que indireta, a referência a sua gravidez fez Elizabeth co-rar. Drake

podia achá-la pouco atraente, daquele tamanho, mas pelo menos tinha o consolo de saber que eram dele os filhos que estava carregando. Para Davey, seu estado era a evidência de que pertencia a outro homem. No entanto, em vez de aborrecido com isso, ele parecia apenas preocupado com seu bem estar.

— Você está bem, Bethie? — perguntou, quando se sentaram no banco.

Estavam a pouca distância da casa, mas escondidos pela sebe. Apesar de disposta a falar com o primo, Elizabeth sabia que ninguém aprovaria sua atitude. Assim, era melhor que não o vissem.

— Muito bem. Obrigada por perguntar.

— É natural que eu pergunte. Afinal de contas, somos parentes. Ela assentiu.

— Somos, mas o que aconteceu conosco pode separar até as famílias mais unidas.

Davey suspirou. Estava um pouco inclinado para a frente, como se o peso do que acontecera entre suas famílias fosse demais para suportar. Seu braço direito pendia ao lado do corpo, mas não parecia um peso morto, só um membro que não mais funcionava corretamente.

— Foi tudo tão estúpido! — exclamou.

— O duelo?

— E o que levou ao duelo. — Ele corou, desviando o olhar. — Não sei se você sabe, mas eu estava bêbado.

— Achei que estava, mesmo.

— Senão, eu nunca teria participado daquela loucura.

— Não foi idéia sua? — Ela sempre pensara que o ataque a William e Sunbird tivesse sido idéia dele, mas agora via que nunca alguém lhe dissera isso.

— Claro que não — Davey insistiu, mostrando-se chocado. — Por uma questão de honra, não posso lhe dizer quem teve a idéia, mas eu lhe garanto que ferir Sunbird nunca me passou pela cabeça.

— Pelo que entendi, seu alvo era William. Ele corou ainda mais.

— Era, mesmo. O que muito me envergonha.

— Mas por que você queria agredir William? Pela primeira vez, ele a encarou.

— Não sabe? Foi William que convenceu você a ir embora. Se você não tivesse ido, não teria conhecido Drake e se casado com ele. E eu teria uma chance com você. Era só nisso que eu pensava, naquela noite. Pode parecer loucura, mas não consegui me controlar. Perder você foi demais, para mim.

Elizabeth estava cada vez mais atônita. Não sabia que Davey levara tão a sério a situação entre eles. Afinal, nunca tinham prometido nada, um ao outro.

— Foi melhor assim — disse baixinho. Davey assentiu.

— Eu nunca a mereci. Drake é exatamente o que você precisa. Se eu tivesse aceitado isso mais cedo...

Ele se inclinou ainda mais para a frente, a imagem de um homem derrotado e arrependido. Sem parar para pensar, Elizabeth segurou-lhe o braço, num gesto de conforto.

— Não foi feito nada que não possa ser desfeito. Por que não fala com papai e William?

— Porque mesmo que me recebam, não sei o que dizer a eles.

— Diga o que me contou. Você explicou tudo muito bem.

— É diferente. Com você, eu sempre fui capaz de me abrir. — Davey fez uma pausa, depois prosseguiu, meneando a cabeça: — Não. Eu não tenho nem coragem de falar com eles. Só se...

— O quê?

— Se nos tornarmos amigos de novo, talvez eu ganhe confiança para me aproximar deles. Sei que é pedir muito, mas se você puder me perdoar e me ajudar...

— Claro que posso! — Elizabeth estava sendo sincera, embora soubesse que os outros membros de sua família não aprovariam a sua resolução. — Se pelo menos você não tivesse machucado Sunbird...

— Foi horrível, não foi?

— Foi, mas Sunbird é uma ótima pessoa. Acho que vai perdoar você, também.

— Se ela me perdoar, vou lhe ser eternamente grato. Quanto a William...

— E papai.

— É demais esperar que eles esqueçam o que aconteceu.

— Pode ser que não — Elizabeth encorajou-o. Sua vontade de unir a família era grande demais, para que o deixasse fraquejar. — O problema é como falar com eles.

— Eu nem sei como começar. Acho que não tenho coragem.

— Tem, sim.

Elizabeth tentou convencê-lo disso, mas Davey, apesar de sincero, não se mostrou animado. Naquele dia e no outro, quando tornaram a se encontrar furtivamente no canto do jardim, ele expressou o medo que lhe causava a simples idéia de se aproximar novamente do primo e do tio.

Ainda assim, ela estava contente por tê-lo como companhia, à medida que os dias passavam e Drake não aparecia. Recebeu do marido apenas um telegrama, frustrante de tão curto, que dizia:

“Preso em “Boston. Segue carta.”

Elizabeth desconfiou que a mãe dele criara algum problema para mantê-lo por lá, mas quando a carta chegou, descobriu que não era esse o caso. Embora não quisesse alarmá-la, Drake foi franco ao explicar a razão daquele atraso.

“Mari não me pediu para interferir, mas ela está tendo tantos problemas com Gideon, que resolvi usar da minha prerrogativa de parente mais próximo do sexo masculino e ajudá-la. Gideon está no auge de uma campanha contra ela, provocando problemas trabalhistas nos moinhos têxteis e criando dificuldades no embarque de tudo que ela produz. Estou fazendo o que posso para acabar com isso, mas é difícil, porque ninguém admite o que está acontecendo. A minha esperança é resolver o assunto com Gideon, pessoalmente.”

De qualquer maneira, Drake continuava, faria o possível e o impossível para dar um jeito naquela questão e voltar logo para a Virgínia. Esperava que ela estivesse gozando de boa saúde e despedia-se, declarando-se “seu devotado marido”.

O termo “devotado” fez Elizabeth erguer as sobrancelhas. Não esperava que Drake o usasse. No entanto, estava ali, e ela teve de se conter para não atribuir mais importância do que devia a uma simples palavra. Drake na certa

escrevera a carta às pressas e terminara sem pensar muito no que fazia. Só que ele era sempre muito cuidadoso em seus relacionamentos e nunca expressava uma emoção que não sentisse.

Assim, a ausência do marido tornou-se mais fácil de suportar, embora a magoasse o bastante para fazê-la aceitar as visitas secretas de Davey. Ele vinha quase todos os dias. Sem combinar nada, caíram no hábito de se encontrarem no jardim, na mesma hora e no mesmo lugar. Sarah achava que a filha adotara o costume sadio de passeios regulares. Tilly, no entanto, sabia da verdade e não escondia seu descontentamento.

— Eu sei que a senhora sabe o que faz — disse uma manhã, quando ajudava Elizabeth à se vestir — , mas eu já vi muitas brigas de família e não tentaria acabar com uma, nem que me prometessem todo dinheiro do mundo. É um trabalho ingrato, que nunca dá certo.

— Nossas famílias não estão em briga — Elizabeth protestou, a voz abafada pelo vestido de seda lilás, que a criada passava por sua cabeça.

Nem mesmo as pregas amplas escondiam o tamanho de sua barriga, mas a elegância do vestido lhe dava um ar frágil. Estava seguindo à risca a dieta alimentar indicada por Sarah, mas os bebês exigiam sua parte. Perdera toda gordura desnecessária, suas feições haviam adquirido uma forma mais pura, e suas pernas continuavam tão esbeltas quanto antes de se casar.

— Se vocês não estão brigados, então o que há? — Tilly quis saber.

— Houve um acidente. Um acidente muito triste. Você já deve ter ouvido falar nisso.

Na verdade, Tilly ouvira tudo, com todos os detalhes, inúmeras vezes, em inúmeras versões. Os criados tinham sua própria opinião do sr. Davey. Alguns o consideravam um homem cruel, outros, um louco. Todos, no entanto, concordavam que ele morria de inveja dos Calvert e faria o que pudesse para prejudicá-los.

— O que eu sei — Tilly disse — , é que um homem capaz de machucar uma mulher pode muito bem machucar outra. Lá na Irlanda também temos esse tipo. Eles existem em todo lugar. Minha mãe diz que não dá para confiar neles. Eles juram que estão arrependidos, prometem que nunca mais vão levantar a mão contra ninguém, mas você vira as costas e eles fazem a mesma coisa.

— Davey não é assim — Elizabeth replicou.

Estava ficando impaciente com a insistência da criada sobre o perigo representado por Davey.

— Ele está arrependido e quer mesmo ser perdoado. Eu só tenho que convencê-lo a falar com papai e William.

— Se a senhora diz...

Tilly acreditava no arrependimento de Davey, tanto quanto acreditava que só teria de abrir os braços, para voar. Mas a não ser que se colocasse diante da porta para bloquear a saída de Elizabeth, não havia nada que pudesse fazer para impedi-la de ir encontrar o primo. Nem lhe passou pela cabeça que poderia procurar Philip ou William e pedir ajudar. Sua lealdade a Elizabeth a impedia de traí-la, mesmo que fosse para o seu bem.

Uma semana se passou, e o tempo esquentou ainda mais. Elizabeth começou a se aventurar mais longe de casa. Descobriu que se andasse devagar e parasse várias vezes para descansar, agüentava bem as

caminhadas. Davey encorajou-a nisso. Rejeitando a crença comum de que mulheres grávidas deviam permanecer deitadas o máximo possível, dizia-lhe que os exercícios eram importantes, se bem que com uma certa cautela, para não prejudicar os bebês.

— Veja as negras — ele comentou uma manhã, quando caminhavam à margem do rio. — Elas trabalham até o último momento, dão à luz e voltam ao trabalho, antes que você possa dizer “bu”. E não tem problema nenhum. Se ficam deitadas, no entanto, aparecem com todo tipo de complicação.

Elizabeth ergueu uma das sobrancelhas. Davey falava como se os negros ainda fossem escravos. Ele podia desejar que fossem e até tratá-los como tal, mas nada podia anular as grandes mudanças ocorridas no Sul. Uma força tremenda fora colocada em movimento pela guerra, e embora seus efeitos finais só fossem ser sentidos pelas gerações futuras, os efeitos intermediários estavam ali. Negar que eles existiam só criaria mais problemas.

Além disso, ainda que de forma sutil, Davey a estava igualando às lavradoras. Uma coisa ruim, não porque ela se considerasse diminuída, mas porque, vindo da parte dele, só podia ser um insulto. No entanto, esse raciocínio pareceu-lhe tão absurdo, tendo em vista o arrependimento dele, que ela chegou à conclusão de que estava vendo coisas onde nada existia. Davey na certa ficaria horrorizado, se lhe contasse seus pensamentos.

O que ela, naturalmente, não fez. Estava ocupada demais convencendo-o a falar com seu pai e seu irmão. Uma tarefa difícil, uma vez que ele não acreditava que o tivesse perdoado realmente, apesar de garantir-lhe que sim, todos os dias.

— Não entendo como você pode me perdoar — Davey comentou, depois de ouvi-la dizer, pela milésima vez, a mesma coisa. — O que eu fiz com William e Sunbird foi ruim, mas o modo como a insultei, na igreja...

— Eu vi logo que você estava fora de si.

— Drake ficou muito zangado.

— Ficou — Elizabeth admitiu, lembrando-se de como Davey escapara por pouco. — Ele é muito protetor.

— É mesmo?

O tom de dúvida a fez estacar.

— É, sim. Por quê?

— Eu... eu sei que... eu não tenho o direito, mas... — Davey franziu a testa, depois terminou, num repente: — Se é assim, por que ele não está com você agora, quando mais precisa dele?

— Problemas em Boston. Ele é necessário, lá.

— Não consigo imaginar algo mais importante do que estar com você.

— E muito gentil da sua parte, mas a verdade é que estou com minha família, que cuida muito bem de mim.

O que não era exagero. Seus passeios com Davey representavam uma fuga de cuidados constantes. Por mais que apreciasse os esforços de sua família, tinha de admitir que era gostoso sentir-se livre, ainda que por alguns momentos.

— Além disso — continuou, quando Davey insistiu no assunto — , Drake vem logo.

Ele parou abruptamente, forçando-a a fazer o mesmo.

— Vem mesmo?

Elizabeth assentiu. Se o primo pensava que era uma esposa infeliz, estava muito enganado. Recebera outra carta do marido, onde ele garantia que estava fazendo o possível para resolver logo os problemas entre Mari e Gideon. Mari também lhe escrevera, para dizer o quanto se sentia grata. Recentemente, andara mal de saúde e sem condições de reagir a Gideon, como de costume. Drake interferira num momento importante, ajudando-a demais.

Apesar de contente com a generosidade do marido, Elizabeth estava louca para vê-lo. A última notícia que recebera dele fora através de um telegrama, avisando que chegaria no dia seguinte. Cancelara várias reuniões importantes em Washington, para poder estar ao seu lado.

Quando contou isso a Davey, ele se mostrou impressionado.

— Sei... Acho que o julguei mal.

— Como assim?

— Só que não pensei que ele fosse tão devotado.

Lá estava o termo "devotado" de novo, mas desta vez ela não se surpreendeu tanto. Percebeu que Drake estava mostrando sua devoção, primeiro, ajudando Mari, que ela amava, depois, esquecendo os negócios para assumir suas responsabilidades de pai e marido.

— Drake mudou — disse, maravilhada. — E eu também.

— É verdade. — Davey calou-se por alguns instantes, depois acrescentou:

— Quando ele voltar, não poderemos nos encontrar mais.

Elizabeth estava pensando a mesma coisa.

— Mas você já está pronto para falar com papai e William, não está?

— Não sei...

Ela franziu a testa, e ele prosseguiu, depressa:

— Não fique zangada comigo. Não sou como você, capaz de enfrentar tudo. Nunca tive a sua autoconfiança.

Lembrando-se do garoto tímido e gentil, que tanto sofrerá com a difícil situação financeira dos pais, Elizabeth amoleceu.

— Você não tem o que temer, Davey.

— Pode ser, mas preciso pensar um pouco. Longe daqui.

— Onde?

Davey não podia estar pensando em partir. Fugir era a pior maneira de resolver um problema. Para seu alívio, a intenção dele não era ir longe.

— Vamos dar uma volta de carruagem, Elizabeth. Como costumávamos fazer. Vai ajudar a clarear a minha mente.

Elizabeth hesitou. A não ser por uma rápida ida a Richmond, antes do Natal, não deixara Calvert Oaks. Seria bom mudar de cenário, mas tinha de pensar na segurança dos filhos.

Como se tivesse a capacidade de ler seus pensamentos, Davey continuou:

— A estrada que passa pelo rio foi arrumada. Está lisinha como nunca, e podemos atrelar Ned e Dapples à carruagem.

Pensando nos dois pangarés, Elizabeth riu.

— Vai ser um passeio bem lento, então. —, Você vem?

Ela pensou por mais um instante, antes de decidir que não haveria mal em aceitar o convite dele.

Capítulo XXI

— SR. DRAKE! — TILLY EXCLAMOU, descendo a escada que levava ao saguão. — Pensamos que o senhor vinha amanhã.

— Peguei um trem mais cedo.

Drake colocou a mala no chão e olhou em volta. Não viu sinal de Elizabeth. Ela devia estar no andar de cima, descansando.

Saindo da sala de estar, Sarah aproximou-se, sorrindo para o genro. Estava conferindo as contas da casa, quando ouvira a carruagem chegar.

— Drake! Que bom que você chegou. Como estava Boston?

— Difícil.

Ele não queria pensar nos problemas com Gideon, que ainda levariam muito tempo para serem resolvidos. Se é que seriam resolvidos. O sujeito era obcecado, sem escrúpulos, capaz das maiores infâmias. Parecia-lhe impossível que a mulher encantadora, em pé diante dele, fosse irmã de tal criatura.

— Quer que eu peça à cozinheira para preparar alguma coisa para o senhor? — Tilly ofereceu-se.

— Não, obrigado. Tomei um lanche no trem. Prefiro ver Elizabeth. Onde está ela?

Certa de que a filha estava passeando no jardim, como sempre fazia àquela hora, Sarah começou a responder. Mas foi impedida por um gesto rápido de Tilly, negando.

— O que foi, Tilly? Elizabeth não está no jardim?

Sem graça, mas num tom que mostrava claramente sua desaprovação, a criada explicou:

— Ela saiu de carruagem com ele.

Sogra e genro trocaram um olhar perplexo.

— De carruagem? — Drake repetiu, incrédulo.

— É.

— Com quem? — perguntou Sarah. Tilly apertou os lábios.

— Com aquele sr. Davey.

— Davey? Não é possível!

— Desculpe, madame, mas é verdade.

— Não entendo — Drake murmurou. — Ela não tinha motivos para chegar perto daquele sujeito, quanto mais para sair de carruagem com ele.

— Eles andam conversando — Tilly esclareceu. — Ela me contou. Ele diz que está arrependido e quer fazer as pazes com a família, mas tem medo do que pode acontecer, se tentar. Ela vive insistindo que o sr. Philip e o sr. William vão perdoar tudo, mas ele não acredita.

Sarah meneou a cabeça, espantada.

— Perdoar? Davey devia agradecer a Deus por continuar vivo e deixar as coisas como estão.

O rosto corado de raiva, Drake virou-se para a porta.

— Vou atrás dela.

Sarah agarrou-o pelo braço.

— Espere! William e Philip ainda estão no campo. Vou mandar alguém até

lá. Eles vão saber para onde é mais provável que Davey tenha levado Elizabeth. Senão, você pode ir na direção errada e perder muito tempo.

Drake apertou os punhos ao lado do corpo. Sarah tinha razão. Sem conhecer bem a área em volta de Calvert Oaks, não teria muita chance de encontrar Elizabeth. Mas a espera era intolerável.

Ele já estava montado e esperando diante da casa, quando o sogro e o cunhado chegaram.

— Que história é essa, com Bethie? — Philip perguntou, sem desmontar.

Ele e William estavam inspecionando a construção de um dique, para drenar um campo destinado à plantação de tabaco, quando foram alcançados pelo rapaz mandado por Sarah.

— Ela saiu com Davey — Sarah resumiu. — Numa carruagem. Pode estar bem, mas...

Philip não esperou para ouvir mais. Esporeando os flancos da montaria, saiu a galope pela estrada de cascalho. Drake e William o seguiram. No horizonte, o céu começava a se tingir de cinza, anunciando uma tempestade.

Sarah viu-os sair, com as mãos apertadas e os olhos sombrios de preocupação. Sunbird aproximou-se dela, também preocupada. As duas gostariam de acreditar que Davey não tinha más intenções, mas não conseguiam. Lembrando-se do ódio com que ele a atacara na carruagem, Sunbird estremeceu. Em silêncio, fechando os olhos para melhor se concentrar, ela ergueu aos céus uma prece para que Elizabeth voltasse logo, sã e salva.

Sarah também estava rezando. Só conseguia pensar na filha, pesada, em final de gravidez e nas mãos de um homem que podia ter as piores intenções. O coração apertado, lutava para não se descontrolar e exprimir, aos gritos, o ultraje de uma mulher incapaz de proteger a filha. Não podia fazer nada para impedir Davey de ferir Elizabeth. Só podia esperar. E rezar.

Elizabeth chegara à mesma conclusão. Agachada no chão de terra da cabana para onde Davey a levara, procurava controlar o medo. Aquilo não era bom para os bebês. Mas também, nada do que acontecera nas últimas horas era.

A princípio, o passeio foi perfeitamente normal. Davey manteve uma conversa leve, enquanto seguiam vagarosamente pela estrada do rio, puxados pelos dois velhos pangarés. Com o ar quente e o movimento lento da carruagem, ela acabou cochilando. Acordou com uma brisa fria, resultado da mudança de tempo, e percebeu que haviam entrado num caminho estreito, que ia em direção a Quail Run.

— O que foi? Por que estamos aqui? — perguntou, agarrando-se à carruagem para não ser jogada de um lado para o outro.

Davey não respondeu. Os olhos fixos à frente, agarrava as rédeas com tanta força que seus dedos estavam brancos.

— O que aconteceu, Davey?

— Fique quieta!

— Não estou...

Ele a fitou, então, com o rosto muito vermelho. Se de medo ou raiva, era difícil dizer.

— Cale a boca! Não quero que diga uma palavra! Você sempre foi capaz de me convencer a fazer tudo que queria, mas desta vez não vai ser assim. Eu

amordação você, se for preciso!

Elizabeth olhou-o, chocada. Viu que ele falava sério e que não seria vantajoso provocá-lo.

Eles continuaram por mais meia hora, embrenhando-se na mata de Quail Run, conservada em seu estado natural. Acima deles, o céu havia escurecido ainda mais. O vento também mudara, trazendo nuvens pesadas e ameaçadoras. Elizabeth começou a tremer e enrolou-se melhor no xale.

Afinal, chegaram a uma cabana pequena e em mau, estado.

— Desça — ordenou Davey, pulando para o chão e amarrando os cavalos à árvore mais próxima.

Era impossível, para Elizabeth, obedecer. Ela gostaria de evitar mais problemas, mas a distância até o chão era superior a um metro,' com apenas um degrau para ajudar. Na sua situação, era distância demais. Se tentasse descer sozinha, com certeza perderia o equilíbrio e acabaria se machucando.

Davey percebeu a dificuldade e franziu a testa. Obviamente não queria ajudar, pois recorreu a uma série de ameaças para fazê-la descer sozinha.

Elizabeth meneou a cabeça.

— Não dá, Davey. Não é possível que você não veja.

— Eu só vejo que você deixou aquele maldito ianque possuir seu corpo e por isso merece tudo que lhe acontecer!

Ela estremeceu, amedrontada. As palavras dele eram tão cheias de ódio quanto as mãos rudes, que a seguraram. No instante em que seus pés tocaram o chão, ele a empurrou para longe de si com tanta força, que ela caiu contra a carruagem, recuperando o equilíbrio com muita dificuldade.

— Venha — Davey chamou, dirigindo-se à cabana.

Por um momento, Elizabeth pensou em fugir. Talvez tivesse cometido um erro, descendo da carruagem. Mas seria impossível agarrar as rédeas, e sem elas não conseguiria dirigir os cavalos. A pé, não tinha esperanças de escapar. Davey a alcançaria antes que chegasse ao fim da clareira.

Uma horrível sensação de fatalidade invadiu-a. Lutou para não se deixar abater e para substituir o desânimo pela zanga. Tinha que conservar o autocontrole. Senão, não poderia se opor a Davey e ao que ele pretendia fazer.

— O que você quer, com isso? — perguntou, quando entravam na cabana. — Deve saber que meu pai e William virão atrás de mim.

— É com isso que estou contando.

— Como assim?

Ele chutou a ponta do tapete jogado num canto e observou, impassível, um rato fugir.

— O meu erro foi ir até eles, da última vez. Ou até William, pelo menos. Tentei lutar com retidão, mas isso é impossível, quando o inimigo é um homem sem honra. Desta vez, eles é que virão a mim.

Elizabeth mordeu os lábios, desesperada. Seu pai e William entrariam na clareira, sem cobertura, e seriam alvos fáceis para os três rifles apoiados à parede, perto da janela.

— Você está louco — murmurou.

Palavras que repetiu horas depois, quando seu corpo já estava rígido de cansaço e sua cabeça doía do esforço de se controlar. Tinha de pensar nos bebês, manter a calma e descobrir um meio de fuga.

Só que não havia nenhum. Davey a vigiava com tanto cuidado quanto vigiava a clareira e a floresta, mais adiante.

— Provavelmente — ele respondeu, com a mesma terrível falta de expressão. — Já pensei nisso. Mas que importância tem? O mundo inteiro é louco.

Seria difícil convencê-lo do contrário, mas ela precisava tentar. Ignorando a dor cada vez maior em seu ventre, conseguiu se levantar, apoiando as costas na parede de madeira e esticando as pernas, devagar. Um esforço que a deixou sem fôlego e incapaz de falar, por alguns minutos.

— Seus pais... — disse, afinal. — Não acredito que eles queiram uma coisa dessas.

— Isso não importa.

— Tem de importar! Você ama os dois!

O riso dele, frio e sinistro, ecoou pela cabana.

— Amo? Eu nem sei o que é isso. Pensei que soubesse, mas depois descobri que era ilusão. — Passando a mão por um dos rifles, ele prosseguiu: — Também não tenho motivos para me importar com eles. Meu pai é um bêbado, que desperdiça seus poucos momentos de sobriedade fantasiando sobre um passado que ele mesmo ajudou a destruir. Minha mãe, por sua vez, é completamente incapaz de lidar com a realidade. Precisa de roupas bonitas, tanto quanto meu pai precisa de bebida. Os dois deram cabo da minha herança, antes mesmo que eu tivesse idade para fazer alguma coisa.

Elizabeth gostaria muito de contradizê-lo, mas não podia. Davey estava certo. A única surpresa era saber que ele culpava os pais, pelo que acontecera. Sempre achara que ele culpava Philip.

No momento seguinte, descobriu que ele também culpava Philip.

— Naturalmente, o que o meu pai fez não chega aos pés dos crimes que o seu pai cometeu. Ele se aproveitou da fraqueza do cunhado, para enriquecer. É ladrão e traidor. Só lamento que vá morrer tão depressa.

Foi nesse ponto que Elizabeth percebeu o quanto Davey estava louco. Mil palavras de protesto passaram por sua mente, mas não conseguiu pronunciar nenhuma. Enjoada, com gosto de fel na boca, virou-se e apoiou a cabeça na parede. Outra dor espalhou-se por seu ventre, e um gemido baixo escapou de seus lábios.

— O que foi? — Davey quis saber.

— Nada. — Incapaz de se controlar, ela passou a mão pela barriga.

— Não minta para mim! É o moleque, não é? Você não vai dar a luz aqui, vai?

Elizabeth meneou a cabeça. Sinceramente, esperava que não.

— Ainda é cedo.

Ele examinou o tamanho de sua barriga.

— Não parece.

— Você não sabe. São dois...

Um relâmpago forte e brilhante iluminou a cabana, seguido por um trovão tão alto que parecia anunciar o fim do mundo. Uma chuva fria e violenta começou a cair.

— Me deixe ir embora — Elizabeth murmurou, acima do barulho da chuva. — Pelo amor de Deus, você precisa me deixar ir embora!

— Por quê? Vai dar à luz? Pode dar. Não me importo de ver você sofrer.

Vou até gostar. E não vai fazer diferença, no fim. Vamos todos morrer.

— To-todos...?!

— Você acha que eu vou sair vivo daqui? Seu pai e William vão trazer ajuda. Alguém vai acabar me pegando. Mas isso não importa. Antes de morrer, vou cuidar deles. E de você.

— Meu Deus!

Elizabeth dobrou o corpo para a frente, gemendo e segurando a barriga. Por pouco não caiu de joelhos, diante do horror de saber que estava em trabalho de parto e que Davey não pretendia deixar seus filhos viverem. Com muito esforço, lutando contra as ondas de dor, conseguiu permanecer em pé.

Custasse o que custasse, tinha de se controlar e não entrar em pânico. Ainda havia uma chance, por menor que fosse. A tempestade podia ser útil a seu pai e William. Naquela escuridão, os dois poderiam se aproximar da cabana, sem serem vistos. A não ser que os relâmpagos, cada vez mais frequentes, traíssem sua posição.

Ela também não sabia se eles estavam por perto. De nada adiantava se iludir com falsas esperanças. Sua ausência já devia ter sido descoberta, e Tilly diria com quem havia saído. Mas percorrer Quail Run, apesar de bastante reduzida, ainda levava horas, para não dizer dias.

Será que Davey pensara nisso? E quanto tempo ainda se passaria, antes que a raiva dele se voltasse contra ela?

Davey podia não ter pensado nisso, mas foi a primeira coisa em que Philip pensou. A possibilidade de Elizabeth estar na casa principal foi logo descartada. Por mais diferenças que tivesse com o cunhado, sabia que Jeremy jamais concordaria com um rapto. Nem Kitty permitiria. Sua irmã não era uma dona de fazenda exemplar, mas conhecia cada centímetro de seus domínios e perceberia qualquer coisa fora do comum. O que tornava improvável que Elizabeth estivesse escondida numa das dependências perto da casa grande. Ela só podia estar a uma certa distância.

— Davey pode não estar aqui — William sugeriu, a voz cheia de preocupação. — Ele pode ter descido o rio, até embarcado em um vapor. Eles podem estar em qualquer lugar.

— Não é provável — Philip rebateu. — Um homem viajando com uma mulher em final de gravidez logo seria notado. Principalmente se ela estiver resistindo. Eles seriam detidos, pelo menos até entrarem em contato conosco.

— Ele deve estar por perto — Drake concordou. — Mas onde? Os três pararam num cruzamento, onde uma estrada seguia em direção ao rio, enquanto outra embrenhava-se numa mata cada vez mais fechada. Chovia pesadamente, e um vento frio começara a soprar. O inverno chegava com força.

O casaco que Drake vestira naquela manhã estava ensopado, assim como as calças e a camisa, mas ele parecia nada perceber. Seus pensamentos estavam fixos em Elizabeth e no que poderia estar acontecendo a ela.

As possibilidades eram terríveis. Ele gostaria de agredir violentamente tudo e todos. A cada momento que passava, achava mais difícil manter a calma.

— Por que paramos aqui? — perguntou. — Estamos perdendo tempo.

— Estou tentando me lembrar de uma coisa — explicou Philip. Ele estava tão ansioso quanto Drake, talvez até mais, pois tinha uma noção melhor do

estado físico de Elizabeth. Mas sabia que sair correndo sem rumo não os ajudaria em nada.

— Existe uma cabana aqui perto. Jeremy e eu costumávamos brincar lá, quando éramos garotos.

— Será que ainda está em pé? — William perguntou, quase gritando para se fazer ouvir acima do barulho da chuva.

Philip assentiu.

— Era bem construída. Se não foi derrubada,, ainda está lá. Só preciso me lembrar onde fica...

Ele se concentrou, trazendo à lembrança os dias gostosos de meninice, quando a vida lhe parecera simples e sem problemas. Uma ilusão, mas uma ilusão deliciosa. Ainda bem que conseguira dar à filha uma infância feliz. Elizabeth era o fruto de seu grande amor, e não havia nada que não fizesse por ela.

— Nós a encontraremos — disse com firmeza. — E quando a encontrarmos...

— Ele é meu — Drake falou, num tom implacável.

Philip fitou-o por um longo momento, depois assentiu.

Os três prosseguiram, tomando a estrada que levava à floresta. Viam pouco na escuridão criada pela tempestade. Nada se movia, a não ser eles e seus cavalos. Os outros seres vivos haviam se escondido, fugindo das forças que a natureza desencadeara.

Elizabeth gostaria de fazer o mesmo. Estava presa entre forças que rugiam dentro e fora dela, mas o turbilhão em seu corpo era o mais assustador. Maior que seu medo de Davey, era o medo de que seus filhos chegassem cedo demais. Sua mãe dissera que cada dia a mais era vital para a sobrevivência dos gêmeos. Nascendo muito antes do tempo, eles teriam pouca chance. Mas as dores estavam aumentando em intensidade e frequência, numa indicação clara de que logo daria à luz.

— Não faça isso — ela implorou, sem saber se falava com o primo enlouquecido ou com Deus. — Por favor, deixe meus filhos viverem!

Se Davey a ouviu, não deu sinal. Olhava atentamente pela única janela, procurando ver em meio à: tempestade.

— Eles estão chegando — murmurou. — Sinto que estão.

— Você ainda pode voltar atrás, Davey. Pode me deixar ir embora. Desta vez, ele respondeu.

— Cale a boca! — berrou, esbofeteando-a com as costas da mão. Elizabeth mordeu o lábio com força, sentindo o gosto de sangue na língua. Sua cabeça latejava e o rosto queimava. Davey continuou a ameaçá-la por alguns momentos, depois virou-se abruptamente e voltou à vigília, junto à janela. Segurava um dos rifles e tinha os outros dois à mão, prontos para atirar.

Ela fitou as armas. Talvez tivesse chance de pegar uma delas e atirar, antes que ele reagisse. Foi quando o som de um cavalo relinchando chegou a seus ouvidos. Davey também escutou e sorriu, triunfante.

— Eu não disse que eles viriam?

Elizabeth queria negar, mas seria em vão. Seu pai e William estavam lá fora, ao alcance das armas. Davey só precisava localizá-los.

Preparou-se para gritar um aviso, mas ele percebeu e tapou sua boca e o nariz com uma das mãos, impedindo-a de respirar. Ela se debateu

freneticamente, até os olhos escurecerem e um zumbido começar em seus ouvidos. Mas só quando amoleceu por completo, ele permitiu que escorregasse para o chão. Caída na terra dura, lutando para se recuperar, ouviu-o dizer:

— Faça isso de novo e eu lhe dou um tiro! Uns minutos a mais ou a menos não fazem diferença.

Elizabeth acreditou. Davey estava totalmente fora de si. Parecia já ter se colocado do lado da morte, para onde pretendia levá-la e a todos os homens que amava. Menos Drake. Em meio a seu desespero, era um alívio saber que o marido não estava ali. Ele, pelo menos, sobreviveria.

— Só três — Davey falou. — Pensei que viessem mais.

Três? Arriscando-se a despertar a fúria do primo, Elizabeth espiou pela janela. No início da clareira, distinguiu três homens a cavalo. Dois, reconheceu de imediato: seu pai e William. O terceiro...

Drake!

Sentiu o coração encher-se de alegria, ao mesmo tempo que era assolada por um medo terrível. Ele não deveria estar ali. Deveria estar em segurança, em Boston. Mas não estava, e isso foi a gota d'água que acabou com seu controle.

Quando Davey levantou o rifle, jogou-se contra ele. Um gesto desajeitado, devido ao seu tamanho, mas certo. Perdendo o equilíbrio, ele ainda lutou para continuar em pé e jogá-la para o lado. Desesperada, ela se agarrou ao braço dele e a arma disparou, o tiro ecoando pela clareira e espalhando-se em meio às árvores.

Drake achou que era um trovão. Philip e William também. Vários segundos se passaram, antes que percebessem que não se tratava disso. Apavorados, esquecidos da própria segurança, os três esporearam os cavalos.

Drake chegou primeiro. Escorregando da sela num movimento rápido, jogou o corpo de encontro à porta da cabana. Ela cedeu tão facilmente que ele perdeu o equilíbrio. Teria caído, se Philip e William, que vinham logo atrás, não o tivessem segurado.

A cena que viram tinha um contorno irreal. Elizabeth estava em pé junto à janela, com um rifle nas mãos. De seus seios para baixo, cobrindo a barriga enorme e indo até a barra de seu vestido, havia uma mancha vermelha de sangue.

O sangue era de Davey. Ele estava caído aos pés dela, os olhos fechados e as feições em repouso. Qualquer um diria que estava dormindo, não fosse o fato de ter perdido metade da cabeça.

Drake foi o primeiro a alcançar Elizabeth. Tirando-lhe o rifle das mãos, encostou-o na parede e envolveu-a nos braços, murmurando palavras de carinho. Ela continuou como estava, imóvel, sem reagir, e uma onda de medo assolou-o. Usando o corpo para impedir que ela visse a cena terrível a seus pés, ergueu-a nos braços e levou-a para o outro lado da cabana. Com extrema delicadeza, colocou-a sobre a capa que Philip estendeu no chão.

Os olhos dela, que há vários momentos olhavam sem ver, piscaram.

— Dra-Drake?

— Estou aqui, meu amor. O pior já passou. Não tenha medo.

Elizabeth estava tão pálida, que parecia a ponto de morrer. Apavorado, Drake puxou-a para junto de si. Mas soltou-a depressa, ao sentir a contração súbita no ventre feminino.

— Elizabeth...?!

Ela soltou o ar dos pulmões num suspiro profundo.

— Ah, meu amor, que pena...!

Um segundo depois, William já corria para a porta e Philip gritava algo que Drake não conseguiu entender. A noite e a tempestade pareciam ser as únicas realidades, além de seu, medo terrível.

Epílogo

OS RAIOS DE SOL iluminavam o quarto, perfumado pelo aroma de rosas. Uma brisa leve agitava as cortinas brancas. Na cama, Elizabeth abriu os olhos e sorriu. Já podia ver seu corpo de alto a baixo, até os dedões do pé.

Numa poltrona ao lado, Drake mudou de posição, procurando se ajeitar melhor. Recusara-se a sair de perto da esposa, apesar de Sarah garantir que ela estava bem. Tinha a barba por fazer e seus cabelos mostravam o resultado das muitas vezes que passara a mão por eles.

Elizabeth fitou essa mão, morena em contraste com as calças claras que ele usava, e viu nela as marcas que seus dentes tinham deixado. Fazendo uma careta, tocou os pequenos ferimentos com a ponta do indicador.

Drake acordou de imediato, com os reflexos prontos de um homem que fora seguido, em seu sono, pelas preocupações das horas de vigília. Seu olhar fixou-se nela.

— Elizabeth...?

— Eu estou bem — ela respondeu, depressa.

Só então, parou para pensar em seu estado. Ainda tinha a barriga dolorida, mas isso não era nada, em comparação com o sofrimento que enfrentara. Pior era a fome.

— Estou com fome — disse. E seu estômago roncou, confirmando as palavras.

Drake olhou-a, incrédulo, depois levantou-se rapidamente.

— Vou buscar alguma coisa.

— Espere! Antes, eu quero ver os dois.

— Os dois... — Ele estacou, sorrindo, ainda maravilhado. — Eles berram que é uma coisa. ,

Uma alegria tão intensa, que quase chegava a doer, invadiu-a.

— Eles são fortes, graças a Deus.

— E graças a sua mãe.

Os conhecimentos de Sarah, adquiridos de Augusta, tinham impedido que os gêmeos nascessem na noite em que Davey morrera. Enfrentando a tempestade implacável, ela chegara de Calvert Oaks com as ervas para fazer os chás necessários. Depois de dá-los à filha, sentara-se segurando a mão dela e rezando, até as contrações pararem. Só no dia seguinte Elizabeth tivera condições de deixar a cabana, carregada numa maça, com todos os cuidados possíveis. Quatro semanas mais tarde, quando Davey já fora enterrado e sua morte dada como accidental, Elizabeth entrara novamente em trabalho de parto. Desta vez não havia como impedir. Vendo que os gêmeos estavam prontos, Sarah fizera de tudo para ajudar a filha a trazê-los ao mundo. O parto fora longo e difícil, indo de uma noite à outra. Quando o segundo amanhecer se aproximava, um dos gêmeos dera o ar de sua graça.

— Uma menina! — Sarah exclamara, erguendo o bebê para Drake ver.

Ele permanecera o tempo todo ao lado de Elizabeth, maravilhado com a coragem dela e lamentando terrivelmente não poder assumir aquela dor. No fim, nem havia se recuperado direito da chegada da filha e já tivera que lidar

com o fato de ter também um filho, um pouco menor que a irmã, mas nem por isso menos vigoroso.

Drake ainda sorria, lembrando-se daquele momento, quando Sarah bateu à porta. Ela trazia um dos bebês. O outro estava nos braços de Tilly.

— A srta. Catherine quer mamar — a criada anunciou, sorridente. — O sr. James já mamou.

Seguindo o conselho da mãe, Elizabeth havia contratado uma ama de leite para ajudar na alimentação das crianças. Na opinião de Sarah, apesar de pequenos, os gêmeos teriam muito apetite.

Agora, sentindo a primeira sugada da menina, Elizabeth percebeu que a mãe estava certa. Recostando-se nos travesseiros, ajeitou melhor o bebê e examinou o rostinho pequeno e enrugado. Não viu nenhum sinal de beleza, mas não era preciso. Bonita ou não, ela já adorava a filha. Assim como o filho, que Drake segurava, vigiado de perto por uma desconfiada Tilly. Para surpresa de todos, inclusive dele mesmo, ele não parecia a ponto de derrubar o menino. Na verdade, estava até se saindo bem.

Sorrindo, Sarah observava o casal de novos pais. Deveria se sentir cansada, pois passara a noite vigiando os gêmeos, mas estava exultante. Só ao amanhecer começara a acreditar que seus netinhos eram sadios e sobreviveriam. Uma milagre que agradecia a Deus com todo fervor.

Logo, Sarah fez um sinal a Tilly e as duas saíram do quarto. Drake e Elizabeth não notaram a ausência delas, totalmente absortos na contemplação dos filhos. Vários minutos se passaram, antes que Drake dissesse, baixinho:

— Quero que eles tenham tudo. Todo o amor, a segurança e a felicidade que eu nunca tive. — Fez uma pausa, franzindo a testa, depois acrescentou: — Só não sei como vou dar isso a eles.

Elizabeth fitou-o, notando o carinho com que segurava o filho. E lembrou-se da noite anterior, quando ele mostrara tanta força e ternura. Drake sabia mais do que pensava, mas não lhe faria mal aumentar seus conhecimentos.

— Eu lhe mostrarei — ela murmurou, estendendo a mão para ele.



Clássicos da Literatura Romântica

Luzes na Noite Doreen Owens Malek

A explosão no poço da mina foi devastadora. Sean Jameson estava exausto depois de passar horas trabalhando para resgatar os feridos. Sua raiva e indignação só eram amenizadas por um doce sentimento que invadia seu coração.

Pensava na bela e incansável mulher que ajudara os mineiros durante a tragédia e que havia desaparecido misteriosamente.

O anjo de longos cabelos negros, ele logo viria a saber, era Bárbara Langdon, a filha do homem a quem pretendia destruir. Com apaixonada obstinação, Sean organizava a revolta dos trabalhadores que faria ruir o império dos Langdon. Em desesperado tormento, lutava contra o amor pela mulher que jamais poderia desejar.

A revolta de trabalhadores nas minas de carvão resulta num belo romance de amor, aventura e suspense.